



Ruiva Suja

Tarryn Fisher

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*Para Maryse Couturier Black & suas mentoras (Jenny Aspinall, Patricia Nesbitt, Gitte
Doherty & a maravilhosa Rebecca Espinoza)*

Obrigado por mudarem minha vida!



Capitulo Um

Presente

Eu olho para baixo, para a criatura rosa em meus braços esperneando, e eu estou em pânico.

O pânico é como uma explosão, que bate no cérebro como um redemoinho, ganhando velocidade à medida que desce para o resto do corpo. Rodando e rodando, vai fazendo com que seu coração dispare.

Torcendo, rodando, e rodando, causando — calafrios — no estômago.

Rodando, e rodando, atinge os joelhos, enfraquecendo-os antes de criar uma fossa nos dedos dos pés. Você enrola os dedos dos pés, faz algumas respirações profundas, e segura o anel da sanidade para preservar o que ainda resta dela antes do pânico sugar você. Estes são os meus primeiros dez segundos sendo mãe.

Eu a entrego de volta para seu pai. — Temos que contratar uma babá.

Eu pego uma revista Vogue, que sou fã, até que se torna muito pesado. Meu pulso fica mole, deixando-a cair no chão.

— Posso minha água Pellegrino? — Mexo meus dedos em direção à minha água mineral, que está fora do meu alcance, e encosto minha cabeça contra o travesseiro onde está escrito o nome do hospital. Estes são os fatos: um ser humano saiu do meu corpo depois que cresceu dentro de mim durante nove meses. As semelhanças com um parasita são suficientes para que eu me

agarrasse a um médico pela lapela e exigindo que ele fizesse minha cicatriz ficar um pouco mais bonita. Minha barriga – que já examinei – está como um balão esvaziado e tonificado. Estou cansada e dolorida. Quero ir para casa. Quando minha água não vem, eu abro um olho.

As pessoas deveriam correr ao meu redor depois do que eu fiz? O bebê e o pai estão em pé na frente da janela, emoldurados pela luz da tarde como um anúncio de hospital. Tudo que precisa é um slogan do hospital e a legenda do momento: ‘comece sua família com a nossa família’.

Faço esforço para estudá-los. Ele a embala em seus braços com a cabeça inclinada tão baixa, que seus narizes estão quase se tocando. Parece um daqueles momentos de concurso, mas ele está olhando para ela com tanto amor, que eu sinto inveja e meu coração aperta em meu peito. A inveja tem uma mão forte, pesada. Eu me contorço com seu toque, desconfortável para deixá-lo aqui.

Por que não poderia ter sido um menino? Isso... um menino. A decepção faz com que eu pressione meu rosto contra o travesseiro, bloqueando a cena na minha frente. Duas horas mais cedo, o médico disse a palavra *menina* e jogou o pano azul em meu peito. Eu não sabia o que fazer. Meu marido estava me observando, enquanto eu levantava minha mão para tocá-la. O tempo todo, a palavra menina esmagava meu peito como se fossem mil toneladas de elefante.

Menina

Menina

Menina

Terei de partilhar o meu marido com outra mulher... de novo. — Qual será o seu nome? — Ele sequer olha para mim, enquanto fala comigo. Sinto que ganhei um olhar sem importância. Meu Deus! Eu já estava sendo deixada de lado.

Eu não tinha escolhido um nome de menina. Eu tinha tanta certeza de que era um menino. Seria Charles Austin como meu pai.

— Eu não sei. Alguma sugestão? — Alinho meus lençóis, e estudo minhas unhas. Um nome é um nome, certo? Eu não sei o porquê eles deram o meu nome.

Ele olha para ela por um tempo, acariciando sua cabeça. Eu conheço esse sentimento.

— Estella. — O nome rolou de sua língua como se tivesse sido esperado para dizer por toda a sua vida.

Minha cabeça dói. Eu estava esperando algo menos... antigo. Torço o nariz.

— Isso soa como o nome de uma senhora. — É de um livro.

Caleb e seus livros.

— Qual? — Eu não leio... a menos que você conte revistas como leitura, mas as chances são que eu tenha visto os filmes adaptados dos livros, sendo assim provavelmente eu vi.

— *Grandes Esperanças*.

Estreito meus olhos e sinto uma sensação estranha em meu estômago. Tem algo a ver com ela. Eu sei disso. Não verbalizo esses pensamentos. Eu sou muito inteligente para chamar a atenção para minhas inseguranças, então dou de ombros e sorrio em sua direção.

— Algum motivo específico?, — pergunto docemente. Por um minuto, acho que vejo passar algo em seu rosto, a sombra que está sobre seus olhos como se ele estivesse vendo um filme. Engulo em seco. Conheço esse semblante.

— Baby...?

O filme termina, e ele volta para mim.

— Eu sempre gostei desse nome. Ela combina com Estella. — Eu capturo algo em sua voz.

Ela parece calva, um homem velho para mim, mas eu aceno a cabeça. Sou incapaz de dizer 'não' ao meu marido, o que faz parecer que a criança se ferrou.

Quando ele sai para ir à nossa casa tomar um banho, pego meu telefone embaixo do travesseiro e pesquiso 'Estella' do livro '*Grandes Expectativas*' no Google.

Um site a chama de beleza encantadora, diz que ela tem uma personalidade fria e um complexo de superioridade. Outro diz que era a representação física de tudo que queria e não podia ter. Coloquei o telefone de volta no lugar, e

perscrutei o berço ao meu lado.

Caleb faz tudo com finalidade. Eu me pergunto há quanto tempo ele queria uma menina. Eu queria saber se, nos nove meses em que planejei ter um filho, Caleb estava pensando em ter uma filha. Eu não sinto nada – nada do extremo, as coisas maternas que meus amigos disseram para mim sobre seus próprios filhos. Eles tinham usado palavras como: incondicional, abrangente, amor da minha vida. Eu sorri e balancei a cabeça, armazenando as palavras longe, quando eu tive o meu próprio filho. E agora aqui estou eu, sem emoção nenhuma.

Essas palavras não significam nada para mim. Eu me sentiria diferente se ela fosse um menino? O bebê começa a chorar, e eu aperto o botão para chamar a enfermeira.

— Precisa de alguma ajuda?, — uma enfermeira com uns cinquenta anos vestindo um uniforme com ursinhos aparece. Eu a olho e sorrio.

— Você pode levá-la para o berçário? Preciso dormir um pouco. — Estella é levada do meu quarto. Eu respiro, dando um suspiro de alívio.

Não serei boa nisso. O que eu estava pensando? Respiro pelo nariz, e através de minha boca como faço no yoga.

Eu quero um cigarro. Eu quero um cigarro. Eu quero matar a mulher que meu marido adora. Isso tudo é culpa dela. Eu engravidei para prender o homem com quem eu tinha casado. Uma mulher não deve ter que fazer isso. Ela deveria se sentir segura em seu casamento. É por isso que você se casou – para se sentir a salvo de todos os homens que estavam tentando destruir a sua alma. Eu rendi minha alma a Caleb de bom grado. Ofereci a ele como um cordeiro sacrificial. Agora, não seria só eu. Teria que competir com a memória de outra mulher, mais com um bebê. Ele já estava olhando em seus olhos como se pudesse ver o Grand Canyon escondido em sua íris.

Suspiro e me enrolo como uma bola, dobrando os joelhos embaixo do meu queixo e segurando meus tornozelos. Eu fiz uma série de coisas para manter este homem. Menti e enganei. Fui sexy e mansa, feroz e vulnerável. Fiz de tudo.

Ele é meu agora, mas nunca sou o suficiente para ele. Posso sentir isso – vejo na maneira como ele olha para mim. Seus olhos estão sempre distantes,

procurando por algo. Eu não sei o que ele está procurando. Eu queria que fosse diferente. Não posso competir com um bebê – o meu bebê.

Eu sou o que sou.

Meu nome é Leah, e farei de tudo para segurar o meu marido.



Capítulo Dois

Depois de 48 horas, recebi alta do hospital. Caleb ficou comigo, enquanto esperava para ter alta. Ele detém Estella, e estou quase morrendo de ciúmes, só que ele me toca constantemente – uma de suas mãos está em meu braço, esfregando o polegar em círculos atrás da minha mão, e seus lábios estão em minha têmpora.

A mãe de Caleb veio mais cedo com o padrasto dele. Eles permaneceram por uma hora se revezando para segurarem o bebê antes de irem almoçar com os amigos. Fiquei aliviada quando eles saíram. Ter pessoas ao meu redor, enquanto meus seios lentamente vazam, faz com que eu me contorça em desconforto. Eles trouxeram uma garrafa de Bruichladdich para Caleb, um banco da Tiffany para o bebê e um conjunto Gucci para mim. Apesar de sua arrogância, a mulher tem bom gosto. Estou usando um twinset. Esfrego o material entre meus dedos, enquanto espero para ser levada lá para baixo.

— Não posso acreditar que fizemos isso!, — Caleb diz pela milionésima vez, olhando para ela. — Nós fizemos isso!

Tecnicamente, eu fiz isso. É conveniente como os homens começam a assinar seus nomes para essas pequenas criações sem fazer muito mais do que ter um orgasmo e montar o berço. Ele estende uma mão e puxa meu cabelo de brincadeira, e eu sorrio fracamente. Não consigo ficar brava com ele.

Ele é perfeito.

— Ela tem o cabelo vermelho, — ele diz, como se isso estabelecesse sua credibilidade como minha filha. Ela parece um desenho animado. Pobre criança! Terá um trabalho enorme para cortar esse cabelo. Não é fácil retirar o vermelho.

— O quê? Essa penugem? Isso não é cabelo!, — brinco.

Ele trouxe um cobertor de pelúcia com lavanda. Não tenho a menor ideia onde ele o conseguiu, uma vez que a maioria das coisas da bebê é de cor verde ou branca. Vejo ele colocar o cueiro nela, como as enfermeiras ensinaram.

— Você ligou para a agência de babá?, — pergunto timidamente.

Este é um assunto delicado entre nós, juntamente com a amamentação, que Caleb fortemente promove, e eu não poderia me importar menos sobre o assunto. Nosso compromisso consiste em me bombear por uns meses e, em seguida, obter um aumento.

Ele franze a testa. Não sei se é por causa do que eu disse, ou porque o cobertor está dando problemas.

— Nós não teremos uma babá, Leah.

Odeio isso. Caleb tem todas essas ideias sobre como as coisas devem ser. Eu poderia jurar que ele não foi criado por Betty Fudedora Crocker.

— Você mesmo disse que não vai voltar para o trabalho. — Meus amigos., — eu começo, mas ele me corta.

— Eu não me importo com o que os vazios mimados fazem com seus filhos. Você é a mãe, e você irá criá-la, e não um estranho.

Mordo meu lábio para não chorar. Pelo olhar em seu rosto, sei que não vou ganhar esta batalha. Eu já deveria ter internalizado sobre como é alguém como Caleb Drake, que está sempre com os dentes amostra, não permitindo que ninguém toque nele.

— Eu não sei nada sobre bebês. Eu só pensei que eu poderia ter alguém para me ajudar., — tento como minha última alternativa., fazendo um beicinho. Beicinho geralmente fica ao meu favor.

— Nós vamos descobrir isso, — ele disse friamente. — O resto do mundo do parto não tem a opção de uma babá — eles descobriram como isso funciona. Então nós também descobriremos.

Ele enrola Estella, entregando-a para mim, e uma enfermeira vem em minha direção para empurrar a cadeira de rodas. Mantenho meus olhos fechados o tempo todo com medo de olhar para ela.

Quando Caleb puxa o novo carro 'mamãe' para o meio-fio, descobrimos que não se pode deixar um bebê no banco do carro enrolado. Eu fico azeda na hora, quando as coisas não seguem seu caminho. Eu posso perceber isso. Em vez disso, Caleb ri, fala com o bebê sobre o quão tolo ele é, enquanto ele a desenrola. Ela está dormindo, mas ele mantém um diálogo. É bobagem um adulto se levar assim. Quando ela é amarrada, ele me ajuda a entrar no carro. Antes de fechar a porta, ele me beija suavemente nos lábios. Fecho os olhos e saboreio, provando a sua atenção. Há alguns beijos que me fazem sentir conectada a ele. Ele está sempre em algum lugar... com outra pessoa. Se o bebê pode fazer ficarmos mais juntos, então talvez eu esteja certa em ter feito o que fiz.

É a minha primeira vez no meu carro novo, que Caleb pegou da concessionária esta manhã.

Todos os meus amigos têm SUVs mais baratos. Eu levei a melhor. Parece ter custado uns noventa mil dólares, apesar da minha excitação inicial para tê-lo. Ele aponta as coisas enquanto ele dirige. Escuto atentamente o som de sua voz, mas não as palavras. Fico pensando sobre o que está no banco do carro.

Em casa, Caleb pega Estella de seu assento e a coloca delicadamente em seu novo berço. Ela já é chamada de Estella. Descanso no meu favorito chaise lounge na nossa grande sala de estar, passando os canais da televisão. Ele me traz uma bomba de mama, e eu recuo.

— Ela tem que comer, a menos que queira fazê-lo da forma tradicional...

Eu pego a bomba e começo a trabalhar. Eu me sinto uma vaca sendo ordenhada por uma máquina cantarolando e ronronando. Como isso é justo? Uma mulher carrega um bebê por 42 cansativas semanas, só deve ser ligada a uma máquina e forçada a alimentá-lo. Caleb parece gostar do meu desconforto. Ele tem um senso de humor estranho. Está sempre brincando e fazendo algumas piadas espirituosas, que eu, muitas vezes, não consigo responder. Mas, agora, como ele me olha com aquele sorrisinho jogado em seus lábios, eu rio.

— Leah Smith, — ele diz. — A mãe.

Reviro os olhos. Ele gosta dessas palavras, mas elas me dão palpitação cardíaca. Quando termino de tirar o leite, há uma grande quantidade de um líquido aguado que parece leite em ambos os frascos. Eu esperava que ele fosse repousar, mas ele retorna com uma Estella lamentando em seus braços e a estende para mim. Esta é apenas a terceira vez que eu a seguro. Tento olhar de forma natural para impressioná-lo, e parece funcionar, pois quando ele me entregou a garrafa, ele sorriu e tocou meu rosto.

Talvez essa seja a chave – fingir amar este negócio – a maternidade. Talvez seja isso que ele precisa ver em mim. Eu olho para ela enquanto ela chupa a mamadeira. Seus olhos estão fechados e ela está fazendo barulhos horríveis como se estivesse morta de fome.

Isso não é terrível. Eu relaxo um pouco e estudo seu rosto, procurando algum vestígio de mim nela. Caleb estava certo, ela tem os traços de uma ruiva. O resto de sua aparência mais parece com ele – tudo, lábios perfeitamente definidos por baixo de um nariz um pouco estranho. Certamente, ela será bonita.

— Você lembra que eu tenho uma viagem a negócio na segunda-feira?, — ele pergunta, sentando-se à minha frente.

Minha cabeça se encaixa, e eu não faço nada para disfarçar o pânico na minha face. Caleb é muitas vezes ausente com suas viagens de negócios, por isso pensei que ele fosse tirar algumas semanas de folga para me ajudar.

— Você não pode me deixar.

Ele pisca para mim lentamente e toma um gole de algo em uma taça de vidro.

— Eu não quero deixá-la ainda, Leah. Porém, ela nasceu antes do planejado. Ninguém mais pode ir, pois já tentei encontrar alguém. — Ele se inclina para baixo diante de mim, beijando minha mão.

— Você vai ficar bem. Sua mãe chegará na segunda-feira. Ela a ajudará. Eu só ficarei fora por três dias.

Quero discutir sobre esta informação. Minha mãe é uma viciada em teatro, além de ser uma narcisista insuportável. Um dia com ela parece uma semana. Caleb vê o olhar no meu rosto e franze a testa.

— Ela está tentando, Leah – ela queria vir. Basta ser amigável com ela...

Mordo meu lábio para não dizer algo realmente desagradável. Eu tenho um lado malicioso que Caleb considera ofensivo, então tentarei controlá-lo quando ele estiver por perto. Quando ele não estiver por perto, juro que deixarei correr solto como um marinheiro.

— Quanto tempo ela ficará?, — eu resmungo. — Burp-la...

— O quê? — Estou tão distraída com a visita da minha mãe, iminente que eu não noto que Estella está sufocando, borbulhando leite entre seus lábios rosa.

— Eu não sei como.

Ele vem, toma-a de mim e a coloca contra seu peito. Ele dá um tapinha em suas costas, tapinhas curtos que fazem um som de batimento cardíaco.

— Ela vai ficar aqui por uma semana.

Eu rolo e escondo meu rosto em um travesseiro, ficando com meu rabo espetado no ar. Ele me cheira na parte de trás e ri.

— Não vai ser tão ruim assim. — Eu cerro os dentes. — Não.

Sinto o sofá mexer com ele se sentando ao meu lado. Eu o espio pelo meu cabelo, que está enrolado em meu rosto como uma máscara vermelha. Ele segura o bebê com uma mão e usa a outra para limpar meu rosto, passando o cabelo delicadamente sobre meu ombro.

— Olha para mim, — ele diz. Mantenho meus olhos longe da pequena protuberância contra seu peito.

— Você está bem? — Eu engulo. — Sim.

Ele franze os lábios e acena. — Não e Sim. Eu já disse a você, é só dizer — Não e Sim — quando você está vulnerável?

Eu solto um gemido. — Não me psicanalise, escoteiro.

Ele ri e me empurra de forma que eu rolo sobre minhas costas. Adoro quando ele joga comigo. Isso costumava acontecer muito mais, mas ultimamente...

— Vai ficar tudo bem, Red. Se precisar de mim, eu entro em um avião e volto para casa.

Eu sorrio e aceno a cabeça.

Mas, ele está errado. Eu não ficarei bem. A última vez que vi minha mãe foi quando eu tinha sete anos e meses de gravidez. Ela voou para o meu chá de bebê e reclamou toda a viagem sobre o local horrível que minhas amigas tinham escolhido.

— É uma casa de chá, mãe – não é um bar.

No chá, ela se recusou a falar com alguém e se sentou num canto amuada, porque eu não a apresentei como minha mãe. Uma briga quase explodiu com o proprietário da casa de chá, porque eles não serviram mel brasileiro orgânico. Eu tinha recusado vê-la desde então. Caleb – sempre perdoando, sempre entendendo - encorajando a ver além de suas falhas e ajudando-a a entender como ser uma mãe melhor para mim. Eu amo isso nele, mas aprendi há muito tempo, que a tentativa de ser como ele está além do meu alcance. Finjo entender que ele está me guiando e, em seguida, faço minhas próprias coisas, o que geralmente implica algum tipo de agressão passiva. Então, concordo com ele de todo o coração. Comprometo-me a fazer um esforço com a minha mãe e subo para ficar longe dele e do bebê barulhento.

Eu quero tanto um cigarro que está me matando. Vou para o banheiro e acendo o cigarro, então eu olho para mim mesma duramente no espelho. Minha barriga felizmente está diminuindo. Um pouco mais de tempo e estarei de volta ao normal. Agora, tudo o que eu preciso é ter minha vida de volta ao normal.



Capítulo Três

Minha mãe chega na segunda-feira, como previsto. Nós todos iremos ao aeroporto buscá-la. Caleb é cauteloso sobre a primeira vez do bebê em público assim tão cedo, mas eu o convenço de que ela ficará bem, se a mantivermos no carrinho. Estou cansada de ficar sentada em casa, de segurar garrafas, e de fingir que os oito quilos de carne humana esperneando é bonito. Além do mais, quero um Jamba Juice. Estou bebendo meu suco e seguindo Caleb e o carrinho em torno de bagagens, quando encontro a detestável cabeça loira descendo a escada rolante. Reviro meus olhos. Ela está usando um terninho todo branco. Quem viaja toda de branco?

Ela acena para nós brilhantemente, e corre. Em primeiro lugar, abraça Caleb, e depois eu. Ela se inclina sobre o carrinho e bate uma mão sobre a boca como se estivesse emocionada. Deus, queria estar doente.

— Aaaah!, — ela murmura: — Ela se parece com Caleb.

Esta é uma absoluta mentira. Eu decidi um dia atrás que ela se parece exatamente comigo. A garota tem cabelo vermelho fofo e um rosto em forma de coração.

Independentemente disso, Caleb sorri espontaneamente, e eles se envolvem em uma conversa de cinco minutos sobre a alimentação de Estella e hábitos de fazer cocô. Estou confusa de ver como ela sabe alguma coisa sobre o que bebês comem e cocô, uma vez que eu e minha irmã fomos criadas por babás.

Bato meu pé impacientemente no carpete tropical brega, e olho ansiosamente para a saída. Agora que estou aqui, só quero ir embora. Por que eu acho que isso não foi uma boa ideia?

Quando a atenção de Caleb é desviada para a bebê, minha mãe me cutuca de forma acusadora em minha barriga, e balança a cabeça. Encolho minha barriga e olho ao redor culpada. Quem mais reparou?

É verdade, eu tinha um bebê de apenas três dias, mas eu estava sendo muito cuidadosa, pois estava de cabeça erguida – sugar a gordura da barriga. O meu lapso momentâneo me envergonhou. É tudo o que posso pensar durante o caminho para casa. Eu faço um pacto comigo mesma para parar de comer até que eu recupere o meu antigo corpo.

Em casa, minha mãe insiste em dormir ao lado de Estella, mesmo que eu tenha preparado o quarto maior para ela.

— Mãe, qual seria o propósito de ter este quarto?, — pergunto, enquanto Caleb coloca sua bolsa ao lado da cama.

— Quero ajudá-la, Leah. Quando você levantar de madrugada para pegar as coisas que forem necessárias. — Ela morcega os cílios para Caleb, que sorri para ela.

Faço força para não revirar os olhos.

Ela está fingindo estar encantada com a bebê, mas sei mais do que isso. O público delira, é o que ela faz para chamar a atenção, e quando seu público está desaparecido... – assim é o amor. Lembro-me de quando era criança, ela acariciava meus cabelos, beijava meu rosto, comentava quão bonita eu estava – tudo na frente de seus amigos.

Depois que eles saíam, eu era mandada de volta para o meu quarto para estudar ou praticar o violino – basicamente sair de perto da minha mãe, até que o lado de performances dela de ‘boa mamãe’ acabasse.

— Realmente, mãe?, — eu digo através dos meus dentes.

— Como você vai ouvi-la depois de ter tomado suas pílulas para dormir?

Seu rosto fica manchado. Caleb acotovela-me nas costelas. Não devemos falar sobre seu vício em dormir com suas pílulas.

— Eu não vou tomá-los hoje à noite, — ela diz, decididamente. — Eu vou

fazer as refeições para que você possa descansar.

Caleb lhe dá um abraço lateral rápido antes de todos descermos.

Vejo com desconfiança da banquetta da cozinha como ela fica ao redor de Estella e canta músicas para ela. Jogamos conversa fiada fora, ou eles. Eu escolho as minhas pontas duplas.

— Teremos um tempo maravilhoso juntas, quando o papai sair, — ela murmura para a bebê. — Você, mamãe e eu.

Caleb me lança um olhar de advertência antes de subir para pegar as últimas coisas para a viagem. Estou ansiosa para fazer um comentário sarcástico, mas me lembro da minha promessa a ele e seguro minha língua. Além disso, se ela quer dar uma de ‘avó’ e cuidar de todas as necessidades de Estella, enquanto Caleb estiver viajando, que assim seja. Ela iria resolver o problema.

— O cabelo dela é vermelho, — minha mãe diz, que tão logo já não dá para ouvi-la.

— Sim, eu notei.

Ela cacareja sua língua. — Eu sempre imaginei que meus netos teriam cabelos escuros como Charles.

— Ela não tem, — eu falo, — pois ela é minha filha.

Ela me lança um olhar do canto de seu olho. — Não seja tão sensível, Johanna. Não se trata de você.

Sempre crítica. Não posso esperar até que ela vá embora.

Isso me abate. Quando ela for embora, Caleb não vai ficar em casa com a bebê. Eu vou. Esta viagem a negócios é a primeira de muitas durante as quais eu terei de passar noites em claro e trocar fraldas... limpar muito cocô... e – ah Deus – dar banhos. Eu quase caio da minha banquetta. A babá, eu tenho que conversar com Caleb sobre isso e fazê-lo ver o quanto preciso de ajuda.

— Mãe!, — eu digo docemente – quase demasiadamente doce, pois ela olha para mim com as sobrancelhas levantadas. — Caleb não quer que eu contrate uma babá. — , reclamo. Estou tentando puxá-la para meu lado o suficiente para ela falar com ele sobre isso.

Seus olhos como dardo olham para as escadas onde Caleb desapareceu apenas momentos antes. Ela lambe os lábios, e eu me inclino para melhor

ouvir o toque de sabedoria que ela vai dar. Minha mãe é uma mulher muito geniosa. Ela é casada com um manipulador e controlador. Ela teve que aprender como tomar seu rumo, sem receber ajuda no percurso.

Quando o Court fez dezoito anos, ela quis ir para a Europa com os seus amigos. Meu pai não deixou. Bem, na verdade, ele nunca recusava verbalmente. Ele cortou a mão no ar assim que ela pediu. SLASH. Foi uma ocorrência comum em nossa casa grega. Não gostou do jantar? SLASH. Teve um dia ruim no trabalho e não tinha ninguém para falar com você? SLASH. Leah caiu com o carro de cinquenta mil dólares pela quinta vez? SLASH. No final de toda negação, Court conseguiu ir para a Europa.

Lembra quando você era um menino pobre? Como você queria tanto viajar? Minha mãe.

Ela ainda é uma criança. Meu pai.

É bom que ela vá, enquanto ainda podemos controlá-la. Nós pagamos pela viagem, os hotéis, e mais o seguro de viagem... muito melhor do que se ela for quando tiver uns vinte anos, e dormir pela França.

Minha mãe.

Meu pai odiava os franceses. Ele ficou pensativo. A lógica da mamãe era atraente. Ele reservou tudo para uma semana mais tarde. Court foi super cuidadosa, acompanhando tudo de perto, mas por Deus, ela tinha que ir para a Europa. Eu fui para a faculdade comunitária. Ela me deu uma pequena pintura que ela comprou de um ambulante. Era um guarda-chuva vermelho suspenso embaixo de uma chuva com uma mão invisível segurando-o.

Eu peguei o papel e imediatamente entendi o que ela estava tentando me dizer. Eu comecei a chorar, sendo que Court riu e me beijou na bochecha.

— Não chore Lee. Esse é o ponto desta pintura, sim?

Dois meses na Europa e ela estava dizendo sim, no final de todas as suas frases.

Court é... era... tão linda. Quero animá-la, perguntar para mamãe sobre o seu último namorado, mas o assunto ainda é delicado.

— O que o seu marido não sabe, não o machucará, — a voz da minha mãe me lembra o que estou fazendo.

É isso? Eu fico olhando para ela sem entender. Como eu deveria traduzir esse absurdo em ajuda com o bebê o tempo todo? Ela suspira.

— Leah, querida... Caleb viajará a negócios grande parte do tempo, não é?

Eu olho para ela e aceno devagar, meus olhos se tornando grandes com esta possibilidade. Eu conseguiria fazer isso? Contratar alguém para vir e cuidar da bebê nos dias em que Caleb estiver viajando?

Minha mãe é uma especialista na arte de enganar.

Certa vez, antes de Caleb e eu nos casarmos, tivemos que fazer uma pausa em seu pedido. Ele tinha acabado de sofrer um terrível acidente de carro e sofreu perda de memória devido a uma pancada na cabeça. Para meu horror absoluto, ele não se lembrava de quem eu era. Lembro-me de pensar *como isso poderia acontecer comigo?* Eu estava prestes a ficar noiva do homem dos meus sonhos, e ali estava ele, olhando para mim como se eu fosse uma perfeita estranha. Eu tinha rapidamente reunido meu juízo e resolvido ser solidária até sua memória voltar. Era só uma questão de tempo antes dele se lembrar o quanto ele queria estar comigo e colocar a enorme pedra da Tiffany que eu encontrei em sua gaveta de meias no meu dedo. Mas, em vez de ficar mais perto de mim, enquanto esperávamos a memória dele voltar, ele ficou mais distante, optando por gastar mais e mais tempo sozinho. Logo, ele anunciou que ele estava... *saindo* com uma outra menina, se *saindo* é a palavra certa para o rala e rola que estava acontecendo, e uma *menina* é a palavra certa para a astúcia, uma vagabunda que quase arruinou a minha vida. Liguei para a minha mãe imediatamente para relatar o que ele havia dito.

— Siga ele, — ela disse. — Descubra o quão grave é a situação, e faça ele acabar com ela.

Eu fiz exatamente o que ela sugeriu, seguindo-o uma noite a um complexo de apartamentos brega em um mesmo bairro. Os edifícios em blocos foram pintados de uma cor salmão brilhante. Olhei para a tentativa lamentável de paisagismo que nada fez para animar o lugar e estacionei meu carro a um quarteirão do Audi de Caleb. Eu era uma bagunça emocional, sabendo que ele provavelmente iria encontrar a menina. Através do meu espelho retrovisor, vi como ele caminhou até uma porta e bateu. Ele não tinha consultado um pedaço de papel ou seu telefone para encontrá-lo. Foi como se soubesse exatamente para onde ir. A porta abre, e embora eu não tenha conseguido ver

quem estava em pé lá dentro, eu sabia que era ela, pois seu rosto imediatamente abriu um sorriso que geralmente era direcionado para mim: sedutor e sexy. Deus, o que estava acontecendo ali?

Esperei alguns minutos antes de sair do meu carro e me aproximei da porta. Certifiquei-me de que eu estava fazendo a coisa certa. Mande uma mensagem para minha mãe, que respondeu com um: 'vá lá e pegue-o antes que faça algo estúpido!'.

- O que foi seguido por alguns segundos mais tarde, de uma única palavra: chorar.

Eu fiz os dois, e Caleb foi embora comigo naquela noite.

Mas foi uma vitória de curta duração. A garota que ele estava vendo era uma antiga namorada da faculdade. Sem o conhecimento de ambos, Caleb e eu, ela estava fingindo ter acabado de conhecê-lo, tentando espremer o seu caminho de volta para a sua vida por outra rodada. Descobri isso depois de bater em seu apartamento. Fui direto para o seu condomínio com a evidência segura na minha mão, pronta para destruir seu esquema. Ela parecia ser problema. Eu deveria ter percebido na hora em que coloquei os olhos nela que não foi uma atração ocasional por uma garota inocente que ele conheceu. Levei algum tempo para descobrir. Ele não estava em casa quando cheguei lá. Entrei com uma chave, que ele não sabia que eu tinha, e estudei a bagunça que ele deixou para trás. Como eu estava sinistra dando uma de CSI.

Ele obviamente preparou o jantar para dois. Havia ainda o cheiro inconfundível de bife persistente nos corredores. E se ela tivesse estado aqui com ele? Eu me senti mal. Encontrei duas taças de vinho na sala de estar e, em pânico, corri para o quarto para procurar alguma evidência de que eles estiveram juntos. Sua cama estava desfeita, mas eu não vi sinal de sexo em qualquer lugar da sala.

Quais os traços que ele iria deixar para trás de qualquer maneira? Caleb não – não deixaria de usar preservativos. Eu tinha acabado de começar o planejamento familiar, pouco depois que começamos a namorar por causa disto. Ele disse que a visão deles virava seu estômago, então eu não ia encontrar nenhum invólucro de camisinha como sinal de mentiras.

Respirando um suspiro de alívio, fui em direção à sua cômoda e abri uma gaveta, passando minhas mãos ao longo das costas dela até que encontrei a

caixa da Tiffany que continha o meu anel de noivado. Eu paro, e sinto as lágrimas vindo em meus olhos. Tinha quase acontecido. Ele estava ficando pronto para propor, quando aquele maldito acidente me limpou de sua memória. Eu merecia ficar com ele, usando meus dois quilates, meu anel de brilhante com corte de princesa.

Eu me livrei dela. Por um tempo.

Depois de levar Caleb no aeroporto, vou às compras. Parece uma espécie de águas rasas, como eu deveria me sentir culpada... mas não me sinto. Eu quero sentir as sedas amanteigadas sob meus dedos. Eu decido que já não tenho mais uma bola de basquete ligada à minha cintura, por isso preciso de um novo guarda-roupa.

Pego meu novo SUV em um local no Gables à direita, e sigo para Nordstrom. No provador, desvio meus olhos para longe da minha barriga. É bom deslizar em vestidos com cinturas apertadas. Até o momento eu vou para as portas, estou levando mais de três mil dólares em mercadoria. Jogo tudo no banco de trás e decido encontrar Katine para uma bebida.

— Você não está amamentando?, — ela fala, sentando em seu assento ao meu lado. Ela olha meus seios fartos, enquanto arranca a cereja da bandeja do barman.

Dou de ombros. — Bombeando. E daí?

Ela sorri com condescendência e mastiga a cereja. Katine se parece com uma loira, botocada parecendo com Newt Gingrich quando ela está irritada. Lambo o sal da borda da minha margarita e sinto pena dela.

— Então... você não deveria beber enquanto você estiver amamentando.

Reviro os olhos.

— Eu tenho muito estoque na geladeira em casa. No momento em que eu precisar bombear novamente, o álcool já estará fora do meu corpo.

Katine amplia seus olhos, o que faz dela ainda mais burra do que uma loira deveria ser.

— Como vai Mommy Dearest?

— Ela está cuidando da bebê Dearest, — eu digo. — Podemos não falar sobre isso?

Ela encolhe os ombros como se não pudesse se importar menos assim mesmo.

Ela pede um gin e tônica ao bartender e o bebe inteiro demasiadamente depressa.

— Você já teve relações sexuais com Caleb?

Eu recuo. Katine não tem desconfiômetro. Ela tenta culpar o fato de que ela é de uma cultura diferente, mas ela está aqui desde antes de poder andar. Eu vou para outra margarita.

O barman é atraente. Por alguma razão pela qual eu não quero que ele saiba que eu acabei de ter uma filha, abaixo a minha voz.

— Eu acabei de ter uma filha, Katine. Você tem que esperar pelo menos seis semanas.

— Eu fiz cesárea, — ela anuncia. Claro que sei disso. Katine repetiu a história nojenta do seu nascimento mais de uma dúzia vezes. Olho para longe, entediada, e suas próximas palavras fazem minha cabeça girar.

— Agora, sua vagina está toda esticada e inútil.

Primeiro, verifico para ver se o garçom a ouviu, então eu estreito os olhos. — O que você está falando?

— Sobre o parto, naturalmente. O quê? Você acha que tudo encaixa de volta no lugar?. Ela ri como uma verdadeira hiena. Vejo sua garganta exposta enquanto ela joga a cabeça para trás para terminar seu show. Quantas vezes eu me perguntei como seria a sensação de bater na minha melhor amiga? Quando ela se acalma, ela suspira dramaticamente.

— Deus, estou apenas brincando, Leah. Você deveria ter visto seu rosto. Foi como se eu tivesse dito que a sua filha morreu.

Eu brinco com a minha bebida e o guardanapo. E se ela estiver certa? Meus dedos estão coçando para começar a puxar o meu telefone e entrar no Google. Eu faço alguns exercícios de Kegel para fortalecer a minha musculatura.

Será que Caleb notaria a diferença? Eu suava só de pensar nisso. Nosso relacionamento foi sempre baseado em sexo. Sempre fomos o casal sexy, que mantém as coisas vivas, enquanto todos os nossos amigos foram se acomodando em uma vida de sexo missionária meio lúcida após as crianças

irem dormir. Durante meses, no início do nosso relacionamento, ele recebia este aliviado olhar em meu rosto quando ele estendia a mão para mim e eu correspondia. Eu nunca dei oportunidade para a distância entre a gente. Eu nunca quis. Agora, eu tinha que considerar que ele poderia se afastar de mim.

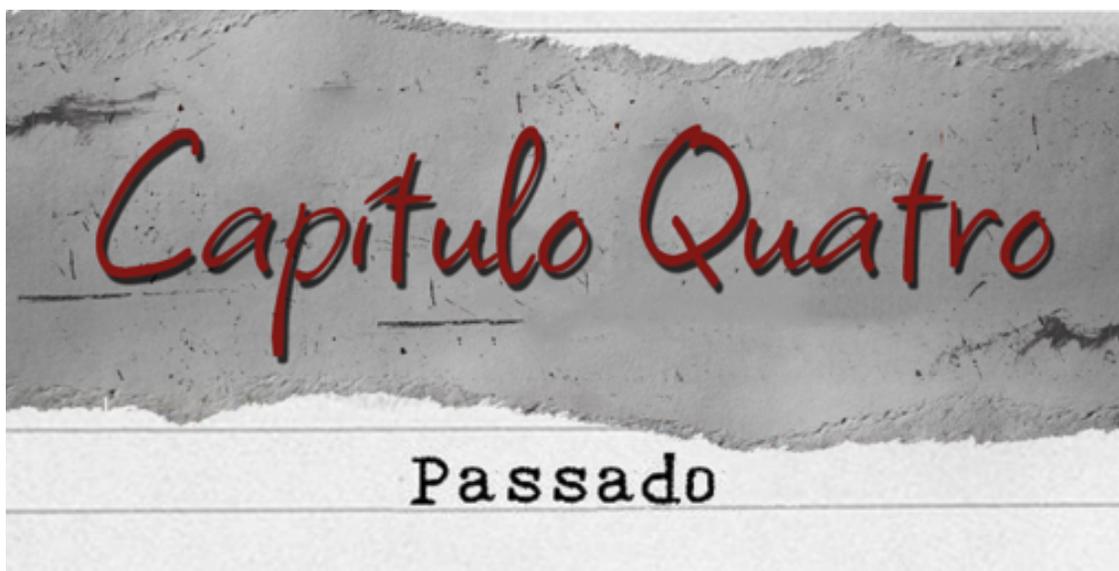
Pedi outra bebida.

Isso poderia causar todos os tipos de ansiedade. Eu teria que agendar uma consulta com a minha terapeuta.

— Olha!, — Katine diz. Ela se inclina para mim e seu perfume de baunilha excessivamente doce penetra em meu nariz. — As coisas mudam quando você tem um filho. Seu corpo muda. A dinâmica e as mudanças entre você e o marido. Você tem que ser criativa, e pelo amor de Deus, perder o peso do bebê... rápido.

Ela estala os dedos para o garçom e pede uma cesta de batatas fritas e lula frita.

Putá.



Capitulo Quatro

Passado

Conheci Caleb na festa do vigésimo quarto aniversário da Katine. Foi realizado em um iate, o que significava que foi melhor do que o meu aniversário em uma das casas noturnas chiques de South Beach. Convidei duzentas pessoas, ela convidou três. Sendo o aniversário da minha melhor amiga acontecer quatro meses depois que o meu, ela tem a vantagem para superar os meus a cada ano. Eu falo mesmo que sou a mais bonita e meu pai está classificado doze pontos acima do dela na Forbes.

Eu estava usando um vestido Lanvin de seda preto que eu tinha visto Katine namorar uma semana antes, quando fomos às compras na Barney. Seus quadris eram ligeiramente grandes para acomodar o slim do vestido, então eu o peguei quando ela não estava olhando e comprei. Ela teria feito o mesmo comigo, é claro.

Depois de fazer as rondas entre nossos amigos, vou para o bar pegar um novo martini. Eu o vi sentado em uma das banquetas. Ele estava de costas para mim, mas eu poderia dizer, pela largura dos ombros e o corte de seu cabelo, que ele deveria ser bonito. Sentei na banqueta disponível ao lado dele e lancei um olhar com o canto do meu olho. Notei primeiro a mandíbula forte. Eu poderia quebrar nozes nessa mandíbula. Seu nariz era um pouco estranho, mas não de uma forma pouco atraente.

A ponte era curvada como se fosse uma ligeira curva na estrada. Era

elegante como um revólver antigo pareceria. Seus lábios eram muito sensuais para um homem. Se não fosse pelo nariz – aquele nariz incrivelmente elegante – seu rosto seria muito bonito. Esperei alguns minutos habituais para ele olhar para mim, normalmente eu não tenho que trabalhar muito duro para atrair a atenção masculina, mas quando ele não o fez, limpei a garganta. Seus olhos, que tinham se concentrado na televisão acima do bar, virou-se lentamente para mim como se eu fosse uma imposição. Tinham a cor de xarope bordô, se colocá-los contra a luz. Esperei ele ficar com aquela aparência de sorte que todos os homens transmitem em seus rostos quando se depararam com a minha atenção. Ele não veio.

— Sou Leah, — finalmente, eu disse, estendendo a mão.

— Olá, Leah. — Ele meio que deu um meio sorriso quando apertou minha mão e, em seguida, virou-se com desdém de volta para a televisão. Eu conhecia o tipo dele. Você tem que jogar duro para conseguir a atenção dos meninos que tem sorrisos tortos. Eles gostam da perseguição.

— Como você conheceu Katine, — perguntei, de repente me sentindo desesperada.

— Quem?

— Katine... a menina cuja festa de aniversário você está aqui comemorando?

— Ah, Katine, — ele disse, tomando um gole de sua bebida. — Não sei. — Esperei que ele fosse explicar que veio com um amigo, ou algum parente distante de alguém, mas ele não ofereceu nenhuma explicação.

Decidi tentar uma nova tática.

— Você precisa de bourbon e uma cerveja para tomar com o Scotch?

Ele olhou para mim pela primeira vez, piscando como se estivesse limpando a visão.

— Essa é a sua melhor escolha? Letras de músicas a partir de uma canção nacional?

Eu vi uma pitada de riso em seus olhos, e eu sorri, incentivando. — Ei, todos nós temos um vício e o meu é a música nacional.

Ele me estudou por um minuto, seus olhos itinerantes sobre o meu cabelo

e parando em meus lábios. Correu os dedos em toda a condensação de seu vidro, recolhendo a umidade nas pontas dos seus dedos. Eu o assisti, fascinada como ele usou seu polegar para esfregar a umidade da ponta dos seus dedos.

— Ok, — ele disse, virando-se para mim. — Quais os outros vícios que você tem?

Eu poderia ter respondido que ele logo em seguida e blá.

— Uh-uh!, — eu disse, balançando a cabeça sedutoramente, inclinando-me apenas o suficiente para deixar meu decote a vista rapidamente. — Eu já tirei um da bolsa. Sua vez.

Ele pigarreou e olhou para o seu copo suado. Ele o girou lentamente, olhando para mim, como se estivesse decidindo se valeria ou não a pena continuar a conversa.

Após uma longa pausa, o olhar gelado se foi e ele disse— As mulheres são venenosas.

Inclinei-me para trás, assustada. Este foi perfeito. Eu estava na posição dez na escala de veneno. Se ele precisava de veneno, eu poderia injetá-lo diretamente em seu pescoço.

Ele tomou um gole longo e duro de seu uísque. Avaliei a situação. Ficou claro que este homem só havia jogado jogos emocionais com Dodge

Ball, um profissional. Ele estava tomando uma bebida forte e cara em uma festa em um iate, que ele preferia não estar presente. Levando em consideração que eu estava oferecendo meus serviços, usando um vestido que dá asas à imaginação, ele mal olhou para mim. Normalmente, um homem que se faz de durão não me assusta. Eles poderiam parecer apaixonados com sexo casual na sequência e mágoa. Eles veem apenas o melhor sobre você, as coisas que lembram são os melhores dias com o seu ex, enchê-lo de elogios, e lhe agradecer por uma semana ou duas cheias de diversão.

Eu gosto de homens com atitude. Mas, desta vez, foi diferente. Este não estava questionando o seu valor como um ser humano, porque seu relacionamento tinha acabado.

Ele estava questionando sua sanidade. Tentando descobrir em que momento exatamente as coisas tinham começado a desandar.

Ele estava impecavelmente vestido, sem tentar. Vestia-se dessa forma por natureza – o que significava que ele tinha dinheiro – e eu amo dinheiro. Reconheci o sinal pelo Rolex, o fio fino de Armani, a maneira fácil como ele olhava para o mundo. Eu também reconheci a maneira como ele disse ‘obrigado’, quando o bartender recarregou sua bebida, e como quando o casal próximo a ele jurou repetidamente, ele estremeceu. Seu tipo era quase sempre único. Perguntei por que a cadela estúpida deixou ele ir. Quem quer que ela fosse, eu iria fazer ele esquecer por um bom tempo. Por quê? Porque eu sou a melhor das melhores: a Godiva, o Maserati, o diamante incolor perfeito. Eu poderia melhorar a vida de alguém – especialmente a deste homem.

Com a minha nova confiança no nosso futuro relacionamento, eu sorri para ele e cruzei minhas pernas para que minha saia subisse até minha coxa.

— Ok, — eu disse lentamente. — Hoje, passa a ser seu dia de sorte. — Por que isso?

Ele nem sequer olhou para as minhas pernas. Eu suspirei.

— Bem, eu ia dizer algo inteligente sobre ser venenosa também, mas acho que pelo seu olhar, você precisa de uma boa dose de Jamba Juice ou algo assim.

Ele se abriu.

— Veja, eu sou engraçada, — eu brinquei.

— Sim, — ele sorriu. — Um pouco.

Entusiasmada, dobrei meus cotovelos para trás ao meu lado e coloquei meus pés no apoio da banquetta para enfrentá-lo.

Meus joelhos estavam tocando sua coxa, e ele não fez nenhuma tentativa de se afastar.

Otário.

— Então., — eu puxei uma cigareira de pérolas da minha bolsa. — Este é meu outro vício, você se importa?. Ele olhou para o cigarro prestes a ir em direção aos meus lábios e balançou a cabeça. Acendi e inalei em um movimento suave que eu tinha conseguido aperfeiçoar.

— Qual é o seu nome, Sr. Olhos tristes?

Sua boca se contorceu nos cantos, com suas sobrancelhas fazendo uma

pequena dança para cima.

— Caleb, — ele disse. — Caleb Drake.

Tentei Drake com o meu nome e decidi que gostei. Virei minha boca cheia de fumaça em direção ao oceano.

— Meu nome é Leah... e se você jogar seus cartões para a direita, eu poderia ser Leah Drake.. Levantei minhas sobrancelhas.

— Uau. Uau., — ele disse novamente. — Isso é quase refrescante. — Ela não quis se casar com você?, — perguntei simpática.

— Ela não queria fazer um monte de coisas, — ele disse, engolindo o último gole de seu Scotch e se levantando. Ele era maravilhosamente alto. Mentalmente, eu me coloquei bem embaixo do braço, o que deveria fazê-lo parecer pelo menos seis centímetros mais alto.

Esprei por seu próximo movimento. Tudo o que ele fazia, parecia que era para mim.

Ele se levantou e beijou a minha mão. Fiquei confusa.

— Boa noite, Leah, — ele disse. Então, para meu total espanto, ele se afastou.

Confusa.

Pensei que tivéssemos química.

Fiquei pensando nele no dia seguinte, enquanto curava minha ressaca. Quem era ele? Por que tinha ido à festa? O que ela tinha feito com ele para nem reparar em mim? Eu! Brevemente, imaginei a ideia de que sua ex era uma celebridade. Deus sabe que ele era bem parecido o suficiente para quebrar o coração de uma celebridade. Pensei sobre a calma indiferença, a vibração que senti, quando ele finalmente olhou para mim. Se eu já tive que trabalhar para fazer um homem olhar para mim? Não. E, quando ele olhou, você iria querer que ele parasse.

Ele olhava de um jeito como se ele já conhecesse você – direto, um pouco entediado, julgando. Ele faz você querer saber como seria a sensação de estar do outro lado desse olhar, de ter os olhos em você, porque ele os queria lá.

Eu questionei um pouco, tentei descobrir quem ele era e de onde ele saiu. Eu era uma detetive talentosa. Minha rede social era ampla, e com de dois

telefonemas, fiquei sabendo onde encontrar Caleb Drake. Com mais dois telefonemas, consegui um encontro às cegas.

— Espera pelo menos um mês, — eu disse para o meu primo. — Dê-lhe mais tempo para lambar suas feridas antes de salvá-lo.

Um mês depois, eu estava indo a um sushi chamado Tatu, o calor agarrado às minhas pernas nuas, meu coração crescendo contra minhas costelas.

— De jeito nenhum, — ele disse, logo que me viu.

Fingi surpresa. Mergulhando minha cabeça, perguntei: — Solteiro e britânico, procurando uma ruiva?

Ele deu uma risada e me abraçou.

Ele estava usando uma camisa de botão branco, e dobrou a manga até os cotovelos com bermuda cáqui. Ele tinha um bronze dourado, como se tivesse se bronzear a cada dia desde a última vez que o vi.

— Como você conhece a Sarah? — Ele abriu a porta para mim, e eu passei por ele.

— Meu primo, — eu sorri. — Como você a conhece?

É claro que eu já sabia a resposta. O namorado da Sarah e Caleb eram irmãos da fraternidade. Na noite da festa de Katine ele tinha marcado, juntamente com eles. Ouvi como ele explicou a conexão.

Seu sotaque era sexy. Enquanto íamos em direção à nossa mesa, ele colocou a mão na parte inferior das minhas costas. Era gesto familiar e possessivo. Gostei disso. Eu me perguntei o que ele teria feito, se este fosse o nosso primeiro encontro.

— Você sabe como Sarah me atraiu para este encontro às cegas?, — ele perguntou.

Balancei minha cabeça, negando. — Ela me disse que tinha boas pernas.

Eu sorri e mordi meu lábio. — E então? — Eu as estendi de debaixo da mesa, ficando de tornozelos juntos.

Meu vestido estava perigosamente curto. É claro que eu sabia que ele gostava de um bom par de pernas. Eu tinha perturbado o namorado da Sarah por uma hora para descobrir tudo o que eu poderia sobre ele.

Sorriu, e me olhou nos olhos, quando disse: — Nada mau.

Senti um formigamento passar pelas minhas pernas até os dedos dos pés.

Esse foi o olhar que eu estava esperando.

Na manhã seguinte, acordei em sua cama. Alongando, olhei ao redor de seu quarto. Meus músculos estavam luxuosamente doloridos. Eu não tinha sido exigida de tantas maneiras em tantas posições desde que eu era uma ginasta no ensino médio.

Ouvi o chuveiro no banheiro ao lado, e rolei para ver se eu conseguiria ter uma visão dele através da porta aberta. E tive.

Na noite anterior, começamos com três bebidas e o jantar, sem uma pausa na conversa.

Era como conversar com alguém que eu tinha conhecido há anos. Eu me senti tão confortável com ele, que presumi que ele também se sentia comigo, pois ele respondeu a todas as perguntas que fiz sem hesitação. Quando saímos do restaurante, não havia dúvida se deveria ou não ir para casa com ele. Entrei em seu conversível, e ele dirigiu por quinze minutos até chegarmos à sua casa. Nossa trilha de roupas começou na porta da frente e terminou no pé de sua cama, com essa brincadeira eu já não estava vestida. Seria bom ser capaz de culpar o álcool pela minha imprudência, mas verdade seja dita, nós dois paramos de beber antes de comer. Tudo o que aconteceu... foi sem a influência de bebida alcoólica.

Quando Caleb saiu do chuveiro, eu ainda estava inclinada sobre o cotovelo. Eu não tinha a pretensão de observá-lo. Ele passou a toalha sobre seu cabelo, tornando a levantar. Eu sorri largamente e dei um tapinha na cama. Soltando a toalha, ele deitou ao meu lado.

— Você ainda está triste?, — perguntei, inclinando meu queixo em seu peito.

Ele entregou um meio sorriso e beliscou meu nariz. — Estou me sentindo um pouco mais alegre.

— Aaah – um pouco mais alegre., — zombei de seu sotaque e comecei a sair da cama. Ele me pegou pelos tornozelos e me puxou de volta.

— Muito mais alegre, — ele ofereceu.

— Quero mais uma vez e, em seguida, almoço?, — perguntei, traçando meu dedo em seu peito.

— Depende, — ele disse, pegando minha mão. Esperei que ele continuasse sem pedir o habitual ‘do que?’.

— Eu não estou procurando nada sério, Leah. Eu ainda estou com a cabeça bagunçada...

— A última garota? — Eu sorri e me inclinei até beijá-lo. — Seja como for, — eu disse contra sua boca. — Eu pareço uma espécie de menina de compromisso para você?

— Você parece que é problema, — ele sorriu. — Quando eu estava crescendo, minha mãe costumava me dizer para nunca confiar em uma ruiva.

Eu fiz uma careta. — Existem apenas duas razões para ela dizer algo como isso.

Caleb ergueu as sobrancelhas. — Que são? — Seu pai dormiu com uma, ou ela é uma.

Zombei com seu sorriso torto. Estendeu todo o caminho até seus olhos desta vez.

— Eu gosto de você, — ele disse.

— Isso é crescer, Boy Scout. Crescer de verdade.



Capitulo Cinco

Presente

Dois dias depois de Caleb sair em uma viagem a trabalho, minha mãe arruma suas malas e me informa que ela está também indo embora.

— Você não pode estar falando sério!, — eu digo, vendo quando ela fecha o zíper de sua mala. — Você disse que queria ficar e ajudar.

— Está muito quente, — ela diz, tocando levemente seu cabelo. — Você sabe que eu odeio os verões aqui.

— Estamos no ar condicionado, mãe! Preciso da sua ajuda. — Você vai ficar bem, Johanna.

Eu observo o leve tremor em sua voz. Ela está entrando em uma de suas depressões. Courtney era a única que sabia como lidar com ela, quando ela ficava assim. Eu sempre pareço torná-la pior. Mas, Courtney não está aqui, eu estou. O que fez minha mãe querida ser minha responsabilidade.

Dei de ombros. — Tudo bem, vamos levá-la ao aeroporto. De qualquer maneira, Caleb volta à meia-noite.

Deixei-a ir para sua mansão em Michigan e definhar, jogando pílulas em sua boca como Tic Tacs.

No caminho de volta do aeroporto, aumentei o volume do rádio e, pela primeira vez, me senti como um pássaro fora do ninho. Estella começa a gritar de sua cadeirinha cinco minutos depois de minha felicidade. O que significa

isso? Ela está com fome? Enjoada? Molhada?

Eu tinha quase esquecido que ela estava lá... aqui... neste planeta... na minha vida.

Eu faço alguns exercícios de Kegel e penso amargamente em Caleb

– Caleb livre da nossa filha, se aquecendo sob o sol das Bahamas, bebendo taças do seu maldito Bruichladdich e comendo caranguejo. Não é justo. Eu preciso de uma babá, por que ele não pode ver isso? Caleb é como um defensor para o que é certo e errado. Com todos os seus valores tradicionais, eu deveria ter sabido que ele iria insistir que eu ficasse em casa e a criasse. Ele é como um escoteiro. Quem cria seus próprios filhos hoje em dia? Gente pobre – porque não podem pagar uma babá.

Mordo meu lábio e aumento o volume do rádio para abafar o choro. Agora mesmo ela soa como um pequeno alarme estridente, mas o que vai acontecer em poucos meses, quando seus pulmões ficarem mais fortes? Como vou tolerar esse barulho?

Eu estou tentando descobrir como fazê-la parar de chorar, quando algo amarelo chama minha atenção. Só para esclarecer, o amarelo é uma cor horrível. Nada de bom vem de uma cor que representa gema de ovo, cera de ouvido ou mostarda. É a cor equivalente de uma doença, feridas e espinhas purulentas, dentes manchados de nicotina. Nada, nada, nada deve ser amarelo, e é precisamente por isso que eu virei minha cabeça para olhar. Imediatamente, desvio meu carro para a pista da direita e viro meu volante como se eu estivesse nas xícaras da Disney World. Coros de buzinas começam quando eu corto através de duas faixas de tráfego para chegar à praça. Reviro os olhos. Hipócritas.

Dirigir na Flórida, me faz lembrar andar em supermercado lotado – ou você está preso atrás de um velhote andando a uma milha por hora, ou você está sendo empurrado para uma prateleira de cereal por um hooligan. Eu sou uma boa motorista, então que se fodam todos.

Eu sigo o sinal amarelo até um shopping center e perscruto as lojas vazias, enquanto o meu carro entra no estacionamento. Placas de vaga tortas penduradas na maioria das janelas. Os nomes de lojas antigas ainda pregados acima das portas são um lembrete deprimente que uma recessão está andando na ponta dos pés por todo o país. Eu aponto o dedo indicador para onde

costumava ser um salão de beleza, e puxo um gatilho imaginário. Quantos pequenos sonhos tinham caído na poeira desta porcaria de praça? No canto direito perto de um gigantesco lixo, fica a Creche Sunny Side Up. Coloco meu carro debaixo do sinal sujo cor de gema de ovo e bato meus dedos na direção. Fazer ou não fazer? Poderia muito bem ir dar uma olhada.

Saio do carro, de cabeça fora da porta, e lembro-me que existe um bebê no automóvel. Filhos da mãe e filhos da puta. Refaço meus passos, observando que ninguém viu meu erro, e rastejo de volta para destravar o carrinho de Estella. Ela está misericordiosamente silenciosa enquanto eu a levo através das portas da Creche Sunny Side Up. A primeira coisa que noto é que qualquer pessoa pode simplesmente entrar neste estabelecimento de merda e roubar uma criança. Onde está o cartão de bloquear portas? Eu olho a recepcionista. Ela é uma desmazelada de vinte e poucos anos usando uma sombra de olho azul sobre olhos castanhos maçantes. Ela quer um namorado. Você pode dizer por seu uso exagerado de perfume e maquiagem. Ela usa delineador em sua pálpebra superior.

Todo mundo sabe que não se deve colocar delineador na sua pálpebra inferior.

— Oláááá!, — eu pio alegremente.

Ela sorri para mim e levanta as sobrancelhas.

— Eu preciso falar com o diretor, — digo em voz alta, apenas para o caso dela parecer ser tão lenta como parece.

— É sobre o quê?

Por que as pessoas sempre contratam recepcionistas com meia-inteligência?

— Bem, eu tenho uma filha, — eu atiro, — e esta é uma creche.

Seu nariz treme. É sua única indicação que eu já regiamente a irritei. Eu bato meu pé no linóleo enquanto ela liga para o diretor da creche. Eu dou uma olhada em volta, enquanto espero. Paredes em amarelo pálido, sóis laranja brilhantes pintados nelas, um tapete azul manchado com Cheerios desta manhã. A Diretora vem ao meu encontro minutos mais tarde. Ela é uma senhora loira de meia-idade vestindo uma camiseta Tickle me Elmo, Keds rosa arranhados e dois implantes mamários do tamanho de um melão. Olho para ela com desgosto e finjo um sorriso.

Antes que eu possa dizer uma palavra, ela diz: — Uau, um novo bebê.

— Ela é prematura. — minto. — É mais velha do que parece.

— Eu sou Dieter, — ela diz, entregando-me a mão.

Eu a pego e aperto.

— Gostaria de dar uma volta em Sunny Side?

Eu quero dizer ‘claro que não’, mas aceno educadamente, e Dieter me conduz através de um conjunto de portas duplas que ela abre com um cartão-chave.

O lugar é sujo, até mesmo Dieter deve ver isso. Cada quarto tem seu próprio cheiro único de xixi, variando de – ah, meu Deus – a um combo sutil de combinação de pinho/xixi. Ou Dieter é imune ao cheiro, ou ela optou por ignorá-lo. Eu mal posso conter minha mordada. Ela destaca a relação aluno/cuidador, que é de seis para um e aponta alegremente para uma sala de aula de canto para crianças de quatro anos que tem muco escorrendo de seus narizes.

Compartilhar é cuidar.

— Nosso equipamento do parquinho é novo, mas é claro que sua pequena não precisará dele por enquanto. — Ela abre a porta sinalizada com ‘pequeninos’ e entra.

Imediatamente, sou cumprimentada por várias vozes infantis, todas zurrando como pequenos filhotes de burro. É bastante irritante e, quase instantaneamente, Estella acorda e se junta ao coro de burros. Balanço sua cadeirinha para frente e para trás, e, surpreendentemente, seu choro vai diminuindo até que ela se acalma novamente. Aqui é limpo. Vou dar crédito Dieter por isso. Há seis berços empurrados contra as paredes. Cada um tem um Muppet de crochê pendurado sobre ele.

— Acabamos de nos despedirmos a um de nossos bebês, — Dieter me diz.
— Então, nós temos espaço para a pequena...

— Estella, — sorrio.

— Esta é a senhorita Misty, — ela diz, me apresentando para a cuidadora. Sorrio para outra menina boba, e aperto outra mão com esmalte lascado.

No final, decidi deixar Estella lá para um teste. Dieter me sugere isso. — Só

por poucas horas para ver como você se sente., — ela diz. Eu me pergunto se é normal — deixar seu bebê com estranhos para ver *como você se sente*. Eu poderia me cortar com uma faca e eu não sentiria nada. Concordo com a cabeça.

— Nunca a deixei com ninguém, — digo. É a verdade... em grande parte.

Dieter acena com simpatia. — Cuidaremos bem dela. Eu só preciso de você para preencher alguns papéis na recepção.

Entrego a cadeirinha à senhorita Misty e faço um gesto de beijar a testa de Estella, então corro até o carro para buscar o saco de fraldas que uma boa mãe teria levado com ela.

Trinta minutos mais tarde, finalmente estou livre — livre da barriga insuportável, livre do bebê barulhento... livre, livre, livre. Só então o meu telefone toca. Eu o pego do banco do passageiro onde o joguei mais cedo e vejo que Caleb está me ligando. Sorrio, apesar de mim mesma. Até hoje, quando Caleb me liga, sinto borboletas em meu estômago. Estou prestes a atender, quando percebo que ele provavelmente está ligando para perguntar sobre Estella. Mordo meu lábio e deixo cair no correio de voz. Não posso nem lhe dizer o que fiz. Ele provavelmente pegaria o primeiro voo disponível e viria até Miami segurando os papéis do divórcio. Talvez ele até *a* use para entregá-los para mim. Sei que não tenho sido razoável e que ele não tem falado com ela desde que meu julgamento terminou há mais de um ano e meio atrás, mas os pensamentos daquele corvo com cabelos de bruxa me praguejam todos os dias. Empurro os pensamentos do meu julgamento e de meu advogado para trás da minha mente para refazê-los mais tarde.

Estou determinada a aproveitar meu tempo livre da minha filha. Passo em casa para trocar minha calça jeans e colocar algo chique. Escolho calças de linho branco e uma blusa Gucci que comprei na viagem, e calço um par de sapatos de saltos. No momento em que estou de volta ao carro e no meio do caminho para o restaurante, percebo que eu esqueci o meu telefone no balcão da cozinha.

Encontro Katine e alguns de nossos amigos para um sushi e saquê. Quando entro no restaurante, todos eles clamam em torno de mim como se eu tivesse estado fora por um ano. Beijo cada um deles, e nos sentamos para fazer o pedido. Ou Katine os advertiu que não me perguntassem sobre a minha

filha, ou eles não se importam, pois nenhum deles diz uma palavra sobre ela. Parte de mim está aliviada, pois se eu tivesse sido chamada para discutir meus sentimentos como a mais nova mãe, eu explodiria em lágrimas... embora haja um ligeiro incômodo lá mesmo. Mesmo que Estella tenha se transformado em um não-tema, podiam pelo menos perguntar como estou me sentindo.

Deixo isso de lado. Bebo quatro desses mini copos de saquê e, em seguida, peço vinho.

Katine levanta seu copo para mim. — Por ter você de volta!, — ela grita, e todos nós tomamos uma bebida.

Sinto-me fantástica. Estou oficialmente de volta, embora tenha sido uma década difícil. Na minha neblina induzida pelo saquê, eu me comprometo a fazer dos meus trinta anos os melhores da minha vida. Lá pelas três horas, o almoço termina e estamos todos bêbados, mas não estamos prontos para ir para casa.

— Então, — sussurra Katine para mim quando, eventualmente, saímos do restaurante. — Onde está a sua filha?

— Na creche. — Rio e cubro a boca com a minha mão.

Katine pisca para mim de modo conspiratório. Afinal, tinha sido ideia dela.

— Caleb sabe?, — ela pergunta.

Olho para ela como a loira burra que ela é.

— Sério, Katine? Será que eu estaria vestindo isso se Caleb soubesse que sua pequena preciosa está sob os cuidados de um estranho?. Balanço a minha aliança de casamento para ela.

Ela amplia os olhos e aperta os lábios como se não tivesse acreditado em mim. — Vamos lá. Caleb nunca iria deixá-la, quero dizer, ele teve sua chance com aquela garota Olivia e... Ela dá um tapa sobre a boca, e olha para mim como se ela tivesse falado demais.

Paro de andar, pronta para dar um tapa nela. Cadela. Como ela se atreve trazê-la à tona!

Estou sem fôlego, cheia de amor e raiva, quando eu digo: — Caleb nunca pensou em me deixar. Ela não era nada. Não vá dizer aos outros essas

mentiras, Katine.

Eu sei que meu rosto está vermelho. Posso senti-lo queimando sob o ressentimento. As sobrancelhas de Katine se juntam. Elas mergulham para baixo, dando a impressão de que ela está genuinamente arrependida.

— Eu... me desculpa, — ela gagueja. — Eu não quis dizer nada disso.

Eu sei que este diabo loiro sabe muito bem me comprar com suas desculpas dignas do Emmy Awards. Dou-lhe um olhar de desdém, e ela sorri para mim com doçura de sacarina.

— Eu só quis dizer que ele a ama. Nem aquele pedacinho de rabo quente poderia levá-lo de você.

Agora estou fervendo. Uma coisa é falar o nome desse lixo, mas dar crédito à sua boa aparência óbvia ultrapassa a linha da namorada/lealdade.

— Leah, espera, — ela chama atrás de mim, enquanto saio correndo. Não espero para ouvir sua desculpa – a sua favorita é que ela é da Rússia e não entende sempre o jeito certo para se comunicar, uma vez que o inglês é a sua segunda língua. Eu já as ouvi todas antes, e conheço a minha escorregadia melhor amiga. Ela gosta de adoçar ofensas, calúnias e insultos desleais. *Você é tão corajosa para usar essa saia, eu teria medo de mostrar minha celulite.* Katine é bulímica e não tem um ponto de celulite. Então, obviamente ela estava se referindo à minha.

Katine Reinlaskz é tão divertida como um macaco no zoológico, mas cruze com ela e vai cortá-la em pedaços. Nossa amizade, que existe desde o ensino médio, tem sido um puxão vicioso de guerra em possuir coisas maiores uma do que a outra. Meu primeiro carro custou sessenta mil, o dela custou oitenta. Minha festa de quinze anos tinha trezentos convidados – a dela tinha quatrocentos. No entanto, ganhei com Caleb. Katine já se divorciou duas vezes. O primeiro foi um casamento em Vegas, que durou cerca de 24 horas antes de ser anulado, e o segundo foi com um velho magnata do petróleo de 50 anos, que acabou sendo um completo avarento depois que eles já estavam casados. Ela morre de ciúme quando se trata de Caleb – bonito, rico, cavalheiro, sexy Caleb. Ele é o sonho de toda garota, e eu o peguei. Eu uso cada oportunidade de exibir meu grande triunfo da vida, mas desde aquele problema com Olivia, a inveja de Katine foi substituída por presunção. Ela ainda teve a ousadia de me dizer uma vez que ela admirava o bom senso de

Olivia.

Dou passos curtos e agitados para o meu carro, tomando cuidado para não cair, e sento no banco do motorista. O relógio no painel diz que são seis horas. Não estou em condições de dirigir, mas nem sequer estou com o meu celular para ligar para alguém para me pegar. E, afinal, quem eu iria chamar? Meus amigos estão todos igualmente bêbados, e os que não estão aqui iriam levantar as sobrancelhas e fofocariam se me vissem assim.

De repente, eu me lembro de Estella.

— Merda!, — eu bato minha mão contra o volante. Era para eu ir buscá-la às cinco, e eu não tenho como ligar para a creche. Ligo o carro e saio da vaga sem olhar. Ouço uma buzina de carro e, em seguida, o barulho chocante de metal. Eu nem preciso olhar para saber que é ruim. Saio cambaleando para fora do carro e ando para a sua parte traseira. Um velho Ford está amassado em torno do para-choque do meu Range Rover. Ele parece quase cômico. Eu suprimo o desejo de rir, e então eu tenho que suprimir o desejo de chorar, pois eu vejo o piscar das luzes vermelhas e azuis de um carro da polícia se aproximando de nós. O motorista é um homem mais velho. Sua esposa está do lado do passageiro do carro, segurando seu pescoço. Reviro os olhos e cruzo os braços sobre o peito, à espera da sirene inevitável da ambulância, que significa oportunistas felizes em me processar.

Inclino-me para que eu possa ver a velha bruxa. — Sério? — eu digo através da janela. — Seu pescoço dói?

Certamente, uma ambulância segue o carro de patrulha para o estacionamento. Os médicos saltam do táxi e correm para o Ford. Não consigo ver o que acontece, porque um oficial com olhar maldoso está se aproximando de mim, e eu sei que tenho segundos para me recompor e agir sobriamente.

— Senhora, — ele diz sobre lentes escuras. — Você percebe que deu ré sem nem mesmo olhar? Eu vi a coisa toda acontecer.

Sério? Fiquei surpresa por ele conseguir ver algo através de seus óculos eu- quero-ser-Blade.

Sorriso inocentemente. — Eu sei. Eu estava em pânico. Eu tenho que pegar a minha filha com a babá, — minto, — e eu estou atrasada....

Mordo meu lábio, pois isso geralmente excita os homens, quando faço isso.

Ele me considera por um minuto, e rezo para ele não sentir o cheiro da bebida em minha respiração. Observo seus olhos se dirigirem para o meu banco de trás onde a base da cadeirinha de Estella está.

— Preciso ver a sua licença e registro, — finalmente, ele diz. Este é um procedimento padrão – até agora, tudo bem.

Passamos pelo processo do acidente, que sou muito familiarizada. Vejo a velha senhora sendo carregada para a ambulância, e assisto quando eles saem com as luzes piscando. Seu marido, insensível o suficiente, fica para trás para cuidar dos assuntos.

— Droga!, — sussurro sob a minha respiração.

O oficial me atira um meio sorriso, mas é o suficiente para dizer que ele está do meu lado. Ando de lado até ele e pergunto quando serei capaz de sair para pegar a minha filha.

— Foi muito difícil deixá-la, — digo a ele. — Eu tive um jantar de negócios. — Ele balança a cabeça como se ele entendesse.

— Estamos emitindo-lhe uma multa – vendo que foi culpa sua, — ele diz. — Depois você está livre para ir embora.

Suspiro de alívio. O caminhão de reboque vem e manivela os veículos. Os danos ao meu Range Rover são mínimos em comparação ao Ford, que está praticamente dobrado pela metade. Disseram-me que o seguro do Bernhard entrará em contato com o meu, e eu tenho bastante certeza de que eles vão contratar um advogado nos próximos dias também.

Saio da vaga, aliviada que o Rover está dirigindo do mesmo jeito que quando eu estacionei. Além de um para-choque amassado e alguns pequenos arranhões, meu carro caro, saiu ileso. Mas, melhor ainda, eu saí ilesa. Eu poderia ter sido presa e processada por dirigir bêbada. Graças a uma grande atuação e um policial ferido, estou escapando com menos custos.

Eu me sinto quase sóbria enquanto dirijo com cuidado para a Creche Sunny Side Up. Quando entro no estacionamento, está vazio. Olho para o relógio no painel nervosamente. Sete e dez. Alguém deve ter ficado até tarde com ela. Eles provavelmente vão estar com raiva, mas com certeza depois que eu explicar o que aconteceu com o telefone e o acidente, eles vão entender. Toco

a campainha na porta antes de eu perceber que está completamente escuro lá dentro. Pressionando as minhas mãos contra o vidro, espio lá dentro. Trancado, fechado. Entro em pânico. É o tipo de pânico que senti quando eu soube que poderia ir para a prisão por fraude farmacêutica, ou de quando fiquei em frente ao juiz esperando ouvir o veredicto ‘culpada’ que me daria 20 anos de prisão estadual. É puramente pânico egoísta. O – ah meu deus, Caleb vai se divorciar de mim por ter perdido sua filha – pânico. Eu sou mãe por menos de duas semanas, e já perdi a minha filha. Essa é a merda que você recebe em Nancy Grace. Eu odeio aquela vadia loira.

Andando para trás e para frente na calçada, contemplo minhas opções. Eu poderia chamar a polícia. Quero dizer, qual é a punição para os pais que não conseguem pegar seus filhos na creche? Eles os enviam para os serviços sociais? Será que o proprietário os leva para casa? Eu me esforço para lembrar o nome da diretora – Dieter. Ela me deu o seu último nome? De qualquer maneira, preciso chegar a um telefone e rápido.

Dirijo para casa, como se estivesse no Velozes e Furiosos – e enfio meu carro na garagem. Minha urgência é audível enquanto corro através da porta, sem me preocupar em fechá-la, e sigo para o balcão da cozinha onde deixei meu telefone. Ele não está lá. Minha cabeça não consegue pensar em nada. Eu tinha tanta certeza que era onde eu o havia deixado. Eu vou ter uma ressaca assassina amanhã. *Pense!* Pela primeira vez, eu me arrependo de não ter um telefone fixo. *Quem precisa de um telefone fixo hoje em dia?* Eu me lembro de dizer para Caleb antes mesmo de nos livramos dele. Giro seguindo para as escadas, e meu coração se apodera de surpresa.

— Procurando por isso?

Caleb está encostado no batente da porta me assistindo. Em sua mão está o meu precioso iPhone. Estudo seu rosto. Ele parece estar calmo – isso significa que ele não sabe que não estou com Estella –, ou talvez ele pense que ela está com minha mãe. Eu não disse a ele que a levei para o aeroporto esta manhã.

— Você chegou em casa cedo, — digo com genuína surpresa.

Ele não sorri ou me cumprimenta com o seu habitual calor, ao invés disso ele mantém os olhos treinados no meu rosto – o telefone apertado entre seus dedos das mãos e estendidos para mim. Eu dou alguns passos de precaução em sua direção, tomando cuidado para não deixar o meu zumbido restante

aparecer. Caleb me lê como um romance de baixo nível. Fico na ponta dos pés para lhe dar um rápido beijo no rosto antes de arrancar o telefone de seus dedos. Agora, se eu pudesse sair, eu poderia ser capaz de descobrir alguma coisa, ligar para alguém... ENCONTRAR A MINHA FILHA!

Eu volto alguns passos.

— Você perdeu uma chamada. Na verdade, quatorze, — Caleb diz casualmente – muito casualmente – como a calma antes de uma tempestade, ou o baixo e retumbante grunhido antes que os lobos rasguem sua traqueia.

Engulo. Há areia na minha garganta e estou afogando... sufocando. Meus olhos dardejaram ao redor da sala. Deus – o que ele sabe? Como é que eu vou resolver isso?

— Aparentemente, você se esqueceu de pegar Estella em uma creche., — sua voz some. Uma mão invisível abre a minha mandíbula e derrama medo na minha garganta. Eu sufoco.

— Caleb., — eu começo. Ele levanta a mão para me parar, e eu paro, pois não tenho mesmo certeza que desculpa posso dar.

Deixei nossa filha em uma creche decadente porque...

Merda.

Eu não sou tão criativa. Minha mente peneira para fora todas as possíveis desculpas.

— Ela está... ela está aqui?, — sussurro. A parte mais expressiva de Caleb é sua mandíbula. Eu a uso para ler sua emoção. É quadrada, viril – só suavizada por seus lábios excessivamente grossos. Quando essa mandíbula está feliz com você, você quer segui-la com a ponta dos dedos, chegar às pontas dos pés para executar beijos em toda ela. A mandíbula está com raiva de mim. Seus lábios estão brancos de tão apertados pela raiva. Estou com medo.

Caleb não diz nada. Esta é a sua técnica de luta. Ele aquece a sala com a sua raiva e, em seguida, espera por você para soar como uma confissão. Ele nunca foi violento com uma mulher em sua vida, mas eu apostaria minha vida que a menina poderia fazê-lo fazer coisas que ele nunca considerou.

Eu cometo o erro de olhar em direção às escadas. Faz com que ele realmente fique irritado. Ele salta para a parede e caminha em minha direção.

— Ela está bem, — ele diz entre os dentes. — Voltei mais cedo, porque eu estava preocupado com você. Obviamente, não era com você que eu precisava me preocupar.

— Foi apenas por algumas horas, — eu me apresso a dizer. — Eu precisava de um tempo sozinha, e minha mãe simplesmente me deixou....

Ele me estuda por alguns segundos, mas não porque ele está verificando a verdade das minhas palavras. Ele está se perguntando como ele poderia se casar com alguém como eu. Eu posso ver a decepção total. Isso arranha a autoestima que estou embalando em meu peito. Faz com que eu me sinta um fracasso. Bem, o que ele esperava – que eu fosse uma boa mãe? Que eu cairia como uma luva em um papel que não entendo?

Eu não sei o que fazer. O álcool ainda está tomando conta do meu cérebro, e tudo que eu posso pensar é sobre o fato de que ele vai me deixar.

— Desculpa!, — sussurro, olhando para o chão. Atuar de forma contrita é um tiro barato, especialmente desde que eu estou mais triste por ter sido pega do que pela ação real.

— Você está triste por ter sido apanhada, — ele responde.

Minha cabeça se encaixa. *Maldito leitor de mentes!*

Como ele ousa pensar o pior de mim? Eu sou sua esposa! Para o melhor, ou para o pior, certo? Ou será que o pior se refere à situação e não à pessoa?

— Você deixou sua filha recém-nascida com completos estranhos. Ela não comia há horas!

— Havia leite materno na sacola de fraldas!, — argumento. — Não é o suficiente para sete horas!

Franzo a testa para o teto. — Eu não sabia!, — digo, derrotada. Realmente estive fora por tanto tempo?

Sinto uma onda de raiva hipócrita. Era minha culpa eu não estar aderindo à felicidade parental como ele estava? Abro minha boca para dizer isso a ele, mas ele me corta.

— Não, Leah, — adverte. — Não há desculpas para isso. Se eu tivesse algum juízo, eu a pegaria e iria embora. — Ele se vira e caminha em direção às escadas.

Meus pensamentos borram, enquanto a minha raiva corre dentro de mim.

— Ela é minha!

Ele para. É uma parada abrupta, como se minhas palavras tivessem apenas congelado, pulverizado suas pernas.

Quando ele se vira, seu rosto está vermelho.

— Você faça uma loucura como essa de novo, e você vai gritar isso no tribunal.

Sinto meu peito agitar, quando sua ameaça passa em torno de mim como um vento frio. Ele quer dizer isso. Caleb nunca falou comigo com tanta frieza. Ele nunca me ameaçou. É a bebê. Ela o está transformando, jogando-o contra mim. Ele para antes que ele chegue às escadas.

— Vou arrumar uma babá.

As palavras que eu queria, mas agora elas não soam como uma vitória. Caleb está concedendo uma babá, porque ele não confia em mim – sua esposa. De repente, não quero mais uma babá.

— Não, — eu digo. — Eu posso cuidar dela. Não preciso de ajuda.

Ele me ignora, subindo as escadas de dois em dois degraus. Eu fico para trás, decidindo se eu quero ser suplicante, ou agressiva.

— Eu cometi um erro, isso não vai acontecer novamente, — eu digo, tomando a rota suplicante. — E você não pode tomar essa decisão sozinho – ela é minha filha, também. — Um salpico de agressão como uma boa medida.

Ele está em nosso quarto, mexendo em sua mesa de cabeceira. Ele pega o seu ‘pequeno livro negro’, que eu já tinha bisbilhotado muitas vezes. Eu o sigo para seu escritório, onde ele tira seu telefone celular do carregador.

— Para quem você está ligando?, — exijo saber.

Ele aponta para a porta, me dizendo para sair. Eu fico firme, abraçando-me, com a preocupação enrolando em meu estômago.

— Eil, — ele diz para o receptor. Sua voz é íntima, insinuante. Obviamente, ele tem termos acolhedores com a pessoa do outro lado. Eu sinto um arrepio gelado bater minha espinha. Existe somente uma pessoa que faz a voz dele ficar suave assim, mas por que ele estaria ligando para ela? Ele ri de algo que a pessoa diz e se inclina para trás em sua cadeira.

Ah, Deus! Ah, Deus! Eu me sinto doente.

— Sim, eu sei, — ele diz tudo com intimidade. — Você pode fazer isso acontecer?. Ele faz uma pausa enquanto ele escuta. — Eu confio em quem você enviar. Não, não. Não tenho problema com isso. Certo, então, amanhã? Sim, vou lhe passar o endereço. Ah, você se lembra? — Ele sorri ironicamente. — Então, falo com você depois..

Eu salto para a ação assim que ele desliga. — Quem era? Era ela?

Ele faz uma pausa em seu trabalho de separar papéis para olhar para mim intrigado. — Ela?

— Você sabe de quem eu estou falando.

Nós nunca falamos sobre isso – ela. Os músculos de sua mandíbula apertam. Eu tenho o desejo de rastejar debaixo da sua mesa e esconder a minha cabeça entre os joelhos.

POR QUE EU DISSE ISSO?

— Não, — ele diz, retomando seu embaralhar. — Era uma velha amiga que é dona de uma agência de babás fora de Boca. Alguém virá encontrar-me amanhã.

Meu queixo cai. Outra parte secreta de sua vida que eu não sei nada sobre. Como diabos ele está ligado a alguém que é dona de uma agência de babás?

— Isso é conversa fiada, — digo, batendo o pé. — Você pelo menos vai me deixar conhecê-la?

Caleb encolhe os ombros. — Talvez, mas suponho que você vai ter uma ressaca amanhã...

Eu murcho interiormente. Ele sempre sabe. Ele vê tudo. Eu me pergunto se minha respiração entregou tudo, ou se de alguma forma ele tinha visto o meu para-choque batido e adivinhou. Eu não me importo em perguntar. Saio rapidamente da sala sem me explicar e corro lá para cima. Fico na porta do nosso quarto e olho de relance para o corredor. Sinto uma pontada de alguma coisa. Devo ir ver como ela está? Praticamente eu a abandonei hoje. Eu deveria pelo menos ter certeza de que ela está bem. Estou feliz que ela não tenha idade suficiente para perceber o que fiz. Crianças mantêm as coisas contra você.

Andando tranquilamente pelo corredor, empurro a porta do quarto dela

com o meu dedo do pé e perscruto lá dentro. Não sei porque me sinto tão culpada em olhar para a minha própria filha, mas faço. Atravesso o quarto até o seu berço, segurando a minha respiração. Ela está dormindo. Caleb a havia banhado e enrolado ela em uma manta, embora ela conseguisse mexer uma de suas mãos livres e a estava sugando. Posso sentir o cheiro dela de onde estou – o sabonete de lavanda que Caleb havia comprado para ela misturado com o cheiro de farinha de aveia de um bebê novo. Levo um dedo até ela e toco seu punho, e então eu fujo do quarto.



— Por que você tem isso?, — levantei um litro de sorvete que estava guardado em seu freezer desde que nos conhecemos. Era Ben & Jerry Cherry Garcia. Ergui-o, abri a tampa, e vi que estava meio comido como se o congelador tivesse queimado. — Você não gosta de cerejas. Posso jogá-lo fora?

Caleb lançou-se do sofá onde ele estava assistindo TV, e pegou o recipiente da minha mão. Pisquei para ele, surpresa. Eu nunca tinha visto um homem se mover tão rapidamente para tomar sorvete.

— Deixe isso, — ele disse.

Eu o assisti empurrá-lo para trás de um par de filés congelados e fechar a porta.

— Isso não foi totalmente assustador, — eu disse.

Ele olhou seriamente desorientado por um minuto antes de tomar minha mão e me levar para o sofá. Ele começou a beijar meu pescoço, mas minha mente ainda estava no sorvete.

— Por que não vamos morar juntos?, — perguntei casualmente.

Ele parou o que estava fazendo e descansou sua testa na curva do meu pescoço.

— Não, — ele disse.

— Não? Por que não? Estamos juntos há nove meses. Estou aqui

praticamente todas as noites.

Ele se sentou e correu os dedos pelos cabelos, deixando-os em pé.

— Eu pensei que não estávamos tendo nada sério?

Meus olhos se arregalaram. — Sim, no começo. Você não acha que isso é sério? Nós estamos ficando um com o outro exclusivamente há cinco meses.

Isso não era verdade. Eu tinha sido exclusiva desde o dia em que o conheci. Não tinha nem olhado para outro homem desde o iate. Caleb reconhecidamente tinha ido a alguns outros encontros, mas no final, ele sempre vinha para a minha cama. O que eu poderia dizer? Sexualmente, eu era uma força a ser contada. Obviamente, não o suficiente de uma força.

— Por que aquele sorvete no congelador?

— É lá que se guarda sorvete, — ele disse secamente.

Caleb tinha uma cicatriz perto do olho. Tentei fazê-lo ir ao meu cirurgião plástico para falar sobre o assunto, mas ele recusou. As cicatrizes devem permanecer onde o destino as coloca, ele disse. Eu ri naquele momento. Foi uma das coisas mais ridículas que eu já tinha ouvido.

Agora, olhando para o meu quase-namorado, eu sabia que eu estava certa. As cicatrizes deveriam ser removidas. Principalmente, cicatrizes de sorvete. Estendi a mão e corri meu dedo sobre ela. Eu não sabia onde ele ganhou a cicatriz, pois nunca perguntei. O que mais eu não sei sobre ele?

— Era dela?

Nós raramente falávamos sobre sua ex, mas quando o fazíamos, o humor de Caleb tornava-se úmido e remoto. Normalmente, eu tentava evitar o assunto – não querendo parecer a nova namorada ciumenta, mas se o cara não conseguia se livrar do sorvete dela...

— Caleb?, — eu me arrastei para o seu colo e sentei nele. — Era dela?

Ele não conseguia ficar longe de mim, então ele optou por me olhar bem nos olhos. Isso sempre me deixava nervosa. Caleb tinha olhos muito intensos – o tipo de olhos que via todos os seus pecados.

Ele suspirou. — Sim.

Eu estava um pouco surpresa que ele realmente tivesse admitido isso. Eu me mexi desconfortavelmente em seu colo, não muito certa se eu deveria fazer

as seguintes perguntas.

— Certo, — eu disse, esperando que ele oferecesse algum tipo de explicação. — Podemos falar sobre isso?

— Não há nada para falar, — ele disse para finalizar.

Eu sabia o que aquilo significava. Não há nada para falar significava: ‘eu não posso falar sobre isso porque ainda dói’. E: ‘eu não quero falar sobre isso, porque não consigo lidar com isso ainda’. Balançando minha perna, saí do seu colo para o sofá. Eu me sentia fina como papel. Sou experiente na arte dos homens, e sei, por experiência própria, que nada pode competir com uma lembrança. É incomum para mim não ser a lembrança, então eu não tinha certeza de como agir.

— Eu não sou o suficiente para você?, — perguntei.

— Você é mais do que suficiente, — ele disse seriamente. — Eu estava completamente vazio até você aparecer.

Normalmente, algo assim vindo de qualquer homem iria soar brega... clichê. Eu já tinha namorado poetas e músicos, todos os quais eram verbalmente talentosos o suficiente para me dar arrepios, embora nenhum jamais tivesse. Mas eu senti o calor saturar o meu coração quando Caleb disse isso.

— Mas eu lhe disse desde o início que eu não estava pronto. Você não pode me consertar, Leah.

Registrei o que ele acabara de dizer, mas eu não acreditei nele. Claro que eu poderia consertá-lo. Ele tinha acabado de me dizer que eu tinha preenchido seu vazio. O que eu não queria pensar era em quem tinha criado o vazio... e no tamanho do buraco que ela havia deixado.

— Eu não estou tentando consertar você, — eu disse. — Mas estou começando a ter sentimentos sérios por você, e, basicamente, você está me rejeitando por um pote de Cherry Garcia.

Ele riu e me puxou para o seu colo.

— Eu não vou morar com ninguém antes de me casar, — ele disse.

Eu não tinha ouvido ninguém dizer isso desde que eu tinha quinze anos, e meus pais me obrigaram a ir para o acampamento bíblico. — Ótimo!, — eu

disse. — E eu não vou dormir com ninguém até eu me casar.

Caleb virou o melhor olhar *eu posso ter você sempre que eu quiser* para mim, e eu fiquei tão nervosa que eu não sabia se o beijava, ou ruborizava. Ele acaba com as minhas tentativas de sedução toda vez.

Poder, pensei com um único interesse meio mergulhado, porque ele estava me beijando. *Ele tem poder sobre mim.*

Nós não mencionamos o sorvete novamente, embora toda vez que eu estava perto da geladeira, eu me sentia abaixo da cadeia alimentar. O estúpido Cherry Garcia se transformou em uma parte do corpo para mim. Era como se ele mantivesse o dedo no congelador em vez de apenas uma merda de sorvete. Imaginei o dedo usando esmalte preto e deslizando ao redor da casa, quando não estávamos em casa. Foi depois do meu anel, eu sabia. Ex-namoradas tem uma forma de manter os dedos nas coisas, muito tempo depois que elas tenham ido embora.

Isso me preocupou no início, mas Caleb era tão presente em nossa relação ‘não séria’, que eu me esqueci disso. Eu tinha mais assuntos importantes disputando a minha atenção, como o meu trabalho no banco, o drama cotidiano entre meus colegas de trabalho, e minhas próximas férias com Caleb para esquiar no Colorado. Tudo precisava da minha atenção, e eu estava mais do que disposta a me divertir e passar bons momentos por aí. Passamos mais três meses sem falar sobre o dedo. O que fizemos foi falar sobre nós – o que queríamos, onde queríamos ir, quem queríamos ser. Quando ele falou em ter filhos, em vez de rodar pela sala, sentei-me e ouvi com um meio-sorriso em meu rosto.

Estávamos há três dias na viagem de esqui, quando um colega de faculdade de Caleb ligou para lhe dizer que sua esposa estava em trabalho de parto. Assim que ele desligou o telefone, olhou para mim. — Se sairmos agora, podemos estar lá amanhã de manhã.

— Você está louco? Temos o quarto para mais dois dias! — Eu sou o padrinho. Eu quero ver o bebê.

— Sim, você é o padrinho – não o pai. O bebê ainda estará lá em dois dias.

Ele não mencionou isso de novo, mas eu poderia dizer que ele ficou desapontado. Quando finalmente foi ao hospital, ele estava sorrindo de orelha

a orelha, com os braços carregados de presentes ridículos.

Ele segurou aquele maldito bebê por, no mínimo, 30 minutos antes que ele tivesse que devolver para sua mãe para ser alimentado. Quando ele tentou passá-lo para mim, fingi ter um resfriado. — Eu adoraria, — eu disse. — Mas, eu realmente não deveria.

A verdade era que os bebês me deixavam nervosa. As pessoas estavam sempre os empurrando para você, tentando fazer você segurá-los e murmurar para eles. Eu não queria segurar a prole de outra pessoa. Quem sabe o que você poderia estar segurando? A criança poderia ser o próximo John Wayne Gacy e você nunca saberia.

Caleb estava louco por esse bebê. Isso o levou a uma conversa sobre bebês além do limite, que me afetou depois de um tempo. Comecei a imaginar pequenos Calebs com cabelos cheios de areia correndo por aí. Eu voltaria um pouco para nosso casamento perfeito e retrocederia um pouco mais até a proposta romântica que ele faria na praia. Eu estava planejando a nossa vida e aquele maldito dedo ainda estava no congelador. Se eu pudesse ter um pequeno vislumbre dela, talvez eu entendesse.

Acontece que eu não tive que esperar muito tempo.



Capitulo Sete

Presente

Eu acordo com o som de um alarme. Está quebrado, obviamente, porque não é um sinal sonoro constante, mas lamentando como uma sirene. Tudo parece espesso, como se meu cérebro estivesse mergulhado em mel. Eu alcanço o alarme – para desligá-lo, então meus olhos se abrem. Isso não é um alarme. Eu pulo para cima e olho em volta do meu quarto mal iluminado, os cobertores escorregando para minha cintura. De acordo com o meu celular são três horas da manhã. O lado de Caleb da cama não foi tocado. Eu me pergunto se ele está no quarto de hóspedes, e então eu ouço novamente – o som de um bebê chorando. Tropeço em direção ao quarto da bebê. Onde está Caleb? Ele deve estar com ela. Entro no quarto para vê-lo andando com ela em seus braços. Seu telefone celular está pressionado entre o ombro e a orelha, e ele está falando rapidamente. A bebê não está apenas chorando, está gritando como se ela sentisse algum tipo de dor.

— O que...?, — eu paro, quando ele levanta um dedo para me calar. Ele termina a conversa e joga o telefone de lado. — Pegue suas coisas, nós a levaremos para um hospital.

Eu aceno, como se minha boca estivesse cheia de algodão, e corro para vestir algumas roupas. Moletom, a camiseta dele do Pink Floyd... Eu corro pelas escadas e o encontro na porta. Ele está afivelando a bebê na cadeirinha. Ela não parou de chorar desde que eu a deixei no berço.

— O que está acontecendo? — eu digo. — Ela está doente?

Ele balança a cabeça tristemente e caminha para fora da porta com ela. Eu o sigo e sento no banco do passageiro.

Eu me lembro das coisas que li sobre o sistema imunológico do bebê. Como você não deve deixá-los perto de outras crianças, lugares estranhos. Mantê-los em casa até que eles tivessem tempo para desenvolver anticorpos contra os muitos vírus flutuantes.

Merda. Ele vai me odiar ainda mais.

— Ela está com febre de 40°. — Ele senta no banco do motorista, e liga o motor.

— Ah.

Ele olha para mim com o canto do olho, enquanto sai da garagem. O que foi isso? Frustração? Decepção?

Eu me contorço por todo o caminho de dez minutos, lançando olhares para o banco de trás, onde ela está amarrada. Deveria ter ficado lá atrás com ela? Qual é a porra do protocolo para ser mãe? Quando paramos, ele sai do carro antes que eu possa sequer abrir minha porta. A cadeirinha é desamarrada, e Caleb está no meio do caminho para as portas de emergência antes que eu possa arrumar meu cabelo. Eu o sigo para dentro. Ele está no posto de enfermagem, quando as portas automáticas se abrem para mim.

Ela desliza uma prancheta de papéis e diz a ele para preenchê-los. Estendo a mão, antes que ele possa e o agarro no balcão. Ele não está em condições de preencher a papelada. Levo tudo para uma cadeira e começo a preencher.

Eu posso ver a preocupação em seu rosto, enquanto ele conversa com uma enfermeira. Eu paro para vê-lo. É uma raridade vê-lo desta forma – vulnerável, preocupando-se – os cantos de sua boca cheia virados para baixo, enquanto ele acena com a cabeça em algo que ela diz e olha para a cadeirinha da bebê. Ele olha para mim e desaparece atrás das portas da sala de emergência com a enfermeira, não se preocupando em me perguntar se eu queria ir. Eu não tenho certeza o que fazer, por isso peço à enfermeira na mesa se eu posso ir com eles, depois de entregar a papelada. Ela olha para mim como se eu fosse uma idiota.

— Você não é a mãe?

A mãe. Nem a mãe dela, ou a mãe do bebê – apenas a mãe.

Eu olho para os seus cabelos crespos e suas sobrancelhas, que precisam ser arrancadas.

— Sim, eu sou o útero que carregou a criança, — eu solto. Entro pelas portas da sala de emergência sem esperar por uma resposta.

Eu tenho que espreitar em várias partições com cortinas antes de encontrá-los. Caleb não percebe minha presença. Ele está assistindo a uma enfermeira colocar Estella no soro, enquanto ela explica os riscos de desidratação.

— Onde é que eles vão colocar a agulha?, — eu pergunto, porque claramente suas mãos são muito pequenas.

Ela me dá um olhar de simpatia antes de nos dizer que a agulha intravenosa será inserida em uma veia na cabeça de Estella. O rosto de Caleb perde a cor. Ele não será capaz de assistir a isso, eu o conheço. Eu endireito as costas de maneira imponente. Pelo menos eu posso ser de alguma utilidade. Eu posso ficar com ela, enquanto eles fazem este procedimento, e Caleb espera lá fora. Eu não sou nem escrupulosa nem propensa às lágrimas, mas quando eu sugiro isso, ele olha para mim e diz friamente:

— Só porque isso me deixa desconfortável não significa que eu a deixarei sozinha.

Fiquei com meus lábios entreabertos. Não posso acreditar que ele disse isso. Eu não a deixei sozinha por si só. Ela estava sob os cuidados de profissionais.

Eu sento de mau humor em minha cadeira dura e miserável, enquanto Estella chora na sala de emergência. Ela parece lamentável e minúscula sob o sinal sonoro das máquinas e fios, que estão serpenteando saindo de sua pequena cabeça.

Caleb parece estar à beira das lágrimas, mas ele a tem nos braços, com cuidado para não desarrumar os fios. Mais uma vez, fico impressionada com quão natural ele está. Eu pensava que este seria o meu papel – que na hora que eu colocasse os olhos em minha filha, eu saberia o que fazer, e sentiria uma conexão instantânea. Eu mordo meu lábio, e me pergunto se eu deveria me oferecer para segurá-la.

É uma espécie de minha culpa que ela está aqui. Antes que eu possa me

levantar, o médico puxa a cortina que nos separa do quarto de emergência ocupado mais além. Ele é de meia-idade e careca. Antes de nos cumprimentar, ele consulta uma prancheta na mão.

— O que temos aqui?, — ele pergunta, tocando Estella levemente na cabeça. Caleb explica seus sintomas, o médico escuta, enquanto a examina. Ele menciona que ela foi levada para a creche, e eu lhe lanço um olhar sujo.

— Seu sistema imunológico precisa de tempo para se desenvolver, — ele diz, tirando o estetoscópio do peito dela. — Em minha opinião, ela é muito jovem para creche. Normalmente, as mulheres tiram licença maternidade antes de colocar seu filho em tempo integral em uma creche.

Caleb *me* lança um olhar. Fervendo. Ele está absolutamente fervendo.

Concentro-me em uma caixa de luvas de látex. Ele vai gritar comigo. Eu odeio quando ele grita comigo. Eu posso garantir que a minha pele já entrou em erupção, cheia de manchas, um sinal de que eu estou me cagando.

— Eu a internarei, para que possamos monitorá-la por 48 horas. Caso contrário, ela pode desidratar. Alguém deveria ficar para levá-la para a pediatria, em poucos minutos.

Assim que ele sai da sala, Caleb se vira em minha direção. — Vá para casa.

Encaro-o com a minha boca aberta.

— Não use esse tom hipócrita comigo, — eu assobio. — Enquanto você fica passeando pelo país, eu fico presa em casa...

— Você carregou essa menininha, Leah, em seu corpo. — Ele faz um movimento com as mãos que faz com que pareça que ele está segurando uma bola invisível. Então, de repente, ele deixa cair seus braços para os lados. — Como você pode ser tão desajeitada?

— Eu – eu não sei. — Eu franzo a testa. Eu nunca tinha pensado nisso dessa maneira. — Eu pensei que fosse um menino. Eu me sentiria diferente se...

— Foi-lhe dada uma coisa... a vida. É muito mais importante do que fazer compras e beber com as fudidas das suas amigas.

Eu estremeço com a palavra com ‘f’ que ele solta. Caleb quase nunca fala palavrões.

— Eu sou mais do que isso, — eu digo. — Você sabe que sou.

Suas próximas palavras se lançaram através de minha alma, me deixando na mais profunda dor que eu já havia experimentado.

— Eu acho que eu me iludi acreditando que você é.

Eu salto sobre os meus pés, mas meus joelhos me traem. Eu tenho que me inclinar contra a parede para me apoiar. Ele nunca falou comigo desse jeito.

Demora alguns segundos para as palavras saírem da minha língua. — Você disse que nunca me machucaria.

Seus olhos são frígidos. — Isso foi antes de você foder com a minha filha.

Eu saio antes de explodir.

Quarenta e oito horas depois, Caleb retorna do hospital com a bebê. Eu o vi duas vezes, enquanto ele estava lá – as duas vezes para coletar leite materno. Estou sentada na mesa da cozinha, lendo uma revista e comendo feijão verde direto do freezer, quando ele entra carregando a cadeirinha. Ele tem mais barba em seu rosto do que eu já o vi, e seus olhos estão escuros e cansados. Ele a leva até seu quarto sem dizer uma palavra para mim. Eu o espero voltar para baixo e me dar um resumo do que o médico disse. Quando percebo que ele não vem, eu subo para ver onde ele está. Eu ouço o chuveiro ligado, então decido esperar na cama.

Quando ele sai do banheiro, ele está com uma toalha enrolada na cintura. Meu primeiro pensamento é de quão lindo ele é. Quero agarrá-lo, apesar do que ele me disse. Ele manteve sua barba. Eu meio que gosto disso. Eu o vejo deixar cair a toalha e colocar sua cueca boxer. A melhor coisa sobre Caleb não é o seu corpo perfeito, ou seus meios sorrisos, nem a sua voz ainda mais sexy... são as suas manias. A provocação, a forma como ele passa o seu dedo através de seu lábio inferior, quando ele está pensando; a maneira que ele morde a língua, quando ele está excitado; como ele me faz olhar para ele, quando eu tenho um orgasmo. Ele pode despir você com um olhar, fazer você se sentir como se estivesse em pé nua na frente dele. Sei por experiência. É um prazer ficar nua na frente de Caleb. Eu penso nos ângulos que eu enfrentaria – um pedido de desculpas e fazer o sexo... um tapa no rosto e sexo com raiva. Estou extremamente propensa a seduzi-lo. É provável que ele não vá acreditar em qualquer pedido de desculpas que eu tente oferecer. Tentarei algo novo.

— Eu vou tentar mais forte.

Ele continua se vestindo sem olhar para mim... jeans, camiseta. Não sei o que fazer, e, pela primeira vez, me ocorre que eu possa ter levado as coisas um pouco longe demais. Eu guardo o meu verdadeiro eu tão bem do Caleb. Tento viver de acordo com suas expectativas. Desta vez, ele me pegou de calça curta.

— Eu acho que estou com depressão pós-parto, — eu digo.

Ele olha para mim. Respiro um suspiro de alívio. A melhor maneira de manipular Caleb é mentir sobre as condições médicas. Ele teve estresse e amnésia. Se alguém pudesse falar a respeito de uma condição médica incontrollável, seria ele.

— Eu vou... Eu vou procurar um médico para ver isso. Tenho certeza de que eles podem prescrever alguma coisa... — Eu deixei minha voz sumir.

Eu posso ver o perfil dele no espelho. Seu pomo de Adão se mexe, enquanto ele engole, e repousa a testa em seu polegar.

— Eu tenho que entrevistar a babá, — ele diz. — Falaremos sobre isso mais tarde.

Ele sai da sala em um piscar de olhos.

Recuso-me a me esconder, enquanto Caleb entrevista a potencial babá de Estella. Visto um terno Chanel cor de blush, e paro na sala de estar para esperar. Para quem quer que seja que Caleb tenha ligado na outra noite está vindo com a candidata à babá, e eu quero ver com quem ele falava com tanta familiaridade. Pergunto-me se essa pessoa fez parte de sua vida quando ele teve amnésia. Há tanta coisa que eu ainda não sei sobre essa época de sua vida, que fico constantemente me perguntando o que ele passou sem que eu estivesse por perto.

A campainha toca. Fico de pé, e aliso a minha saia. Caleb me lança um olhar suspeito, enquanto ele caminha pela sala de estar. Ouço-o cumprimentá-los cordialmente, e, em seguida, segundos mais tarde, ele aparece ao virar a esquina. Eu vejo o homem em primeiro lugar. Ele é mais baixo do que Caleb e atarracado. Ele tem uma notável semelhança com Dermot Mulroney – isto é, se Dermot tivesse um cavanhaque, cabelo desgrenhado, e se vestisse como um pateta. Olho sua calça jeans e o botão escondido em baixo. Ele tem uma dessas tatuagens de mau gosto no braço – que está espreitando para fora de

seus punhos. Eu imediatamente não gosto dele. Ele é o mais improvável proprietário de uma agência de babá. Ele deveria pelo menos passar suas roupas.

A garota que segue atrás dele tem o meu aval de aprovação. Ela é uma loira pequenina com um rosto oval bonito. Ela parece inocente o suficiente, a não ser que ela tenha escondido fortemente seus olhos sedutores. Ao contrário de seu desleixado patrão, ela veste uma calça de terno da Dolce, da coleção mais recente, em verde prudente com um par de Louboutins de pele de cobra que eu tenho no meu armário. Como é possível uma babá se dar ao luxo de comprar roupas tão caras? Então, percebo que ela provavelmente tem um belo terno que ela guarda para as entrevistas para impressionar os potenciais futuros patrões. Eu não a deixarei usar maquiagem assim quando ela estiver com Estella. Não quero meus vizinhos pensem que arranjei uma babá de uma lista de serviço de acompanhantes. E, além disso, em minha casa, eu tenho que ser a mulher mais bela. Faço uma nota mental para lhe dizer que o uniforme deve ser calças caqui e camisa pólo branco, e sorrio para eles educadamente.

— Leah. — Caleb diz com uma voz cortada. — Esta é Cammie Chase. — A babá sorri – um daqueles sorrisos presunçosos e enrugados, onde um dos cantos de sua boca mergulha para dentro. Imediatamente, não gosto dela também.

— E este é Sam Foster.

Sam estende a mão para mim.

— Como vai você?, — ele diz, lentamente, mantendo os olhos em mim de forma desconfortável. Percebo que suas mãos são ásperas e calejadas, algo que não estou acostumada a sentir. Os homens que frequentam meu círculo social têm a pele lisa, de empresários, pois seu único trabalho é digitar rapidamente os teclados. Sua mão permanece na minha, e eu tenho que puxar primeiro.

Ofereço-lhes algo para beber. Sam recusa, mas Cammie sorri corajosamente para mim e solicita uma Perrier. Eu olho de seu empregador para ela e me pergunto se ele a censurará por um pedido tão grosseiro, mas ele está falando com Caleb e não percebe. Decido ser educada. De qualquer maneira, eu não vou a empregarei. Então, por que não mandá-la embora com alguns goles de Perrier?

Peço licença, vou para a cozinha, e volto com uma bandeja carregando a

garrafa verde de água espumante, um copo e duas cervejas geladas – uma para Caleb e outra para Sam –, embora ele tivesse recusado uma bebida. Eles olham para mim, enquanto coloco a bandeja sobre a mesa.

Assim que eu me sento, Cammie olha para mim com expectativa e pergunta: — Por um acaso, você tem uma fatia de limão?

Utilizo todo o meu controle para evitar que minha boca caia aberta. Certamente, agora Sam dirá alguma coisa. Porém, ele sorri para mim educadamente, e ignora o pedido bizarro da pequena bruxa.

— Nós temos algumas na gaveta da geladeira, — Caleb diz. Eu o encaro por incentivar este tipo de comportamento, e me levanto para buscá-la.

Quando volto com a fatia de limão cuidadosamente cortada, Cammie a pega sem nem mesmo dizer obrigado.

Sento-me num acesso de raiva, nem mesmo me preocupando em sorrir.

— Então., — eu disse, virando meu corpo para longe de Cammie, e dirigindo a minha atenção para Sam, — Como você conhece o meu marido?

Sam parece confuso. Suas sobrancelhas se juntam e seu olhar muda de Caleb para mim.

— Eu não o conheço, — ele diz. — Esta é a primeira vez que nos encontramos.

Eu pisco confusa.

Caleb está reclinado casualmente no sofá como se ele estivesse recebendo a visita de velhos amigos, e sorri para mim conscientemente. Eu conheço esse sorriso. Ele está se divertindo às minhas custas.

Olho para todos os rostos, e, lentamente, tudo se encaixa. A audácia de Cammie, as roupas caras...

Tento não deixar transparecer meu choque, quando tudo, de repente, faz sentido. Nós não estamos entrevistando Cammie para o cargo de babá de Estella – estamos entrevistando Sam!

Eu posso ver em seus rostos que eles perceberam a minha gafe. É constrangedor. A pequena puta loira, que agora eu vejo sob uma nova ótica, sei que ela possui sua própria empresa, sorri, mostrando os dentes pela primeira vez. Ela está, evidentemente, encantada com o meu engano.

Sam parece um pouco mais envergonhado. Ele olha para longe de mim educadamente, e eu limpo minha garganta.

— Bem, suponho que entendi tudo errado, — eu digo, generosamente, embora eu esteja interiormente furiosa.

Todos riem ao mesmo tempo – sendo de Cammie a risada mais alta – e, em seguida, Caleb volta-se para Sam. — Conte-me sobre sua experiência, — ele diz.

Sam começa seu desafio, listando sua experiência em cuidar de crianças. Ele fez mestrado em psicologia infantil na Universidade de Seattle, clinicou por dois anos antes de decidir que não gostava da política de ser conselheiro – o quão frio e impessoal isso parecia. Ele decidiu se mudar para algum lugar ensolarado – South Florida – e obter uma nova graduação em Música, que ele pretendia usar quando abriu um centro de reabilitação para crianças vítimas de abusos.

— A música cura as pessoas, — ele diz. — Eu vi o que pode fazer para uma criança abusada. Eu quero muito incorporá-la no centro, mas primeiro preciso fazer a licenciatura.

— Então., — eu digo mais cética do que pretendo. — Você passou sete anos estudando, fez mestrado, e agora você quer ser babá?

Caleb limpa a garganta e tira os braços do encosto do sofá, onde eles descansavam.

— O que Leah quer dizer é: por que não praticar em meio período enquanto você não termina a graduação? Por que ser babá, uma vez que os benefícios financeiros não são tão grandes?

Empino meu nariz e espero sua resposta.

Sam ri nervosamente e esfrega os pelos do seu rosto.

— Na verdade, ser conselheiro não exatamente enche seus bolsos, se você entende o que quero dizer. Quero fazer isso por outras razões além do dinheiro. E eu não sou barato como um cuidador de criança, — ele diz com sinceridade. — Repare que estou sentado em sua sala de estar, que é um avanço significativo da classe média americana.

Eu me detenho à sua menção ao nosso dinheiro. Eu aprendi que era falta

de educação apontar tais coisas verbalmente.

— Eu tenho uma filha, — acrescenta. — A mãe dela e eu nos separamos há dois anos, mas pode-se dizer que eu sou bem versado em cuidar de bebês.

— Onde está a sua filha?, — eu pergunto.

Caleb me lança um olhar de advertência, mas eu o ignoro. Não quero uma garota selvagem correndo ao redor da minha casa nos dias em que ele tenha que ficar com ela. E, além disso, ela pode deixar o bebê doente. Algo que eu não posso apontar devido à minha última escapada.

— Ela está em Porto Rico com a mãe, — ele diz.

Imagino uma mulher latina bem exótica que partilhou a sua casa, mas não seu sobrenome. Sua filha provavelmente tem o cabelo da mãe e os olhos claros do pai.

— A mãe dela se mudou para lá depois que nos separamos. Isso é parte da razão pela qual escolhi vir para a Flórida — assim, nos fins de semana, posso pegar um avião para vê-la. — Eu me pergunto que tipo de mulher leva seu filho para muitas centenas de quilômetros de distância de seu pai, especialmente quando ela pode usá-lo como uma babá nos fins de semana.

— Sam, — finalmente, Cammie fala, — é meu primo. Prometi arrumar-lhe o meu melhor emprego, e, quando Caleb ligou, eu sabia que ele caberia perfeitamente.

— E como você conhece Caleb?, — eu digo, finalmente tendo a oportunidade de abordar a questão que sai da minha mente.

Pela primeira vez, Cammie parece insegura em como responder. Ela olha para Caleb, que sorri para mim indulgente.

— Nós fizemos faculdade juntos, — ele diz de forma simples. — E, francamente, Sam, se Cammie recomenda você — com família ou não — acredito que você seja o melhor. — Ele pisca para Cammie, que levanta as sobrancelhas e sorri.

Um alarme dispara em minha cabeça. Caleb foi um jogador popular de basquete na faculdade. Ele dormia com as líderes de torcida, e, em seguida, conheceu essa cadela destruidora de lares, Olivia. Estreito meus olhos para Cammie. Será que ela conheceu Olivia? Elas disputaram meu marido? Minhas

perguntas ficam sem respostas, quando o dinheiro torna-se o tema da conversa.

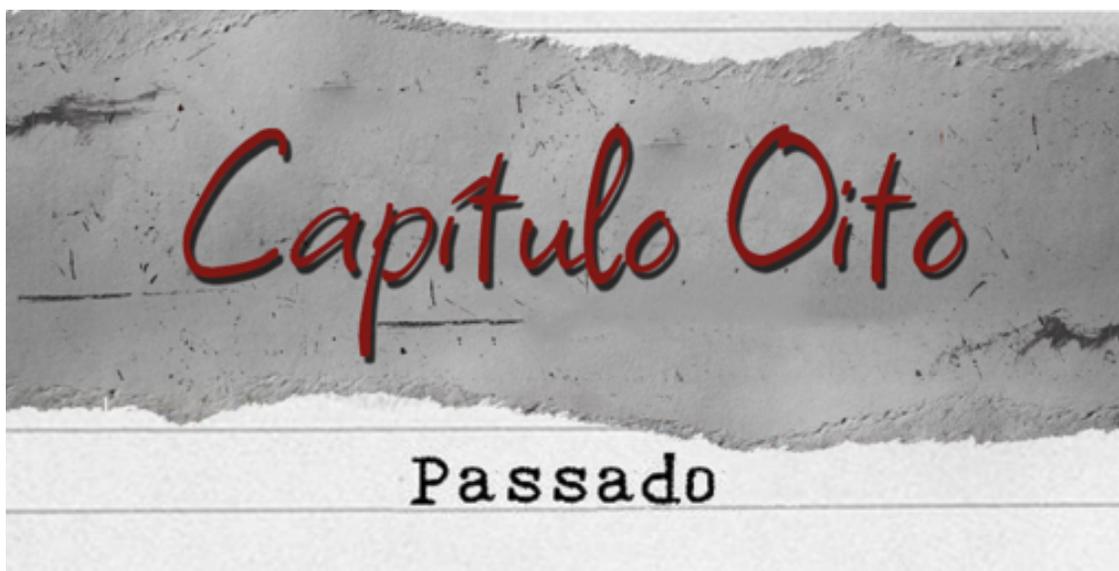
Eu meio que ouço quando Caleb oferece um generoso salário a Sam, que aceita, e antes que eu possa protestar que eu preferiria uma tradicional mulher como babá – de preferência uma com uma bunda tão grande quanto com uma grande verruga facial – Caleb está se levantando e apertando a mão de Sam.

Está decidido. Sam vai cuidar de Estella cinco dias por semana, com noites de folga para assistir às aulas da faculdade. Ele vai começar amanhã, quando Caleb sairá em outra viagem a negócios em dois dias, e ele quer ter certeza de que Sam esteja organizado antes que ele tenha ido.

O que é o código para: ‘minha esposa não sabe o que ela está fazendo, e eu tenho que ensinar a você como coagi-la a usar a bomba de tirar leite do peito’.

Suspiro, derrotada, e fico sentada, enquanto Caleb os leva até a porta.

Bem, eu tenho o meu jeito – mais ou menos.



Eu não era uma garota que gostava de se envolver. Até que Caleb me rejeitou - então, eu virei uma. Nós tivemos uma conversa, aquela em que eu lhe perguntei que rumo estávamos tomando, e ele olhou para mim como se eu fosse um extraterrestre.

— Você sabia, — ele disse. — Você sabia que, quando você se envolveu comigo, eu não estava procurando compromisso.

Argumentei que eu não estava procurando nada também. Que as coisas mudam quando as pessoas se conectam.

Mas Caleb se manteve firme. Ele não estava pronto, não me queria. Ele ainda a queria. Ele não disse exatamente isso, mas eu sabia até a minha medula. Sabia pelo jeito que ele desviou o olhar, quando eu a mencionei. Ele nem sequer me disse o nome dela, quem tinha lhe arruinado, que arruinou tudo para mim.

Senti-me como um pequeno pedaço de pele de batata regurgitado. Ele só queria me foder. Estava enrolada no meu próprio sofá, depois de ir embora de sua casa em um acesso de raiva. Eu queria fazer algo destrutivo. Liguei para cada um dos meus amigos disposta a encontrá-los para beber.

Entrei no bar e já tinha três números dentro de uma hora. Normalmente, eu não dava a mínima para os idiotas que se aproximavam, mas não havia um médico com sotaque que eu não achasse atraente. Coloquei o número dele em

minha bolsa, e peguei outra bebida.

No momento em que deixei o bar, estava suficientemente embriagada. Nada de novo para mim. Entrei no meu carro após dar ‘boa noite’ às minhas amigas, e não tinha percorrido cinco blocos quando colidi com um SUV estacionado. Saí em disparada antes que alguém pudesse me ver, pois estava severamente abalada.

Liguei para minha mãe.

A voz dela estava impaciente, quando respondeu. — Mãe, sofri um acidente. Você pode vir me buscar? — Estou na cama.

— Eu sei. Sinto muito. Estou bêbada. Preciso de você, mãe.

Ela suspirou profundamente. Ouvi a voz do meu pai em segundo plano e ela piscar os olhos— É Leah. Ela está com algum problema. Ela quer que eu vá buscá-la.

Eles trocaram palavras que eu não consegui ouvir, e então ela retornou para a linha. — Será que alguém a viu?

Eu disse que não. — Bom, — ela disse.

Eles falaram um pouco mais. Meu pai parecia irritado.

Esperei pacientemente, massageando minha cabeça. Tinha batido o volante no momento do impacto, e sentia o início de uma dor de cabeça.

Sua voz voltou na linha. — Seu pai mandará Cliff até aí. Ele a levará para casa.

Cliff era o motorista do meu pai. Ele morava em um pequeno apartamento em sua propriedade de doze hectares. Agradei-lhe, tentando esconder o desapontamento na minha voz, e dei-lhe indicações de onde estava.

O que eu esperava? Minha mãe pulando em seu Mercedes vermelho e dirigindo em meu socorro? Um abraço? Enxuguei as lágrimas em meu rosto, e encolhi os ombros com meus sentimentos feridos.

— Não seja como a merda de um bebê pequeno, — disse a mim mesma.

Cliff chegou dez minutos depois. Estacionou sua caminhonete em um terreno baldio e pulou no banco do motorista do meu carro. Olhei para ele com gratidão.

— Obrigada, Cliff.

Ele balançou a cabeça e levou o carro para o tráfego. A coisa boa sobre Cliff era que ele não era muito de conversar. Quando passamos pelos portões da mansão, todas as luzes estavam apagadas. Tropecei pela porta da frente — que foi deixada aberta para mim — e tateei o caminho até o quarto de hóspedes. Nenhuma mãe esperando, nenhum pai esperando.

Limpei-me no banheiro, coloquei um band-aid sobre o corte na testa, e engoli três Advil para a minha dor de cabeça. Engatinhando até cama, adormeci, pensando em Caleb.

Acordei com o som do meu nome. Era a voz da minha mãe, impaciente. Sentei-me rapidamente, e me encolhi com a dor que ziguezagueava em meu couro cabeludo. Ela estava de pé ao lado da minha cama, completamente vestida, o cabelo penteado em cima de sua cabeça em um coque perfeito. Seus lábios estavam vermelho rubi e bem apertados. Ela estava com raiva de mim. Deitei de novo, e puxei o lençol até o queixo.

— Oi, mamãe. — Levante-se. — Tudo bem...

— Seu pai está muito bravo, Johanna. Esta é a terceira vez este ano que você teve um incidente com seu carro.

Eu me mexi desconfortavelmente. Ela estava certa.

— Ele está tomando café da manhã. Quer que você desça para que possa falar com você.

Balancei a cabeça. Claro que ele mandaria minha mãe. Ele sempre a enviava. Meu pai nunca falava comigo, a menos que enviasse minha mãe para me convocar para uma reunião. Mesmo quando eu era uma garotinha, lembro-me de ser chamada assim quando eu fazia algo impertinente.

Apressadamente eu me vesti com minhas roupas da noite anterior, e a segui pelas escadas até a sala de jantar. Ele estava sentado em seu lugar de sempre, na cabeceira da mesa, com o jornal espalhado na frente dele. Perto de seu cotovelo estava uma xícara de café e uma omelete de queijo de cabra e espinafre. Ele não olhou para cima quando entrei.

— Sente-se, — ele disse. Sentei-me em uma cadeira, e a governanta me trouxe um café e uma pequena pílula branca.

— Johanna, — ele disse, fechando o jornal, e olhando para mim com seus olhos duros e cinzentos. — Decidi que é de seu melhor interesse vir trabalhar para mim.

Eu me espantei. Eu já tinha um trabalho. Trabalhava como caixa em um banco local. Meu pai não emprega a família, ele costumava falar que gerava conflito de interesses. No ano passado, meu primo pediu para ser contratado como contador e meu pai recusou.

— Po – por quê?

Ele franziu a testa. 'Por que' não era uma palavra que meu pai gostava de ouvir.

— Eu quero dizer – você não concorda em misturar família e trabalho, — eu disse. Minhas mãos suavam. Deus, por que bebi tanto na noite passada?

Meu pai era bonito. Tinha pele morena e olhos castanhos claros. Passava dez horas por semana na academia durante anos, e tinha um físico que mostrava isso. Com meu cabelo vermelho flamejante e pele pálida, eu não parecia nada com ele.

Seus olhos se fixaram nos meus, e, naquele momento, entendi o que ele estava dizendo.

Uma dor surda percorreu meu peito como se estivesse procurando algo. Instalou-se em meu coração, rasgou-o e tomou seu lugar. Peguei minhas emoções no chão e olhei meu pai nos olhos. Se ele queria que eu deixasse meu emprego e trabalhasse para ele, eu faria isso.

— Sim, papai.

— Você vai começar segunda-feira. Pode pegar o Lincoln, enquanto seu carro estiver na oficina. Deixe suas chaves com Cliff.

Ele reabriu seu jornal, e eu sabia que tinha sido dispensada.

Levantei-me, querendo dizer outra coisa, querendo que ele quisesse dizer outra coisa.

— Tchau, papai.

Ele nem sequer percebeu que eu tinha falado.

Minha mãe estava me esperando no corredor. Ela me entregou as chaves do Lincoln. Esta operação foi muito bem combinada.

Dirigi direto para o banco, e lhes informei que não voltaria a trabalhar. Então, fui para a minha casa com a intenção de beber uma garrafa de vinho e dormir. Quando cheguei em casa, Caleb estava sentado em minha porta. Parei. Ele estava com a roupa do trabalho: calça cinza, com botão branco aberto, mangas arregaçadas até os cotovelos. Estava sentado com as pernas abertas, com os cotovelos apoiados nos joelhos e olhando para o chão, aparentemente perdido em pensamentos. Quando ouviu meus saltos no concreto, ele olhou... e sorriu, com seu sorriso torto. Durante todo o meu trajeto, seus olhos me acompanharam como se estivesse me imaginando nua. Deus, eu estava tão perdida por este homem. Passei direto por ele e abri a porta. Quando a abri, ele se levantou e me seguiu para dentro.

Depois, pedimos comida tailandesa e nos sentamos na cama para comermos. Eu ainda estava um pouco ressentida sobre a minha conversa com meu pai – isso para não falar que dormi com Caleb mais uma vez, depois dele me dizer que não me queria.

— Por que você veio aqui? Você não pode vir dar uma rapidinha, e depois me dizer que não sou boa o suficiente para ser sua namorada.

Ele colocou seu prato na mesa ao lado, e se virou para mim.

— Não foi isso que eu disse.

— Você não precisa, idiota. As atitudes falam muito mais que as palavras.

Ele acenou com a cabeça. Os meus pauzinhos congelaram no caminho para minha boca. Eu esperava que ele pelo menos começasse a se desculpar... negasse isso.

— Você está certa. Desculpa.

Ele pegou meu recipiente e os meus pauzinhos e os colocou ao lado do seu. Limpei a boca com as costas da minha mão, enquanto ele estava distraído. Algo grande iria acontecer. Eu sentia isso.

Ele me puxou para o seu colo para que eu montasse nele. — Eu só vou falar sobre isso uma vez. Sem perguntas, certo? — Balancei a cabeça.

— Eu estava com ela há três anos. Eu a amava... a amo, — ele emendou. O ciúme me invadiu. Isso foi tudo o que fez – correu atrás de mim, pois eu era a sua única opção. Parecia que eu ia estourar com tanta pressão. Mordi o interior das minhas bochechas.

— Não se deixa de amar totalmente alguém quando você está tão envolvido. — Seus olhos estavam meio vidrados em um ponto. — De qualquer forma, éramos muito jovens... e estúpidos. Eu não poderia controlá-la do jeito que eu queria, ela era muito forte para mim. Tomei uma decisão muito ruim uma noite, e ela me pegou.

— Você a traiu? — Até aquele momento eu tinha mantido minha boca fechada, com muito medo de falar no caso, e quebrar o raro momento tagarela que ele estava tendo.

Os músculos de sua mandíbula se apertaram, assim como suas narinas.

— Sim – não. — Ele esfregou a testa. — Eu estava... — Ele abaixou a mão até o meu quadril. Ele parecia tão torturado que cheguei até a colocar a palma da mão contra sua bochecha. Eu sabia um pouco sobre o pai de Caleb. Ele era um famoso mulherengo. Atualmente, era casado com uma mulher mais jovem que eu. Era seu quarto casamento. Pelo que eu sabia de Caleb, ele desaprovava totalmente o comportamento do pai, então essa história toda estava vindo como uma surpresa para mim.

— Eu não sou um traidor, Leah. Mas, Deus, aquela mulher não confia em ninguém...

Respirei fundo e deixei o ar escorrer por entre meus lábios. Ele me observava cuidadosamente, tentando avaliar a minha resposta.

— Mas você fez alguma coisa com ela?

— Não tecnicamente – não.

Eu não entendia o que ele estava querendo dizer. Será que ele acha que traiu só porque queria enganar? Será que ele queria enganar?

— Leah, — ele jogou meu cabelo por cima do ombro, seus dedos roçando minha pele. Eu tremi. Estávamos tendo uma discussão séria, e tudo que eu conseguia pensar era...

Balancei minha cabeça em frustração. — Ou você fudeu com ela, ou não.

Ele suspirou. — Eu nunca a traí. Não no sentido tradicional da palavra.

— Deus, eu nem sei o que isso significa.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu. — Obviamente, nossos valores morais não apontam na mesma direção.

Corei. Uma coisa rara para eu fazer.

— Leah, — ele disse. — Eu gosto de você, mais do que deveria neste momento. Mas ainda estou uma bagunça. Não posso estar em um relacionamento, se ainda estou no meio do caminho. Eu ainda a amo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ele estava me dizendo que ele não podia sequer tentar me amar, porque amava outra pessoa.

— Foda-se. — Saí de cima dele, e sentei do meu lado da cama. A coberta foi empurrada para baixo de sua cintura. Olhei para ele com o canto do meu olho. Seu rosto não transparecia nenhuma emoção.

— Então o que você está querendo dizer? Permita-me lembrá-lo que foi você quem apareceu em minha porta, e não o contrário?

Ele riu, e se ajoelhou em minha frente, inclinando-se sobre mim. — Estou muito atraído por você. — Ele beijou meu nariz. — Eu me preocupo com você. Quando você me deixou na outra noite, você ficou magoada.

— Sim, fiquei. — E agora?

Sorri para ele. — Agora, estou me machucando de uma maneira diferente.

Ele riu. Ele tinha uma risada linda. Começava como um rumor no peito e, em seguida, rolava para fora em uma onda suave rouca. Toda vez que eu o fazia rir, eu me sentia triunfante.

De repente, fiquei séria. — Eu posso fazer você esquecer-la.

Seus lábios ainda estavam enrolados em um meio sorriso. Seus olhos ficaram nebulosos, quando ele olhou para minha boca.

— Pode?

Eu balancei a cabeça. — Posso.

— Certo. Red, — ele disse baixinho, enrolando um pedaço do meu cabelo em torno de seu dedo.

Eu ri – uma coisa incomum também para eu fazer. Vermelho. Gostei disso.

Ele me beijou suavemente e deslizou por cima de mim.

Fizemos amor. Foi a primeira vez na minha vida que alguém fez amor comigo. Sempre tinha sido apenas sexo.

Eu caí dura naquele dia.



Capitulo Nove

Presente

Estou usando o meu moletom e um top, fazendo um smoothie na cozinha, quando Sam chega para trabalhar no dia seguinte. Eu deveria estar olhando Estella – que está dormindo em seu carrinho de bebê – enquanto Caleb toma um banho, mas depois que deixei Sam na porta da frente, esqueci onde a tinha deixado.

— Como você está?, — Sam me cumprimenta calorosamente, carregando uma mochila por cima do ombro. Pergunto-me se ele está pensando em passar a noite. Estou assustada com o pensamento dele.

— Então, onde está o meu ônus?, — ele diz, esfregando as mãos e sorrindo. Por um minuto, acho que ele está fazendo referência a um cartão de crédito – porque é algo que digo sempre que vou ao shopping, e procuro na minha bolsa o meu American Express – então, percebo que ele está falando sobre a bebê. Esforço-me para não revirar meus malditos olhos.

A insaciável fome da bebê me traz de volta à realidade, quando ela começa a chorar de algum lugar por cima do meu ombro. É, então, que me lembro de buscá-la na sala de jantar. Olho para o seu carrinho com aborrecimento.

— Eu a busco, — Sam diz, tomando o controle e passando por mim. Dou de ombros com indiferença e vago em direção ao meu laptop. Ele caminha de volta para a sala, embalando-a em seus braços, assim que Caleb aparece na escadaria principal – o cabelo ainda úmido do banho.

Sinto uma onda de luxúria apenas olhando para ele. Caleb me ignora e vai até Sam bater nas costas como se fossem velhos amigos. Ele não tem falado comigo desde a nossa ida ao hospital tarde da noite, além de fazer uma pergunta sobre a bebê, ou dar alguma instrução. Eu me afasto de mau humor, enquanto eles discutem coisas que não me interessam. Estou planejando uma viagem para um SPA, e decido quantos tratamentos poderei fazer em oito horas, quando Caleb chama meu nome. Desesperada para ser o centro da sua atenção, abandono meu computador e olho para ele, esperançosa.

— Só voltarei para casa à noite, — ele diz. — Tenho um jantar de negócios.

Concordo com a cabeça. Lembro-me de quando eu costumava acompanhá-lo nesses jantares de negócios. Abri minha boca para dizer a ele que gostaria de ir, mas ele beijou a bebê, e saiu em direção à porta. Foi como se ninguém tivesse falado nada.

Viro minha atenção para a babá.

— Então, você é amigo da sua chefe, — digo sem muita convicção, mordendo uma maçã. Sam levanta uma sobrancelha para mim, mas não responde. Minha mente vai para o lugar onde me pergunto se Caleb nunca dormiu com Cammie.

— Você... hum... você sai com ela tanto assim?

Ele encolhe os ombros. — Cammie tem um monte de amigos. Martinis com as meninas realmente não é minha praia.

— Mas você não quer se encontrar com alguém?, — pergunto, tentando me desviar. Ele é muito bonito, se você gosta do tipo músico sujo. Alôoo, o estilo grunge morreu com Kurt Cobain.

— É lá que você iria, se você fosse solteira? — Ele olha diretamente para mim, quando pergunta. É uma pergunta simples, mas o olhar dele me faz sentir como se eu estivesse sendo interrogada.

— Eu não sou solteira, — respondo.

— Proof!, — ele segura a bebê, e desvio o olhar.

— Você já conheceu algum de seus amigos? — Esperando por uma referência de qualquer tipo sobre Olivia. Seria bom saber se ela participa disso de alguma forma.

Sam fica mudo. Não posso perguntar se ele sabe de alguma coisa ou não.

— É, um casal aqui e ali, — diz ele enxugando a boca de Estella com um pano, e a coloca para arrotar. — Tem certeza que você não quer fazer isso?, — ele acena com a cabeça em direção à bebê. — Eu não quero roubar o seu tempo com ela.

Quando ele a olha, reviro os olhos. — Não, estou bem, — digo agradavelmente.

— Você não é ligada a ela, não é?, — ele diz sem olhar para mim.

Fico feliz que ele não pode ver meu rosto. Meu rosto está em estado de choque. Faço força para me manter impassível.

— Por que você diz isso?, — estreito meus olhos. — Você me conhece a esse ponto? Em cinco minutos?

— Não é nada para se envergonhar, — ele diz me ignorando. — A maioria das mulheres sofre algum tipo de depressão depois de dar à luz.

— Certo, Dr. Phil. Não estou deprimida!, — viro-me, e depois volto. — Como você se atreve a me julgar – você acha que está qualificado para me ‘diagnosticar’, psicólogozinho? Por que não dá uma boa olhada em suas próprias competências parentais? Você tem uma criança em Porto Rico, amigo... sem você.

Sam parece não se incomodar com as minhas palavras. Em vez de recuar como quero que faça, ele olha para mim, pensativo.

— Caleb é um cara muito legal.

Fico olhando para ele. O que é que isso importa? Era algum tipo de truque psicológico? Algum tipo de armadilha que vai confirmar para ele que sofro de depressão pós-parto? Lambo os lábios e tento ver sob seu ângulo.

— Sim? E?

Ele demora a me responder, colocando a garrafa sobre o balcão, e posicionando Estella em seu ombro para outra rodada de arrotos.

— Por que ele iria se casar com uma garota como você?

No primeiro momento, achei que ouvi errado. Certamente não... ele não poderia ter dito o que acho que ele disse. Ele é o ajudante – uma humilde babá. Mas, quando ele olha para mim com expectativa, à espera de uma

resposta, meu olho começa a se contorcer – uma reação embaraçosa me atravessa. Sinto-me pesada com a minha raiva, como se eu pudesse levantá-la dos meus ombros, onde ela se alojou, e jogá-la para ele.

Ele foi tão rude! Tão inapropriado!

Brevemente, considerei demiti-lo, porém eu vi leite saindo da boca de Estella, e atropelando as costas da camisa de Sam. Torci o nariz. Antes ele do que eu. Giro o meu calcanhar e começo a subir as escadas, como se a própria maternidade estivesse me perseguindo.

Quando fechei a porta do quarto, a primeira coisa que penso é sexo. Tenho vontade de rasgar a roupa de alguém fora – sendo esse alguém

Caleb, é claro. Quando eu tinha dezessete anos, meu terapeuta me disse que eu usava o sexo para me auto afirmar. Eu prontamente fiz sexo com ele.

A segunda coisa que vem em minha mente é a caixa de cigarros Virginia Slims, que mantenho guardada em minha gaveta de lingerie. Eu vou lá agora, e passo minha mão por todo a parte de trás do painel de madeira. Ela ainda está lá, meio cheia. Puxo um isqueiro de um arranjo de flores de seda, e vou para a varanda do meu quarto. Não fumo um cigarro desde o meu sexto mês de gravidez, quando acendi um depois de uma noite particularmente estressante na minha casa dos meus sogros. Acendi enquanto repassava os comentários rudes de Sam em minha mente. Eu teria que falar com Caleb. Obviamente, Sam não poderia continuar a trabalhar para nós depois de dizer essas coisas terríveis, degradantes para mim.

Eu me pergunto o que ele quis dizer com ‘uma garota como você?’.

As pessoas tinham usado essa expressão muitas vezes em minha vida, mas era geralmente para fazer um elogio, ou para confabular as perspectivas do meu futuro brilhante. Uma garota como você pode ir longe no mundo da moda; ou pode ser qualquer coisa que quiser; ou ainda ter qualquer cara que quiser.

Sam tinha dito isso de forma diferente. Não havia nenhum elogio, apenas... por que ele iria se casar com uma garota como você?

Trago meu cigarro, saboreando o conforto que ele me traz. Por que eu nunca faço isso? Ah, sim – porque eu queria ter um maldito filho. Apago o que sobrou dele no parapeito da varanda, e o lanço habilmente em alguns arbustos

no chão. Caleb não suporta o cheiro de fumaça de cigarro. Na verdade, foi sua primeira e única reclamação sobre mim quando começamos a namorar. Ele implorou, suplicou e entrou em greve de sexo para me fazer parar de fumar, mas no final tive que engravidar para largar o vício. Eu teria que tomar banho, se não quisesse ser pega. Já estou com problemas suficientes. Tirei minha calcinha e sutiã, e sigo em direção ao banheiro, quando vejo Sam aparecer no jardim com Estella. Ele a está empurrando em seu carrinho – uma compra de três mil dólares, a qual eu ainda sequer toquei. Assisto-o com os olhos apertados, seguindo-o, enquanto ele passeia ao longo do jardim, perguntando se ele me viu fumando. Decido que não importa. Até o final do dia, ele irá embora para sempre.

— Seus dias estão contados, amigo, — eu disse secamente, antes de fechar a porta do banheiro.

Caleb chega em casa depois que Sam já foi embora, o que frustrou os meus planos, e me deixou sozinha com a bebê. Estou mastigando aipo, quando ele entra pela porta carregando um pacote de comida.

Ele deixa o pacote no balcão da cozinha, e sobe direto para a bebê. Eu ignoro, e cavo em torno do pacote para ver o que ele me trouxe. Quando ele volta, está segurando-a.

— O q...? Por que você a acordou?

Eu estava esperando passar algum tempo com ele sem ela.

Ele suspira, abre a geladeira. — Ela é recém-nascida. Come a cada três horas, Leah. Ela estava acordada.

Olho para a babá eletrônica da bebê, e lembro que a desliguei para tirar um cochilo. Devo ter esquecido de ligá-la novamente. Pergunto-me há quanto tempo ela deve estar acordada.

— Ah.

Eu vejo como ele coloca o leite frio no aquecedor de mamadeiras. Posso contar em uma mão as vezes que eu a alimentei. Até o momento, ou Caleb, ou Sam prepara suas refeições.

— Ela faz seis semanas de idade hoje, — eu digo. Eu estava contando os dias até poder dormir com ele novamente. Eu quase não esperei a marca de seis semanas, quando ele voltou de sua corrida na semana anterior. Ele dá o

seu melhor, quando está suado.

A comida no saco me dá água na boca. Começo a comer sem ele. Ele trouxe frango masala do meu lugarzinho favorito. Comemos lá tantas vezes que tenho as calorias todas decoradas. Se comer um peito de frango inteiro, cinco cogumelos e raspar a maior parte do molho, eu posso fugir com duas centenas de calorias. Tenho que me forçar a parar de comer. Quero o último pedaço de frango, mas estou tentando perder o peso da bebê...

Ele ainda não olhou para mim.

— Obrigada pelo jantar, — digo. — O meu favorito. — Ele acena com a cabeça.

— Você não vai falar comigo de novo?

— Eu não perdoei você.

Eu suspiro. — Sério? Eu não tinha notado.

Seus lábios beliscam juntos. Desço da minha banqueta e faço um movimento corajoso. Ele levanta as sobrancelhas, enquanto pego com cuidado a bebê de seus braços, e a deito em meu antebraço como tenho visto Sam fazer.

— Ela arrotou mais rápido desta forma, — digo a ele, imitando os movimentos de Sam. A bebê colabora brilhantemente, arrotando em voz alta segundos depois de eu fazer um pouco o ‘pat-pat’. Eu a coloco na dobra do meu braço, e dou o resto de sua mamadeira. Caleb assiste a tudo sem dizer uma palavra.

Sorrio para ele docemente. Vamos, seu bastardo. Perdoe-me.

Eu a alimento com o resto de sua mamadeira, e repito meu truque dos arrotos.

— Você quer colocá-la de volta, ou eu faço isso?

Ele a leva de mim, mas desta vez ele me olha por um... dois... três segundos.

PONTO!

Enquanto ele a coloca para dormir, corro lá para cima para vestir algo sexy. Estou muito nervosa, quando volto para a cozinha, rasgo um saco de brócolis congelado, e empurro um punhado em minha boca.

Estou vestindo uma camisola preta. Não é presunçoso. Não quero que Caleb saiba que estou tentando seduzi-lo. Ando pela cozinha, até que ele volta para baixo. Quando o ouço nas escadas, faço um show de relevar as garrafas que Sam limpou antes. Eu o ouço atrás de mim. Ele faz uma pausa na porta, e eu sorrio, sabendo que ele está assistindo.

Quando ele vai para a sala, eu o sigo. Ele senta, e eu também me sento no sofá ao lado dele.

— Isso nunca vai acontecer de novo. Eu estava tendo problemas de me ligar a ela. As coisas estão muito melhor. Preciso que acredite em mim.

Ele acena com a cabeça. Posso dizer que ainda não o convenci, mas ele vai me perdoar. Eu vou jogar a mamãe para escanteio, e logo ele estará olhando para mim como ele costumava fazer. Beijo seu pescoço.

— Não, Leah.

Recuo, estreitando os olhos. Quem estava usando o sexo como arma agora?

— Eu quero dizer que sinto muito. — Eu faço um pouco de beicinho, mas ele simplesmente parece irritado.

— Então diga a Estella. — Ele se levanta e vai embora. Eu me acomodo em minhas costas, e olho para o teto. Rejeição. Já me aconteceu antes? Eu não conseguia lembrar de uma única vez. Isso estava saindo do controle.

Quero ligar para alguém – uma amiga... minha irmã. Preciso falar sobre o que aconteceu, ter outra visão. Pego meu celular e percorro os meus contatos. Paro quando chego em Katine. Ela só vai ouvir metade do que eu disser, e em cinco minutos estaríamos falando dela. Continuo a procurar. Chego em Court e meu coração palpita. Court! Disco o número dela. Antes que isso aconteça, desligo.



Lembro-me dos verões úmidos, com ar tão espesso, que faria você se sentir como se estivesse respirando sopa em seus pulmões. Ficávamos inquietas em casa – minha irmã e eu, correndo para cima e para baixo pelos corredores da nossa casa grande, gritando e perseguindo uma a outra, até ficar em apuros. Minha mãe, exasperada, nos mandava sair com a nossa babá, Mattia, enquanto ela descansava. Mattia fazia visitas frequentes à loja de coisas de um dólar, para comprar coisas para usar fora de casa. Courtney e eu, que passei a maioria das excursões de compras em boutiques, achávamos infinitamente divertido que se pudesse ir a uma loja e tudo valesse um dólar. Ela nos trazia giz na calçada, cordas de pular, bambolês, e, claro, o nosso favorito – bolinhas de sabão.

Mattia sempre as guardava para o final. Ela fingia que esqueceu o grande recipiente rosa dentro, e nós suspirávamos e fazíamos beicinho. No último minuto, ela o puxava para fora de suas costas, e nós pulávamos e aplaudíamos por ela ser tão inteligente. Chamávamos as bolinhas de ‘planetas vazios’, e o jogo era aparecer com tantos planetas vazios quanto pudesse antes que explodissem enviando seus detritos em direção à Terra. Mattia ficava debaixo de uma árvore e os explodia para nós. Nossas pernas ficavam perpetuamente cobertas de hematomas com este jogo. Tínhamos o hábito de tropeçar uma na outra para alcançar os planetas vazios primeiro. Corríamos tão rápido, que Mattia dizia que parecíamos borrões. Ela nos chamava de Red e Raven por causa de nossas respectivas cores de cabelo. No final do jogo contávamos

quantas bolinhas estouramos. Vinte e sete para Red e vinte e dois para Raven, ela anunciou. Então, entrávamos alegremente, esfregando nossas canelas machucadas e pedindo picolés. Minha mãe odiava as contusões. Ela nos fez usar mangueira para cobri-los. Minha mãe odiava a maioria das coisas associadas comigo – os emaranhados em meu cabelo depois do banho, a cor do meu cabelo, o jeito que mastigava, o jeito que eu ria, que era muito alto, o jeito que apertava minhas unhas em meu polegar quando estava em apuros. Se você me perguntasse o que ela realmente gostava de mim, eu não seria capaz de dizer. O que eu poderia dizer é que minha infância foi ter a sensação legal de bolinhas de sabão estourando em minha pele. Court e eu ríamos e respirávamos o ar pastoso. Mattia me dava abraços para compensar as duras palavras de uma mãe distante.

Minha mãe amava a minha irmã. Minha irmã era digna de amor. Lembro-me de estar perto delas uma vez, quando ela estava escovando o cabelo de Courtney após o banho. Ela estava contando uma história sobre quando ela era uma pequena. Courtney estava rindo, e minha mãe ria junto com ela.

— Tenho certeza que seríamos boas amigas se tivéssemos crescido juntas. Você é igualzinha a mim quando eu tinha a sua idade. — Sentei-me na borda da banheira para observá-las.

— E se fosse com Jo?, — perguntou Courtney, atirando-me um sorriso que mostrava a falta de seus dois dentes da frente. — Teria sido uma boa amizade com ela também?

Era como se ainda não tivesse notado que eu estava na sala até Court dizer o meu nome. Ela piscou para mim lentamente, e sorriu para sua filha mais nova. — Ah, você sabe como é Johanna e seus livros. Ela não teria tempo para brincar com a gente com toda a leitura dela.

Eu queria dizer a ela que queimaria todos os livros que eu tinha para ser uma parte de seu pequeno clube entre mãe e filha. Em vez disso, apenas dei de ombros. Courtney era muito parecida com a minha mãe, a única diferença é que ela realmente gostava de mim.

Eu deveria ter ficado com ciúmes dela, mas não fiquei. Ela era tipo a única da minha família, aquela que se levantava cedo em meu aniversário e empilhava um prato com pequenos bolinhos Debbie e se esgueirava em meu quarto cantando — Lake of Fire, — do Nirvana. Meu aniversário foi no dia quatro

de julho – uma enorme imposição aos meus pais, que organizaram uma festa para a empresa naquele dia. Mas Court sempre assegurava que o dia fosse especial. Quando minhas notas ‘A’ passavam despercebidas, ela fixava meu boletim na geladeira e circulava meu ‘A’ com marcador vermelho. Ela era o amor da minha vida sem amor... o cobertor quente em uma família que valorizava frias temperaturas emocionais. Quando todo mundo passava direto por mim, minha irmã zoneava. Tínhamos um vínculo, e vínculos são difíceis de se fazer.

Quando levei Caleb em casa pela primeira vez, meu pai me notou. Era como se ele pudesse, finalmente, olhar para mim, agora que eu tinha garantido um homem do calibre de Caleb. Meu novo namorado não era só rico, ele falava bem, era respeitável, e ambicioso... e ele sabia muito sobre as malditas trivialidades de esportes.

Eles nos convidaram para jantar. Eu os assisti do meu poleiro no sofá. Meu pai riu de tudo que Caleb disse, e minha mãe zumbia ao redor dele como se ele fosse um sangue azul. Minha irmã estava sentada perto de mim – tão perto que nossas pernas estavam se tocando. Quando estávamos juntas, estávamos sempre perto. Era uma rebelião silenciosa contra os nossos pais. Eles tentavam criar uma divisão entre nós, mas nós resistíamos. Quando meus pais estavam distraídos com Caleb, Court me deu uma cotovelada nas costelas e levantou as sobrancelhas. Eu caí na gargalhada.

— Parece-me que você fez bem nesse, — ela disse. — Bom de cama? — Eu puxei o rosto para ela. — Por que eu estaria com ele se não fosse?

Ela ergueu as sobrancelhas. — Não sei, Lee, lembra aquele cara do colégio? Aquele com a covinha do queixo?

Bufei na minha taça de vinho. Kirby, era o seu nome. O nome em si, já deveria me dizer tudo. Você não pode levar um homem cujo nome soava como um jogo de videogame de avatar a sério. Especialmente, quando sua cabeça estava entre as suas pernas e ele começava a cantarolar beijos ao fazer movimentos agressivos com a língua.

— As mulheres, não meninas, governam o meu mundo, eu disse que governam o meu mundo... — Minha irmã cantou a letra, apertando os olhos e mordendo o lábio como Kirby costumava fazer.

Nós irrompemos em gargalhadas, ganhando um olhar de desaprovação de

minha mãe. Juro que a mulher ainda teve a capacidade de me fazer sentir como se tivesse quinze anos. Olhei para ela desafiadoramente e ri alto. Eu tinha 28 anos de idade, porra. Ela não podia mais me controlar.

Pensei que tudo corria maravilhosamente, até que entrei no carro. Caleb estava segurando a porta para mim, quando de repente ele disse: — Seu pai é um chauvinista.

Pisquei em surpresa. Ele não disse isso como uma acusação. Foi mais uma observação. Era uma verdadeira observação. Dei de ombros.

— Ele é um pouco antiquado.

Caleb me puxou para um abraço. Ele estava olhando para mim, estranhamente, as sobrancelhas desenhadas e a boca puxada em um franzir pensativo. Eu vim a conhecer esta como a sua cara 'eu a estou analisando psicologicamente'. Queria me afastar para que ele não pudesse ver dentro de mim, mas me afastar de Caleb era como me fechar em um congelador. Se ele estava brilhando em você, você queria ficar com seu calor, absorver tudo. Patético. Ele também era lindo. Ninguém nunca tinha me dado tanto calor. Agarrei-me em seus braços, e o deixei psicanalisar o desejo do seu coração. Queria saber o que ele estava vendo, quando ele olhou para mim de forma tão intensa. Ele quebrou o feitiço, de repente, sorrindo.

— Então, eu acho que você vai ficar em casa, descalça e grávida? — Levantei minhas sobrancelhas. Quando ele disse isso, não parecia tão ruim. — Isto vai ser na sua casa?, — perguntei. Eu estava sendo modesta. Ele beijou a ponta do meu nariz.

— Talvez, baby.

Ele me deixou em casa muito rapidamente. Eu queria ficar lá e falar sobre o bebê que eu estava carregando, se o chão sob meus pés descalços eram de madeira ou azulejo? Se nós viveríamos em uma casa de dois andares ou uma fazenda? Minha cabeça estava girando. Isso foi tão bom quanto um pedido de casamento. O homem era de ouro. Ele mesmo fez meu pai olhar para mim como se eu fosse humana. Nós só fomos morar juntos por volta dos oito meses, mas se eu jogasse as cartas certas, eu poderia ter o meu anel na primavera. Essa foi uma noite feliz para mim.

Não demorou muito tempo para perceber que Caleb era o meu planeta

vazio.



Capitulo Onze

Presente

Eu dou um pulo, quando ouço o carro de Caleb na garagem. Estamos juntos há mais de cinco anos, mas ainda vejo borboletas quando ele entra em casa. Tento não parecer carente, mas quando a chave gira e ele entra, me atiro para ele. Eu preciso que ele me perdoe. Estive no crepúsculo perpétuo desde que ele parou de sorrir para mim.

Eu o peguei desprevenido, e ele ri como meu peso o joga na parede. Minhas pernas em volta de sua cintura e meu nariz pressionado ao dele. Quero fazer com ele como costumávamos fazer quando nos conhecemos, mas a primeira coisa que ele diz é— Onde está Estella?

O sorriso sai do meu rosto. Odeio isso. Como é que vou saber? Suspiro e desço do seu corpo, desapontada. — Provavelmente com aquele fulano.

Caleb estreita os olhos para mim, sua boca é uma linha reta. — Será que você passou algum tempo com ela hoje?

— Sim, — garanto. — Eu a alimentei esta manhã, porque a babá se atrasou.

Os músculos de sua mandíbula estalam, enquanto ele range os dentes. Eles estalam. Eu recuo.

Estala... mexe... mexe... estala.

Sinto-me hipocritamente com raiva. Não era incomum que as mães

contassem com babás para cuidar de seus bebês. No meu círculo, era perfeitamente normal. Por que ele sempre tem que me fazer me sentir inferior?

Enrolo meu lábio superior em meus dentes. — Você acha que Olivia teria sido uma mãe melhor do que eu?

Por um segundo indisfarçável, a raiva brilha em seus olhos. Ele se vira, vira-se para mim, e se afasta de novo, como se ele não soubesse se quer ou não enfrentar o fato de que eu disse o nome dela.

Eu quero uma briga. Toda vez que ele olha para mim como se eu fosse uma grande decepção, gorda, minha mente vai para Olivia. É como passar a marcha em mim, os olhos decepcionados de Caleb provocam isso. De repente, estou nesse lugar mágico onde solto a embreagem, o pedal do acelerador desce e minha mente está correndo em direção a Olivia. Foda-se. Essa. Puta. Que poder ela tem sobre ele? Eu quero correr para ele, bater os punhos contra o peito dele para sempre mentalmente me comparar com ela. Ou eu sou a única comparando-me mentalmente com ela? Deus, a vida é tão confusa.

Só então Sam entra no quarto com a bebê. A raiva no rosto de Caleb se desfaz, e, de repente, parece que ele está prestes a chorar. Eu conheço esse olhar, ele está aliviado – aliviado por ter algo diferente de mim. Viro-me e caminho em direção à porta.

— Aonde você está indo?, — Caleb pergunta.

— Sairei com Sam hoje à noite, — eu digo. Evito o rosto de Sam e pego minha bolsa.

— Vamos, Samuel, — eu digo. Eu o vejo reprimir um sorriso, quando abaixa a cabeça obediente, e vai para onde o estou esperando. Estou na porta e desço as escadas antes que Caleb possa dizer alguma coisa. Ouço-os trocar palavras atrás de mim, mas estou a meio caminho para o carro de Sam, e decido que parar para escutar vai arruinar minha credibilidade. Caleb está, provavelmente, advertindo-o sobre a minha tendência a tornar-me agressiva quando estou bêbada. Sam vem correndo um minuto depois. Sem uma palavra, ele abre a porta do passageiro para mim, e entro. Ele dirige um jipe, do tipo que não tem telhado ou janelas reais. Eu me acomodo em meu assento e olho em frente. Destruirei essa Olivia. Eu a encontrarei e arrebentarei a cara dela por arruinar a minha vida.

— Para onde?, — Sam diz, saindo da garagem.

— Ligue para aquela prima vadia de vocês, — eu digo. — Iremos aonde quer que esteja.

Ele levanta as sobrancelhas para mim, mas não se move em direção ao telefone.

— Ela está na Mother Gothel hoje à noite, — ele explica. — Você já esteve lá?

Balancei minha cabeça.

— Ótimo. É o lugar. — Ele vira seu Jeep para o tráfego, e eu agarro na porta para me equilibrar. Será uma longa viagem.

Mother Gothel não é o tipo de lugar que costumo frequentar. Anuncio isto alto, enquanto passamos pela porta. Um segurança com meia dúzia de piercings na cara verifica nossas identidades. Ele me olha de uma maneira que faz com que a minha pele se arrepie, e pego o braço de Sam.

— Que diabos é esse lugar?, — sussurro quando entramos em uma sala iluminada por luzes azuis elétricas.

— Um bar hookah, — ele diz. Ele levanta as sobrancelhas, — Um bar hookah emo.

Enrugo meu nariz. — Por que ela veio aqui?, — eu estava pensando em todos os bares de classe no Mizner Avenue, apenas a poucos passos de distância deste buraco de rato deprimente.

— Ela tem fases, — ele diz, apontando para o barman. — No mês passado, eram salões de chá.

Ele pede dois martinis sujos. Enquanto pego o meu, pergunto-me como ele sabia que eu bebo isso?

— Você não vai me dar uma lição sobre dissolver meu leite materno?, — digo sobre a borda do meu copo. Ele geme e tenta tirá-lo de mim.

— Merda, esqueci, — ele diz. — É difícil lembrar que uma megera fria como você é realmente mãe.

Eu dou um grunhido e o seguro fora de seu alcance. Touché. Caminhamos ao longo de uma mesa, onde um pequeno grupo de pessoas está agrupado em conjunto. Vejo a cabeça loira de Cammie balançando animadamente, enquanto

ela conta uma história. Quando Sam vê seu rosto quebra em um sorriso... até que ela me vê. Suas piscadas vem em rápida sucessão, como se estivesse tentando me eliminar da sua visão. Sorrio docemente e vou em sua direção. Esta cadela tem informações sobre Olivia, posso sentir isso. Curvo-me para beijá-la no rosto. Gosto de manter meus costumes europeus.

— Sam!, — ela diz com força, — Eu não sabia que você traria uma... convidada. — Ela ergue a cabeça de uma forma que eu só vi Southern Belles fazer. Identifico seu sotaque do Texas.

— Primeira noite fora desde o bebê?, — ela me pergunta.

Sam dá grunhidos atrás de mim. Giro para atirar-lhe um olhar de advertência, e, em seguida, volto-me para Cammie.

— Claro!, — digo. — Sam teve a gentileza de me deixar vir junto. Bar legal! — Olho em volta simulando interesse. Quando olho para trás, ela está terminando de revirar os olhos.

Ela aponta em direção a duas cadeiras disponíveis. Tomo a mais próxima dela, e Sam se senta ao meu lado. Ela faz apresentações ao redor da mesa. O grupo é composto por dois advogados, um skatista profissional, que mantém olhar fixo no decote exposto de Cammie, e uma série de lésbicas com piercing e tatuagens.

Durante a hora seguinte, ouvi-os tagarelar sobre os temas mais maçantes do mundo. Brinco com meu cabelo e tento não bocejar. Sam me assiste se divertindo, enquanto contribui com a conversa. Por duas vezes, ele me pega de surpresa perguntando minha opinião sobre os políticos.

— Realmente, Sam, — finalmente digo, quando ninguém está escutando. — Você não pode?

Ele sorri. — Só estou tentando ser gentil.

Como é que alguém com tantas tatuagens sabe sobre política? Estou estereotipando? Muito ruim. Inclino-me para perto de sua orelha para que apenas ele possa me ouvir. Cammie franze o cenho.

Ela é gay! Quero gritar para ela. E, mesmo se não fosse, sério, não gosto de homens desleixados.

— Eu lhe dou cem dólares se você puder tirar todos daqui para que eu

possa falar com sua prima vadia sozinha.

Sam se levanta e bate palmas. — Vou comprar uma bebida para todos, exceto para Cammie.

Cammie revira os olhos, mas permanece sentada. Todo mundo segue Sam até o bar, rindo e aplaudindo uns aos outros nas costas.

Ela olha para mim com expectativa, como se estivesse no meu esquema.

Juro que essa puta e eu falamos a mesma língua... em diferentes sotaques.

— Olivia Kaspén, — eu digo. Seu rosto permanece impassível. — Você conhece?

Seus lábios se enrolam em um sorriso, e ela abaixa a cabeça uma vez para reconhecer que ela a conhece. Sinto um calor queimando em meu peito e se espalhando para fora. Fogos de artifício emocionais, se você precisar. Eu sabia! Lambo meus lábios, e pego um cigarro em minha bolsa.

— É assim que você conhece Caleb, — eu digo. Ela acena com a cabeça com aquele sorriso horrível ainda em seus lábios. Aspiro ar, observando-a através dos meus cílios.

— Por que ele a ama? — Esta foi a primeira vez que verbalizei essa pergunta, embora tivesse refletido sobre isso com Deus sabe quantos anos. Olivia era atraente — se você gostasse de putas. Ela tinha muito cabelo e olhos bem espaçados, mas eu já a tinha visto durante o meu julgamento para saber como os homens respondiam a ela. Ela era indiferente, fria, misteriosa. Homens malditos e seus mistérios malditos. Eu nunca tinha visto o seu sorriso, nem uma vez. Era difícil acreditar que alguém tão vivo e quente como Caleb poderia ter sentimentos por uma ameixa emocional.

Cammie está me observando, tentando decidir o quão longe ela quer ir com sua resposta. Eu me pergunto o quão bem ela conhece Olivia. Nunca tinha me ocorrido, até agora, que ela poderia ter uma boa amizade com ela.

Eventualmente, ela limpa a garganta. — Bem, ela é uma vadia como você. Caleb sempre foi atraído pelo tipo Cruella De Ville. Mas, acho que se você quer uma resposta honesta., — sua voz sumindo. A banda entra no palco, e as coisas estão começando a esquentar. Eu me inclino para frente com fome de sua resposta.

— Eles faíscam, — ela diz. Eu recuo de volta. O que diabos isso significa?
— Quando eles estão juntos, é como colocar um furacão e um tornado na mesma sala – você pode sentir a tensão. Eu não acreditava no clichê de almas gêmeas, até que os vi juntos.

Já ouvi o suficiente. Estou mal do estômago. Procuo Sam ao meu redor para voltarmos, e não o vejo em lugar algum. Mas Cammie ainda não terminou.

— Eu sei que você ficou grávida de propósito, — ela disse, arrancando o cigarro dos meus dedos e dando uma tragada. Eu pisco para ela, muito intrigada para discutir. Como ela poderia saber?

— Agora, você tem o cara... e a bebê. Você ganhou. Então, por que você está perguntando sobre Olivia?

Considero mentir, dizendo a ela que quero que ela suma para sempre, ou alguma merda assim.

Ela sorri. — Você quer saber por que ele a ama, Leah? — Ela sobrevaloriza o ‘ah’ do meu nome, e eu recuo.

Que puta.

Eu balancei minha cabeça, mas a loirinha é mais inteligente do que parece.

Ela joga fora meu cigarro. — Você não vai encontrar uma resposta para isso de ninguém, a não ser Caleb. Se eu fosse você, eu o deixaria ir. Vá curtir a vida que você roubou para si. Olivia não vai aparecer em sua porta, chorando, se é com isso que você está preocupada.

Sinto meu rosto queimar, enquanto me lembro do tempo que segui Caleb até o apartamento de Olivia. Essa era uma informação privilegiada. A putinha é, provavelmente, sua melhor amiga.

— Ele não iria me deixar por ela, mesmo que ela tentasse. — Digo isso com mais confiança do que sinto.

Cammie levanta as sobrancelhas e encolhe os ombros. — Então, por que você se importa?

Engulo em seco. Por que eu me importo? Não é como se tivesse crescido em uma casa onde meus pais estavam loucamente apaixonados. Minha mãe casou com meu pai por dinheiro, ela me disse isso em várias ocasiões. Tenho

meu homem, então por que estou procurando sarna?

— Eu, eu não sei.

— Não é divertido ser a segunda opção, não é?, — ela arranca um pedaço de tabaco de sua língua e joga com a ponta do dedo. — Há uma possibilidade de que você sinta que você vale mais do que ser o casamento de pena de Caleb. E, se isso é verdade, então você deve abandonar o barco agora. É só uma questão de tempo antes que a saga

‘Caleb e Olivia’ comece de novo.

Suas palavras me espetaram. Mudei de posição em minha cadeira, enquanto a dor me consumia. — Eu pensei que você tinha dito que ela se mudou? — Eu assobio.

— Sim, e daí? — Cammie encolhe os ombros. — A história nunca vai acabar. Ela é casada, você sabia? Então, tecnicamente você tem algum tempo para fazer o seu marido se apaixonar por você.

Não consigo esconder a minha surpresa. Ela não se casou com Turner, isso é certo. Ele tinha explodido meu telefone depois que ela rompeu com ele, me implorando para apelar a ela em seu nome. Estúpido Turner.

Depois de todo o desastre, invadi seu apartamento e encontrei cartas de Caleb datadas de seus tempos de faculdade. Não demorou muito para descobrir que ela era sua ex-namorada, tentando voltar rapidamente com ele. Fingi sair da cidade, e, em seguida, contratei um detetive particular que a seguiu até o Texas. Um amigo estava frequentando a mesma faculdade de direito que Olivia, então fiz uma ligação, negocieei alguns bilhetes do Super Bowl, e BAM! A próxima coisa que eu sabia, era que estavam noivos. Pura sorte! Turner seria um meio. Como uma mulher poderia ir de Caleb para aquele imbecil estava além de mim. De qualquer maneira, eu pensei que ela estava fora da minha vida para sempre até que Caleb a contratou para ser minha advogada – uma coisa boa que ele fez, porque ela ganhou o caso e me salvou de dez anos na prisão estatal.

Eu não digo nada disso a Cammie, cujo sotaque sulista, de repente, me deixa desconfortável. Ela era a amiga com quem Olivia tinha ido viver no Texas?

Nada mais acontece entre nós, enquanto Sam escolhe ressurgir na mesa

naquele exato momento. Levanto-me para ir embora. Cammie não está mais olhando para mim, ela está beijando o skatista, que está segurando seu peito com uma mão e com a outra acima da cabeça, enquanto ele faz os chifres Black Sabbath com os dedos.

Levanto-me, desgostosa, e sigo Sam até seu carro.

— Você obteve as respostas que você precisava?, — ele diz, quando estamos na estrada.

Olho para ele surpresa. — Do que você está falando?

Ele morde um lado de sua boca e me olha com o canto do olho. — Ela é minha prima, e ela tem uma boca incontrolável. Ela me contou sobre essa garota.

Fico olhando para ele boquiaberta. — Você sabia que ela era amiga de Olivia, e não me contou?

— Isso é o que você estava esperando, não é? Você queria saber se ela a conhecia?

Ele está certo, mas ainda estou com raiva.

— Eu sou sua patroa, — digo. — Você deveria ter me contado. E que tipo de homem gay é você, afinal? Você deveria amar fofoca e drama.

Ele joga a cabeça para trás e ri. Apesar do mundo de más notícias girando em minha cabeça, eu sorrio. Talvez ele não seja tão ruim. Eu decido parar de tentar demitir Caleb.

Quando chego em casa, Caleb já está na cama – não a nossa, mas a cama de solteiro no quarto da bebê. Verifico o suprimento de leite na geladeira, e felizmente é o suficiente para um ou dois dias – tempo suficiente para que os martinis sujos sigam seu caminho para fora do meu sistema. Reviro os olhos. Caleb provavelmente verificará o meu nível de álcool no sangue antes que me permita bombear novamente.

Vou para a cama, ainda vestindo minhas roupas, mais triste do que já me senti.



Capitulo Doze

Passado

Minha irmã era tão bonita que quase doía os olhos olhá-la – e Deus, isso foi tudo o que fiz nesses primeiros anos. Ela era mais jovem que eu. Apenas um ano, mas ainda assim o era. Era meio estranho idolatrar minha irmãzinha. Não era difícil, já que no minuto em que entrava em uma sala, todos os olhos viravam para ela como se tivesse algum tipo de suco de magia de fadas fluindo de seus poros. Por um longo tempo, acreditei que quando eu chegasse a uma certa idade, obteria um pouco do seu suco de fadas – não tive essa sorte. Eu parecia uma desnutrida, usuária de crack com cintas e tênis de duzentos dólares. Courtney me fez querer morrer – especialmente quando ela namorou, e, em seguida, descartou todos os meninos que eu gostava. Eu nunca poderia ficar brava com ela por isso. Éramos uma equipe – Court e Jo – até Jo decidir que queria ser Leah, virando Court e Lee. Apesar de nossa proximidade, quando começamos a crescer, não havia como negar o abismo que as nossas diferenças causavam. Nossa amizade vacilou por um ano no ensino médio. Ela me deixou pelas líderes de torcida. Eu a vi colocar novos amigos em meu lugar nas arquibancadas sociais, tirar pão do meu aparelho dentário, e tentar descobrir por que meus seios ainda não tinham crescido.

Eu não sou nada como o resto da minha família. Cada um deles, com exceção da minha mãe, tinha cabelo preto como um corvo. Pareando com a pele morena e olhos verdes que eram a assinatura Smith, e eles se parecem com um exército de belos gregos. Nasci vermelha: minha pele, meu cabelo e

minha atitude exigente quente. Minha mãe costumava me dizer que chorei por uma semana, e somente depois eles me trouxeram para casa. Ela disse que perdi a minha voz, e tudo o que conseguia ouvir era o ar que saía de mim, enquanto eu fazia caretas gritando.

Nossa mãe incentivou Courtney a fazer todas as típicas coisas de garota perfeita – ser líder de torcida, modelo e roubar os namorados das outras meninas. Eu, por outro lado, fui incentivada a fazer dieta, especialmente durante o meu último ano do ensino médio. Eu era um pouco gordinha. Comecei a comer meus sentimentos, quando descobri meninos, rejeição e bolinhos Little Debbie. Eu fui de desnutrida a carnuda em questão de meses.

— Você vai se arrepender disso, — minha mãe disse, ao descobrir meu esconderijo. Eu tinha escondido uma dúzia de caixas sortidas em uma lata velha de pipoca de natal na despensa. — Você já tem o cabelo vermelho, agora você deseja adicionar quilos de carne extra? — Para enfatizar seu ponto de vista, ela pegou um punhado de gordura na minha cintura e apertou-o até que eu gritei. Ela balançou a cabeça. — Incorrigível, Johanna. — E então ela jogou todos os meus bolinhos no lixo.

Mordi o lábio para não chorar. Quando me viu lutando com as lágrimas, ela suavizou um pouco. *Talvez ela tivesse sido gordinha uma vez*, pensei esperançosa.

— Aqui. — Ela abriu o freezer e arremessou um saco de ervilhas congeladas contra meu peito. — Quando você sentir o desejo de devorar uma porcaria, coma isso. Basta pensar nisso como um prazer... com gosto de sorvete gelado. — Quando olhei duvidosa, ela segurou meu queixo, e me obrigou a olhar para ela. — Você gosta de garotos?

Balancei a cabeça.

— Você não vai tê-los, se você comer bolinhos, confie em mim. Ninguém nunca conseguiu um homem com migalhas de bolo no rosto.

Levei meu saco de ervilhas congeladas de volta para o meu quarto e sentei de pernas cruzadas no chão. Olhando para o meu cartaz do Jonathan Taylor Thomas, comi o saco inteiro, ervilha por ervilha.

Eu era uma espécie de nerd. Gostava de rapazes, mas também gostava de matemática e ciências. Mas essas matérias não me davam atenção. Foi um unilateral amor seco. Eu queria que as pessoas olhassem para mim da forma

como olhavam para Court. Rolei para trás e mordi minhas ervilhas. Eu meio que gostei delas.

No dia seguinte, pedi a Court para me apresentar às suas amigas. — Você tira sarro de líderes de torcida, — ela disse.

— Eu não tiro mais. Quero que as pessoas gostem de mim.

Ela assentiu com a cabeça. — Elas vão, Lee. Eu farei com que gostem.

Court roubou para mim um convite para uma festa do pijama com todas as suas amigas risonhas. Apesar de sua confiança, suas amigas não gostavam de mim. Eram cadelas de treze anos de idade, fortemente moldadas por opiniões de suas mães. Acabavam quase todas as frases com as palavras *querida* ou *incrível*. Eu não quero ser como aquelas meninas, ou como a minha mãe. Quando uma delas perguntou por que eu andava com os geeks de matemática, eu estalei.

— Eles falam sobre coisas mais interessantes do que vocês.

Uma das garotas – Britney – olhou para mim como se eu fosse algo detestável. Ela inclinou a cabeça, e sorriu para mim. Eu quase podia ver sua mãe vestindo um cardigã e fazendo a mesma coisa. — Ela é lésbica, — anunciou para o quarto. O resto das meninas balançou a cabeça, como se fosse uma explicação totalmente aceitável para a minha estranheza.

O rosto de Court havia caído. Ela parecia tão desapontada comigo. — Eu não sou lésbica, — eu disse. Mas minha voz estava fraca, não convencendo. As meninas já tinham acreditado nas palavras de Britney. Já estavam evitando meus olhos.

Olhei ao redor da sala em seus estúpidos cabelos pulverizados, batons cor-de-rosa e disse um sonoro: — *Vão se foder!*, — antes de cair fora. Senti-me levemente culpada por lançar uma sombra sobre o jogo social de Court. Ela se recupera. Ela era muito bonita para não se recuperar. Quando ela chegou em casa, invadiu meu quarto e cruzou os braços sobre o peito.

— Por que você fez isso?, — ela perguntou. — Você me pede para ajudá-la, e, em seguida, você age como uma idiota na frente das minhas amigas.

Balancei minha cabeça. Ela estava brincando? — Court, foram elas. Do que você está falando?

— Você me fez ficar mal, Leah! Você é tão egoísta. Estou tão cansada do seu drama.

Ela se virou para sair, mas pulei e agarrei seu braço. Eu não podia acreditar que ela estava dizendo isso. É como se elas tivessem lentamente roubado pedaços de seu cérebro e substituído com suas partes menos funcionais.

— Isso não é justo! Você é minha irmã. Como você pode ficar do lado delas? Britney mentiu para todos. Você sabe que eu não sou lésbica.

Courtney puxou seu braço. — Eu não sei.

Abri e fechei a boca em choque. Minha irmã – minha Courtney nunca tinha falado comigo dessa maneira. Ela nunca tinha ficado do lado de ninguém ao invés do meu. Senti como se alguém estivesse queimando um buraco em meu peito. Isso era tão ruim.

— Você está estragando as coisas para mim, — finalmente ela disse. — Elas são minhas amigas. Você é minha irmã. Me incomoda quando dizem coisas sobre você. Só, por favor, me deixa sozinha e não abra mais a sua boca. Você está tornando as coisas difíceis para mim.

Engoli minha resposta e assenti. Eu poderia fazer isso por ela.

Nunca falei sobre o que aconteceu depois daquele dia, mas ela ficou estranha comigo por um longo tempo. Suas amigas faziam questão de dar risinhos, quando passavam por mim nos corredores da nossa escola particular. Elas espalharam rumores também – disseram às pessoas que me pegaram me masturbando na festa do pijama. Tudo isso e Court nunca falou uma palavra em minha defesa. Eu nunca falei uma palavra em minha defesa. Comecei a me perguntar se ela acreditava nelas.

Em poucas semanas, fui tachada de lésbica por todo adolescente popular da sétima e oitava séries. Quando os rumores finalmente conseguiram chegar aos meus pais, eles me mandaram para o acampamento bíblico de verão. Eu adorei. Conheci o filho de um pastor e perdi minha inocência nos arbustos atrás do banheiro comum. Voltei com um gosto refinado por homens. Claro, isso não impediu que os rumores lésbicos na escola começassem novamente. Britney se certificou de que todas as meninas em sua classe e na minha soubessem que não deveriam se despirmos na minha frente no vestiário. Os meninos acotovelavam os outros nos corredores, rindo e fazendo comentários

quando eu passava. Foi terrível. Doloroso. Courtney não os corrigiu – o que foi a pior parte. Nosso vínculo desgastou e se arreventou, tudo sob as pontas dos dedos cruéis dos reis do colégio. Eu tinha me acostumado com isso de uma maneira, esperava que fosse da mesma forma que eu tinha me acostumado à abordagem sem toques dos meus pais comigo.

Mantive minha cabeça baixa, encontrei os meninos no clube de matemática que podiam me acompanhar mentalmente e nunca parei de conspirar contra Britney e seus lacaios. Mudei naquele ano, e ninguém notou. Eles estavam muito ocupados me hostilizando para perceberem que meus seios cresceram. Aprendi a usar um secador de cabelo e maquiagem. Perdi minha gordura de estimação.

Nesse mesmo ano, minha irmã e Britney tiveram um desentendimento sobre um garoto chamado Paul. Ambas queriam ele. Para salvar sua amizade, as duas meninas tinham jurado não ficar com ele em um abraço emotivo, insistindo que nada – especialmente um rapaz – poderia ficar entre sua amizade. Durou um mês até Britney dormir com ele. Minha irmã foi esmagada. Não gosto de ver Courtney chorar. E isso é o que ela fez por duas semanas. Eu mesma a peguei segurando uma garrafa de pílulas para dormir no banheiro um dia.

— Não por um menino, Courtney, — eu disse, pegando a garrafa de seus dedos. — Sério, quando você se tornou tão fraca?

Ela chorou lágrimas silenciosas, enquanto olhava para mim com os olhos machucados. Então, percebi que ela provavelmente sempre foi fraca. Ela enfrentou os nossos pais, me ocorreu, porque eles sempre favoreciam a ela. Não foi um ato tão grande de coragem desafiar nossos pais, quando eles nunca sequer levantaram suas vozes para ela. Caminhei com ela até seu quarto, e a coloquei na cama. Então, rastejei ao lado dela para que pudesse vê-la.

No dia seguinte, encurralei Britney em seu armário. Ela era oficialmente namorada de Paul, e agora que ela cortou o vínculo com a minha irmã, eu não tenho mais que manter minha boca fechada.

— Você é uma vagabunda inútil, você sabia disso? — Eu a toquei na clavícula para dar ênfase.

Paul estava esperando por ela a poucos metros de distância. Britney olhou para mim, batendo em minha mão.

— Ei! Não me toque, sua lésbica!, — ela cuspiu. Eu a ignorei, voltando minha atenção para Paul. Eu tinha planejado isso. Paul estava sorrindo ligeiramente. Eu podia ver a luta das palavras se formando em sua miniatura de cérebro subdesenvolvido. Algumas pessoas estavam se reunindo em torno de nós para ver o que estava acontecendo.

— E você!, — eu disse, olhando para Paul. — Você vai precisar disso... — Joguei uma camisinha para ele. Ela ricocheteou no peito e caiu entre seus tênis Nike. Ele olhou para mim, depois para o quadrado vermelho em seus pés. — Ela tem herpes, seu burro.

O olhar em seu rosto valeu a pena cada comentário lésbico que Britney tinha feito ao longo dos últimos dois anos. Antes de ir embora, olhei para Britney. Seu rosto estava pálido. Eu não deveria saber sobre os herpes. As paredes da minha casa eram finas, e ela tinha demasiadas festas do pijama com minha irmã.

Destruir a reputação de Britney como ela destruiu a minha era só o machado que eu precisava para soltar minhas amarras. Tudo começou com Britney, mas logo eu estava dormindo com os namorados de todos. Eu gostava de como facilmente eu poderia fazer os meninos me seguir, oscilando sexo em seus rostos. Gostava da forma como suas namoradas vinham para a escola com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar, depois que descobriam estarem enganadas sobre seus namorados.

Eu não tinha me juntado à fileira das garotas populares, como minha irmã, eu as superei. Eu estava voando alto, e não tinha a intenção de parar.



— Nós estamos juntos há muito tempo, Caleb. — Ele não me olha quando diz: — Sim.

Normalmente, eu receberia um ‘Sim, Red’, ou um ‘Sim, Amor’, mas desta vez, tudo que recebi foi um ‘Sim’.

Soa solitário esse ‘Sim’.

— Lembra-se da vez em que fomos a Los Angeles e comemos em todos os points frequentados pelas celebridades em que conseguimos entrar?

Ele me dispara um olhar e continua mexendo nas correspondências. Caleb é nostálgico. Ele gosta de conversar sobre velhas lembranças.

— Nós não tínhamos reservas, — , continuo, — mas você deu seu jeito para que entrássemos em todos os restaurantes que queríamos experimentar.

Ele permanece quieto, enquanto ouve.

— Não vimos uma celebridade sequer, mas me senti uma a semana toda... apenas por estar com você.

Pego as correspondências de suas mãos, coloco-as no balcão, enlaçando nossos dedos.

— Caleb, eu sei que estou uma confusão. Você sabe que sou uma confusão, mas você me faz ser alguém melhor. Nós temos tantas histórias, tanto amor. Por favor, pare de me ignorar.

Seus lábios se movem.

— Eu não queria ir a esses restaurantes pretenciosos, Leah.

— O quê? — Balanço a cabeça. Pensei que isso funcionaria. Sequer tenho um plano b.

— Fui por sua causa. Eu me diverti por sua causa, mas esse não sou eu.

— Não entendo. — digo. Seus dedos tentam se desvencilhar dos meus.

— Sou alguém diferente, quando estou com você. Alguém quem não entendo.

— Bem, então seja um novo alguém. Não me importo. Mudaremos juntos.

Caleb suspira. — Não acho que você vá gostar de quem eu sou.

— Mostre-me, Caleb. Eu me esforçarei para conhecê-lo. Por favor. Podemos resolver isso.

— Não sei se podemos fazer isso, mas podemos tentar.

Sorriso apertado e o abraço. Sinto apenas uma leve hesitação de sua parte antes de me abraçar de volta. Respiro seu cheiro. *Podemos tentar* – repito a mim mesma em silêncio. As palavras que eu quero, mas que tem uma data de validade. *Nós podemos tentar...* até não podermos mais.

Podemos tentar... mas isso já me soa condenado.

Terei que pensar em um modo de tornar isto mais permanente.

As próximas semanas são tranquilas. Apanho todos os livros de culinária que ganhei de presente de casamento, e, de fato, começo a preparar as refeições ao invés de pedi-las. Se o que meu homem queria era ficar em casa com mãe e esposa, ele o teria. Eu poderia ser totalmente tradicional. Faço com que nos sentemos à mesa de jantar, que ainda não tínhamos usado. Eu até coloco o berço móvel da bebê na sala de jantar para que ela possa ficar conosco. Ele gosta da minha comida, ou diz que gosta. Ele a come toda, parecendo genuinamente feliz por eu estar tentando. Vou comprar roupinhas de menina para a bebê, e jogo fora todas as amarelas e verdes. Orgulhosamente, eu as exibio em cima da cama para que Caleb as veja. Ele pega cada uma delas, aprovando com a cabeça.

— Ela não vai vestir isso. — ele diz, segurando uma camisetinha que diz Me Namore.

— É bonitinha. — , argumento, tentando pegá-la. Ele a apanha antes que eu o faça, e a segura acima de sua cabeça para que eu não a alcance.

Nós passamos os cinco minutos seguintes correndo um atrás do outro para ver quem pegava a camiseta. Não brincávamos assim há muito tempo. É bom, como era no começo de ‘nós dois’.

Sam assiste à nossa transformação conjugal com divertimento.

Um dia, no café da manhã, pergunto a Caleb onde planejaremos passar nossas férias neste ano.

— Nossas férias terão que ter atrações para crianças. — , ele diz, bebericando seu chá. — Muita Disneylândia e resorts na praia, creio eu.

Eu hesito. Ele tem que estar brincando. Sam percebe minha expressão e tem que conter uma risada.

Eu olho para Caleb alarmada. — Eu torro no sol. — digo bruscamente. Ele sorri criminosamente. — O quê? Você achou que iríamos a Paris ou à Toscana com uma garotinha?

Eu faço que sim.

— Elas precisam de coisas também, Leah. Tudo bem se a mostrarmos ao mundo, mas criancinhas precisam da Disneylândia e castelos de areia. Você não tem essas lembranças de quando era pequena?

Não eu. Minha escola nos levou à Disney no meu penúltimo ano. Eu me embebedei demais com dois caras na noite anterior, e fiquei com uma ressaca o dia seguinte todo no parque. Não conto isso a Caleb.

— Acho que sim. — , digo de forma não comprometedor. Essa história de ser tradicional estava realmente começando a encher.

— E se ela gostar de Paris? — , pergunto esperançosa. — Então, poderemos ir?

Ele se levanta e beija minha cabeça. — Sim. Logo depois que dermos uma infância a ela.

— Então, enquanto ela ainda é pequena, podemos ir a algum lugar bom? Não que ela vá se importar com a Minnie Mouse ainda.

— Provavelmente, não sairemos em férias este ano. Ela é pequena demais para sair ou ser levada a qualquer lugar. — Observo incrédula, enquanto ele

apanha seu celular. Ele simplesmente cancelou minhas férias?

— Isso é ridículo. — , digo, lambendo minha colher com aveia. — Muitas pessoas têm bebês e saem em férias.

— Há coisas das quais você tem que abrir mão, quando tem uma família, Red. Você percebe isso?

— Vamos abrir mão de carne vermelha... música... eletricidade! Menos das férias!

Sam derruba o punhado de roupas para lavar que estava segurando. Posso ver seus ombros balançando enquanto ri, e se abaixa para apanhá-las.

Caleb me ignora, mexendo em seu telefone.

Todos os homens da minha vida me tratam como se eu fosse uma piada.

— Estou saindo em férias. — eu anuncio para ambos. Caleb ergue a cabeça e levanta uma das sobrancelhas.

— O que você está dizendo, Leah?

Ele está me instigando. Eu não sei o porquê, mordo a isca.

— Estou dizendo que irei, com ou sem você.

Eu saio da sala para não ter que ver sua expressão. Por que me sinto como uma menina de dez anos? Não, não há nada de errado comigo. É ele. Ele não me quer por quem eu sou. Ele quer me transformar em outra pessoa. Esse é um jogo que Caleb e eu temos jogado há anos. Ele me impõe um padrão no qual viver, e eu falho.

Ele vem atrás de mim.

— O que está fazendo? — Ele me agarra pelo braço, enquanto tento me desvencilhar.

— Você está tentando me controlar.

— A ideia de uma Leah sendo controlada, me aborrece, esteja certa. Entretanto, ser parte de uma família significa tomar decisões em união.

— Ah, por favor! — , jogo na cara nele, — Não vamos fingir. Ninguém, além de você, está tomando as decisões.

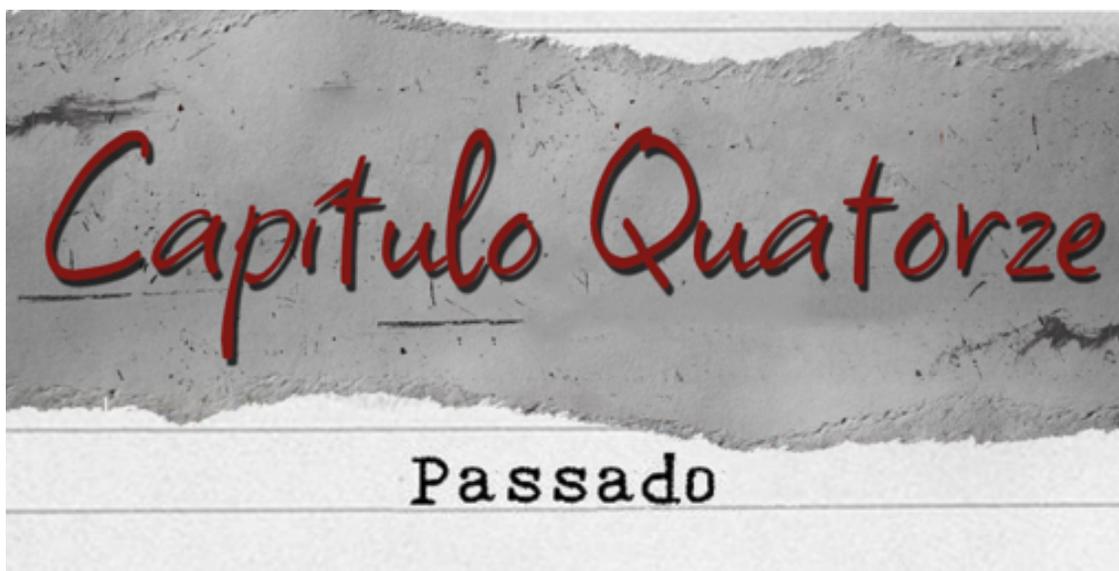
Retiro meu braço. — Estou cansada do papel que tenho que interpretar por você.

Estou na escada quando o ouço dizer: — Bem, aí está.

Não olho para trás.

Lá em cima, pego a pintura de rua que Courtney me trouxe de sua viagem à Europa. Eu o mantenho embrulhado em papel de cera dentro de uma caixa. Toco a sombrinha vermelha com a ponta do dedo. Courtney dizia que eu era sua sombrinha vermelha. Quando ela estava agitada, tudo que tinha que fazer era aproximar-se de mim e eu afastaria dela tudo que houvesse de ruim. Não era verdade. Eu falhei com Courtney, com meu pai, e estava a ponto de falhar com Caleb.

Eu a empurro de volta na caixa e enxugo todas as lágrimas que escorrem até minhas bochechas. Ouço Estella chorar ao acordar de sua soneca. Engulo minhas emoções, respiro fundo e vou até ela.



Capitulo Quatorze

Passado

Nós discutimos no dia de seu acidente. Você pode imaginar? Seu namorado quase morre, e horas antes, você diz a ele que quer terminar.

Não falei sério. Foi um 'ou vai ou racha': uma tentativa cruel de forçá-lo a casar. Não fosse pelo fato de você não poder dar um ultimato a Caleb Drake. Eu podia vê-lo em minha mente, à medida que as palavras saíam da minha boca; sobranceiras erguidas, sua mandíbula cerrada como um punho. Um dia antes ele tinha viajado para Scranton a negócios, e nós discutimos por conta do mesmo assunto. Eu queria um maldito anel. Caleb queria ter certeza que o meu dedo era certo para usá-lo.

Então, recebi a ligação. Eu estava no trabalho, quando a voz refinada de Luca soou do outro lado da linha. Luca e eu tínhamos um relacionamento instável; às vezes, as coisas eram ótimas entre nós, às vezes, tinha vontade de despejar querosene em sua cabeça e acender um fósforo. Ela dizia coisas como hospital e perda da memória. Não me dei conta até ela dizer: — Leah, você está me ouvindo? Caleb está no hospital! Ele não sabe seu próprio nome!

— Hospital? — repeti. Caleb deveria estar escolhendo um anel para mim.

— Um acidente, Leah! — ela repetiu. — Nós voaremos para lá pela manhã.

Tão logo desliguei o telefone, comecei a procurar voos. Se eu sáísse naquele momento, estaria lá antes da meia-noite. Luca voaria com Steve,

o padrasto de Caleb, pela manhã. Eu queria estar lá primeiro. Eu precisava olhar em seus olhos e fazê-lo se lembrar de mim. Meu pai adentrou meu escritório com uma pilha de papéis nas mãos. Meu mouse pairando sobre o botão de compra. Ele estava sempre precisando que eu assinasse coisas.

— O que está fazendo? — Ele olhou para mim sobre a beirada de seus óculos.

— Caleb sofreu um acidente. — eu disse. — Ele teve uma concussão e não sabe quem é.

— Você não pode sair. — ele disse sem qualquer emoção. — Nós estamos no meio de um julgamento. Preciso de você aqui.

Ele largou os documentos em minha mesa e caminhou em direção à porta. Pisquei por sobre suas costas, incerta se ele teria me ouvido.

— Pai?

Ele parou à porta, ainda de costas para mim. Assim era nosso relacionamento na maior parte do tempo – eu falando com ele de costas, ou para sua cabeça inclinada, ou para seu jornal.

— Caleb precisa de mim. Eu vou. — Cliquei em ‘comprar passagem’, e me levantei para juntar minhas coisas.

Não olhei para ele enquanto caminhava em direção à porta, onde ele estava estático, me encarando.

— Johanna...

— Não me chame assim. Meu nome é Leah.

Passei por ele, empurrando-o. A força do meu corpo o fez bater no caixilho da porta. Eu parecia mais corajosa do que de fato me sentia – era boa nisso. Eu tinha acabado de desafiar meu pai – o homem cujo o amor eu eternamente tentava ganhar, receber... merecer? Eu reuni cada pedacinho da vocação que eu tinha para não me virar de volta e ativar sua raiva. Eu sabia que se olhasse para ele, eu voltaria atrás, implorando pelas migalhas de sua afeição como um cão. Ele estava furioso... explodindo. Ande, ande, ande – eu dizia a mim mesma. Caleb precisava de mim. Ele era um bem precioso para mim, e não iria permitir que se esquecesse de mim. O que importava aquele trabalho? O que importava meu pai? Eu precisava de Caleb mais do que precisava dos dois

juntos.

Dirigi para casa e enfiar algumas coisas numa pequena mala. Ao chegar ao aeroporto, estava tremendo. Tudo não passou de um borrão até aquele momento – passar pela segurança, encontrar meu portão de embarque. Quando o encontrei, ainda faltavam trinta minutos até que se pudesse embarcar. Fiquei o mais próximo possível da agente da companhia aérea. Abaixo de seu balcão lia-se Scranton, mas podia muito bem ter-se lido Caleb. Quando foi feita a primeira chamada de embarque, fui a primeira a lhe entregar a passagem. Desabando em meu assento, pressionei meus olhos com os dedos a fim de conter as lágrimas. Distraí-me pegando meu iPhone, pesquisando por amnésia. Estava lendo a respeito dos diferentes tipos, quando a comissária de bordo me disse que eu teria que desligar o celular. Odiei aquilo. Meu namorado estava com amnésia, meu pai iria me deserdar tão logo eu chegasse em casa. E a sombra de olhos azuis vestindo biotecnológica estava preocupada com meu telefone derrubando um avião. Guardei meu celular e passei minhas unhas sobre meu dedão, uma a uma – começando pelo dedo mindinho e passando pelos outros. Fiz isso durante todo o voo.

Quando finalmente chegou o momento da aterrissagem, eu mal pude me controlar em levantar e me adiantar até a frente do avião. Pensei em tudo que poderia dar errado. Luca tinha mencionado ao telefone que a perda de memória de Caleb fora classificada como amnésia retrógrada – o que significava que ele tinha perdido a habilidade de lembrar-se de qualquer coisa que tivesse acontecido antes do acidente. Como alguém poderia simplesmente... esquecer de tudo sobre sua vida? Eu não acreditava naquilo. Não era possível que ele pudesse me esquecer. Nós estávamos juntos todos os dias... ele me amava. Essa era, com certeza, a pior coisa sobre o amor; não importava o quanto você tentasse, você jamais poderia esquecer a pessoa a quem entregou seu coração. Até

Caleb, eu não sabia o que aquilo significava. Eu era a rainha em ‘namore-os e livre-se deles’

A fila andou e corri do terminal para uma locadora de carros. Trinta minutos depois, estava correndo em direção ao hospital em um Ford Focus, o calor aumentava, e meu dedão esquerdo, dedilhando, dedilhando em minhas unhas. Nevava lá fora. E tudo que eu havia trazido fora uma jaqueta e dois

suéteres de um tecido leve. Eu ia congelar.

A subida até o seu quarto no hospital foi a mais demorada que já fiz. Meu peito doía à medida que me preocupava com o fato se ele lembraria ou não de mim. O médico dele – um indiano com feições gentis – encontrou-me no corredor.

— Houve um certo sangramento em seu cérebro que conseguimos manter sob controle. Seu quadro é estável, mas está muito confuso. Não se aborreça caso ele não saiba quem você é.

— Mas, qual foi a causa? Milhares de pessoas têm concussões e não perdem a memória. — eu disse.

— Nunca há uma única explicação como causa para esse tipo de coisa. Tudo que pode fazer é ser paciente e dar a ele todo o apoio de que precisa. Com esse tipo de perda de memória, geralmente se leva tempo, mas as memórias retornam.

Eu olhei receosa em direção à porta. Aquilo estava realmente acontecendo. Eu entraria por aquela porta, e o único homem a quem já me permiti amar, não me reconheceria.

— Posso vê-lo?

O médico assentiu. — Dê-lhe espaço. Para ele, será a primeira vez que a vê. Se quiser abraçá-lo, peça permissão antes.

Eu engoli em minha garganta. Agradecendo ao médico, bati levemente em sua porta.

Ouvi-o dizer: — Entre.

A primeira coisa que vi ao entrar foi a bela enfermeira que checava suas medicações intravenosas. Ela estava flertando com ele. Meu instinto inicial foi de me dirigir diretamente a Caleb e beijá-lo. Demarcar meu território. Ao invés disso, parei furtivamente à porta, esperando que ele me notasse.

Por favor... por favor...

Ele me olhou. Eu sorri.

— Oi, Caleb. — Aproximei-me alguns passos. Não havia nada em seus olhos. Meu coração tremeu com cada segundo dessa constatação. Não haveria um milagre quando ele visse meu rosto. Meus belos cabelos ruivos não

guiariam suas memórias. Eu era feita de aço. Podia lidar com aquilo.

— Sou a Leah.

Ele olhou para a enfermeira – que fingia não ter me notado ali – e ela assentiu, tocando levemente seu braço antes de seguir até a porta.

— Oi, Leah. — ele disse.

— Você... — eu me contive antes que pudesse dizer algo mais. Não iria questionar se ele me conhecia ou não – não – aquilo certamente me colocaria como algo incerto. Eu simplesmente afirmaria quem eu era para ele, e exigiria que ele mentalmente aceitasse.

— Eu sou sua namorada. É estranho ter que te explicar isso.

Ele sorriu – o velho sorriso do Caleb. Soltei a respiração que estava prendendo. Deus, eu precisava de um cigarro.

Aproximei-me do lado de sua cama. Ele estava bastante abatido. Havia cinco pontos acima de seu olho direito e seu rosto parecia uma pintura de Kandinsky.

— Fiquei com tanto medo. — eu disse. — Vim imediatamente. — Ele assentiu, olhando para suas próprias mãos. — Obrigado.

Os músculos se mexiam em sua mandíbula, enquanto seus dentes rangiam. Pisquei para ele, incerta sobre o que dizer em seguida. Começamos da estaca zero? Dei a ele um resumo de quem éramos, onde estivemos?

Seja ainda meu louco amor.

— Eu posso... posso abraçá-lo? Tremi enquanto esperava por sua resposta. Houve tremores de medo, um cálculo da perda que sentiria caso ele me rejeitasse.

Ele me olhou, suas sobrancelhas se encresparam, e assentiu. Foi um daqueles grandes momentos de alívio dos quais eu sempre me lembraria. Um nó interno se desamarrou e eu corri até ele, enlaçando meus braços ao redor de seu pescoço e soluçando em seu peito. Durante alguns segundos, era somente eu o abraçando, e então eu senti suas mãos pousarem levemente em minhas costas. Eu chorei ainda mais intensamente. Aquilo era tão confuso. Eu deveria estar confortando-o, e lá estava eu, chorando.

Se ele tivesse morrido... ó Deus... eu teria ficado completamente só.

Sua mãe havia me dito que o motorista do carro tinha morrido. Eu o vi uma ou duas vezes em compromissos de trabalho de Caleb.

Quando o soltei, não conseguia olhar em seus olhos. Apanhei uma caixa de lenços em minha bolsa e me virei de costas para ele, enquanto os tocava suavemente em meus olhos.

Eu tinha que permanecer firme. Pensar positivamente. Em breve aquilo estaria acabado e enterrado em nosso passado. Naquele momento, eu precisava estar ao lado dele. Nós éramos muito bons juntos. Mesmo que ele não tivesse lembranças de tudo que aconteceu antes, ele perceberia isso agora. Eu tinha que fazê-lo enxergar. Sufoquei um soluço. Por que aquilo teve que acontecer? Justamente quando nosso relacionamento estava progredindo.

— Leah.

Congelei. Meu nome soou estranho em sua voz, como se ele o tivesse dito pela primeira vez, pronunciando as sílabas cuidadosamente. Sufoquei a última das minhas lágrimas e o encarei... sorrindo.

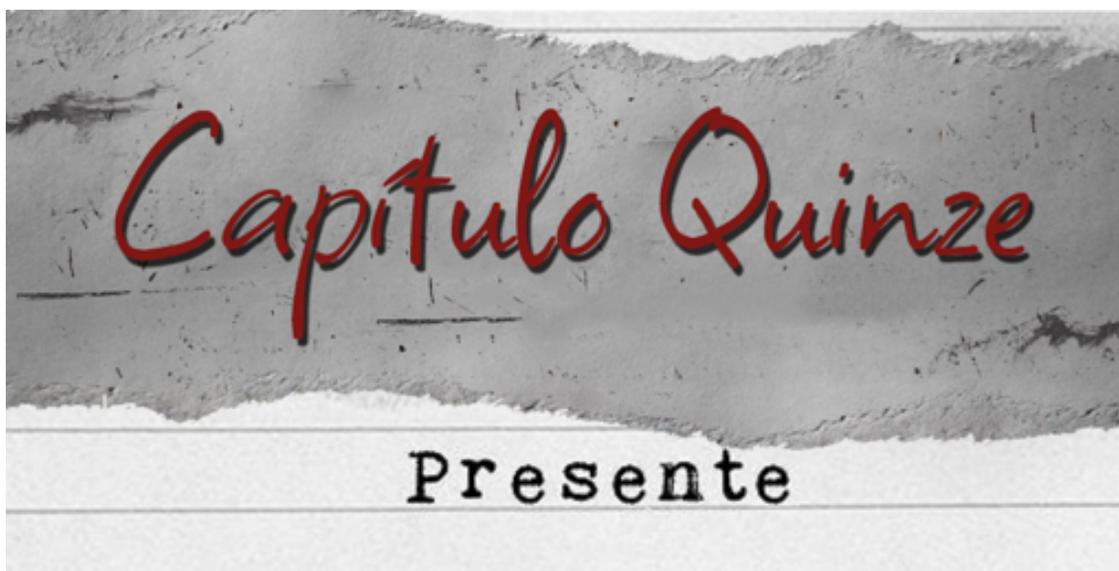
— Você está...? Deus...— Ele dobrou seus punhos quando viu meus olhos úmidos. — Eu sinto tanto.

Parecia que ele estava a ponto de chorar, então me sentei na beirada de sua cama, percebendo a minha oportunidade de ser de alguma utilidade.

— Não se preocupe comigo. — eu disse. — Estarei bem desde que você esteja também.

Ele franziu a testa. — Eu não estou bem.

— Bem, então tampouco eu, mas estamos nessa juntos.



Capitulo Quinze

Presente

Estou na sala de estar, folheando uma *Vogue* enquanto Caleb prepara o jantar. A bebê está dormindo no andar de cima, e a televisão está em algum novo canal desagradável, num volume alto o suficiente para que apenas Caleb ouça. Estou pensando em mudar de canal para o *America's Next Top Model*, quando ouço o nome dela. Minha cabeça se endurece. Olivia Kaspén. Sua imagem na tela, em pé, rodeada de repórteres. Eu apanho o controle remoto, não para erguer o volume, mas para mudar de canal antes que Caleb possa ver.

— Não faça isso! — eu o ouço por trás de mim. Aperto meus olhos bem fechados. Encolhendo os ombros, aumento o volume. A âncora é uma mulher. Certa vez li uma estatística que dizia que sessenta por cento dos homens deixam de prestar atenção quando âncoras são mulheres. Para minha infelicidade, Caleb não é um desses homens. Ele se aproxima da TV, com a faca ainda em mãos. Suas articulações estão brancas. Meus olhos procuram seu braço e pousam em seu rosto. Do nariz para baixo, suas feições são como mármore. Tudo acima disso, está registrando uma emoção em um nível nuclear. Suas sobrancelhas se desenham e seus olhos parecem uma arma carregada pronta para disparar a qualquer momento. Transfiro meu olhar fixo para a televisão, com medo de que, se continuar o observando, eu comece a chorar.

— O julgamento de Dobson Scott Orchard começará na próxima semana. Sua advogada, Olivia Kaspén, que até agora mantinha silêncio quanto ao seu

cliente, recentemente dera uma declaração, dizendo que assumiu o caso depois do então acusado ser um sequestrador e estuprador em série, tê-la contatado diretamente, pedindo a ela que o representasse. Há grandes especulações sobre Olivia, que se formou na mesma faculdade que uma das vítimas do acusado, estará emitindo um apelo de ‘Inocente por Razão de Insanidade’.

O show partiu para um comercial. Eu me encosto contra o sofá. A imagem que tinham mostrado de Olivia era granulosa. A única coisa realmente visível era seu cabelo, o qual estava muito mais comprido do que quando do meu julgamento. Eu giro lentamente meu pescoço até poder ver o rosto de Caleb. Ele está parado atrás de mim, sem fazer qualquer movimento, seus olhos estreitados e vidrados no comercial de papel higiênico, como se suspeitasse da garantia de folhas triplas.

— Caleb? — digo. Minha voz falha e limpo minha garganta. Lágrimas me espetam os olhos, e tenho que usar toda a minha força de vontade para impedi-las de rolar em meu rosto. Caleb está olhando para mim, mas não está me vendo. Eu quero vomitar. Quão frágil é meu casamento, se tudo que ele tem a fazer é olhar para ela e eu deixo de existir? Desligo a televisão, e abruptamente me levanto, fazendo com que as coisas no meu colo caiam no chão. Agarro a minha bolsa, Tateando meus cigarros que escondi na noite em que fui à *Mother Gothel* com Sam. Pego-os sem me importar que ele os veja.. querendo que ele os veja.

— Você está falando sério?

Sua voz é calma, mas posso ver a raiva desenfreada em seus olhos.

— Você não é o meu dono. — digo casualmente, mas minha mão está tremendo, enquanto levanto o isqueiro. Tamanha mentira. Caleb se apossou de cada um de meus pensamentos e ações nos últimos cinco anos. Por quê? Sempre fui eu uma traição ao amor? Relembro meus outros relacionamentos, enquanto dou uma tragada. Não, em todo relacionamento antes de Caleb – eu tinha o poder. Sopro a fumaça do cigarro em sua direção, mas ele já se foi. Apago o cigarro. Por que senti a necessidade de fazer aquilo? Deus.

Não vou para a cama. Fico sentada no sofá a noite toda, bebendo rum direto da garrafa. Autorreflexão não é algo em que sou ótima. Penso em mim mesma como sendo perfeitamente ‘retocada’. Se eu começasse a fragmentar as camadas do que estou retocando – onde coloquei por cima uma bela foto – as

coisas começariam a parecer bem feias. Não gosto de pensar em quem realmente sou, mas a solidão e o álcool estão afrouxando meus constrangimentos. Chamo Sam para que me distraia, quando ele aparece, posso ouvir música ao fundo.

— Um minuto. — ele diz.

Ele reaparece poucos segundos depois.

— Estella está bem?

— Sim. — digo aborrecida. Posso ouvir seu suspiro de alívio.

— Não sou uma boa mãe. — digo a ele. — Provavelmente, sou ainda pior que minha própria mãe, uma mulher crítica, egocêntrica, bebedora de gin e tônica.

— Leah, você está bebendo?

— Não.

Coloco a garrafa de rum ao lado. Não acerto a mesa, e ela acaba caindo no chão. Sorte que estava vazia. Eu tremo.

— Melhor que você tenha bombeado o leite antes de ter feito isso. — ele diz duramente.

Começo a chorar. Fiz isso. Todo mundo é tão crítico.

Ele me ouve, inala e suspira. — Você é, de fato, uma mãe bem ruim, mas não tem que ser.

— Além disso, Caleb ainda tem fortes sentimentos por Olivia.

— Você pode, ao menos uma vez, não focar em Caleb? Isso é obsessão. Vamos falar sobre Estella.

Eu o interrompo. Acho que sempre soube disso, mas não tenho certeza. Posso trazer à tona dúzias de memórias do mesmo cômodo particular em meu cérebro que apenas o álcool tem a chave para destrancar. A maioria das memórias é de olhares – olhares que ele dá a ela e não a mim. Mordo minha rótula e me balanço de um lado para o outro.

— Quer saber de uma coisa? Preciso ir. — Sam diz. — Vejo você amanhã. — Ele desliga. Eu arremesso o telefone para o lado. Foda-se, Sam.

Quando Caleb olha para ela, seus olhos ‘mudam para uma marcha

diferente'. É como se estivesse vendo a única coisa que importa. Eu sou tristemente familiarizada com a maneira com que ele olha para Olivia, porque é assim que olho para ele. Quando me levanto, a sala gira. Estou tão bêbada que mal posso compreender meus próprios pensamentos. Subo aos tropeços, indo direto para meu closet. Eu pego bolsas e malas até estar rodeada por L's e V's e o súbito rico cheiro de couro. Vou deixá-lo. Não mereço aquilo, como disse Cammie. Estou sendo meio amada. Eu enfio uns punhados de roupas em uma bolsa, e desabo no chão. A quem estou tentando enganar? Nunca o deixarei. Se o fizer, ela vence.

Acordo com meu rosto pressionado no chão. Gemo e me viro tentando juntar os pedaços da noite passada. Sinto-me pior que no dia em que dei à luz. Enxugo a baba do meu rosto e observo a bagunça ao redor. Malas e bolsas de lã estão esparramadas ao meu redor como se tivesse acontecido uma chuva delas. Eu estava tentando pegar alguma coisa quando as derrubei? Tenho uma necessidade imensa de vomitar, e corro em direção ao banheiro, fazendo-o bem a tempo de esvaziar meu estômago no vaso sanitário. Estou arquejando por ar, quando Caleb entra com um cheiro fresco de limpeza. Está vestido com shorts e camiseta, o que é estranho, uma vez que ele trabalha hoje. Ele me ignora, enquanto coloca seu relógio e checa as horas.

— Por que está vestido assim? — minha voz está rouca como se eu tivesse passado a noite gritando.

— Tirei um dia de folga do trabalho.

Ele não olha para mim, o que é um mau sinal. Estou tentando me lembrar do que fiz a ele, quando pego uma lufada do meu cabelo. Fumaça. Murmuro internamente, à medida que as memórias voltam impulsivamente. Aquilo foi tão estúpido.

— Por quê? — pergunto eu, cautelosa. — Eu preciso pensar.

Ele sai do banheiro, e eu o sigo até o andar de baixo. Sam está alimentando a bebê, ele levanta suas sobranceiras quando me vê, e eu passo meus dedos pelos meus cabelos conscientemente. À merda ele. É tudo culpa dele. Desde que ele apareceu, minha vida, vagarosamente, começou a desenredar.

Caleb beija a bebê na cabeça e caminha em direção à porta como se estivesse atrasado para algo. Vou atrás dele.

— Sobre o quê você precisa pensar? Divórcio?

Ele para de repente, e eu esbarro com suas costas.

— Divórcio? — Ele pergunta. — Você acha que devo me divorciar de você?

Eu engulo meu orgulho e o tom de desafio que está na ponta da minha língua. Tenho que ser esperta. Tenho me deixado levar pelas emoções ultimamente. Afastei-o quando tive a chance de fazer as coisas direito.

— Deixe-me ir com você. — digo calmamente. — Vamos passar o dia juntos – conversar.

Ele parece não ter certeza, seus olhos mirando a porta do quarto da bebê. — Ela ficará bem com Sam. — asseguro. — Como se eu fizesse alguma coisa mesmo...

Minha colocação parece resolver a questão. Ele assente uma vez, e eu quero gritar de alívio.

— Vou demorar apenas cinco minutos. — digo.

Ele segue para o carro para esperar por mim. Corro para cima e batendo a porta do meu closet quase caio. Visto calças jeans limpas e enfio uma camiseta. No banheiro, jogo uma água no rosto, tirando a maquiagem borrada e tomo um gole grande de enxaguante bucal. Nem me preocupo com uma nova maquiagem.

Saio correndo pela porta da frente, e tenho um pequeno infarto quando não vejo seu carro. Ele me deixou. Estou pronta para me sentar à sarjeta e chorar, quando sua lustrosa BMW vira a esquina. Aliviada, entro e tento parecer tranquila.

— Você pensou que eu a tivesse deixado. — ele diz. Há humor em sua voz e eu me sinto tão aliviada em tirar dele outra coisa que não frieza, que concordo. Ele olha para mim e vejo surpresa atravessar seu rosto. Eu me olho de cima a baixo consciente. Muito raramente o deixo me ver sem maquiagem e nunca uso camisetas.

— Aonde iremos? — pergunto, tentando distrair sua atenção de minha aparência desleixada.

— Você não pode fazer perguntas. — ele diz. — Você quis vir junto, então

cá estamos nós...

Que assim seja.

Ele liga o rádio, e dirigimos com os vidros abaixados. Normalmente eu teria um ataque sobre o vento bagunçando meus cabelos, mas estou tão longe de me preocupar com isso, que quase gosto de senti-lo em meu rosto. Ele pega a rodovia em direção ao sul. Não há nada além do mar nesta direção. Eu mal posso começar a adivinhar para onde ele está me levando.

Paramos em um cascalho cerca de uma hora mais tarde. Eu me ajeito no banco e examino os arredores minuciosamente. Há muita folhagem. De repente, o caminho com árvores se abre e eu me deparo com águas verde-azuladas. Caleb pega a esquerda e para o carro embaixo de uma árvore. Ele desce sem dizer uma palavra. Uma vez que ele não faz sua usual brincadeira de dar a volta e abrir a porta para mim, desço e o sigo. Caminhamos em silêncio, trilhando a água até chegarmos a um pequeno cais. Há quatro barcos, balançando calmamente nas ondas. Dois dos quatro barcos parecem barcos de pesca mais novos. Ele passa por eles

e segue em direção a um velho barco modelo velho Sea Cat que precisa encarecidamente de uma pintura.

— Isso é seu? — pergunto incrédula. Ele assente, o que me faz sentir momentaneamente afrontada pelo fato dele nunca ter me dito que comprara um barco. Fico de boca fechada e subo a bordo sem a ajuda dele. *Sea Cats* é uma marca britânica. Não me surpreende, pois ele geralmente compra produtos europeus. Olho ao redor com certo nojo. Sou alérgica a coisas que não são brilhantes e novas. Parece que ele começou a trabalhar no barco. Eu sinto o cheiro afiado de selante, e vejo a lata próxima à escotilha.

Tento fazer um comentário agradável e natural. — Como vai chamá-lo?

Ele parece gostar da minha pergunta, pois dá um meio sorriso e mexe com a corda que nos mantém na doca.

— Grandes Expectativas.

Eu gosto. Estava preparada para não gostar, mas gosto. Grandes Expectativas é o nome do livro de onde ele escolheu o nome de Estella. Desde que dei à luz aquele pedacinho de gente que grita, sinto-me bem quanto a toda aquela situação. Desde que não tenha nada a ver com Olivia. *Não pense nela*, eu

me repreendo. *Para começar, ela é o motivo por você estar com problemas.*

— Então vamos sair com ele? — faço a pergunta óbvia. Sua cabeça ainda está inclinada, mas ele levanta os olhos, olhando para mim, enquanto suas mãos trabalham. Essa é uma das coisas que só ele faz. Acho isso incrivelmente sexy e sinto borboletas em meu estômago. Sento-me no único lugar disponível — que está rasgado — e observo os músculos de suas costas, enquanto ele se vira para o motor e nos leva para longe do cais.

Estou tão insanamente atraída por ele, e mesmo com o despertar dessa briga, eu quero rasgar suas roupas e montar nele. Ao invés disso, me sento como uma dama e observo enquanto cruzamos a água. Ficamos assim por um longo tempo, ele ao volante, e eu esperando. Ele desliga o motor. A orla segue em um desfile de dunas de areia e casas à minha esquerda, o oceano escuro e azul à minha direita. Ele caminha até o leme e olha por sobre a água. Levanto-me do meu lugar e caminho alguns passos para me juntar a ele.

— Parto amanhã para Denver. — ele diz.

— Não vou matar sua filha — se é aí que quer chegar.

Ele inclina sua cabeça de leve e me olha. — Ela é sua filha também.

— Sim.

Assistimos às ondas baterem contra o lado do barco, nenhum de nós verbalizando nossos pensamentos.

— Por que não me contou sobre o barco? — corro minhas unhas sobre a pele do meu dedão.

— Contaria uma hora ou outra. Foi uma compra por impulso.

Bastante justo, suponho. Comprei sapatos que provavelmente custaram o mesmo que aquela coisa sem contar a ele. Mas por impulso significava que tinha sido uma compra emocional, do tipo que eu fazia quando me sentia deprimida ou preocupada com algo.

— O que mais você não está me dizendo?

— Provavelmente a mesma quantidade de coisas que você não está me dizendo.

Eu me retraio. Isso foi tão dolorosamente verdadeiro. Caleb podia enxergar além como mais ninguém. Mas, se ele realmente soubesse o que eu não estava

lhe dizendo, iria embora amanhã... e eu não podia permitir isso.

Se ele estivesse realmente escondendo mais coisas – eu iria descobrir.

— Você sabe tudo a meu respeito – todos os meus segredos e dramas familiares. O que eu teria a esconder? — perguntei.

Ele me encara. Há uma nuvem negra atrás dele. Parece um agouro. Tremo.

— Há muito que não sei sobre você. — ele diz.

Minha mente vai imediatamente ao monitor de fertilidade e ao Clomifeno, que eu estava usando para engravidar.

O cérebro dele está fazendo hora extra. Posso ver o fogo atrás de sua íris. Quando Caleb reflete, seus olhos praticamente brilham. Odeio isso. A vantagem é que sempre sei quando ele está presente. Seus olhos agora se fixam nos meus, chegam à minha boca, e de volta aos meus olhos. Ele estreita seus olhos e inclina sua cabeça como se estivesse lendo meus pensamentos. É possível desvendar um segredo através do rosto de alguém? Eu sinceramente espero que não.

— Quando você veio até mim aquela noite... no hotel... você estava tentando engravidar?

Eu desvio meus olhos dos dele e olho para baixo, encarando a água. Diabos, para ele é possível. Minhas mãos tremem. Eu tento controlá-las. Então, o apunhalo com a verdade.

— Sim.

Não sei por que digo a verdade. Eu nunca digo a verdade. Droga! Quero colocar as palavras de volta em minha boca antes que elas possam alcançá-lo, mas é tarde demais.

Caleb leva as mãos atrás do pescoço. Suas sobrancelhas se erguem, se erguem, se erguem, vincando sua testa em meia dúzia de pequenas linhas. Ele está furioso.

Penso naquela noite no hotel. Fui até lá determinada. Eu tinha um plano. Funcionou. Nunca pensei que seria pega. E fui. Esfrego minhas unhas atrás das costas dos meus dedos.

Esfrego.

Esfrego.

Esfrego.

Caleb está mordendo sua bochecha por dentro. Parece que ele quer é sair correndo. Ele foge para pensar. Quando fala, suas palavras saem por entredentes.

— Tudo bem. — ele diz. — Tudo bem. — Ele olha para o céu, a luta evidente em seu rosto. — Eu a amo tanto... — sua voz falha. Ele apoia um braço no barco e entra água junto de mim. — Eu a amo tanto. — ele diz novamente. — Não me importo como ela foi concebida. Simplesmente me sinto feliz por ela estar aqui.

Solto um suspiro de alívio e olho para ele de canto de olho, receosa.

Ele engole seco, uma vez, duas...

— Você engravidou propositalmente, e agora parece não querê-la. — É difícil ouvir aquilo... as duas coisas. Verdade, feio e assustador.

— Achei que seria um menino. — Minha voz é tão baixa que compete com as ondas, mas Caleb me ouve.

— E se fosse? Você iria então gostar de ser mãe?

Odeio quando ele me força a pensar. Iria? Ou era esse um papel no qual eu estava condenada a falhar, fosse menino ou menina?

— Não sei.

Ele levanta a cabeça e olha para mim. Vejo o desleixo em seu rosto e quero tocá-lo.

— Você a quer?

Não diga a verdade a ele!

— Eu... eu não sei o que quero. Quero você. Quero fazê-lo feliz...

— Mas não Estella?

Sua voz está chegando ao limite. O limite que geralmente indica que bastante encrocada. Tento sair dessa situação.

— É claro que eu a quero. Sou a mãe dela...

Falta convicção em minha voz. Eu costumava ser uma exímia mentirosa.

— O que você fez depois daquilo... foi tudo planejado também?

Assisto ao seu peito fazer o inspira/respira. Respirações rápidas e com raiva... ele se enrijece para ouvir a minha resposta.

Eu sugo todo o ar que o céu tem a oferecer. Puxo-o até meus pulmões queimarem. Não quero soltá-lo. Quero segurar aquele ar, bem como a confissão a qual ele está me forçando. Não tenho que lhe dizer a verdade.

— Caleb...

— Por Deus, Leah, apenas diga-me a verdade...

Ele passa uma de suas mãos pelos cabelos, dá dois passos à esquerda de modo que só posso ver suas costas.

— Eu estava chateada... Courtney...

Ele me interrompe. — Você fez isso para que eu voltasse?

Engulo seco. Merda. Se disser que não, ele continuará me fazendo perguntas até que eu me entregue em alguma delas.

— Sim.

Ele xinga e se inclina na altura dos quadris, as pontas dos dedos pressionam sua testa como se tentassem conter seus pensamentos.

— Acho que preciso de tempo para pensar.

Não, Caleb. Balanço minha cabeça de um lado para o outro. Ele balança a dele em afirmativa. Nós parecemos um casal de tristes bonecos que balançam a cabeça.

Um redemoinho começa, o pânico me acomete à medida que eu lamento.
— Não me deixe novamente. Não posso cuidar dela sozinha.

Abaixo a cabeça.

— Não será preciso, Leah.

Olho para ele esperançosa.

— Vou levá-la comigo. Ela é minha filha. Cuidarei dela.

Ó, Deus. O que eu fiz dessa vez?

Ele se levanta, liga o motor do *Cat* e rumamos em direção à costa, os restos de minha sanidade despedaçando-se.

No minuto em que ele amarra o barco à doca, saio e corro até meu

telefone, que havia deixado no carro. Quero sair de lá. Meus dedos amolecem, enquanto eu me atrapalho com a tela, acotovelando-me inutilmente. Ligo para um serviço de táxi e conto minha localização. Estou estremecendo apesar do calor. Meu Deus, em que estava pensando quando lhe contei aquilo? Mal podia respirar ao vê-lo descer a doca e se dirigir em direção até onde estou encostada contra o capô de seu carro. Mesmo no lugar de nossa atual situação, meu coração agita-se à menor notícia dele. Amo-o tanto que meu coração dói. Ele não olha para mim. Não sei o que isso significa, mas pensar nunca é boa coisa. Pensar agita um perigoso turbilhão de emoções. Minhas emoções quase me afundaram uma vez. Não quero que aconteça novamente.

O cascalho se descola debaixo de seus pés, enquanto ele caminha para onde estou sentada. Meus braços estão envoltos em minha cintura, enquanto tento forçar minha sanidade a voltar para meu torso. Ele para a alguns metros de distância. Está vindo checar como estou. Ele me odeia nesse momento, mas está vindo checar como estou. — Chamei um táxi. — digo. Ele assente e olha para a água, que está visível apenas além das três árvores mortas onde ele estacionou o carro.

— Eu vou ficar aqui. — ele diz. — Ligo quando voltar para que possa buscar Estella.

Minha cabeça ergue-se bruscamente. — Buscá-la? — Ah, sim, aquilo. — Vou levá-la para passar um tempo comigo em meu apartamento.

Respiro pelo nariz, lutando com minhas emoções, tentando retomar o controle de minhas emoções.

— Você não pode tirá-la de mim. — digo por entredentes.

— Não estou tentando fazê-lo. Você não a quer, Leah. Preciso de um tempo para pensar, e será melhor se ela ficar comigo. — Ele esfrega a testa, enquanto eu, calmamente, entro em pânico.

Eu quero gritar – *Não pense! Não pense!*

— E quanto ao trabalho? Você não pode cuidar dela com seus compromissos profissionais.

Estou tentando ganhar tempo. Estraguei tudo, mas ainda posso consertar. Posso ser uma boa mãe e boa esposa.

— Ela é mais importante que o trabalho. Tirarei um tempo de folga. Tenho

uma viagem na semana que vem, depois disso, virei buscá-la.

Meus pensamentos se arrastam. Não consigo pensar em desculpas que justifiquem ele não poder fazer isso comigo. Posso usar a bebê como uma alavanca – ameaçá-lo – mas isso me ferraria a longo prazo. Se ele quer um tempo, talvez eu devesse dar a ele. Talvez, eu precise de tempo também.

Eu concordo.

Ele pressiona seus lábios até perderem a cor. Nenhum de nós diz coisa alguma nos vinte minutos seguintes. Ele aguarda comigo até o encardido táxi encostar, espirrando cascalho em nossos tornozelos até parar. Entro, recusando-me a olhar em seus olhos. Talvez ele estivesse esperando que me virasse para ele e dissesse que tudo fora uma mentira. Olho para frente.

A corrida de *Keys* de volta a Miami acontece por caminhos de terra estreitos que se estendem a uma água azul profunda. Recuso-me a pensar... todo o caminho de volta para casa. Simplesmente não consigo. Foco nos carros pelos quais passamos. Olho dentro de suas janelas e julgo os passageiros, famílias bronzeadas voltando de férias, assalariados com feições entediadas, uma mulher que chora enquanto canta acompanhando uma canção no rádio. Desvio o olhar quando a vejo. Não preciso ser lembrada quanto a lágrimas.

Quando chego em casa, Sam acabou de colocar a bebê para dormir. Ele estuda meu rosto e abre a boca, as perguntas prontas para brotar.

— Não diga merda nenhuma. — vocifero. Sua boca ainda está aberta, quando subo as escadas correndo, e bato minha porta com força. Ouço seu *Jeep* sair alguns minutos depois, e espio pelas cortinas a fim de me certificar que ele se foi. Caminho pelo meu quarto, esfregando minhas unhas, e tentando decidir sobre o que fazer em relação à bagunça que Olivia criou. Então, quase que abruptamente, arranco em direção ao corredor e me esgueiro no quarto da bebê. Nas pontas dos pés, vou até seu berço, olho a beirada por cima como que se esperasse encontrar uma cobra ao invés de uma criança adormecida.

Ela está de bruços, com a cabeça virada para o lado. Ela conseguiu deixar uma mão livre do — embrulho — do Sam e o tem parcialmente na boca. A cada segundo, ela começa a chupá-lo com tanta impetuosidade, que acho que vai acordar. Afasto-me alguns passos para o caso de ela me ver. Sequer sei se ela já pode me ver. Mães normalmente guardam recordações de tais coisas — primeiro sorriso, primeiro arrotto, primeiro o que quer que seja. Inclino minha

cabeça e olho para ela novamente. Ela cresceu, tornando-se um pouco menos – eca. Surpreendo-me por, de fato, poder enxergar a mim mesma nela, a curva de seu nariz e o queixo afiado. Bebês geralmente se parecem apenas com borrões até os quatro anos, mas este tem certa personalidade em seu rosto. Suponho que se houvesse algum bebê mais fofo que os outros, seria o meu. Eu me demoro por outro momento antes de sair do quarto. Fecho a porta e a abro, lembrando-me que estou sozinha esta noite. Sem Caleb. Sem Sam. Nem mesmo minha alcoólatra e egocêntrica mãe. Observei Caleb e Sam o suficiente com a bebê para saber o básico. Você a alimenta, ela defeca a comida, você limpa a sujeira, a coloca de volta no berço... você bebe.

Ó Deus. Eu escorrego pela parede até meu bumbum bater o azulejo, e enfio a cabeça entre os joelhos. Não posso evitar ter pena de mim mesma. Não pedi por esta vida – ser amada em segundo lugar e ser forçada a ter um bebê. Eu queria... eu queria o que Olivia tivera e jogara fora – alguém que me adore mesmo que meu interior se enrole e chicoteie como uma cobra venenosa. Não! Eu penso. Não sou a cobra venenosa. Olivia é. Tudo o que fiz foi culpa dela. Sou inocente. Adormeci daquele jeito, fungando e enxugando meu nariz na perna das minhas calças, assegurando-me de minha inocência e ouvindo a respiração de minha filha. Talvez ela ficasse melhor sem mim. Talvez eu ficasse melhor sem ela.

Acordo com uma sirene. Fogo! Eu pulo, meus músculos desfiando em protesto. Estou desorientada e não tenho certeza de onde estou. Está escuro, ainda é noite. Coloco uma mão contra a parede e cheiro fumaça. Não é uma sirene... é um bebê. Não estou de fato aliviada, pois talvez preferisse o fogo. Vou à cozinha, esbarrando nas coisas, enquanto procuro uma mamadeira e um saquinho de leite materno. Xingo em voz alta. Sam deve ter mudado as coisas de lugar, porque não consigo encontrar nada. Então, vejo o recado grudado na geladeira.

Chega de leite materno de saquinho. Você precisa bombeá-lo de seu peito.

Droga. Olho para a bombinha de leite que está sobre o balcão. Levarei ao menos quinze minutos para bombear a quantidade de que ela precisa, e ela está gritando tão alto que tenho medo que alguém ouça e venha verificar. Vejo o Conselho Tutelar aparecendo em meu bloco, e me retraio.

Subo os degraus de dois em dois, paro no quarto da bebê, respirando fundo

antes de abrir a porta. Acendo a luz e me encolho. A repentina mudança para deixá-la mais zangada também, então apago a luz e acendo a pequena luminária. Lembro-me de ter comprado a luminária no The Pottery Barn. Um urso marrom... para o meu filho. Vou até o berço de minha filha. Ela está encharcada. Sua fralda vazou, molhando suas roupas e o lençol. Coloco-a no trocador e tiro seu macacão. Depois de tirá-la, visto-a com uma fralda seca e ela parece acalmar-se, mas ainda queixando-se.

— Shhhhh... — digo. — Você parece um gato. — Vou até a cadeira de balanço de cinco mil dólares que minha mãe me comprou e me sento nela pela primeira vez.

— Você é realmente um estorvo, sabia? — Olho para ela, enquanto levanto minha camiseta. Afasto meu olhar, quando ela se dá conta. Preciso de toda força de vontade para não afastá-la. Os trinta minutos seguintes são de pura tortura. Sou uma mamadeira humana. Minhas pernas estão cruzadas, e eu bato meus pés para manter minha sanidade. Meus olhos estão fechados, e os pressiono com as pontas dos dedos. Odeio aquilo. Ela adormece enquanto mama. Eu a elevo até meus ombros para fazê-la arrotar, mas não consigo e ela arrota na minha cara. É tão nojento que até acabo rindo um pouco, e a levo até seu berço.

Reclinando-me, experimento uma leve sensação de realização. Posso cuidar de um bebê.

— Vejamos você fazer isso, Olivia.

O constante ciclo de amamentação continua até o sol surgir entre as palmeiras como uma porcaria de um ponto de luz exageradamente forte. Escondo minha cabeça embaixo dos braços, à medida que o sol brilha através das franzinas cortinas do quarto da bebê, refletindo direto em meus olhos. Tinha ido ao seu quarto poucas horas antes, encolhendo-se no beliche ao canto. Nada de dormir – nadinha. Eu me viro de costas para baixo e encaro o teto. Cheiro a leite azedo. Estou prestes a me arrastar nos pés, quando o grito estridente começa de novo.

— Ó Deus! — digo, engatinhando até o berço dela. — Por favor, deixe simplesmente que eu morra.



Ele estava com ela. Tinha que estar. Fui ao seu apartamento e liguei para seus pais. Ninguém o tinha visto ou falado com ele já há alguns dias. Deixei meia dúzia de recados de voz, mas ele nunca me respondeu. Minha vida estava começando a parecer uma passarela de trens. Seguia em direção a algo ruim, a passos arriscados. Caleb estava se afastando de mim. Meus dedos, que costumavam estar entrelaçados aos dele, agora seguravam o ar. Eu precisava me agarrar a algo, retomar o controle. Considerei pedir ajuda à minha mãe, mas depois dela ter me dito para seguir Caleb até o apartamento daquela vadia, tive vergonha de lhe contar qualquer coisa mais sobre aquela situação.

Courtney!

Liguei para minha irmã e lhe contei tudo.

— Jesus, Leah. O que você vai fazer? — Courtney estava em seu primeiro ano como professora. Ela tinha conseguido um emprego. Ensinava matemática às crianças locais em uma escola de ensino médio.

— É sério, você tem que encontrá-lo e conversar com ele. Quem é essa garota, de qualquer forma? Ela obviamente sabe sobre você e não se importa. Que vadia sem coração.

— Eu não sei se ele me ouviria, Courtney. Ele nem parece o mesmo.

Ouvi vozes ao fundo.

— Tenho que ir. — ela disse. — Estou dando acompanhamento escolar depois da aula. Este é o amor da sua vida. Você tem que lutar por ele.

— Certo. — eu disse. — Como?

Ela ficou quieta por alguns segundos. — Descubra quem é essa garota. Se ela é apenas um lance, deixe para lá, ele voltará para você. Se for mais que isso, tem que por um ponto final nessa situação. Você me ouviu?

— Ouvi.

Ela desligou. Eu me senti rejuvenescida. Parei para tomar um Jamba Juice e dirigi direto ao complexo de apartamentos até o qual tinha seguido Caleb a semana anterior. Seu carro não estava lá. Bati à porta e ouvi um cachorro latir. Bati de novo, mais alto dessa vez. Se aquela porcaria de animal continuasse fazendo aquela algazarra, alguém notaria. Aos meus pés, um capacho de boas-vindas e um pequeno vaso de plantas à esquerda. Ele era de pouca ajuda para iluminar o corredor sem graça e cinzento. Olhando ao redor, agachei-me próximo à planta, levantando-a do chão. Nada.

Hummmmm.

Enfiei meu dedo na terra e cavei até... encontrar um saquinho Ziploc. Afastei a sujeira com meu dedo e inclinei-me para enxergar melhor. Uma chave. Bufei. Em pé, coloquei a chave na fechadura e a porta se mexeu, abrindo-se. Meus tornozelos foram imediatamente atacados. Consegui me desviar da feia criatura, e fechei a porta do apartamento, trancando-o para fora. Pressionei meu ouvido contra a parede. Pude ouvi-lo choramingando do outro lado, e então a fraca batida de unhas no concreto enquanto ele desaparece. Bom.

Respirando fundo, me virei para o apartamento. Era agradável. Decente. Ele se esforçou em torná-lo aconchegante. Andei pela sala de estar. Tinha um cheiro forte de canela, eu queria achar de onde vinha.

Farejei o cheiro até um daqueles plugues de parede e o arranco com a ponta do meu sapato. Que tipo de mulher usava aquilo? Eu nunca sequer pensei em comprar um.

Merda. Chega de perder tempo.

Comecei pelo quarto dela. Era onde mulheres vinham escondendo seus segredos desde o início dos... bem, segredos. Eu tirei as gavetas de sua cômoda

uma a uma, passando as mãos na parte de trás de suas roupas. Quando cheguei à sua gaveta de lingerie, fiz uma careta. Por favor, Deus, não tenha permitido que Caleb a visse de lingerie. Ela veste renda – preta, branca e cor-de-rosa. Sem estampas. Fechei a gaveta de mãos vazias e olhei para seu closet. Até então, ela é entediante. O entediante não atrai Caleb. Bem, pelo menos não ao Caleb que eu costumava conhecer. Balancei a cabeça. Não tinha ideia de quem era esse novo Caleb. Eu queria o antigo de volta.

Eu acendi a luz do closet. Era assustadoramente organizado. Uma caixa de sapatos descansava em uma prateleira sobre suas roupas. Eu a peguei e retirei a tampa.

Senti-me como se tivesse levado um soco no estômago. Encarando-me estava uma foto de um Caleb muito mais jovem. Ele estava com o braço em volta de uma garota de cabelos negros como um corvo. Eu a reconheci do dia em que segui Caleb até o apartamento dela. O que significava aquilo? Eles se conheciam? Teria Caleb a procurado depois de ter tido amnesia? Estava ele tentando se conectar ao seu passado? Folheei as fotos. Eles eram mais que simples amigos. Meu Deus. Eu parei em uma foto dos dois se beijando e arremessei a caixa para longe de mim.

O que estava acontecendo? Ele sabia quem ela era ou...

Não, tinha que ser ela. De alguma maneira ela descobriu que ele tinha perdido a memória, e apareceu para confundir a cabeça dele. Ó, meu Deus! Caleb não fazia ideia.

Eu parei de balançar e apanhei a caixa. Dentro dela, havia cartas escritas à mão com a caligrafia inclinada de Caleb. Meus olhos queimavam enquanto as lia. Suas palavras... para aquela garota sobre quem eu não sabia nada. Exceto que não se tratava de qualquer garota. Aquela era Cherry Garcia. Eu tinha quase certeza.

Eu tinha que encontrá-lo, contar-lhe o que ela estava fazendo, mas uma coisa de cada vez.

Juntei o que precisava em uma pilha e guardei em meu bolso. Então, fui procurar por uma tesoura.



Capitulo Dezesete

Presente

Ninguém aparece. Ao meio-dia, percebo que destruí meu casamento e é o dia de folga de Sam. Abro um Scotch. Eu nem mesmo gosto de Scotch, mas por alguma razão, ele me faz sentir-me próxima a Caleb.

A pirralhinha está finalmente dormindo. Eu não penso duas vezes em tomar dois dedos do melhor uísque de Caleb. Ela está tão tensa que um pouquinho de malte a faria bem. Dou uma olhadela em mim mesma no espelho do corredor, quando subo penosamente os degraus em direção ao chuveiro. Pareço uma daquelas mães rechonchudas e de cabelos finos que ocupam bancos de parques com toda a esperança sugada de seus olhos. É isso que estou destinada a me tornar? Uma mãe solteira, usando jeans feios e racionando aqueles desprezíveis biscoitinhos de peixinhos dourados na hora do lanche?

Não – alinho meus ombros. Se vou fazer isso, não vou àquela porcaria de parque. Vou à França e vou alimentá-la com caviar e patê.

Posso ser melhor que um mero estereótipo. Posso ser uma ‘mãe Chanel’.

Ao sair do banheiro, sinto-me uma nova mulher. Não é à toa que Caleb beba aquela coisa cara. Estou praticamente caminhando sobre o ar. Quando a bebê acorda, alimento-a com o estoque de leite que tinha bombeado mais cedo. Ela já parece inquieta, como se a mamadeira fosse algo inconveniente, e não uma refeição. Ela grita e vira a cabeça subitamente até sua pele ruborizar-

se tanto quanto a espécie de penugem que está brotando do alto de sua cabeça.

Eu a agito em sua boca, até finalmente, ela se dar conta, grunhindo com os olhos fechados.

— Perdeu a batalha, não é? — digo, descansando minha cabeça no encosto da cadeira e fechando meus olhos. — Se você pensa que farei isso o tempo todo, você está enganada, sua pequena pirralha mimada de cabelo vermelho.

Eu acordo na cadeira de balanço. A bebê está adormecida em meu ombro. Posso sentir o calor invadindo por entre minhas roupas, e ouço sua breve respiração em meu ouvido. Eu a coloco no berço o mais gentilmente possível e checo meu telefone.

Nem sinal de Caleb, mas duas ligações perdidas do Sam. Estou prestes a ligar para meu inútil assistente, quando ele me envia uma mensagem de texto.

Sam: Gripe intestinal, preciso de uns dias de folga.

Antes que eu saiba o que estou fazendo, meu telefone está escapando da minha mão em direção à porcaria da minha bela escada de mármore. Fecho meus olhos e o ouço se esmigalhar em dúzias de pedaços. Minha vida toda está desmoronando.

A bebê começa a chorar. Eu começo a chorar. Detono mais algumas antiguidades com valores inestimáveis e me recomponho. Tenho uma droga de bebê para cuidar. Quando volto ao seu quarto, meu soluço deu lugar a uma choradeira, e eu já estou com meu seio à mostra.

Sam me encontra no meu lugar de sempre no chão, próximo ao berço dela. Ele me cutuca nas costelas com seu pé, e eu afasto sua perna.

— Você parou de tomar banho?

Quando não respondo, ele me levanta, lançando uma rápida olhada no berço antes de me pôr para fora.

— Eu não a matei. — balbucio, — Se é isso que está pensando.

Ele me ignora, empurrando-me para o meu quarto.

— Você ser uma mãe não significa que não possa cuidar de si mesma.

Lanço a ele um olhar malicioso. Obviamente, ele não faz ideia do que é cuidar de um bebê. Ele me empurra para dentro do banheiro, e liga o chuveiro.

— Caleb ligou para dizer que não voltará para casa. — ele diz sem olhar para mim. Eu afasto suas mãos.

— O que mais ele disse?

Sam não me responde. Isso é ruim. Muito ruim. Caleb não lava sua roupa suja em público. Se ele está dizendo alguma coisa à porcaria do assistente, deve ser porque ele já tomou sua decisão. Eu entro embaixo d'água e deixo que ela caia sobre meu rosto.

Deus – por que não pensei nessas perversas consequências antes de atirar aquele jogo bizarro nele? Eu realmente pensei que estaria machucando apenas a Caleb? Eu me ferrei bonito, e agora, aquela pobre, pirralhinha não vai ter um pai.

A menos que.

Balaço a cabeça. Como pude sequer pensar nisso?



Capitulo Dezoito

Passado

Caleb voltou para mim. Eu sabia que ele faria. Não era porque tínhamos algo insubstituível, mas porque éramos de verdade. Eu lutei por aquilo que queria, e coloquei seu passado para fora da cidade. Ela não iria voltar. Eu tinha quase certeza disso. Ela era muito covarde. Eu sabia que em algum nível, quando encontrei as cartas e fotos, ela tinha sentimentos profundos por ele. Uma mulher não manteria uma caixa de lembranças, a menos que tivesse uma chama queimando por ele. Usei isso a meu favor. Joguei com a culpa dela, e, graças a Deus, ela caiu. Se ela tivesse lutado um pouco mais, eu teria perdido.

Ele ficou introspectivo depois que ela saiu. Eu tive que ver seu coração se partir... em silêncio. Foi horrível. Eu era tão ciumenta que mal podia respirar. Ele não me disse o que aconteceu entre eles, e por que ele diria? Ele estava confuso. Não tive escolha a não ser esperar. Isso era o fim para mim, o fato de que ele, obviamente, se importava muito com ela antes da amnésia, pois os sentimentos estavam todos lá, mesmo que ele não tivesse perdido a sua memória. Ele teria feito uma interessante terapia, se não estivesse tão incrivelmente fodido. Ele olhou para o nada durante muito tempo, depois que eu coloquei um fim no seu pequeno romance. Eu poderia ter ficado na frente dele por esses dias, e mesmo assim ele não teria me visto. Eu me perguntava o que ele diria, quando sua memória voltasse. Será que ele me diria que ela era uma garota de seu passado, ou ele fingiria que isso nunca aconteceu?

E, em seguida, sua memória voltou. Aconteceu de repente, numa terça-feira de abril. Eu estava no trabalho, quando ele me ligou para me contar a novidade.

— Ah, meu Deus!, — eu disse, levantando-me. Eu estava almoçando com um colega na sala de descanso, mas eu queria vê-lo imediatamente.

— Como você se sente?, — perguntei com cautela. Entrei numa sala para ter mais privacidade. Ele iria falar de Olivia? Ele estava com raiva?

— Eu estou bem, — ele fez uma pausa. — Aliviado que acabou. — Deveríamos comemorar. Assim que eu terminar o meu trabalho, posso encontrá-lo.

Ele hesitou. — Claro, Leah. Tem um monte de coisas que quero falar com você.

Meu coração acelerou. O que isso significava? Agora que ele se lembrava quem eu era, talvez ele quisesse continuar comigo. Afastei o pensamento da minha cabeça. Não adiantava ficar tendo esperanças por nada.

— Certo. Vejo você depois do trabalho. E Caleb., — segurei minha respiração. — Eu amo você.

Houve uma pequena pausa, durante a qual o meu coração lutava para continuar batendo, e meu estômago não se sentisse doente.

— Eu também a amo, Leah. — Ele terminou a chamada. Eu me joguei contra a parede.

Ele se lembrou que me amava. Esperei escutar essas palavras durante meses. Comecei a chorar. Então, liguei para Katine e Courtney. Katine ficou em êxtase, e Courtney nem tanto.

— Então, ele se lembrou de tudo, assim do nada? — Minha irmã disse, depois que contei a ela.

— Sim, é assim que funciona.

— Estou tendo dificuldades em acreditar que você pode esquecer de sua namorada há meses, e, em seguida, bam! Você se lembra de tudo.

— Você poderia ficar feliz por mim?, — retruquei. — Finalmente, poderemos avançar em nosso relacionamento.

— E se ele não quiser seguir em frente?, — ela disse. Meu coração

despencou. Ele disse que queria falar comigo. Não eram essas as odiosas palavras antes de terminar um relacionamento?

— Courtney, — sussurrei, — você realmente está me irritando.

— Só estou tentando cuidar de você. O cara estava tendo um relacionamento com outra mulher, pelo amor de Deus! Acorde, Leah! Ele não é tão perfeito quanto você pensa que é.

Eu parti para cima dela. Courtney era amarga. Ela recentemente terminou com o namorado, e estava descontando tudo em Caleb. Eu não ia deixar que ela envenenasse meu espírito. Ele estava de volta, e ele era meu.

Entrei no apartamento dele sem bater. Agora que ele se lembrava quem eu era, não havia necessidade de pretextos. Ele estava em pé na cozinha, bebendo uma cerveja, com o cabelo ainda molhado do banho.

Derrubei minha bolsa e corri para ele. Ele só conseguiu deixar a garrafa sobre o balcão, quando eu me joguei sobre ele. Estava rindo quando me pegou.

— Oi, Red.

— Oi, Caleb.

Olhamos um para o outro por alguns minutos antes dele me colocar no chão.

— Como você se sente?

— Sinto-me bem... ótimo. Só que... há tanta coisa...

Coloquei minha mão sobre a sua boca. — Você não tem que dizer nada. Estou feliz por você estar de volta.

Antes que ele pudesse argumentar, fiquei na ponta dos pés, e o beijei. Em primeiro lugar, ele ficou surpreso. Senti suas mãos em meus braços, tentando me afastar. Passei minhas mãos em seu pescoço. Eu estava marcando meu território. Só Deus sabe o que ele estava fazendo com aquela outra mulher. Eu precisava recuperá-lo, tê-lo me beijando como me beijava antes do acidente. Ele não o fez. Quando se afastou, ele não olhava para mim.

— Caleb, o que está errado? Você se lembra de tudo, certo? — Sim.

— Sinto que você está me tratando como se não soubesse quem eu sou.

Ele se afastou, indo ficar na janela de costas para mim. Passei meus braços em volta de mim, apertando os olhos. Por que de repente senti tanto frio?

— Você está terminando comigo, não é?

Ele manteve o corpo rígido, mas virou a cabeça para olhar para mim. — Nós ainda estamos juntos? Da maneira como eu me lembro, você terminou comigo na manhã do acidente.

Engoli em seco. Isso era verdade.

— O acidente colocou algumas coisas sob perspectiva para mim. — eu disse, cuidadosamente. — Eu quase perdi você.

— O acidente colocou algumas coisas sob perspectiva para mim também, Leah. Ele mudou tudo – o que eu queria... o que pensei que eu poderia ter...

Balancei minha cabeça. Não entendia o que ele estava dizendo. Ele estava se referindo a ela?

Eu o encurralei entre a janela e mim, forçando-o a olhar para mim. — Caleb, antes do acidente você me queria. Você ainda me quer?

Em seguida vieram os dois minutos mais longos da minha vida. Comecei a ir embora. Ele agarrou meu braço.

Eu já estava chorando, e não queria que ele me visse assim. — Leah, olha para mim.

Olhei.

— Eu tenho sido muito egoísta.

— Eu não me importo, — eu disse em seguida, — Você ficou confuso.

— Eu sabia o que estava fazendo.

Olhei para ele. — O que você quer dizer com isso? — Ele praguejou, e passou a mão pelo cabelo. Houve uma batida na porta.

— Droga... droga! — Ele pressionou as palmas das mãos nos olhos, antes de abrir a porta.

Eram Luca e Steve. Peguei minha bolsa e corri para o banheiro para limpar meu rosto antes que eles pudessem me ver. Se a minha mãe me ensinou uma coisa na vida, era não ser pega com as suas emoções a flor da pele.

— Leah!, — ela exclamou, quando saí do banheiro. Ela se movia como

uma gata em minha direção. Resisti à vontade de me afastar. A diferença entre Luca e minha mãe era uma tremenda quantidade de sinceridade de amor maternal. Essa mulher amava seu filho de uma forma que eu estava completamente desfamiliarizada com isso. Era incondicional. Eu o invejava por causa disso. Alguma coisa na sua necessidade de me abraçar me fazia sentir desconfortável. Isso parecia aumentar a cada vez que ela fazia isso, como se estivesse testando se meus ossos eram dignos de seu filho. Deixei-a me abraçar, olhando para Caleb sobre o ombro. Ele nos olhou com uma expressão estranha no rosto.

Quando ela se afastou, ela manteve suas mãos em meus braços, e me olhou nos olhos.

— Caleb, essa garota... — Ela olhou por cima do ombro para ele, depois para mim com lágrimas nos olhos. — Essa menina é uma raridade.

Minha surpresa deve ter sido evidente em meu rosto. Ela me abraçou novamente. — Obrigada, Leah. Você tem sido tão fiel ao meu filho. Uma mãe não poderia pedir qualquer coisa melhor.

Eu não era a único em estado de choque. O rosto de Caleb variou entre o completo espanto e confusão.

Quando olhei em seus olhos, ele encolheu os ombros e sorriu. Ficaram a parte da noite, conversando e bebendo champanhe – que tinham trazido para comemorar. Saí quando eles saíram também. Na porta, Caleb me puxou pelo pulso antes que eu pudesse ir embora.

— Leah, — sua voz era rouca. — Minha mãe está certa. Não importa o quê, você mexeu comigo. Mesmo quando...

Balancei minha cabeça. — Não quero falar sobre isso. — Sobre ela.

Ele estreitou os olhos. Senti como se estivesse me vendo pela primeira vez em meses.

— Você não precisa fazer isso. É uma pena que precisei da minha mãe para enxergar.

— O que você está dizendo, Caleb?

— Não lhe dei o valor que você merecia, nem sua lealdade, ou sua confiança. Desculpa.

Ele me puxou e me envolveu em um abraço. Eu não sabia o que suas palavras significavam para nós, mas, diabos, eu ficaria para descobrir o significado delas.

— Eu a levarei até seu carro.

Balancei a cabeça, limpando as lágrimas com meus dedos. Por favor, Deus, não deixe que ele me machuque.



Capitulo Dezenove

Presente

Sam estava do meu lado – ou pelo menos era isso que eu achava. Ele não me julgava. Eu gostava disso. Ele sabia o que tinha acontecido entre mim e Caleb. Até então, ele não fazia qualquer pergunta a respeito. Mas eu quase queria que ele fizesse. Eu sentia que nós eramos uma equipe. Ele limpava a casa, me mantinha alimentada, lavava minha roupa e me dizia quando deveria alimentar a bebê.

Eu dava de comida a bebê.

Às vezes, eu o observava, quando ele dava banho na bebê, e lhe entregava a toalha.

A maternidade não era tão dura quanto eu pensava. Exceto quando era. Caleb não me ligava.

Caleb não me ligava.

— Então, o que são todas essas tatuagens?, — perguntei-lhe um dia. Ele tinha as mangas arregaçadas até os cotovelos e lavava gentilmente com sabão o cabelo da bebê. Ele me olhou com o canto do olho. Segui as tatuagens com o meu dedo, algo que eu nunca tinha feito antes... em ninguém. Era uma obra bagunçada: um navio pirata, uma flor de lótus, e uma teia de aranha incrivelmente brega. Quando cheguei em seu cotovelo, ele levantou as sobranceiras. — Gostaria que eu tirasse minha camisa para que você possa continuar?

— Há mais?

Ele sorriu, levantando a bebê para tirá-la do banho. — Se eu não a conhecesse, acharia que está atraída por mim.

Eu ri. Realmente. Era meio constrangedor.

— Você é gay, Sam. E sem ofensa, realmente não estou atraída pelo Kurt Cobain com esse estilo todo tatuado.

Sam levou a bebê para o quarto, e a vestiu no trocador. — Eu espero que, ao menos, você curta o som de Kurt Cobain.

Engoli. Deus. De repente, senti-me tonta.

Balancei minha cabeça antes que as palavras pudessem fazê-lo com meus lábios. — Eu ouvia, quando eu era mais jovem.

Ele olhou para mim intrigado.

— Vou pegar algo para beber... — Saí da sala antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, mas em vez de ir para a cozinha, fui para o meu quarto. Fechei a porta o mais silenciosamente possível, e rastejei para a minha cama.

Breathe, Leah.

Estava tentando pensar em coisas boas, coisas que meu terapeuta me mandou focar, mas tudo que eu conseguia ouvir eram as palavras de uma canção do Nirvana, ecoando tão alto na minha cabeça que eu queria gritar.

Gritei no meu travesseiro. Eu odiava isso. Eu estava uma maldita bagunça, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Quando o meu coração se tranquilizou, desci e peguei um copo de água.

Eu estava zapeando os canais na TV, algumas horas depois, quando escutei o nome de Olivia. Parei e voltei ao canal em que tinha escutado o nome dela. Desde que Caleb se foi, eu estava desesperada por qualquer notícia sobre ela. Eu sabia que ele estava assistindo. Arranquei os meus cílios para ver Nancy Grace falar sobre o que estava acontecendo na preparação do julgamento de Dobson. Ela tinha um discurso inflamado. Dei uma risada. E quando era que ela não tinha um discurso? Ela se moveu em direção a Dobson, o que me levou, poucos minutos depois, a perceber que o seu sotaque sulista afiado estava dirigido a Olivia. Aumentei o volume e me inclinei para frente. Yes! Olivia estava sendo esmagada! Isto era exatamente o que eu precisava para me

sentir melhor comigo mesma.

Eu me aconcheguei em meu lugar para assistir com um copo cheio de uísque em minha mão. Um canto da tela estava mostrando as imagens das vítimas de Dobson. Eles variavam em idade e aparência, mas todas tinham o mesmo olhar assombrado em seus olhos. Quando um videoclipe do estuprador veio na tela, torci o nariz. Ele usava um macacão laranja, algemado e acorrentado. Oficiais vestindo roupas simples o cercavam, enquanto ele andava a curta distância do veículo até o tribunal. Ele me dava calafrios. Ele era enorme – do tamanho dos jogadores de futebol americano, fazendo com que o policial ao lado dele parecesse insignificante. Como este palhaço conseguiu atrair meninas para se aproximar a cinco metros dele me surpreendia.

De repente, a tela focou em Olivia. Eu queria mudar o canal, mas como de costume, não consegui tirar meus olhos dela. Nancy estava acenando com sua mão cheia de joias no ar. Sua voz estava crescendo, crescendo, e ela disse que três pessoas do júri eram idiotas por defender o caso de Olivia. Peguei mais um punhado de pipoca sem tirar os olhos da tela. Nancy estava certa. Senti um carinho súbito por ela. Ela, obviamente, sabia levar as pessoas. Então, escutei meu nome. Cuspi minha pipoca e me inclinei para a frente.

Ela ganhou um caso há um ano, defendendo uma herdeira de acusações de fraude clínicas. Nancy chamou alguém do seu júri. Será que ela ganhou esse caso, Dave?

Dave deu um breve resumo do meu caso e afirmou que sim, de fato, Olivia ganhou o caso.

Nancy estava revoltada.

As provas contra essa menina foram esmagadoras, dizia ela, apunhalando a mesa com o dedo.

Mudei de canal.

Mas, na noite seguinte, liguei a televisão para assistir novamente todos os 52 minutos de fúria loira. Por três noites, liguei para o programa me passando pela Sra. Lucy Knight, de Missouri, e manifestei o meu desagrado por Olivia também. Fazia questão de dizer a Nancy o quanto eu a apreciava o que ela estava fazendo pelas mulheres, que ela era uma maravilhosa heroína. Nancy me agradeceu com os olhos cheios de lágrimas por ser sua fã.

Até o final do programa, eu estava bêbada. Às vezes, Sam ficava para assisti-lo comigo.

— Ela é realmente bonita, — ele dizia sobre Olivia. Cuspi um cubo de gelo, e ele riu. A bebê estava quase dormindo a noite toda agora. Eu ainda dormia em seu quarto, apenas para o caso dela acordar. Sam achava que eu finalmente estava me conectando a ela, mas eu só fazia isso para que eu não tivesse que andar muito no meio da noite. Caleb supostamente estaria de volta de sua viagem no dia seguinte. Ele me mandou uma mensagem dizendo que ele iria pegar Estella assim que chegasse. Planejei uma viagem para o spa de manhã. Se tudo corresse do meu jeito, ele não iria a lugar nenhum.

— Então, eles estavam juntos na faculdade?

Eu olhei para onde Sam estava tomando seu refrigerante. — Que diabos?

— O quê? — Ele encolheu os ombros. — Eu me sinto como se eu estivesse assistindo a uma novela mexicana sem saber o início da história.

Funguei. — Sim, eles ficaram juntos por alguns anos durante a faculdade. Mas não foi tão sério. Eles nunca dormiram juntos.

Sam levantou as sobrancelhas. — Caleb amarradão em uma garota, e não teve relações sexuais com ela? — Ele soltou um assobio.

— O que significa isso? — Enrolei meus pés sob meu corpo e tentei não parecer muito interessada. A falta de sexo entre Caleb e Olivia sempre me deixou confusa. Eu queria fazer perguntas nas raras ocasiões em que o assunto vinha à tona, mas nunca quis parecer a namorada ciumenta. Além disso, Caleb protegia seu passado como se fossem malditas joias da coroa.

Sam pareceu pensativo enquanto ele mastigava sua comida. Ele comia muito das coisas que eu associava ao cheiro dele.

— Parece muito tempo para um cara que está na faculdade esperar pela garota. A única maneira que vejo alguém fazendo isso é se ele estava realmente louco de amor... um amor obsessivo.

— O que quer dizer com amor *obsessivo*? — Caleb tinha uma personalidade mais sem obsessão que eu já tinha visto. Na verdade, isso me incomodava. Um ano ele queria esquiar com muita convicção, e no ano seguinte, quando eu começava a organizar a viagem, ele vinha me dizer que não estava mais interessado. Foi o que aconteceu inúmeras vezes ao longo da nossa relação —

com restaurantes, roupas... ele mesmo trocou o carro todos os anos. Era quase sempre assim, ele começava a amar algo intensamente para então gradualmente se entediar.

— Eu não sei, — Sam diz. — Eu acho que ele estava disposto a fazer qualquer coisa por ela... mesmo que isso signifique ir contra o que ele estava acostumado.

— Eu odeio você.

Ele deu um tapa em minha perna brincando, e se levantou. — Só estou tentando limpar sua cabeça um pouco, mamãe monstro. Parece que ele é seu vício, e isso não é saudável.

Olhei atrás dele, enquanto se dirigia para a porta. Ele tinha um bundão pomposo.

— Vejo você amanhã!, — ele falou por cima do ombro. — Quando o Sr. Perfeito retornar...

Mas, no dia seguinte, Sam me ligou para dizer que estava tendo problemas com o carro. Eu teria que cancelar o SPA. Não tinha passado um dia inteiro com a bebê sozinha desde a vez que Sam ficou doente. Comi um mini saco de milho congelado antes de subir para buscá-la. Na maior parte do dia, repeti tudo o que Sam fazia com ela. Ficamos na sala de estar. Limpei o rosto dela depois que ela terminou de comer. Eu mesma a levei para passear em seu carrinho de criança, que eu ainda não tinha usado.

Quando descobri que as fraldas acabaram, liguei para Sam em pânico. Ele não atendeu. Por que ninguém atende o telefone quando você realmente precisa?! Como eu iria até a loja com a bebê? Teria que haver algum tipo de serviço que execute tarefas para as novas mães. Após pensar por mais de uma hora, embalei a bebê no carrinho, e fui ao supermercado mais próximo. Perdi uns dez minutos para entender como colocar o assento de bebês no carro. Eu já estava em pânico, até que uma mãe mais experiente veio me ajudar. Agradei-lhe sem encontrar seus olhos, e me dirigi até loja a tempo de sentir a chuva caindo. No instante em que o frio toma conta do ar, a bebê sente, começando a choramingar. Empurrei o carrinho para o corredor de criança, e peguei uns cinco pacotes de fraldas. Era melhor prevenir do que remediar.

No momento em que eu fui para fila pagar as compras, as pessoas me

olhavam como se eu fosse uma péssima mãe. Carreguei tudo no transportador, tirando-a do carrinho. Segurando-a contra o meu peito, eu a acariciei sem jeito. Estava mexendo em minha carteira e tentando pegar o dinheiro quando o caixa – um delinquente juvenil mascando chiclete – me perguntou: — Isso é tudo? — Olhei para os sacos de fraldas, que já estavam ensacados em meu carrinho, e depois para a correia vazia. Ele estava olhando para mim com os olhos lacrimejantes de maconha, esperando pela minha resposta.

— Hum, não, eu gostaria de toda essa merda invisível também. — Eu mostrei a transportadora e ele foi realmente estúpido o suficiente para olhar.

— Deus!, — digo, violentamente, passando meu cartão de crédito. — Pare com a maconha.

O bebê escolheu aquele exato momento para se mexer como uma tigela em meu braço. Antes que eu pudesse guardar meu cartão de crédito, o conteúdo de sua fralda tinha vazado pelas minhas mãos e camisa. Olhei em volta com horror, e fugi da loja. Sem as fraldas.

Mandei Sam voltar na loja para pegar as fraldas mais tarde, quando ele finalmente tocou a companhia. Quando ele apareceu na porta da frente, eu ainda não tinha trocado minha camisa suja da cagada da minha filha, assim como meus seios estavam vazando. Ele balança a cabeça.

— Você parece pior a cada vez que a vejo.

Comecei a chorar. Sam colocou as fraldas no balcão e me abraçou. — Vá tomar uma chuveirada, enquanto ela está dormindo. Vou fazer alguma coisa para a gente comer.

Concordei imediatamente com a cabeça. Quando voltei do banho, ele tinha feito espaguete.

— Sente-se. — Ele apontou para uma banquetta. Obedeci, puxando a chapa que ele deslizava em direção a mim.

— Você está perdendo, — ele disse. Ele envolveu todo o spaghetti no garfo, sem olhar para mim.

Eu uso uma faca para cortar em pequenos pedaços para que eles se encaixassem no meu garfo.

— O que eu faço para ele voltar para casa?

— Nascer com uma nova personalidade e aprender a calar a boca. — Dou-lhe um olhar sujo, enquanto praguejava.

— Você está atraído por mim? — Houve uma longa pausa.

— Eu sou gay, Leah.

— O quê? *Realmente* pensei que você pudesse não ser.

— Você diz isso o tempo todo!

— Mas você tem uma filha... qual é o nome dela, mesmo? — Ele ri.

— Kenley. Acho que eu só percebi isso bem tarde na vida.

Deixei minha cabeça cair em minhas mãos. Esta era a coisa mais baixa de todos os tempos para mim, tentando seduzir um homem gay. Respirei fundo, e olhei para cima. — Caleb vai me deixar novamente. Eu sei.

Por um segundo, Sam pareceu surpreso, e então ele se aproxima de mim, e coloca o braço em volta dos meus ombros.

— Provavelmente, — ele diz. Virei minha cabeça para olhar para ele. Os gays não deveriam ser mais sensíveis? No minuto em que ele disse que era gay, pensei em usá-lo para substituir Katine.

— Provavelmente. Não posso acreditar que ele ficou com você por tanto tempo. — Ele sorriu da minha expressão.

— Você realmente disse isso?

Ele acenou com a cabeça. — Talvez o cara adore mesmo uma boa puta — mas você está trilhando uma linha muito tênue entre a puta atraente mal-intencionada e a puta psicopata. Você mexeu com a filha dele. Ele provavelmente vai deixá-la, e tomar sua filha de você.

— De jeito nenhum. Não vou deixar isso acontecer.

— O quê? — O marido ou a bebê?

Mordi o interior da minha bochecha. Era óbvio o que eu queria dizer.

— Ele não vai acreditar — se eu começar a agir como uma supermãe. Ele vê através de uma merda como essa.

Sam levantou uma sobrancelha.

— Ele não vai me deixar. Ele acha que vou desmoronar, se ele fizer isso.

— É assim que você quer ficar com ele? Manipulando suas emoções? —
Dei de ombros.

— Para ser sincera, tento não pensar sobre isso. — Percebe-se. Por que
você não o deixa ir? Você poderia encontrar alguém.

Eu tive vontade de esbofeteá-lo no rosto. Mas ao invés disso, acendo um
cigarro. — Nunca vou deixá-lo ir. Eu o amo muito.

Sam sorriu para mim puxando meus dedos. — Nunca?

— Nunca!, — eu disse. — Nunca, jamais.

Sam apontou um dedo para mim. — Isso não é amor. — Revirei os olhos
para ele.

— O que você sabe? Você é gay.



Papai disse que eu era seu braço direito. Deveria me sentir honrada, mas me senti como se eu tivesse prendido meu vestido com uma letra escarlate. Todo mundo sabia o quão rígida era sua política de não trazer familiares para a empresa, por isso a minha aparição súbita era uma fria e nebulosa nuvem sobre os outros funcionários. Será que meu pai contratou uma espiã? Ele está pensando em enxugar o quadro de funcionário e estava me usando para relatar que estava, e não estava fazendo o seu trabalho? Enquanto eu andava pela empresa, escutava o barulho de papel, o pessoal fingindo estar mais ocupado do que realmente estava. Alguns eram terrivelmente agradáveis com a esperança de ganhar minha amizade e garantir os seus empregos, enquanto outros eram abertamente hostis. *Qual a razão dela estar aqui?* Essa era a questão, enquanto eu andava pelos corredores. Foi triste. E a parte mais triste foi o tamanho do meu escritório. Tirando o escritório do papai, o meu era o mais cobiçado do prédio. Uma parede feita inteiramente de vidro, que oferecia uma vista do centro Ft. Lauderdale. Se eu virasse para a direita, de frente para o oceano, eu podia ver o prédio de Caleb à distância. Seu proprietário anterior, que era bem-amado por todos na OPI, foi demitido uma semana antes de eu chegar. Ele estava na empresa há 12 anos e eu tinha ganhado o cargo dele. Minha porta tinha uma placa que se lia Entitled Brat, em rosa, em letras de bolha. Aqui eu ganhava cinco vezes mais que o emprego que eu tinha no banco. Aparentemente, a minha vida então privilegiada, tinha alcançado o topo

em Licorice Lane. No interior, sob meu novo emprego e lindo escritório, eu estava me contorcendo.

Meu pai me deu um emprego de prestígio em sua própria empresa para provar o quão pouco ele pensava em mim. Meu namorado me dava sorrisos que não alcançavam seus olhos. Minha mãe me deu tão pouco amor que mais parecia um desprezo açucarado. Se alguém realmente se importasse comigo diria: Leah, é tudo coisa da sua cabeça... tudo o que eu teria que fazer era me justificar para as três pessoas na minha vida que realmente não me queriam lá. Meu assistente espreitou a cabeça para dentro do escritório e disse: — Srta. Smith, todo mundo está esperando por você na sala de conferências.

Merda. Eu tinha me esquecido disso. Peguei meu MacBook e meu suco comprado nas lojas Jamba, e tranquei a porta. Fiquei tão envolvida com minha autopiedade, que eu estava 10 minutos atrasada para uma reunião superimportante. Eu odiava isso. Andei casualmente, evitando os olhos de meu pai, sentando-me em meu lugar.

Levantei meu olhar, esperando ver Bruce Gowin, que normalmente se sentava ao meu lado, mas em vez disso tinha ao meu lado uma loira com dentes incrivelmente brancos.

Onde estava Bruce? Bruce era meu parceiro de temperamento tipo pavio curto. Minha cabeça girou em torno da mesa procurando por ele, até que meu pai chamou minha atenção.

— Leah, eu estou tão feliz que você finalmente decidiu se juntar a nós. Se você está procurando o Sr. Gowin – ele não está mais com a gente. Wickham Cassandra é a sua substituta.

— Você pode me chamar de Cash, — ela disse, estendendo-me a mão. Cash... como Hollywood.

Cash estava nervosa, forçando não parecer, usando um cabelo na altura do queixo e lábios que parecia ter cerca de cinco rodadas da agulha de colágeno. Ela era impressionante... muito sexy. Imediatamente me senti ameaçada. Eu lhe dei o sorriso mais verdadeiro que consegui colocar no rosto e me virei para o meu pai, que estava me observando de perto. Cash era o seu novo animal de estimação, isso eu já sabia. O que eu gostaria de saber era se Bruce foi demitido apenas para dar espaço para ela.

— Vamos começar, então., — ele se virou para o projetor e todos viraram em direção a tela, como se estivéssemos programados para fazê-lo. E nós estávamos. Charles Austin Smith repreendia verbalmente qualquer um que ousasse falar, ou cochilar durante essas reuniões. Ele repreendia minha mãe por dar suas opiniões tantas vezes, que hoje ela já não tinha mais nenhuma. Rei Smith. Anteriormente Smitoukis, mas isso fazia parte da sua vida pobre. Quando o rei falava, seus súditos perdiam suas línguas e escutavam.

A reunião foi uma forma de todos os departamentos da OPI Gem se conhecerem. Desde que eu era chefe de assuntos internos, minha responsabilidade era de coordenar a nova posição de Cash como Química-Farmacêutica de Formulação. Como a maioria dos químicos de formulação eram autodidatas, ou tiveram sua essência colocadas sob investigadores experientes, Cash já era uma pessoa muito importante na empresa. Se você quisesse comparar, seria como a estrela do rock farmacêutico,. Eu não sabia como eu me sentia sobre o meu novo cargo. Eu queria Bruce volta.

Após a reunião, eu me dirigi ao escritório do meu pai para descobrir para onde ele tinha ido. Fechando a porta atrás de mim, apenas me sentei no único assento disponível na frente de sua mesa. Esperei ele olhar para mim por cima de seu computador antes de falar.

— O que aconteceu com Bruce, papai?

Meu pai tirou seus óculos de leitura e os colocou sobre a mesa. — Mr. Gowin não estava trabalhando. Tenho grandes projetos emergentes que irão nos colocar no mapa como uma empresa farmacêutica. Precisávamos de uma nova equipe. Espero que você mantenha a Sra. Wickham sob sua asa.

Balancei a cabeça... muito ansiosa. Ele franziu a testa. — Você vai trabalhar em colaboração com ela, enquanto nós formulamos e testamos uma nova droga. Estou colocando você no comando de todo o projeto.

Meu queixo caiu. Mas me recuperei rapidamente, tirando o sorriso bobo do meu rosto, tentando ser a vice-presidente de assuntos internos.

Era um grande negócio. Sejam quais forem os motivos de meu pai para me trazer para a empresa, foram postos de lado por esta notícia. Ele confiava em mim, para o lançamento de um novo medicamento. Isso era algo grande!

— Obrigada, papai. Estou muito honrada.

Ele me dispensou com um aceno de sua mão, e tive que me conter para não sair pulando de seu escritório. A primeira coisa que fiz foi ligar para Caleb.

Ele estava sem fôlego, quando pegou o telefone. Imaginei que ele tivesse acabado de voltar de uma corrida.

— Uau, Red. Estou muito orgulhoso de você. Vou buscá-la no trabalho hoje à noite e vamos comemorar.

Eu brilhava sob suas palavras. Eu concordei em me encontrar com ele às 19h. Desliguei o telefone e alisei minha saia. Eu iria lá embaixo no laboratório, onde Cash estaria organizando o seu escritório. Como iríamos trabalhar juntas, era do meu interesse conhecê-la. Quando me virei para a porta, ela já estava lá.

— Leah!, — ela disse. — Posso entrar?

Balancei a cabeça, fazendo sinal para ela se sentar.

— Pensei que talvez pudéssemos almoçar, conhecermos uma a outra um pouco.

Decidi não contar a ela que eu estava prestes a fazer a mesma coisa. Deixei-a pensar que ela estava me perseguindo. Eu era a chefe e deveria manter um ar profissional. Estudei suas feições, quando ela se sentou em minha frente. Deveríamos ter a mesma idade. Ela era um pouco bronzeada, como se ela fosse a melhor amiga de uma câmara de bronzeamento nos últimos anos.

— Eu realmente não conheço nada por aqui, — ela disse cruzando as pernas. — Acabei de me mudar para cá. Vim de Washington.

O que ela quis dizer com isso? Realmente não me importava de onde ela era. Sorri.

— Você pode vir comigo. Amanhã?

Ela assentiu com a cabeça e se levantou. Ela tinha uma tatuagem de um golfinho no tornozelo. Estranho para alguém de Washington.

— Ótimo, vejo você amanhã. — Ela permaneceu na porta. Pensei que ela fosse dizer mais alguma coisa, mas no último minuto, ela se virou e correu, como se estivesse fugindo de alguma coisa.

Eu a vi caminhar pelo corredor e apertar o botão para o elevador. Havia alguma coisa tão sombria sobre ela. Caleb provavelmente seria capaz de entendê-la. Ele era bom em merdas como essa. Eu estava quase tentada a

deixá-lo fazer isso, mas depois pensei na forma como as mulheres reagiam a Caleb, e desisti dessa ideia. A última coisa que eu precisava era a loira idiota flertando com o meu namorado. Eu mesma teria que ficar de olho nela.

Quando o relógio marcou seis horas, entrei no banheiro para me arrumar para o meu encontro com Caleb. Felizmente, eu estava usando o meu novo terno branco da Chanel. Tirei os grampos do meu cabelo e os deixei cair em minhas costas. O vermelho era estonteante contra o branco. Eu era linda. Eu sabia disso. Muitos homens me diziam o tempo todo que muitas mulheres tinham inveja de mim. Era tanta inveja que era quase impossível manter amizades femininas.

Caleb entrou em meu escritório 10 minutos mais cedo, cheirando a agulhas de pinheiro e incrivelmente bonito. Ele estava sempre adiantado. Fingi surpresa, como se eu não tivesse passado os últimos 20 minutos me arrumando no banheiro. Levantei-me para beijá-lo, e meu estômago vibrou quando sua língua entrou em minha boca.

— Eu gosto disso, — ele disse, correndo o dedo ao longo da minha blusa, que culminou no meu decote. Ele estava se referindo à minha roupa, mas com Caleb havia sempre um significado subjacente.

— Por que você não a tira, e vê se você não gosta do que está embaixo dela?, — disse em sua boca. Gostei da ideia de batizar meu novo escritório.

Ele estava pensando em minha oferta, quando houve uma batida na minha porta.

Eu me afastei de seu peito, irritada. — Entre.

Cash abriu a porta. Seu rosto corou quando nos viu.

— Meu Deus! Desculpa!, — ela disse, afastando-se. — Eu estava vindo para perguntar se você sabia como chegar ao Panera mais próximo.

Não gostei do jeito que ela estava olhando para ele. Eu o abracei ainda mais, passando meus braços ao redor do pescoço dele como um animal possessivo.

Meu.

Ela parecia entender a minha linguagem corporal. Os cantos de sua boca se viraram ligeiramente. Houve uma pausa desconfortável, durante a qual esperei

que ela fosse embora. Caleb limpou a garganta. Apresentações, é claro.

— Cassandra Wickham, este é o meu namorado, Caleb, — eu disse, apresentado-os contra a minha vontade. Caleb se separou de mim para apertar sua mão. Eu não queria que ele a tocasse. Ela segurou a mão dele por alguns segundos, muitos, sorrindo timidamente.

Será que ela não estava me vendo bem ali?

— Você é nova na cidade?, — Caleb perguntou, soltando a mão dela. Ele se inclinou para mim, e eu me pressionei contra seu lado. Ele sabia as minhas fraquezas, sendo uma delas a insegurança. Sempre que ele sentia essa vibe, ele compensava no departamento da atenção. Perfeito, ele era perfeito.

Cash acenou com a cabeça. — Só mudei para cá há uma semana. — Cassandra vai trabalhar comigo no novo projeto, — eu disse com firmeza. Eu não tinha vontade de chamá-la de Cash de maneira alguma. Eu sabia o que estava por vir. Caleb era um cavalheiro. Se alguém não conhecia bem a cidade e estava na hora de comer...

— Você deveria se juntar a nós para o jantar. Vamos sair para comemorar.

Eu vacilei. Ela não pareceu notar, talvez porque seus olhos estavam grudados em meu namorado.

— Eu odeio incomodar... — Sim, porra.

— Claro que você não incomodaria, — eu disse, rapidamente. — Nós adorariamos se você fosse com a gente.

Seus olhos dispararam para os meus, e eu não tinha dúvidas de que ela entendeu o que eu estava realmente dizendo.

— Bom, então eu só vou pegar minha bolsa.

Assim que ela saiu do meu escritório, Caleb me beijou na testa... em seguida nos lábios. Ele foi atraído para a bondade, ligado por ele mesmo – que era exatamente por isso que eu me sentia insegura. Eu não estava na lista dos presentes de Papai Noel. Ou ele não tinha percebido isso, ou ele estava muito distraído com meus seios para se importar. Na verdade, eu tinha belíssimos seios.

Nós nos encontramos com Cash no saguão do escritório, e ela insistiu em ir com a gente. Eu quase tive que empurrá-la para fora do meu caminho para

chegar ao banco da frente. Caleb nos levou a Seasons 52. Nós pedimos vinho e Cash descobriu mais sobre o meu namorado do que eu em um ano.

— Então, essa garota – sua ex – não dormia com você. Desculpe-me por dizer isso, mas você é tão fodidamente sexy, como isso foi possível? Ela era lésbica?

Caleb deu um sorriso torto, e eu me perguntava o segredo que ele escondia por trás de seus lábios sensuais.

Ele correu sua língua ao longo de seu lábio inferior, e olhou Cash com o que eu chamava de olhos risonhos.

— Alguém a machucou emocionalmente. Infelizmente, eu a machuquei também.

— Infelizmente, — ela repetiu, os olhos correndo para onde eu estava sentada.

Senti a picada sem ver seu rosto. Caleb usava sua emoção em sua mandíbula. Eu poderia imaginar que ele estava tendo dificuldades em escondê-las neste momento. Peguei a mão dele embaixo da mesa, e os nossos dedos se entrelaçaram. Ele pensou que eu estava oferecendo apoio, mas na verdade eu só precisava saber que ele ainda era meu. Eu queria lembrá-lo que eu era a única sentada nessa mesa com ele, não ela.

Ele se mexeu na cadeira. Cash queria saber como nos conhecemos. Assim que ela descobriu que ele tinha sido relutante em ir a um encontro às cegas comigo, ela queria saber o motivo.

— E você, Cash? Qual é a sua história? — Cash tentou se desviar. Mordi meu sorriso e me preparei para um passeio selvagem. Caleb tinha um talento especial para extirpar informações. Eu tinha quase certeza, que até o final de nossa refeição, saberíamos a história de sua vida.

Ela estendeu um dedo bem cuidado até pegar uma mecha de seu cabelo e por atrás da orelha. Ela estava escondendo alguma. Eu sabia como uma mulher com um segredo se parecia, eu olhava para uma no espelho todos os dias. As mulheres usavam seus segredos em seus olhos, e se você prestasse atenção, poderia vislumbrar uma emoção acentuada, reunindo através de uma conversa regular. Caleb perguntou se ela tinha se mudado sozinha para Flórida, e eu peguei um rápido olhar para baixo, antes dela alegremente responder: —

Sim.

Eu tinha tido uma aula de psicologia na faculdade, onde estudei sobre linguagem corporal. Uma das palestras era chamada de ‘A Arte da Mentira’. Nós tínhamos sido obrigados a executar uma experiência com a leitura do capítulo, no qual perguntaria a uma pessoa que não estava na aula sobre uma série de questões. Para minha alegria, descobri que uma pessoa que se recorda de uma memória real, olha para cima e para a direita, enquanto que uma pessoa que utiliza a parte criativa do seu cérebro – a mentira – olha para baixo e para a esquerda. Cash estava forçando bastante seu olhar para baixo. Pequena. Mentirosa. Imunda.

— Onde é que a sua família mora?, — Caleb perguntou. Ele estava alisando meu cabelo entre seus dedos. Cash olhava com inveja.

— Ah, eles estão por aí, — ela disse, acenando-lhe a pergunta. — Por aqui?

— Meu pai mora aqui. Minha mãe mora em Nova York. — Você o vê com frequência?

Ela balançou a cabeça. — Na verdade, não.

Outra família fudida, sem dúvida. Eu quase balancei a cabeça em apoio.

— Eu gostaria de ter mais tempo, — ela disse rapidamente. — Eu tenho estado tão ocupada com a mudança. Nós somos muito próximos.

Sua boca estava aberta para falar outra mentira, quando o garçom chegou com a nossa comida. Uma pena. Eu queria escutá-la. O resto da refeição foi acompanhada por uma conversa. Então, ela era próxima de seu pai? Deve ser bom.



Capitulo Vinte e Um

Presente

Caleb tinha escondido o barco de mim. O que mais ele estava escondendo? Apenas saber disso estava criando caraminholas em minha cabeça. Era tudo que eu podia pensar, chegando ao ponto de me sentir sufocada com a minha própria suspeita. Eu andava tão carrancuda, que, ao final disso tudo, iria precisar de Botox em todo o rosto. Uma coisa é certa: eu precisava descobrir se havia mais segredos, mesmo que isso significasse quebrar o código de privacidade. Caleb odiava quando alguém ia em seu escritório quando ele não estava lá.

Eu sempre lhe dei espaço, já que todo o resto da casa era minha, mas hoje eu tinha que bisbilhotar. Deixei Sam ir para casa, assim que ele colocou Estella pra dormir. Normalmente, pediria para ele ficar por algumas horas e assistir TV comigo, mas assim que deu sete horas, praticamente o expulsei porta a fora.

Abri a porta de seu escritório ainda mastigando meu talo de aipo e a luz do filme iluminando. Eu quase nunca vinha aqui. Toda a sala cheirava a ele. Respirei profundamente, e imediatamente senti vontade de chorar. Eu costumava ficar e sentir o cheiro toda noite, e agora...

Olhei para os livros empilhados por toda parte. Realmente não sabia quando ele encontrava tempo para ler. Quando ele estava em casa com a gente, ele cozinhava e interagia com todos nós. Apesar disso, sempre havia um livro

espalhado pela casa, mas eu nunca o vi ler. Certa vez, eu estava arrumando a casa, colocando os livros que ele tinha espalhado pela casa de volta em seu escritório, quando seu marcador havia caído de um dos romances que eu estava carregando. Inclinando-me para pegá-lo do chão, achei que parecia uma moeda de um centavo – ou pelo menos o que costumava ser um centavo. Agora, ele tinha uma mensagem sobre o beijo estampado nele. Era de uma forma estranha também, ligeiramente curvado e alongado. Enfiei de volta em seu livro e da próxima vez que eu estivesse fora, iria lhe comprar um marcador real. Era de couro, importado da Itália. Paguei cinquenta dólares por ele, pensando que Caleb ficaria muito impressionado com meu presente. Quando eu o presenteei no jantar daquela noite, ele apenas sorriu educadamente e me agradeceu, mostrando zero do entusiasmo que eu esperava.

— Apenas pensei que você precisava de um. Você sempre usa aquele centavo estranho, que vive caindo... — Seus olhos imediatamente se fixaram em meu rosto.

— Onde ele está? Você não jogou fora, não é? — Pisquei para ele, confusa.

— Não, ele está em seu escritório. — Eu não conseguia esconder a dor da minha voz. Seus olhos se suavizaram, e ele veio ao redor da mesa para beijar minha bochecha.

— Obrigada, Leah. Foi uma boa ideia – realmente. Eu precisava de algo melhor para lembrar do meu lugar.

— Seu lugar?

— No livro. — Ele sorriu.

Eu nunca mais vi a moeda novamente, mas eu tinha a sensação de que ele tinha guardado em algum lugar secreto. Caleb estava estranhamente sentimental.

Deixando de lado uma pilha de livros no chão, primeiro fui ver suas gavetas, e comecei a puxar seus papéis. Contas, algumas coisas de trabalho – nada importante. O armário era o próximo. Percorri cada pasta do arquivo, lendo-os em voz alta.

— Faculdade, Empreiteiros, obras para casas, Discover Card...

Virei todas as obras para as casas. Nós só tivemos uma casa, além do condomínio de Caleb, que ele insistia em manter. Havia três. O primeiro

endereço foi para a nossa casa, a segunda para o seu condomínio, e o terceiro...

Eu me senti, enquanto meus olhos vaguearam por cada palavra... cada nome. Eu senti que eu estava tentando cavar através do vidro. Meu cérebro de desconectou dos meus olhos. Eu me forcei a ler. No momento em que terminei, meus olhos já não podiam se concentrar em mais nada. Coloquei minha cabeça sobre a mesa, os papéis ainda em minhas mãos. Estava tendo dificuldade para respirar. Comecei a chorar, mas não lágrimas de autopiedade, e sim lágrimas de raiva. Eu não podia acreditar que ele tinha feito isso comigo. Eu não podia.

Eu me levantei com tanta raiva que estava a ponto de fazer alguma besteira. Peguei o telefone para ligar para ele – para gritar com ele, mas desliguei antes de discar. Eu me dobrei, apertando meu estômago e um gemido baixo saiu dos meus lábios. Como isso podia machucar tanto? Houve coisas piores que tinham acontecido comigo. Eu me machuquei. Eu me machuquei tanto. Eu queria que alguém cortasse meu coração, só assim eu não teria que sentir isso. Ele prometeu que nunca iria me machucar. Ele prometeu cuidar de mim.

Eu sabia que ele nunca me amou como ele a amava, mas eu queria ele de qualquer maneira. Eu sabia que o seu amor por mim era condicional, mas eu queria ele de qualquer maneira. Eu sabia que eu era a segunda opção, mas eu queria ele de qualquer maneira. Mas, isso era demais. Tropeçando em seu escritório e no foyer, olhei em volta da minha mansão, meu lindo mundinho. Será que criei isso para encobrir o cheiro da minha vida? Um ovo de filigrana estava numa mesa perto da porta. Era uma antiguidade que Caleb comprou para mim em uma das viagens que fizemos para Cape Cod. Custou-lhe cinco mil dólares. Eu o peguei e arremessei pela sala, gritando o tanto que eu podia. Ele esmagou contra o azulejo, se espatifando para todos os lados, como a minha vida.

Eu olhei a foto do nosso casamento que estava pendurada acima do sofá. Eu a considerei por um momento, lembrando-me daquele dia – supostamente o dia mais feliz da minha vida. Peguei a vassoura, que estava encostada na parede, e esmaguei com toda força que eu tinha que quebrei o vidro do quadro. A imagem caiu sobre os móveis e sobre a mesa do café.

Estella começou a chorar.

Limpei meu rosto, e corri em direção as escadas. Eu estava feliz por ela ter

acordado. Eu precisava de alguém para me segurar.



Capitulo Vinte e Dois

Passado

O dia do meu casamento mais parecia uma coroação do que realmente um casamento. De qualquer forma, para mim, foi como uma coroação. Eu havia ganhado a minha coroa. Eu tinha, muito possivelmente, o homem mais sexy e mais carinhoso que o mundo tinha para oferecer. Eu tinha acabado com a bruxa má de cabelos negros para tê-lo. Eu me sentia triunfante. Vitoriosa. Parecia um bom tempo.

Pensei em todas estas coisas, quando estava na frente do espelho com meu vestido marfim. Foi um corpete do coração com uma saia estilo sereia. Meu cabelo estava preso num coque com formato de uma concha, e uma flor deslumbrante branca presa ao lado. Eu queria usar meu cabelo solto, mas Caleb o queria preso e eu fazia qualquer coisa por Caleb.

Espiei pela janela do imenso quintal do meu pai. Os convidados começaram a chegar e logo foram levados aos seus lugares. O céu estava escurecendo, e a iluminação feita nas árvores estavam começando a se mostrar.

Uma enorme tenda foi posta no lado esquerdo, onde seria a recepção. No lado direito tinha uma piscina olímpica. Meus pais tinham encomendado um piso de vidro para ser colocado sobre a piscina, onde eu e Caleb trocaríamos nossos votos.

Caminharíamos sobre a água. Só em pensar nisso me deixou tonta. Cadeiras foram postas ao redor da piscina. Nós teríamos o público ao nosso redor.

Caleb riu quando viu a disposição no dia anterior. Ele odiava a forma como a minha família tentava superar em tudo os Joneses.

— O amor é simples, — ele disse. — Quanto mais pompa você adicionar a um casamento, menos sincero ele se torna.

Eu odiava isso. Casamentos eram o glacê para o resto da vida. Se a cobertura não era gostosa, quem iria querer comer o bolinho?

Encaramos o piso de vidro por volta de uns 15 minutos, e, finalmente, eu disse:

— Eu queria ser a Pequena Sereia. — Primeiro, ele riu, e então seu rosto ficou sério. Ele puxou um dos meus cachos. — Vai ser lindo, Lee. Você vai ser a Pequena Sereia. Desculpe-me pelo idiota que tenho sido.

Minha mãe entrou na sala 10 minutos antes do casamento. Era a primeira vez que a via durante todo o dia. Ela se inclinou sobre mim, enquanto Courtney aplicava o meu batom. Katine, que estava do outro lado da sala, dando os toques finais em sua própria maquiagem, encontrou os meus olhos no espelho. Ela estava muito familiarizada com a minha mãe e suas palhaçadas. Eu reprimi uma crescente náusea, enquanto Courtney limpava meus lábios com um lenço de papel.

— Oi, mãe, — eu disse, virando-me para sorrir para ela.

— Por que você escolheu esse tom, Leah? Você se parece com uma vampira.

Olhei-me no espelho. Courtney tinha aplicado o batom que era minha assinatura, vermelho. Talvez fosse um pouco gótico para um casamento. Peguei um lenço e a limpei, apontando para um tubo de cor rosa em seu lugar. — Vamos tentar isso. — Minha mãe assistiu com satisfação a nova cor de batom que foi aplicado.

— Quase todo mundo já está aqui. Este vai ser o casamento mais impressionante do ano, posso garantir isso.

Sorri.

— E a noiva mais bonita, — minha irmã disse, o rubor aparecendo em meu rosto.

— E o noivo mais sexy, — Katine jogou por cima do ombro. Eu ri, grata

pelo seu apoio.

— Sim, então vamos torcer para que ela consiga agarrá-lo dessa vez, — minha mãe disse. Katine deixou cair o batom.

— Mãe!— Courtney gritou. — Isso é tão inadequado. Você poderia desligar o seu modo vadia?

Eu nunca me safaria se tivesse dito algo do tipo. Minha mãe fez uma careta para a filha favorita. Eu podia sentir um argumento surgindo. Coloquei minha mão no braço de Courtney. Eu não queria que tivessem brigas no dia de hoje. Queria que tudo fosse perfeito. Engoli minha dor e sorri para a minha mãe.

— Nós nos amamos, — disse, confiante. — Eu não preciso de nada para agarrá-lo. Ele é meu.

Ela ergueu suas sobrancelhas perfeitas, seus lábios puxando apertado. — Há sempre algo que ama mais que o outro, — ela disse. — Seja uma mulher ou um carro, ou... — Suas palavras sumiram, mas eu terminei em minha cabeça — *ou uma outra filha...*

Courtney, alheia ao favoritismo do nosso pai, colocou mais blush sobre minhas bochechas.

— Você é tão mórbida, mãe. Nem todo homem é assim.

Minha mãe sorriu com indulgência para a filha mais jovem e passou a mão em sua bochecha. — Não, meu amor, — ela disse, — não é para você.

Eu ouvi a implicação. Courtney não. Olhei para a mão no rosto da minha irmã, e eu me machuquei. Ela nunca me tocava, a menos que ela tivesse que fazer. Mesmo quando eu era pequena, tinha a sorte de receber um abraço no meu aniversário. Afastando esses pensamentos, pensei em Caleb e imediatamente me senti melhor. Estávamos começando nossa própria família hoje. Eu nunca, nunca iria tratar o meu filho do jeito que ela me tratou, não importava qual fosse a situação. Caleb ia ser um pai melhor. Eu seria capaz de olhar para minha triste antiga vida, enquanto eu olhava para a nova vida de forma alegre. Caleb. Eu tinha a ele. Talvez não tivesse mais ninguém, mas ele era o suficiente para mim.

Cinco minutos antes do início do casamento, houve uma batida na porta. Minha mãe já tinha saído, e só Katine e Courtney estavam comigo.

Courtney correu para ver quem era, enquanto Katine me ajudou a colocar meus sapatos.

Ela voltou com um meio sorriso. — É Caleb. Ele quer falar com você. — Katine balançou a cabeça. — Mas é claro que não! Ele não pode vê-la ainda. Eu sou divorciada, e você sabe o quê? Deixei o idiota me ver antes de nos casarmos. — Ela disse o assunto com uma naturalidade, como se essa fosse a única razão de seu casamento ter desmoronado.

Olhei para a porta, minha frequência cardíaca aumentando. Eu não me importava. — Vocês duas vão lá para baixo. Vejo-as em um minuto.

Katine cruzou os braços sobre o peito como se ela não fosse a lugar algum.

— Katine, — eu disse, — Brian a deixou, porque você dormiu com o irmão dele, e não porque ele a viu em seu vestido de noiva. Agora saia.

Courtney agarrou o braço de Katine antes que ela pudesse responder, e a arrastou para fora da sala.

Alisei meu vestido, olhando rapidamente no espelho antes de ir para a porta. O que ele poderia querer falar comigo? De repente, senti-me mal. E se ele quisesse cancelar o casamento? Já houve alguma uma boa razão para um noivo pedir para falar com a noiva antes de se casar com ela?

Abri a porta.

— Você não deveria me ver antes do casamento, — eu disse.

Ele riu, o que imediatamente me colocou à vontade. Um homem não iria rir se estivesse prestes a romper com sua noiva.

— Vire-se, — ele disse. — Vou entrar. — Tudo bem.

Virei as costas para a porta, e deu alguns passos de distância. Ouvi Caleb entrar. Ele chegou a ficar com as costas pressionadas contra minhas costas. Pegou minhas mãos, e ficamos ali, desse jeito alguns minutos antes de nos falarmos.

— Vou virar., — ele disse. — Não!

Ele começou a rir, e eu sabia que ele estava brincando. Apertei suas mãos. Ele apertou de volta.

— Leah!, — sua voz falou meu nome de uma forma que me fez fechar os olhos. Tudo o que rolava em sua língua parecia bonito, mas, principalmente, o

meu nome.

— Sim?, — eu disse suavemente.

— Você me ama, ou ama a ideia de me amar?

Endureci e ele acariciou o topo de meus dedos com os polegares. Tentei puxar minhas mãos, porque eu queria ver o rosto dele, mas ele a segurou com firmeza, não me deixando ir.

— Basta responder a pergunta, Amor.

— Eu te amo!, — eu disse com certeza. — Você... você não sente o mesmo?

Ah, Deus! Ele ia cancelar o casamento.

Senti minha garganta fechar. Abaixei minha cabeça, fazendo respirações profundas.

— Eu amo você, Leah. Eu não lhe pediria para se casar comigo, se eu não a amasse.

Então, por que estávamos tendo essa conversa?

— Então, por que estamos tendo essa conversa? — Eu tinha soado mais segura na minha cabeça. Minha voz tremeu.

— O amor nem sempre é o suficiente. Eu só quero ter certeza...

Sua voz sumiu. Ele estava falando de Olivia? Eu queria gritar. Ela estava aqui com a gente no dia do nosso casamento. Eu queria lhe dizer que ela tinha ido embora! Ela seguiu em frente. Ela era... ela era... uma vagabunda inútil que não merecia ele. Será que eu o amava?

Levantei meu queixo. Sim, eu o amo – mais do que ela, de qualquer maneira. Se ele precisava de mim para convencê-lo disso, eu o faria.

— Caleb!, — eu disse com minha voz suave. — Há algo que eu nunca te disse antes. É sobre a minha família.

Respirei e permiti que a verdade saísse dos meus lábios. Era agora ou nunca. Minhas palavras foram atadas com a vergonha e dor. Caleb, sentindo que alguma coisa estava errada, me segurou com mais força.

— Eu sou adotada.

Ele me fez a girar ao seu redor, mas eu o segurei no lugar. Eu não

conseguia olhar para ele ainda. Eu só precisava dizer isso a ele. A qualquer momento, eles viriam nos procurar, e eu precisava contar antes que eles chegassem. — Apenas, não se vire, certo?! Só... me escute.

— Tudo bem, — ele disse.

— Depois que meus pais se casaram, eles tentaram por três anos ter um bebê. Os médicos disseram à minha mãe que ela não poderia ter filhos, então eles, relutantemente, decidiram adotar. Meu pai é grego, Caleb. Ele precisava de um filho. Eles decidiram não esperar por uma adoção legal, o que teria levado anos. Meu pai tinha contatos na embaixada russa.

— Leah...

Meu coração quase cedeu ao som de sua voz.

— Cale-se!, — eu disse. — Isso é muito difícil, apenas me deixe dizê-lo. — Lutei contra as lágrimas. Eu não borraria a minha maquiagem por causa disso.

— A minha mãe verdadeira tinha dezesseis anos e trabalhava em um bordel. Eu não era o menino que eles queriam, mas me trouxeram de volta com eles. Eu estava com seis semanas de idade. Um mês depois, minha mãe descobriu que estava grávida. Ela teve um aborto... Eu acho que era um menino. Meu pai culpou o estresse do aborto em mim. Eu, aparentemente, era muito difícil, tinha cólicas e outras coisas. Ela ficou grávida de Courtney, alguns meses depois, mas meu pai tinha perdido o filho homem que tanto queria. Desde então, acho que ele me odeia. Eu fui de o bebê que ele queria para o bebê que matou o bebê que ele queria... a inconveniente – o bebê de uma prostituta. — Houve uma batida forte na porta.

— Mais alguns minutos!, — eu gritei. Virei-me e fiz Caleb me enfrentar. Ele me tomou em seus braços, suas sobranceiras desenhadas. Senti o seu calor penetrando em mim. Ele ficou quieto por um longo tempo.

— Por que você não me contou?

— Deus, Caleb. É apenas um segredinho sujo da minha família. Eu tinha vergonha.

Tive que virar a cabeça para olhar o rosto dele. Ele fez com que eu me sentisse pequena e protegida.

— Você não tem nada do que se envergonhar. Eles é que tem – eu não

posso sequer imaginar.

Ele balançou a cabeça. — É por isso que seu pai não vai levá-la até o altar hoje? — Ele estreitou os olhos, e então eu corei. Eu disse a ele que meu pai estava doente. Sem pressão nenhuma, balancei a cabeça. Meu pai me disse uma semana antes que ele não me acompanharia até o altar. Realmente, não esperava que ele o fizesse.

Caleb praguejou. Ele nunca praguejava diante de mim. Eu podia sentir como ele estava com raiva. — É por isso que ele deu o trabalho a você. — Não era uma pergunta. Ele estava juntando as peças. Balancei a cabeça. Ele parecia tão furioso. Eu sabia que o meu plano estava funcionando.

— Caleb... não me deixe, — meus lábios tremeram. — Por favor... Eu amo você.

Ele me agarrou quase rudemente e me puxou para os seus braços. Agarrei-o, não me importando com a minha maquiagem nem com meu cabelo. Este era o caminho para o seu coração. Joguei com sua compaixão e com a sua necessidade de proteger aqueles que estavam quebrados e perdidos. A batida na porta voltou. Caleb me segurou nos braços e olhou para mim. Algo tinha mudado em seus olhos. Eu me tornei outra coisa para ele no momento em que compartilhei o meu segredo. Será que eu sabia que isso aconteceria? Será que eu não contei antes no caso de acontecer alguma coisa? Será que guardei a verdade de forma intencional para me proteger, caso precisasse contar depois?

Ele passou levemente um dedo no meu couro cabeludo, direto na minha testa e em meu nariz, nos meus lábios e no meu pescoço.

— Você é impressionante, — ele disse. — Posso levá-la até o altar? — Meu coração pulou, escorregou, voou... fez uma dança hiper feliz.

Ele ia se casar comigo. — Sim, por favor.

— Leah...

— Sim?

— Eu não a machucarei. Eu cuidarei de você. Você acredita em mim?

— Sim, — menti.



Capitulo Vinte e Três

Presente

Ela possui a mesma aparência. Cabelos negros pendurados descontroladamente até a sua cintura. Ela quase se parece com uma cigana, em suas calças de linho verde-azuladas e com uma camisa abainhada creme, que pende casualmente para fora de um ombro definido. Olho suas argolas de ouro, que são grandes o suficiente para caber em minha mão completamente. Eles fazem ela parecer exótica e levemente perigosa. Ela sempre me fez sentir normal.

Seus olhos vagueiam sobre o punhado de ocupantes na lanchonete, procurando por um rosto que reconheça: um velho, um casal que compartilha o mesmo lado de uma cabine, dois garçons dobrando talheres em guardanapos... e eu.

Vejo o choque superar suas feições – o separar dos lábios dela, a ligeira propagação do branco em torno da sua íris. De repente, ela endurece. Os olhos dela perseguem os quatro cantos da sala, e eu sei que ela está procurando por ele. Balanço a minha cabeça para dizer a ela que ele não está aqui. Tomo um gole do meu café e espero.

Ela se move com um propósito para a minha mesa. Quando ela chega onde estou sentada, ela não senta, mas olha para mim com expectativa.

— Um cliente antigo? — ela diz friamente.

— Bem, eu sou, não sou? — sinalizo para que ela se sente. Mandei uma

mensagem anônima para o seu escritório, afirmando que eu era um cliente antigo desesperado com problemas legais. Pedi a ela que me encontrasse em uma lanchonete chamada Tiffany's. Eu não tinha ideia se ela viria ou não, mas isso era melhor do que aparecer no escritório dela.

Ela escorrega cautelosamente para o lugar em minha frente, nunca tirando os olhos do meu rosto.

— Bom, o que diabos você quer?

Eu vacilo. Louboutins ou não, ela ainda é a mesma pessoa grosseira de lixo branco que costumava ser.

— Pensei que, talvez, você pudesse dar uma olhada nesse documento para mim. — Eu alcanço dentro da minha bolsa e puxo os papéis que roubei do fichário de Caleb. Colocando-os sobre a mesa, eu os deslizo para ela.

— O que é isso? — ela pergunta. Ela me olha com desagrado. Como ela ousa olhar para mim desse modo? Ela arruinou sozinha a minha vida. Eu teria tudo, se não fosse por suas desonestas e enganadoras mãos.

Provavelmente, eu também estaria na prisão. Empurro esse pensamento para longe. Agora não é o momento para gratidão. Agora é o momento para respostas. Cutuco o documento na frente dela.

— Dê uma olhada. Veja você mesma.

Sem mover sua cabeça, ela olha para os papéis e depois se volta para mim. É um suave, duro, impressionante pedaço de intimidação. A arte da sua linguagem corporal é algo a ser admirado.

— Por que eu iria querer fazer isso? — ela pergunta.

Ela está me fazendo sentir gelada. Tenho um flashback de estar no banco de testemunhas, e minha frequência cardíaca aumenta. Praticamente paro para ver se posso fazer isso também.

— É do Caleb. — eu digo, apenas movendo meus lábios.

Eu não sei se é a menção do nome dele, ou se a minha imitação da sua linguagem corporal que está funcionando, mas ela fica tensa.

Uma garçonete se aproxima da nossa mesa. Olivia alcança os papéis.

— Ela vai querer um café, e dois copinhos de creme desnatado. — Eu digo, acenando longe. Ela se afasta rápido. Olivia, que está lendo, me olha de

relance brevemente. Passei quase todos os dias com ela durante nove meses. Eu sei o que ela gosta.

Misturo o meu café conforme ela lê, observando seu rosto.

O seu café chega. Sem olhar para cima, ela puxa as pontas dos potinhos do creme desnatado e os deposita dentro da caneca.

Ela leva a caneca até os lábios, mas, no meio do caminho, sua mão congela. O café é derramado sobre a mesa, quando ela bate a caneca para baixo. Abruptamente, ela levanta.

— Onde você conseguiu isso?

Ela está se afastando da mesa, balançando a cabeça. — Por que o meu nome está aí?

Passo minha língua pelos meus dentes. — Eu estava esperando que você me dissesse isso?

Ela anda em direção à porta. Eu me levanto, jogando vinte dólares na mesa, e vou atrás dela.

Eu a sigo pelo estacionamento e a encurralo na banca de jornal.

— Você não vai escapar de explicar por que seu nome está nesta ação, juntamente com meu marido.

O rosto dela está pálido. Ela balança a cabeça. — Eu não sei, Leah. Ele nunca – eu não sei.

Ela cobre seu rosto com as mãos, e a escuto soluçar. Isso só me deixa mais irritada. Eu dou um passo ameaçador na direção dela.

— Você está dormindo com ele, não está?

Ela puxa suas mãos para longe e me encara.

— Não. Claro que não! Eu amo o meu marido. — Ela está claramente insultada pela minha acusação.

— E eu amo o meu!— Minha voz racha. — Então, por que ele ama você?

Ela olha para mim com uma verdadeira aversão.

— Ele não ama. — ela simplesmente diz. — Ele escolheu você. — Dói ela me dizer tais palavras. Eu posso ver a emoção derramada em sua pele.

Eu levanto a ação e a balanço. — Ele comprou uma casa para você. Por

que ele compraria uma porcaria de casa para você?

Ela pega a ação das minhas mãos e aponta para uma data. — Por acaso, você perdeu esse pequeno detalhe? Isso foi muito antes de você, Leah. — Ela a empurra de volta em meu peito. — Porém, você sabe disso. Então, por que você realmente me enganou para vir aqui?

Engulo – uma reação nervosa. Ela a vê e sorri cruelmente.

— Eu deveria ter deixado eles a jogarem na prisão, você sabe disso!

Ela se afasta, caminhando em direção à porta de seu carro. Sua declaração me enfurece. Eu a sigo, cavando minhas unhas em minhas mãos. Respiro profundamente pelo nariz.

— Para que você pudesse tê-lo? — deixo escapar. Meu sangue atinge as minhas orelhas. Faço-me essa pergunta toda hora. Falo novamente:

— Você perderia o caso para que pudesse tê-lo?

Ela congela, olhando para mim sobre o ombro.

— É.

Eu não estava esperando a verdade. Isso me amedrontou. Abro a boca – forço as palavras para fora. — Pensei que amasse o seu marido.

Ela sopra o ar pelo nariz. A ação me faz lembrar de um cavalo agitado. Seus olhos saem dos meus sapatos, e se fixam com nojo em meu rosto.

— Eu amo o seu também.



Capítulo Vinte e Quatro

Passado

Antes de Caleb e eu nos casarmos, eu raramente permitia que meus pais ficassem perto dele, por medo de que as suas opiniões passassem para ele, e que ele começasse a me olhar como eles. A maioria dos meus outros namorados não pegaram seus insultos velados e parentalidade fria. Caleb era inteligente, ele via através deles, de mim – e começou a fazer perguntas. Eu não queria perguntas, ou a eventual renúncia que isso traria: Leah é uma decepção. Ela não é a real transação, apenas a filha de segunda mão.

Eu não gostava de ninguém sabendo das minhas merdas. Então, durante dois anos de namoro, eu o conduzi para dentro e fora dos eventos sociais com a família com uma precisão meticulosa. Era exaustivo na maior parte do tempo – certificando-me de que ninguém falasse muito, que as conversas não fossem muito profundas. Depois do casamento, isso mudou. Talvez, eu me sentia mais à vontade desde que eu tinha o compromisso, ou talvez fosse o fato de que eu tinha finalmente dito a verdade sobre a minha origem.

Fomos formalmente convidados a jantar na casa deles logo após o nosso retorno da lua de mel. Caleb ainda estava eriçado sobre o fato de meu pai não ter me levado até o altar.

— Eu não quero ir, Leah. O que ele fez foi desrespeitosos com você.

Ele tem sorte de eu não ter brigado com ele no casamento. Não vou deixar que ele a trate assim.

Eu amava isso. Eu me senti mais valiosa naqueles cinco segundos, do que sentira em anos.

— Por favor. — ergui-me nas pontas dos pés e beijei seu queixo.

— Vamos apenas manter a paz. Eu amo a minha irmã. Não quero causar problemas.

Ele agarrou meus braços, apertou-os gentilmente, estreitando seus olhos. — Se ele disser uma palavra, Leah, uma palavra que eu não gostar...

— Você dará um soco na cara dele. — digo firmemente.

Ele sorri torto e me beija rudemente na boca – do jeito que eu gosto.

— Irei socar a cara dele, se ele servir pato. Odeio pato.

Eu rio contra seus lábios. — Que tal se ele contar a piada do mergulho?

— Isso também – ele irá apanhar pela piada...

Estávamos nos movendo em direção ao quarto, nossos pés andando juntos, os lábios nunca muito longe.

Atei meus dedos nos cabelos dele, as bordas dos meus pensamentos se desgastando, até que se desfez, e tudo que eu consegui pensar foi em seu toque e sua voz rouca em minha orelha.

Mais tarde, naquela noite, caminhamos até a porta da casa dos meus pais de mãos dadas. As duas semanas nas Malvinas nos deixaram bronzeados e relaxados, e ainda estávamos flutuando nas nossas férias calmas, rindo, beijando e nos tocando como se um de nós fosse desaparecer. Finalmente, Caleb era meu. Quando a minha mão tocou a maçaneta, meus pensamentos foram fugazmente para a minha arqui-inimiga. Meus lábios encontraram um sorriso tão enraizado de triunfo, que Caleb, intrigado, inclinou a cabeça para mim.

— O que foi? — ele perguntou.

Encolhi os ombros. — Estou apenas feliz, apenas isso. Tudo está perfeito.

Eu desejei que pudesse dizer: Dum, Dum, a bruxa está morta...

Porém, a bruxa não estava morta. Ela estava no Texas – o que era bom o suficiente.

Meus pais e minha irmã estavam na sala de estar. Eles olharam para Caleb

com expectativa, quando adentramos, quase como se estivessem esperando que ele anunciasse que fosse me deixar. Houve embaraçosos trintas segundos de silêncio antes que a minha irmã pulasse para nos abraçar.

— Como foi? Conte-me tudo. — Ela agarrou a minha mão e me guiou até o sofá. Olhei para Caleb, que estava cumprimentando meu pai. Papai gostava de Caleb. Ele gostava tanto dele, que me perguntava o que ele achava do fato de Caleb o odiar. Eu sentia uma satisfação doentia por saber que virei Caleb contra ele. Meu pai pensou que poderia ter qualquer um, mas ele realmente queria a adoração de todos... Menos a minha.

— Foi lindo. — assegurei-lhe. — Muito romântico.

Lancei um breve olhar para Caleb.

Ela se inclinou mais para perto de mim. — Eles reclamaram a manhã inteira sobre o quanto o casamento custou para eles. — ela disse. — Não puxe esse assunto.

Senti minhas bochechas esquentarem. Isso era um comportamento típico dos meus pais. É claro que eles pagaram pelo casamento da sua filha mais velha, que seria extravagante e exagerado para impressionar seus amigos, que iriam reclamar depois sobre quanto dinheiro tiveram que desembolsar para alguém que não é do sangue deles. Porém, o que mais eles poderiam fazer? Ninguém sabia que eu não era realmente deles. Fazer qualquer coisa menos, lançaria uma sombra sobre suas imagens perfeitas de pais amorosos.

Por favor, Deus, por favor, não deixe que eles digam nada na frente de Caleb.

Minha irmã estava segurando uma taça de vinho tinto. Eu a tirei dela, e engoli um bocado.

Minha mãe estava andando em nossa direção, cada um dos seus passos de pássaro puxando uma nova vertente de pavor para frente da minha mente.

— Você realmente deve ficar longe do sol, Leah. — ela diz, sentando à minha frente. Olho para o meu braço bronzeado. Apesar do fato de eu ter pele clara e ser ruiva, fico bronzeada como uma italiana.

— Você parece ridícula com cor – parece como se você tivesse usado um bronzeador artificial.

— Ela parece bem, mãe. — Minha irmã estalou. — Só porque você tem medo do sol, não significa que também temos que ter.

Lanço um olhar agradecido para minha irmã, e fico tensa esperando o próximo comentário afiado.

— Caleb parece bem. — ela diz, olhando para onde ele ainda conversava com o meu pai. — Tão lindo. Sempre achei que ele seria um bom partido para você, Courtney.

Minha cabeça flutuou, minha visão se embaçou. Courtney fez um som irritado no fundo da sua garganta.

— Isso é descontroladamente impróprio. — ela sibilou. — Não somente não é o meu tipo perfeito, mas Leah e Caleb combinam melhor que qualquer casal que conheço. Todo mundo diz isso.

Minha mãe ergueu suas sobrancelhas. Encontro a minha língua.

— Por que você iria mesmo dizer algo assim? — digo a ela. — Depois de tudo que fez para me ajudar...

Ela funga e toma um gole da sua própria taça de vinho. — Uma mulher não deveria lutar tão arduamente para estar com um homem. Ele apenas a queria...

Minha irmã estava de uma para a outra. — Do que vocês estão falando?

O olhar de minha mãe se travou no meu com um aviso silencioso.

— O jantar deve estar pronto. — ela diz. — Por que não nos vamos para a sala de jantar?

Mattia ainda preparava a maioria das refeições dos meus pais. Ela está na família desde que eu era pequena. Eu sempre esperava ansiosa pelos seus pratos. Nessa noite, era salmão com Pilaf e molho de mostarda e mel. Ela aperta o meu ombro, enquanto coloca meu prato na minha frente.

— Parabéns! — ela sussurrou em meu ouvido. Eu sorri para ela. Queria que ele tivesse ido ao casamento, mas meus pais acharam que era inapropriado.

— Eu tenho algo para você. — ela diz, — É apenas uma pequena coisa. Deixarei na cozinha para você.

Concordei com a cabeça, esperançosa que minha mãe não tivesse escutado. Ela tinha um talento de fazer gestos sinceros se tornarem tolos e cômicos.

Mattia deixou o cômodo depois que o último prato foi posto, e voltei a minha atenção para a conversa que meu pai estava tendo com Caleb. Apesar de seus sentimentos atuais em relação aos meus pais, Caleb estava sereno e respeitador, respondendo perguntas e entregando-as em uma sequência perfeita.

Ele era um gênio social. Atribuo isso ao fato de que ele parece ser capaz de chegar ao cerne de cada pessoa que ele conhece em um encontro, e de lá em diante, ele automaticamente sabe como manipular seus humores. Eu já o tinha visto fazer diversas perguntas estranhas, até ele quebrar suas defesas. Inicialmente, o assunto do seu interesse parece levemente guardado, dando-o respostas censuradas. Ele cronometra suas prováveis respostas com piadas e comentários autodepreciativos que deixa a pessoa à vontade. Ele nunca julgou. Ele estreita os olhos, quando é a vez da pessoa de falar – uma pequena encantadora linguagem corporal que diz: você é tão interessante, continue falando. Amo assisti-lo falando com as pessoas, vê-los caindo por ele. No final da conversa com Caleb, as pessoas estão tomadas por ele, parecendo desapontadas quando a interação termina. Ele realmente se importa – essa é a diferença entre Caleb e alguém que está sendo intrometida. As pessoas percebem isso rapidinho.

Caleb era meu. Finalmente, ele era meu. Sorri para o salmão, e minha mãe me chutou por debaixo da mesa.

— O que? — falei sem imitar um som.

Ela balançou sua cabeça, sorrindo.

Depois do jantar, retornamos para a sala de estar. Meu pai era conservador. Ele logo pegou um copo de uísque e charutos assim que sentamos. Caleb recusou educadamente o charuto, mas aceitou um pouco de Scotch.

Sentei-me ao seu lado, enquanto minha mãe e minha irmã desapareceram pela casa. Esse era um momento masculino, mas não o deixaria sozinho com meu pai. Não quando estava bravo comigo sobre o dinheiro que desembolsou para o casamento.

— Quais são os seus planos? — papai perguntou, claramente me ignorando e olhando para o meu marido. Ele soltou um pouco do fumo pelos lábios, e eu olhei para longe. Seus maneirismos estavam começando a me incomodar.

Caleb molhou os lábios. — Nós demos uma oferta em uma casa.

Estamos esperando pela resposta.

— Espero que não tenha intenção de manter Leah em casa. Preciso que ela volte para o escritório.

Caleb enrijeceu. Consegui ler sua linguagem corporal como se fosse a minha. Eu queria escutar o que ele diria para o grande, poderoso e braço forte Smith.

— Não tenho intenção de mantê-la em lugar nenhum. — ele disse. — Além da minha cama, ela está livre para ir e vir como quiser.

Engasgo com a minha saliva. Eu queria rir da aparência do rosto do meu pai. Ele era bruto. Já escutei ele fazer todos os tipos de piada, mas o comentário de Caleb o desarmou. Caleb provavelmente sabia que seria – o brilhante pequeno manipulador que ele era.

Meu pai limpa a sua garganta, com um pequeno sorriso em seus lábios.

Caleb virou-se para mim. — Você planeja voltar a trabalhar, Leah?

Papai não estava acostumado com isso. Eu queria olhar furtivamente para ver como ele estava lidando com a sua filha adotiva não estar pedindo a sua opinião.

— Eu não sei. — digo. — Eu poderia pensar sobre isso...

Por que ele me queria de volta? Ele tinha uma multidão inteira de funcionários para jogar o seu jogo corporativo. Talvez, isso era ele tentando? Em que... ser o meu pai? Meu chefe? Fiquei surpresa que ele estava mesmo sugerindo que eu voltasse a trabalhar, já que ele acreditava que, depois que uma mulher se casa, o lugar dela era em casa.

Meu pai mudou de tática no último minuto, girando seu corpo em minha direção, angulando-se longe de Caleb, me fazendo o receptáculo único da sua atenção.

Ótimo.

— O que você disse, Leah? Você tem sido um recurso valioso desde que chegou. Nós precisamos terminar esse projeto.

Por mais que eu quisesse dizer não, eu não podia. Pode culpar o álcool, ou o vício irritante de agradar o único homem que não me queria, mas eu não

podia ir embora, quando ele estava me pedindo para voltar. Eu tinha que provar que ele estava errado sobre mim, que eu não era a filha de uma puta sem valor, mas um recurso valioso para sua família.

Assenti, sentindo-me fraca pela reflexão. Ele estava me usando para alguma coisa. Não conseguia descobrir o que ainda. A minha maldita alma doía. Caleb estava me observando. Sorrio para ele, meus olhos, sem dúvida, traíram minha inquietação. Ele podia ver todo o caminho até a minha garganta, até o lugar onde batia o meu coração. Graças a Deus, ele era superior o suficiente para não mencionar isso.

No caminho de volta para casa, Caleb perguntou-me se eu realmente queria voltar.

— Você disse que já estava cansada.

Olhei aflita para fora da minha janela, contando os faróis dos carros que passavam por nós.

— Eu sei.

— Então, por que você voltará? Você não deve nada a ele, Leah.

— Deixe-me fazer isso sem que psicanalise os meus motivos.

Ele me olhou de canto de olho. — Tudo bem. Só me prometa uma coisa.

Olhei para ele. Caleb realmente não pedia promessas.

— Se ele inventar uma cena como aquela do casamento, você irá embora e não olhará para trás.

— Certo. — respondo.

Olhou para o meu colo, onde está o presente de Mattia, que está embrulhado em papel branco perolado com sinos embelezados sobre ele. Deslizando minha unha sob a fita, puxo o embrulho para revelar um conjunto de açúcar e creme. Era barato – do tipo que você consegue no Marshalls, com corpos de vidro e alças de prata – mas era de Mattia, e eu amei.

Mattia era a única pessoa da casa que me dava abraços. Eu contava os abraços dela. Eu estava prestes a desligar o rádio, quando Caleb aumentou o volume.

Coldplay, ele o escutava como se eles sussurrassem verdades para ele. Eu nunca entendi a sua fascinação. Estavam sempre tentando criar grandes

conceitos com vampiros de piano. Batuquei meus dedos no encosto de braço, enquanto esperava a música acabar. Como se ninguém pudesse consertar outra pessoa... Se isso fosse verdade, Caleb não gostaria da música de Debbie Downer, ele escutaria a merda feliz que era o nosso relacionamento. Quando o conheci, ele estava mergulhando nas suas emoções por alguma mulher que partiu o coração dele. Passei anos tentando trazê-lo de volta, apenas para obter uma espécie de contentamento flutuante que iam e vinham, dependendo do dia.

Agora... neste momento... neste dia – ele estava feliz. Olhei para o rosto dele, enquanto ele cantava a letra da canção, e juntei os nossos dedos. Ele disse que eu podia confiar nele.



Capitulo Vinte e Cinco

Presente

Conforme dirijo para casa depois do meu encontro com Olivia, intermitentemente choro e xingo. O mundo inteiro está nadando dentro e fora de foco, enquanto peso as chances de perder meu marido. As palavras de Olivia se misturam com os meus pensamentos, até que quase colido com o caminhão de lixo. Assim que entro pela porta da frente, pego o caminho mais curto para fora, onde Sam tem Estella em um cobertor. Eu a pego no colo, e a seguro contra minha bochecha. Ela se mexe e solta um choro de protesto. Sam pega ela de mim, e ela para de chorar. Eu a pego de volta dele.

— Tire o dia de folga. — falo, estudando o rosto amassado dela. — Já é hora dela aprender a gostar de mim.

Sam ergue suas sobrancelhas. Estou prestes a dizer-lhe que não gosto de olhar em seu rosto, quando ele vira e se afasta.

Posso vê-lo pelas portas de estilo francês. Ele agarra suas chaves no balcão da cozinha, e vai embora sem olhar para trás. Volto a olhar para Estella.

— Talvez possamos tentar novamente. Se pudermos descobrir como gostar uma da outra, seu papai pode ficar.

Ela ergue seus punhos e pisca para mim. Realmente, ela é um pouco bonitinha.

Estico as minhas pernas e a deixo nas minhas coxas. Converso com ela

pelos próximos trinta minutos sobre a vida, até que ela começa a gritar comigo. Então, vamos para dentro de casa para jantar. Depois que a ponha no berço, coloco a minha peça de lingerie mais sexy e espero. Quarenta minutos mais tarde, escuto a chave dele na fechadura.

Quando eu me apresso para o hall de entrada, Caleb está fechando a porta da frente atrás de si. Eu congelo, e, quando ele olha para cima, eu não tenho certeza de quem parece mais confuso.

— Só estou aqui para pegar algumas das minhas coisas.

Ele não olha para mim. Dou alguns passos em sua direção. Eu quero tocá-lo, dizer-lhe que sinto muito.

— Caleb, fale comigo... por favor.

Ele fixa os olhos em mim, e não vejo o calor que costumava estar lá. Vacilo para trás. Será que tudo acabou entre nós?

— Estarei de volta para ela amanhã. Há apenas algumas coisas que preciso pegar, ele repete.

Coloco a minha mão em seu peito, e ele congela.

Ele agarra o meu pulso. — Não. — Dessa vez ele me olha nos olhos. — Você usa sexo como uma arma. Não estou interessado.

— Está tudo bem quando Olivia o usa, menos eu? — As palavras saem antes que eu possa para-las.

— O que você está falando?

Penso em minha conversa com Sam. Se eu quero saber sobre seu relacionamento com Olivia, agora é provavelmente o momento de pedir, uma vez que ele já está com raiva de mim.

— Por que você nunca dormiu com ela?

Caleb reage instantaneamente, agarrando-me pelos ombros, e me tirando do seu caminho. Ele se direciona para a escada, e sigo atrás dele.

— Vamos lá, Caleb. Você a deixa usar sexo – ou a falta dele – como uma arma. Por quê?

Ele me encara. — Você não sabe o que está falando.

— Talvez. Porém, seja porque você nunca fala sobre ela. Quero saber

exatamente o que ocorreu entre vocês dois.

— Ela me deixou. — ele diz. — Fim da história.

— Que tal da segunda vez? — eu o desafio. — Durante a sua amnésia?

— Ela me deixou de novo.

A sua confissão me corta profundamente.

— Por que você nunca conversa comigo sobre o que ela fez? Quando ela voltou e mentiu para você?

— Por que você nunca perguntou? — Ele dá o contragolpe. — Eu não queria saber...

Ele começa a se afastar.

— No entanto, eu quero saber agora. — falo. — Não.

— Não? — Eu o sigo, subindo alguns degraus. — Quero saber por que você a contratou como minha advogada... por que você não ficou bravo por ela ter mentido para você?

Ele se vira tão rápido que quase nos trombamos.

— Eu a contratei, pois sabia que ela ganharia. Eu estava com raiva dela... Eu ainda estou.

— Por quê? — Eu grito atrás dele, mas ele já foi embora.



Capitulo Vinte e Seis

Passado

Há algo que você precisa saber sobre mim: eu desenterro. Se eu não consigo achar – eu desenterro mais fundo, mais difícil. Eu desenterro até encontrar. A única coisa que eu não podia desenterrar era a minha própria mente. Eu não queria vê-la.

Meu pai estava agindo estranho, mesmo para ele. Duas vezes, eu o peguei engolindo um punhado de pílulas. As únicas pílulas que o vi tomar eram vitaminas. Aquelas não eram vitaminas. Encontrei o frasco na primeira gaveta da sua mesa.

O frasco dizia ser de vasodilatadores – medicamento para pressão alta, mas, também misturado no mesmo frasco, havia pílulas que reconheci – Klonopin, pílulas ansiolíticas. Meu pai tinha ansiedade. Queria saber há quanto tempo e *porque* ele as tomava. Meu pai sempre foi o homem mais saudável que eu conhecia. Ele tinha sessenta anos, e tinha o abdome definido. Ainda assim era um sessentão com tanquinho. Ele tirava sarro das pessoas que sofriam de coisas como depressão e ansiedade, o que era irônico, pois ele lhes fornecia medicamento.

Liguei para a minha mãe.

Sua voz gorjeou pela linha telefônica, quando perguntei sobre as pílulas.

— Ele está bem. — ela afirmou. — Você sabe como as coisas ficam no escritório. Ele está sob estresse com essa nova droga que está testando.

Segurei o telefone bem perto da minha orelha. Tudo o que eu dissesse aqui poderia terminar a conversar, ou diria exatamente o que eu queria saber. Ligo o meu botão de 'como manipular a minha mãe'.

Até onde eu sabia, o teste da nossa mais nova droga, Prenavene, era um sucesso. Diariamente, eu tinha que assinar a papelada que Cash, ou meu pai entregava em meu escritório. A droga ficou em fase de teste por cinco anos. Estávamos no estágio final para poder promovê-la. Por que meu pai estava tendo ansiedade sobre um projeto bem sucedido?

— Aposto que ele está uma bagunça. — falo, dando o meu máximo para soar simpática. Eu quase podia vê-la assentindo no outro lado da linha.

— Eu gostaria que eu pudesse bater naquele homem terrível. — minha mãe sussurrou no telefone, — Ele acusou o Prenavene de causar o infarto dele. Seu pai contratou um investigador privado, sabia?! O homem era um ataque cardíaco ambulante. Ele tinha histórico disso na família, e ele pesa 130 kg.

Ela disse 130 como se fosse um palavrão. Levou-me alguns segundos para embrulhar a minha mente ao redor das palavras *'ataque de coração'*.

Putá merda.

Por que eu não fiquei sabendo disso? Um ataque cardíaco durante o período experimental da droga era algo enorme! Era o suficiente para interromper os testes até que a droga fosse reformulada. Foi difícil dizer alguma coisa depois daquele anúncio. Por quê? Por que ele arriscaria tudo? Não querendo que ela soubesse que revelou algo, que, obviamente, eu não estava a par, eu a ouvi balbuciar por mais alguns minutos. Eu precisava usá-la para obter mais informações. Engoli a traição pela minha garganta, e disse a ela que tinha outra ligação na espera.

Por que ele esconderia algo como aquilo de mim? Por que eles não encerraram os testes? Pensei em ligar para Cash, mas sua lealdade era, obviamente, do meu pai por não ter me dito nada. Eu teria que descobrir tudo sozinha. Dinheiro. Tinha que ser ele. Nas últimas reuniões de vendas, ele mencionou a queda nas nossas vendas. O Prenavene era o caminho para trazer de volta o vigor da companhia. Estávamos realmente desesperados por uma nova droga para ele fazer algo assim? Arriscar tudo?

Na manhã seguinte, fui para o escritório logo cedo. Meu pai chegava pontualmente às 6h todo dia. Eu tinha uma hora antes que dele aparecer. Eu tinha um molho de chaves reservas do seu escritório. Destranquei a porta e liguei a luz. Andando até o seu computador, liguei-o, batendo meus dedos na mesa. Sua segurança do sistema era maior do que o meu. Eu precisaria das suas senhas para acessar seus arquivos.

Xingando, digitei o aniversário de casamento dos meus pais. ‘Código incorreto’ apareceu na tela. Era um terrível palpite da minha parte – ele não era exatamente do tipo sentimental.

Tentei datas de aniversários, da minha irmã e o meu. Nada. Finalmente, tentei as coordenadas para a sua cabine de caça na Carolina do Norte. O sistema magicamente abriu, e eu tinha a vasta grade do OPI-Gem na minha frente. Cliquei no ícone marcado Prenavene e fui passeando.

Era verdade. Ah, meu Deus, era verdade. No momento que fechei a porta do escritório dele, eu tinha informações suficientes para fechar a companhia do meu pai e mandá-lo para a prisão pelo resto da sua vida. A pior parte foi que eu queria. Não, eu não queria. Ele era o meu pai... Bem, uma espécie de pai. Ele me criou. Ou talvez Mattia tenha me criado. Eu não tinha mais certeza.

Minha cabeça pulsava, enquanto andava em direção ao elevador. Eu iria ligar e dizer que estava doente. Não conseguiria olhar para todas aquelas pessoas na cara sabendo o que eu sabia. Eu tinha que descobrir isso. Descobrir um modo de saber exatamente quem estava envolvido e quem estava sendo mantido nas sombras como eu. Minha cabeça estava abaixada, quando a porta abriu. Quando olhei para cima, ele estava parado em minha frente, com um jornal enfiado embaixo do braço. Droga, por que eu não pensei em usar as escadas?

Joguei meus ombros para trás, forçando um sorriso.

— Bom dia, papai.

Ele assentiu, saindo do elevador. Então, de repente, ele parou. — Por que está aqui tão cedo?

A mentira saiu da minha língua facilmente. — Não estou me sentindo bem hoje. Só vim pegar algum trabalho. Estou tirando o dia de folga.

Ele estreitou os olhos. — Você parece bem. Vá para casa, se troque e volte para cá. Eu preciso de você aqui hoje.

— Estou doente. — disse como se não tivesse me escutado na primeira vez.

— Esta é uma companhia farmacêutica, Johanna. Vá pegar alguma amostra no estoque e se medique.

Observei o corredor vazio por uns bons minutos depois que ele desapareceu dentro do seu escritório. Aquilo realmente aconteceu? É claro que sim. Meu pai não tinha tirado um dia de folga em vinte anos de trabalho. O que me fez pensar que doença seria uma boa desculpa para lhe oferecer? Entrei no elevador e a porta se fechou. Se eu corresse, estaria de volta em quarenta minutos.



Capitulo Vinte e Sete

Presente

Caleb levou a bebê para o seu condomínio no dia seguinte que veio buscar suas roupas. Sua face estava cruel e determinada, quando ele parou à porta e me disse adeus. Beijei a penugem vermelha em sua cabeça, e sorri casualmente. Eu estava tratando essa situação toda como se eles fossem ao supermercado, ao invés de se mudarem. *Dê tempo ao tempo. Deixa ele ver como é difícil cuidar de um bebê sozinho.* Eu me sinto presunçosa quando eles saem da garagem. Às vezes, um pouco de separação faz bem à alma. Caleb é um homem família. Dentro de alguns dias, ele voltará e eu tentarei mais. Tudo irá funcionar. Estella é a minha coisa certa. Ela nos manterá amarrados, não importando o quão ruim as coisas possam ficar.

Quando os faróis do carro dele desaparecem, abro o freezer e tiro dois pacotes de vegetais congelados. Carregando-os até a mesa, faço buracos no plástico com os meus dedos e começo a comer ervilhas. Há coisas que eu poderia fazer para melhorar a situação. Katine leva seus filhos para as classes da 'Mãe & Eu'. Eles se sentam em círculos, cantam e batem em malditos tambores. Eu poderia fazer isso.

A campanha toca. Enfio um punhado de feijão na boca e ando até a porta. Talvez, Caleb já tenha mudado de ideia.

Meu marido não está parado na porta. Eu olho o homem que está.

— O que você quer?

— Vim ver se você está bem.

— Por que eu não estaria bem? — Eu estalo. Faço que fecharei a porta, mas ele me empurra e anda para o hall de entrada.

— Você não deveria estar aqui. — Minhas palavras parecem vapor. Elas não o alcançam, ou ele tem a sua própria agenda, por costume.

Ele me olha acima do ombro, seu sorriso afetivo é tão familiar, que sinto minha vertigem deslizar.

— É claro que eu deveria estar aqui. Estou tomando conta da minha cunhada. É algo que a família deve fazer, especialmente desde que o meu irmão a deixou.

Fecho a porta com força e as fotos na parede chacoalham.

— Ele não me deixou, seu aborrecido do caralho. — Eu ando para longe dele e me sento na mesa com as minhas ervilhas.

Ele passeia, e, um momento depois, começa a examinar as fotos na parede como se nunca as tivesse visto. Eu como minhas ervilhas uma por uma, e o observo.

Finalmente, ele se senta à minha frente, cruzando suas mãos sobre o topo da mesa.

— O que você fez dessa vez?

Evito a expressão arrogante do seu rosto. — Não fiz nada. Tudo está bem. Ele não me deixou.

— Fiquei sabendo que a dispensaram do prêmio de ‘Mãe do Ano’.

Mordo o interior das minhas bochechas e me recuso a responder. Seth se levanta e anda a passos lentos até o armário de bebidas, servindo-se um pouco do uísque de Caleb.

— Se você continuar assim, dessa vez meu irmãozinho poderá realmente pedir o divórcio. Um homem não aguenta muito suas palhaçadas intermináveis.

Lanço-lhe um olhar feio. — E, então, o que, Seth? Você se muda para cá e assume a vida dele?

Dessa vez, quebro sua estabilidade. Ele ergue o copo até seus lábios, nunca

deixando de fazer contato visual comigo. Diferente do seu irmão, os olhos de Seth são cinza. Naquele momento, quase consigo ver fumaça saindo deles.

— Será que atingi um nervo seu, irmãozão? Querendo o que Caleb tem de novo?

Levanto-me e faço menção para me afastar dele, mas ele segura o meu braço. Tento me soltar, mas ele aperta até que pare.

Sua boca está próxima à minha orelha. — Talvez eu deveria contar-lhe que já tive o que é dele.

Eu me desvencilho dele.

— Saia da minha casa.

Ele larga o copo e pisca para mim, caminhando para a porta. — Acho que visitarei a minha sobrinha hoje. Tcha, tchau, Leah.

A porta se fecha. — Filho da puta! — eu falo. Quero dizer isso literalmente. Ando de volta para a cozinha e pego o telefone. Preciso sair, fazer alguma coisa, mas... nada destrutivo. Passo pelo nome de Katine e paro no de Sam.

— E aí, novidades, bicha? — digo no telefone. — Isso é um pouco ofensivo, Leah.

— Pensei que poderíamos fazer algumas comprinhas hoje. Talvez almoçar?

— Só porque sou gay não significa que serei o seu ajudante flamejante.

— Ah, vamos lá. Você gosta de vinho! Nós poderíamos tomar um vinho... ir à Armani...

— Estou ocupado hoje. — ele diz. — Eu tenho que entregar recados.

— Irei com você. Venha me buscar.

Ele suspira. — Tudo bem. Porém, é melhor você estar pronta quando eu buzinar.

— Você virá até a porta como um cavalheiro. — digo antes de desligar.

Subo para me trocar e desço no momento certo de escutar o barulho irritante da buzina do seu Jeep.

Sento no sofá e aliso o meu vestido. Não serei convocada para fora. Espero por um minuto, ou dois, para ouvir a sua batida na porta, mas em vez disso,

escuto o Jeep indo embora da entrada da garagem. Antes que ele vá, pulo e corro para fora.

— Você é um imbecil! — digo, me jogando no banco do passageiro. Ele faz uma careta para mim para mostrar o seu descontentamento.

— Não estou jogando com você, Leah. Você não está cansada de sempre tentar ganhar?

— Não! — rebato. — Isso só me faria uma perdedora.

Ele balança a cabeça e aumenta o volume da música para abafar qualquer coisa que eu possa dizer. Sento-me quieta e fumo. Não sei aonde estamos indo, mas estou feliz por estar fora de casa, que está cheia de memórias. Eu quero... Eu preciso me *livrar* de Caleb por algumas horas. Estar de volta às minhas raízes.

Percorro as estações do rádio. Maldito Coldplay. Qual era a merda de feitiço que eles tinham nas pessoas? Deve ser macumba. Quando Caleb voltar para casa, farei com que ele jogue fora todos os CDs.

— Vamos fazer algo divertido!

Sam passou a mão em seu rosto. — Eu a levarei para a sua casa agora, e você sentará em sua grande e vazia casa para pensar sobre a sua pequena e vazia vida. Entendeu?

— Deus, você é um desmancha-prazeres. — Tiro um pedaço de tabaco de minha língua e o jogo para fora do Jeep.

Suas palavras me machucaram. Sam atira em linha reta, mas agora eu preciso ser mimada, e digam que sou bonita.

Dez minutos depois, estacionamos em um Wal-Mart.

Meus pés, que estão apoiados no painel, imediatamente descem. — Ah, não! Não entrarei nesse lugar.

Ele dá de ombros e sai do carro. — Sam!, — chamo por ele. — O Wal-Mart me dá urticária.

Depois de alguns segundos, saio do carro e corro atrás dele. Eu o segui para o fundo da loja, onde ele coloca uma dúzia de lâmpadas verdes em um carrinho, e de forma maníaca segue para a seção de alimentação.

— Por que você precisa de todas essas Perriers? — Observo como ele

carrega garrafa por garrafa, organizando-as no fundo do carrinho para não quebrarem.

— Elas são para Cammie. — ele diz.

Meus olhos se irritam. — Você... Você... Você terá de levá-las para ela?

— Sim. Depois iremos para lá.

Sigo atrás dele em pânico, enquanto vamos para a caixa. — Você poderia me deixar em casa antes?

A última coisa que eu quero ver é aquela cara presunçosa e loira dela. Puta.

— Nós iremos lá depois daqui. Ela está dando uma festa e esqueceu de comprar essas coisas.

— Você não é o bom, priminho!, — resmungo baixinho. Por que eu o deixei me convencer a vir? Eu deveria ter apenas ficado em casa como eu queria.

Como não tem outro jeito a não ser aceitar, pego um pacote de balas e jogo no carrinho. Quando Sam aparece para mim, encolho os ombros.

Sento-me no carro cheia de ansiedade durante todo o trajeto de 15 minutos. Como bala por bala até esvaziar a caixa e minha língua ficar ferida. Sam tira o pacote de balas de mim, e seus olhos me avaliam.

— Você está louca? Estas balas são Altoids, não chocolate. — Sento-me em minhas mãos e olho para fora da janela. Estamos em

Boca. A casa de Cammie é em um bairro nobre, um condomínio fechado. Sam estaciona do lado de fora de uma casa com flores em caixas nas janelas, e sai do carro. Penso em me esconder, embora o Jeep estando ao ar livre ofereça pouco lugar para se esconder.

— Ei!, — ele chuta o lado do carro onde estou sentada. — Preciso de um pouco de ajuda.

Olho para ele, incrédula. Será que ele realmente espera que eu o ajude a carregar as garrafas até lá? Ele espera. Ah, merda.

Ele carrega os sacos para o lado da casa, abre um portão que eu presumo levar ao quintal. Eu posso levar até o quintal. Eu me abaixo até o chão e agarrar um par de sacos do tronco. De qualquer maneira, estou levemente curiosa para saber para que é esta festa. Assim que me viro no quintal, ando

em direção à Cammie.

Ela me lança um olhar arregalado e grita para Sam. Ele vem correndo com seus braços carregados com caixas.

— O que é isso? — Sua voz é estridente. — O que está fazendo aqui sua Ruiva Suja está fazendo aqui?

Empurro os sacos para ela. Sam deixa cair suas caixas e lança um olhar sujo para Cammie. — Caleb deixou ela, — Sam diz, colocando um braço em volta do meu ombros. — Seja legal.

— Ele não me deixou, — eu garanto a Cammie.

Cammie coloca as mãos nos quadris. — Eu não me importo com quem deixou quem. Coloque essas malditas garrafas lá, — ela aponta para uma mesa, e eu as carrego. Dou uma olhada ao redor. O pátio é espaçoso. Há uma piscina em forma de feijão e uma banheira de hidromassagem. Uns homens estão arrumando as mesas alugadas por todo o gramado, sacudindo toalhas de linho branco.

— Oi!

Eu dei um pulo. Um homem apareceu ao meu lado com um alto-falante grande. Ele colocou sobre a mesa, e sorriu para mim.

Olho para ele hesitante. Não tenho certeza se preciso gritar para falar com ele. Cammie é levemente insana. Ele é atraente. Tudo nele é escuro, a não ser seus olhos azuis. Pergunto-me de braços cruzados se ele é parte do cenário da festa.

Ele estende a mão para mim, e sem pensar, eu o cumprimento.

— E quem é você?, — ele pergunta, uma vez que não digo meu nome. Ele está sorrindo para mim como se ele estivesse pensando que sou engraçada.

— Ela não é ninguém. — Cammie vem ao nosso encontro e separa nossas mãos.

— Cammie!, — ele a repreende. Ele olha para ela com carinho, e depois de volta para mim. Será o namorado dela? Não. Esse não é o tipo do cara de Cammie.

Cammie grita para Sam. Ele vem correndo ao virar da esquina, comendo um saco de salgadinhos. — Leve-a para casa!, — ela diz, lançando-me um

olhar sujo.

O homem inclina a cabeça, aponta para Sam e parece estar tentando fazer algum tipo de conexão mental. Quando seus olhos voltam para o meu rosto, ele parece ter encaixado as peças do quebra-cabeça. Todo o seu rosto se ilumina.

— Você é a Leah!, — ele diz com espanto. Ele usa óculos. Eu quero que ele os tire para que eu possa ver seus olhos melhor.

— E você é o?

Ele estende a mão novamente para mim. Antes que eu o cumprimente de novo, Cammie o afasta.

— Cara, — ela diz, apontando para ele. — Não vamos jogar este jogo. — Ele a ignora.

— Sou Noah, — ele diz.

Fiquei surpresa com a educação dele. Estou surpresa por seu — Ah, meu Deus! O marido de Olivia!

Eu me recomponho antes de soltar um audível gemido. Esta é uma festa para Olivia. Estou na casa da sua melhor amiga, flertando com o marido dela. Ah. Meu. Deus.

— É melhor eu ir, — murmuro para o rosto encantado de Noah. Cammie balança vigorosamente a cabeça. Noah sacode a dele.

— Você não parece estar louca como pensei ficaria. — Ele realmente disse isso?

— Olivia disse algo sobre uma ruiva com gárgula e presas.

Pisco para ele. Então, ela falou para ele sobre mim. Pergunto-me se ela mencionou sobre a façanha daquele lixo do pequeno apartamento... ou da façanha de levá-la para fora da cidade... ou sobre o julgamento? Por algum motivo estranho, não quero que ele pense que sou má pessoa.

— Noah, — Cammie diz, balançando o braço. — Você poderia não se envolver com o inimigo? Temos coisas a fazer.

— Ela não é o inimigo, — ele diz, sem tirar seus olhos dos meus. — Ela é uma lutadora suja.. Sim, ele sabe. Sinto-me como se eu estivesse em transe. Se esse cara mandasse eu beber o Kool-Aid, provavelmente eu o faria. Foda-se.

Eu absolutamente beberia o Kool-Aid.

Olivia se casou com o Ghandi sexy. Só que ela não sabe amar o seu marido. Limpo minha garganta e olho em torno do estaleiro. — Então, é uma festa para ela?

Cammie grita de algum lugar lá nos fundos, e Noah concorda. — Sim, é de aniversário. É uma surpresa.

Que legal! Ninguém nunca fez festas de aniversário para mim. Engulo em seco e me afasto da mesa.

— Foi um prazer conhecê-lo, — eu digo. — Sam?

Ele está ao meu lado em um segundo, guiando-me em direção ao portão. Olho por cima do ombro para o marido de Olivia, que está brincando com o alto-falante. Cammie está gesticulando com as mãos, sem dúvida, expressando seus sentimentos sobre como ele a ignora.

Caramba. O que essa mulher tem que eu não tenho? Por quê homens como Noah e meu marido se apaixonam por ela?



Capitulo Vinte e Oito

Passado

A pressão no trabalho mudou depois que descobri sobre os resultados da Prenavene adulterados. Era como se ele soubesse que eu tinha revelado o seu segredo, e ele estava lá para me fazer pagar. A atenção que eu sempre tinha desejado, de repente estava lá. Só que não era o calor, o amor paternal que eu esperava. Ele se tornou hostil e exigente, muitas vezes me insultava na frente das pessoas. Houve algumas vezes que eu olhava para cima para vê-lo olhando para mim, o olhar em seu rosto tão agudamente com raiva, que eu sentia vertigens. Eu ansiava por sulco, escondendo-me, enquanto ele não sabia que eu existia. Era mais seguro fora de sua visão. A questão mais importante é: como ele tinha descoberto?

Era dinheiro. Tinha de ser. Eu lhe fiz perguntas detalhadas sobre o período de experiência. Ela deve ter gritado para meu pai. E o que foi pior, foi a forma como o meu pai a estava tratando - como um maldito tempo perdido.

A merda toda foi jogada no ventilador uma semana antes do meu aniversário. Meu pai convocou uma reunião de emergência da família em casa. Caleb, pensei que era estranho, mas eu sabia o que estava por vir. Pensei em preparar ele no carro sobre o passeio, mas pensei que seria melhor vindo de Charles Austin, a fraude farmacêutica. Dessa forma, eu poderia parecer inocente e fingir que não sabia nada sobre os acontecimentos.

Quando chegamos à casa, todo mundo estava esperando por nós na sala da

família. Sentei em um sofá com Caleb, que estava examinando o encontro com a suspeita de montagem. Ele olhou para mim para ver se eu sabia de alguma coisa, e dei de ombros. Minha irmã, que estava sentada ao lado de minha mãe, olhou para mim com a realização súbita em seu rosto.

— Você está grávida, não é? É sobre isso a reunião.

Balancei minha cabeça, chocada com a sua falta de termostato emocional. Nada de ruim já tocou minha irmã. Senti uma pontada de ciúme, que atingiu vinte tons de verde. — Johanna não vai ter um bebê, — disse meu pai. — Isso é algo mais sério, estou com medo.

Por um minuto, eu me perguntei o que poderia ser mais grave do que um bebê. Será que ele deixaria meu bebê chamá-lo de vovô? Caleb estava tenso ao meu lado. Quando papai disse pouco sobre o bebê, Caleb pegou minha mão e a apertou.

Meu pai olhou para Caleb, quando começou a falar. Essa é a maneira dele. Se havia um homem na sala, que é quem ele olharia – mesmo que ele estivesse prestes a informar sua esposa e filha sobre sua morte iminente.

Escutei a coisa toda, segurando a mão do meu marido, como se fosse a única coisa que me amarraria à minha sanidade. Apesar da raiva que eu sentia do meu pai, eu esperava que ele não seria muito problema. Isso é possível quando você faz algo parecido?

Ele nos levou as provas, e quando admitiu a adulteração dos resultados, eu senti Caleb rígido. Ele terminou sua história como uma punhalada em meu estômago.

— Eu fui indiciado. Eles vão procurar Johanna também.

Caleb deu um pulo. — O quê? O que Leah tem a ver com isso?

— Suas assinaturas estão por todo o documento. Nenhum dos testes poderia ter sido feito sem a sua assinatura. O mesmo vale para os lançamentos.

Eu fazia um barulho que parecia medo estrangulado. Caleb olhou para mim, seus olhos brilharam como duas bolas de cor âmbar queimados.

— Isso é verdade? Você sabia o que estava acontecendo?

Eu balancei minha cabeça. — Eu assinei o que ele me dizia para assinar. Eu não sabia nada sobre os resultados reais.

Sua cabeça virou de volta para o meu pai. — Você está indo para lhes dizer., — ele apontou um dedo. Eu não acho que já vi Caleb apontar o dedo para alguém.

Meu pai já estava balançando a cabeça. — Não vai fazer diferença, Caleb. — Senti meu valor nesse momento. Um centavo. Eu estava numa calçada, jogada fora - um pedaço sujo de metais presos ao fundo do porta-copos, almofadas do sofá, carteiras velhas e sob a geladeira entre uma uva murcha e um cabelo não identificado – essa era eu. Ele não viu nenhum valor em mim, a não ser para me usar.

Foda, foda, foda, foda...

A voz de Caleb foi forte. Eu não poderia fazer o que ele estava dizendo até que fosse tarde demais. Ouvi as palavras, *'ela é sua filha'*, pouco antes dele cair para a frente. Vi o tremor de passagem de choque no rosto de meu pai, quando meu marido, de cabelos castanho-avermelhados deu um soco que teria Tyson balançado a cabeça em aprovação. Minha irmã e minha mãe começaram a gritar. Cobri meus ouvidos. Você poderia jurar que nunca tinha visto um homem se colocar no lugar dele. Eu queria Caleb para acertá-lo novamente, principalmente, por não me amar, mas também porque eu estava oficialmente em um barril de pólvoras.

— Caleb! — Agarrei-o, puxando para trás. Seu corpo ainda estava torcido sobre o do meu pai, assim como ele queria bater nele novamente. — Vamos lá. Eu quero ir embora.

Sua mandíbula estava verdadeiramente assustadora. Coloque-me em um quarto com uma centena de leões da montanha com fome, antes de me colocar em um quarto com a mandíbula de Caleb.

Caleb agarrou a minha mão. Meu pai, o grande Charles Austin Smith foi um fracasso para cima da espreguiçadeira, seu nariz sangrando por entre os dedos e seu rosto com cor de fígado cru. Antes de sair, parei. Minha respiração estava mantendo o tempo com o meu coração. Caleb olhou para mim interrogativamente, e eu balancei minha cabeça. Enfrentei a minha família. Os três estavam amontoados em torno do sangramento no rosto do meu pai. Os olhos de minha mãe estavam apavorados, enquanto tentava limpar o sangue com um guardanapo de bebidas. Minha irmã dizia *papai* mais e mais, enquanto ela chorava. Senti repulsa e medo, enquanto eu as observava. Pela primeira vez,

eu não queria pertencer a eles. Eu não queria ser uma parte desse sangramento.

— Papai? — Ele levantou a cabeça e vi seus olhos vermelhos me encontrar. Minha mãe e minha irmã pararam de se lamentar e olharam para mim também. — Papai, — repeti. — Eu nunca o chamarei de pai novamente. Você provavelmente não se importa, e isso é bom, porque eu também não. Prefiro ser a filha bastarda de uma prostituta do que partilhar o seu sangue.

Caleb apertou minha mão, e saímos.

Dois dias depois, ele estava morto.



Capitulo Vinte e Nove

Presente

Persegui Cammie no Facebook. Juro que tudo o que loira burra faz é postar fotos de seu almoço. Odeio isso. Continuo esperando para pegar alguma coisa de Caleb ou aquela vagabunda, Olivia. Assino minha conta mal-usada e digito o nome de Cammie. Quero ver se ela postou fotos do aniversário de Olivia, para ver se Caleb estava lá. *Isso é estúpido*, eu digo a mim mesma. Olivia é casada com o sexy Ghandi. Não há nenhuma maneira de Caleb ser convidado. De qualquer maneira, vasculho todas as imagens, em busca de um pedaço de suas mãos, ou os pés, ou cabelo. Tudo que vejo são fotos de Olivia. Alguém tinha tirado uma foto de seu pé para a festa surpresa. Sua boca está aberta e, se você não soubesse melhor, você acharia que alguém estava apontando uma arma para ela, em vez de gritar *Feliz Aniversário*. Ela está usando jeans skinny e um top tubo. Sinto ao clicar nas fotos. Olivia abraçando Noah, rindo com Cammie, assoprando as velas em uma torre de cupcake, atirando em alguém com uma pistola de água, sendo empurrada para dentro da piscina...

A última imagem é de Olivia abrindo um presente. Ela está sentada em uma cadeira com a caixa aberta no colo. O olhar em seu rosto não é nada feliz. Suas sobrancelhas se unem e sua boca está enrugada em uma de suas carrancas laterais famosas. Eu olho a caixa, tentando ver o que há dentro dela, mas tudo o que posso ver é o papel azul metálico. Cammie colocou legenda na foto: Não sabe de quem é esse? Confesse ou você não tem um cartão de agradecimento.

Olho para o pacote suspeito. O que poderia estar lá dentro que faria com que ela parecesse tão horrorizada? Clico nas próximas fotos, mas Olivia não está em nenhuma delas. É como se ela tivesse desaparecido se depois que abriu o pacote. Enfio um punhado de cenouras mal descongeladas em minha boca. Colocando minha cadeira de volta no lugar, vou procurar Sam. Encontro-o dobrando roupa no quarto da bebê. Caleb está com a bebê, mas Sam tem vindo de qualquer maneira para me ajudar a viver.

— Você estava na festa, não é?

— Que festa? — Ele abre uma gaveta, guarda uma pilha de camisetas e fecha sem olhar para mim.

— A festa da Olivia, Sam. — Seus olhos vão dos meus braços cruzados ao meu pé batendo.

— Eu não vou alimentar suas tendências assediadoras.

— O que tinha na caixa azul que Olivia abriu?

Os olhos de Sam me fuzilaram. — Como você sabe sobre isso?

— Eu estava em... uh... Facebook.

Sam balança a cabeça. — Eu não sei. A caixa não tinha um cartão. Ela deu uma olhada para dentro e correu para dentro de casa. Eu não a vi novamente depois disso. Acho que Noah a levou para casa.

— O que aconteceu com a caixa? — Por que estou tão interessada?

— Eu acho que Cammie está com ela.

Agarro seu braço. — Pergunte a ela.

Ele tenta se livrar de mim, franzindo a testa em três linhas profundas. Aponto para ela.

— Você realmente deve considerar um Botox para isso.

— Não estou escavando em volta da obsessão Olivia.

— Não estou obcecada por ela, — eu me oponho. — Só quero saber o que a fez ficar chateada.

— Você e Nancy já não fizeram o suficiente atacando Olivia? — Esfrego meu nariz. Não poderia nunca ser suficiente, Olivia? Essa mulher deve ter que usar um sinal nas costas que diz 'Ladra de namorados'.

— Diga o que quiser, Sam, mas ela não tentou destruir a sua vida. — Estou caminhando em direção à sala de estar, quando sua voz me alcança.

— Pelo que ouvi, ela guardou o seu.

Giro e o olho fixamente. Não acredito que ele disse isso, como um completamente falso. Estou doente, doente, doente de me forçar a me sentir grata a essa cadela olhando astuto para algo que qualquer um poderia ter feito. Eu poderia ter contratado qualquer advogado que eu quisesse. Olivia estava me forçando.

— Foi isso que Cammie disse?

Ele coloca a última garrafa limpa no armário e me enfrentou. — Não foi o que aconteceu? Ela pegou o seu caso e ganhou?

— Pelo amor de Deus! Esse era o trabalho dela.

— Por que ela pegaria o seu caso?

Eu já sou pálida, mas quando alguém me faz essa pergunta, por exemplo, minha mãe, minha irmã, meus amigos... Posso sempre sentir a cor da minha pele desbotar. Por quê ela pegaria o caso? Porque Caleb pediu a ela. Por quê Caleb pediria? No início, pensei que fosse porque ela mentiu para ele. Ele estava se aproveitando de sua culpa, fazendo-a pagar o engano ao defender sua esposa. Mas, então, eu interceptei uma olhada.

Um olhar. Quanto tempo pode durar um olhar... realmente? Um olhar pode durar um longo segundo, um rápido e inofensivo segundo, e pode contar histórias longas e complicadas. Você pode ver passar três anos, em um olhar de um longo segundo. Você pode ver o desejo também. Eu não sabia disso até eu ver por mim mesma. Desejo que não tenha visto. Desejo que eu nunca veja um outro olhar entre duas pessoas ao longo do tempo.

— Parece-me que você é leal com as pessoas erradas, — ele disse.

— O que você está falando?, — retruco.

— Ah, não sei. Você quase se ferrou o pai de vocês, quando ele obviamente a tratou como lixo. Então, você coloca sua filha de lado como se ela fosse um inconveniente para você.

Eu tropeço.

— Você pode ter o resto do dia de folga.

Sam levanta as sobrancelhas. — Então, vejo você na segunda-feira. — Eu não o reconheço quando ele sai. Vou lá em cima para ver Estella, e, em seguida, percebo que ela se foi. Eu vinha fazendo isso ultimamente, esperando para ouvi-la, ou vê-la, quando entro em uma sala. Ao contrário de alguns meses atrás, não sinto alívio sabendo que ela não está aqui. Sinto-me... O que sinto? Odeio isso. Definitivamente, não quero pensar sobre meus sentimentos.

Vou ao congelador, e pego o pacote de feijão. Pesando o saco na minha mão por alguns segundos, de repente atiro-os de volta como se estivesse lançando para o Marlins. Pego as chaves do carro no gancho da cozinha, e vou para a garagem. Meu super carro está na garagem: a minha vida antes da bebê, muita diversão, um conversível cereja-vermelho. Eu bato no capô antes de entrar, deixando para trás minha bolsa de passear com a bebê, passo pelas caixas de correio e desço a rua.

Sinto-me perdida. Sinto-me perdida e extremamente irritada. Dou uma parada no estacionamento do supermercado. Andando rapidamente, sem perder o fôlego, pego uma cesta e vou direto para o corredor de doces. Esvazio a prateleira de passas com cobertura de chocolate e pego um punhado de Twizzlers. Quando despejo tudo no caixa, o garoto me olha com os olhos arregalados.

— Vai ser isso...

— Isso é tudo!, — eu grito. — Se você quiser me dar uma nova vida.

Ele ainda está abismado, olhando para mim, quando pego minhas compras e corro para o carro.

A primeira coisa que faço, quando chego em casa, é esvaziar meu freezer de legumes. Cortei os sacos abertos, um por um, e despejo as latas de milho no triturador. Cantarolo enquanto trabalho. Tomo um gole de vodca direto da garrafa, viro meus calcanhares, e abro a primeira caixa de passas com cobertura de chocolate. Tudo vai por água abaixo. Como tudo até a última caixa, e fico doente. Ligo para Caleb às duas horas da madrugada. Sua voz está arrastada, quando ele atende o telefone.

Não é a hora de alimentá-la, eu acho. Sorte a dele. — O que foi agora, Leah?, — ele pergunta.

— Eu quero minha filha de volta. — Mastigo um Twizzler e espero. Ele

fica quieto por cerca de dez segundos.

— Por quê? — Eu choro.

— Porque eu quero que ela saiba que está tudo bem se ela comer doces.

— O quê? — Sua voz é cortada.

— O que não. Traga a minha filha de volta. Amanhã. — Desligo o telefone.
Eu quero a minha maldita filha. Eu *quero* minha maldita filha.



O julgamento foi a experiência mais surreal da minha vida – e não apenas porque a ex-namorada do meu marido era minha advogada, mas também porque eu nunca tinha sido chamada para qualquer coisa dessas antes. Eu estava com problemas de verdade pela primeira vez na minha vida.

Não concordei com Olivia ser minha advogada. Briguei com Caleb até que ele olhou bem na minha cara e disse: — Você quer ganhar ou não?

— Por que você está tão certo de que ela pode ganhar este caso? E por que você acha que ela quer? Você está esquecendo como ela fingiu não saber quando você perdeu sua memória? Ela quer você de volta – ela provavelmente vai perder de propósito.

— Eu a conheço, — ele disse. — Ela vai lutar muito... especialmente se eu pedir a ela.

Era isso. Caso encerrado. Exceto que o meu ainda estava aberto e pendurado como um ornamento de vidro de natal na ponta do dedo da minha arquirrival. Eu tinha que confiar nela, pois não havia mais ninguém. Meu pai era geralmente o único a me tirar de apuros, e desta vez ele foi quem me colocou lá antes de morrer de ataque cardíaco.

Eu não confio nela. Ela estava mal-humorada comigo. Advogados deveriam fazer você se sentir bem – mesmo se eles estivessem mentindo sobre suas chances de ganhar. Olivia fez sua única missão na vida para me fazer acreditar

que eu estava perdendo. Não se perdeu em mim, que sempre que o meu marido estava por perto, ela estava azeda e tensa. Ela não olhava para ele, mesmo quando ele lhe dirigia uma pergunta, ela fingia fazer outra coisa enquanto ela lhe respondia. Eu a odiava. Eu odiava todos os dias do ano que levaria para me limpar das acusações. Havia apenas um dia, durante a coisa toda, que eu não a odiava.

No dia em que ela me fez depor, foi o pior da minha vida. Ninguém queria que ela fizesse isso – eles pensaram que isso poderia arruinar o caso.

Deixá-la pleitear o quinto recurso foi o consenso na empresa. Olivia tinha ido contra todos os conselhos oferecidos enquanto ela se preparava para o meu depoimento. Eu vi os olhares que estavam sendo trocados às minhas custas. Mesmo quando Bernie, o advogado sênior, se aproximou dela, Olivia tinha atirado nela.

— Droga, Bernie! Ela pode cuidar de si mesma!, — ela disse. — Este é o meu caso e eu a colocarei no posto.

Eu estava apavorada. Meu destino estava nas mãos de uma mulher maldosamente conivente. Eu não conseguia decidir se isso era uma coisa boa ou ruim. A maior parte de mim estava convencida de que ela estava tentando perder o caso de propósito. Quando eu disse a Caleb minha teoria, ele estava classificando a correspondência eletrônica na cozinha. Ele mal olhou para mim.

— Faça o que ela diz.

O *quê?*

— O que você quer dizer com ‘faça o que ela diz’? Você não está me ouvindo.

Ele jogou o e-mail para baixo e caminhou até a geladeira.

— Eu ouvi o que você disse, Leah. — Eu não confio nela.

Ele tinha uma cerveja na mão, quando ele se virou para mim, mas ele estava olhando para o chão.

— Eu confio.

E foi isso. Minha única aliada era a mulher que iria ganhar o máximo com minha prisão. Ela me preparou para a declaração, me fazendo perguntas que o

Ministério faria, com as suas próprias, gritou comigo quando eu não estava calma o suficiente, me ofendeu quando eu hesitei em minhas respostas. Ela estava dura e ela era dura, e uma parte de mim agradecia. Uma muito, muito pequena parte – odiava essa cabra e queria que ela morresse. Mas eu confiei em Caleb, pois ele confiava em Olivia. Eu sairia queimando em chamas ou a pé para fora do tribunal como uma mulher livre.

O dia em que dei o depoimento, eu estava puída. Eu usava o que Olivia trouxe para mim: um vestido macio com pêssegos e lilases, meu cabelo num rabo de cavalo baixo, brincos de pérola. Quando os coloquei em minhas orelhas, eu me perguntei se eram dela. Provavelmente, eram pérolas falsas. Minhas mãos tremiam enquanto eu alisava meu vestido e me olhava no espelho. Eu parecia vulnerável. Eu me sentia vulnerável. Talvez esse fosse o seu plano. Caleb disse para confiar nela.

Procurei seus olhos, quando me sentei no banco, meus joelhos estavam fracos sob minhas mãos. Nas semanas de preparação, eu aprendi a ler com os olhos. Aprendi que, se ela mantivesse as grandes sobrancelhas ligeiramente levantadas – eu estava indo bem. Se ela olhasse através de mim, ela estaria mentalmente me xingando, e eu precisaria mudar de rumo rapidamente. Eu odiava conhecê-la tão bem. Eu odiava isso, e ao mesmo tempo grata. Muitas vezes eu me encontrei perguntando se Caleb sabia ler seus olhos como eu. Provavelmente. Eu não sabia o que era pior: ser capaz de conhecer Olivia tão bem, ou realmente me sentir orgulhosa de que eu poderia fazê-lo.

Ela ficou na minha frente, em vez de andar para frente e para trás, como faziam nos filmes. Ela parecia relaxada em seu terno bege. Ela estava usando um impressionante colar azul cobalto que fez seus olhos brilharem.

Respirei fundo e respondi sua primeira pergunta. — Eu trabalhei na OPI Gem por três anos.

— E qual era exatamente o seu cargo na empresa?

Olhei para o colar, em seguida, seus olhos, o colar, então seus olhos...

Não eram realmente cobalto. Qual era esse tom? — Eu era a vice-presidente de Assuntos Internos...

Ela continuou assim durante 40 minutos. Perto do final, ela começou a me fazer perguntas que fizeram todas as glândulas de suor do meu corpo

chorarem. Perguntas sobre meu pai. Minha mãe estava sentada ao lado de Caleb, me observando atentamente, com as mãos sob o queixo pressionado no que parecia ser uma oração silenciosa. Eu sabia que era um aviso silencioso.

Não humilhe sua família, Leah. Não lhes diga de onde você vem. Ela estava implorando aos deuses das mal comportadas, fodidas, filhas ilegítimas.

Olivia não me queria lá com medo de que ela pudesse me intimidar para não dizer a verdade, mas ela insistiu em vir.

— Como era o seu relacionamento com seu pai fora do trabalho, Sra. Smith?

O queixo da minha mãe caiu para o peito. Minha irmã prendeu o cabelo atrás das orelhas e deu à minha mãe um olhar de soslaio. Caleb apertou os lábios e olhou para o chão. Os deuses das ilegítimas, fodidas filhas retumbou nas nuvens.

Eu me endireitei, pressionando as lágrimas – aquelas lágrimas de ódio que expuseram a minha fraqueza.

Lembrei-me do que Olivia me disse, quando discutimos sobre algumas de suas perguntas apenas uma semana atrás. Eu disse a ela que eu não estava indo para denegrir o nome do meu pai, no banco das testemunhas. Ela ficou com o rosto cinza e as mãos se fecharam do tamanho de uma moeda de centavo.

— Onde ele está, Leah? Ele jogou sangue de merda em você e morreu! Você diz a verdade, ou você irá para a prisão.

Então ela aproximou-se bem perto de mim para que ninguém mais pudesse ouvir e disse: — Use a sua raiva. Lembre-se de como era destruir minhas coisas quando eu estava tentando roubar algo de você? Se você perder este caso, eu o levarei de você novamente.

Ela usou seu truque. Eu fiquei com tanta raiva que eu responderia a todas as perguntas – mesmo as duras. Ela ficou com um olhar presunçoso em seu rosto pelo resto do dia.

Agora, eu tinha que canalizar um pouco da raiva de volta. Imaginei-a com Caleb. Isso era tudo que eu precisava.

Ela repetiu a pergunta. — Qual era o seu relacionamento com seu pai, Leah, fora do trabalho?

— Ele era inexistente. Ele só interagiu comigo no trabalho. Em casa, ele me considerava uma espécie de incômodo.

Foi tudo por água abaixo.

— Seu pai tinha uma regra de nunca contratar um membro de sua família, isso está correto?

— Sim, — eu disse. — Eu fui a primeira.

Arrisquei um olhar para a minha mãe, que não estava olhando para mim.

O argumento de abertura de Olivia tinha incluído esta informação. Ela ficou na frente do júri, com as mãos atrás das costas e os advertiu de que o Ministério Público iria me pintar como astuta e manipuladora, mas realmente tudo o que eu era, era um peão no plano desesperado de meu pai para salvar sua empresa da falência. — Ele usou e manipulou sua própria filha para o ganho financeiro, — ela afirmou.

Aquelas palavras tinham descompactado meu exterior controlado. Comecei a chorar imediatamente.

Ela limpou a garganta, me trazendo de volta ao presente.

— O seu pai nunca lhe pediu para assinar documentos sem analisá-los?

— Sim.

— O que ele disse para impedi-la de analisá-los?

Houve uma oposição do Ministério Público. Olivia reformulou a pergunta.

— Qual era o procedimento típico que seu pai usava para obter a sua assinatura?

— Ele me dizia que precisava das assinaturas rapidamente, e, em seguida, esperava na sala até que eu assinasse tudo.

— Alguma vez você falou com seu pai que se sentia desconfortável em assinar os documentos sem lê-los?

Outra objeção. Orientando a testemunha.

Olivia me olhou irritada. O juiz permitiu. Ela repetiu a pergunta com uma sobranceira arqueada. Eu não queria responder a essa pergunta. Isso me fez parecer irresponsável e tola. É melhor um tolo do que um detento. Olivia percebeu, quando eu expressei a minha preocupação no dia anterior. Engoli

meu orgulho.

— Não.

Mexi-me em meu assento, lançando um olhar para Caleb para ver qual era a sua reação. Ele estava olhando para mim estoicamente.

— Então, você acaba de assinar os documentos? Os documentos que seriam potencialmente suficientes para liberar uma droga mortal no mercado e matar três pessoas?

Abri e fechei a boca. Nós não tínhamos ensaiado isso. Eu estava à beira das lágrimas.

— Sim, — eu disse.

— Eu queria agradá-lo, — eu disse baixinho.

— Sinto muito, Sra. Smith, você pode falar mais alto para que o júri possa ouvi-la.

Seus olhos estavam brilhando como o maldito colar. — Eu queria agradá-lo, — eu disse mais alto.

Ela se virou para o júri, para que pudessem ver o olhar de *‘Uau, isso é fodidamente importante’* em seu rosto.

No momento em que Olivia tomou seu lugar, a minha mãe tinha uma mão cobrindo a boca e ela estava chorando.

Ela provavelmente nunca mais falaria comigo de novo. Pelo menos eu tinha a minha irmã. Ela tinha sido uma filhinha de papai, mas ela não era cega para a relação tensa que meu pai e eu tínhamos. Quando desci da bancada, procurei os olhos da minha advogada, que não estavam brilhando mais, apenas pareciam cansados. Percebi o quão difícil deve ter sido para ela fazer o que tinha feito – especialmente quando ela me queria atrás das grades para que ela pudesse ficar com o meu marido.

Feroz, ela era muito feroz. Foi provavelmente o fato de ter ido ao fundo do poço que a fez uma boa lutadora. Eu a olhava seriamente para ver se ela tinha me aprovado. Ela tinha. Eu tive um segundo – não – uma fração de segundo em que eu queria abraçá-la. Em seguida, ele foi embora, e eu queria que ela morresse e apodrecesse no chão.

Eu quis tripudiar depois que eu ganhei provão primeiro julgamento. Eu

queria que ela soubesse que ele era meu e sempre seria. Ela precisava saber. Nós estávamos comemorando a vitória num restaurante. Olivia chegou tarde. Honestamente, nem sei porque ela veio. Seja qual for a dívida que ela sentia que devia a Caleb, foi paga. Ela ganhou minha liberdade, e teria prazer se nos separássemos, sendo que com a condição de nunca mais vê-la novamente. No entanto, ali estava ela, na minha festa, andando em minha casa, feliz com seu vestido curto e saltos altíssimos.

Caminhei até ela com a intenção de expressar o meu descontentamento por ela estar lá. Olhei para Caleb, que estava preocupado com as pessoas em toda a sala. Eu não queria que ele me visse falando com ela. Eu queria que ela saísse antes que ele visse que ela estava lá.

Quando ela me viu chegando, o sorriso saiu de seu rosto. Eu tive que dar a ela – a cadela era exótica. Uma sobrancelha escura subiu enquanto passeava com champanhe na mão. Sua boca expressou um sorriso franzido. Ela olhou por baixo do nariz para mim. Eu me acostumei a ele durante o julgamento, mas esta noite ela me deixou furiosa. Hoje era eu... e Caleb.

Eu não tinha conseguido formular quatro frases, quando ela olhou para mim e disse: — Volte para o seu marido, antes que ele perceba que ele ainda é apaixonado por mim.

Choque. Por quê Será que Ela Pensa Isso?

Não era verdade. Ela desligou na cara dele. Quem poderia culpá-la? Olhei para Caleb. Ele era tudo o que eu queria ter. Ele me protegeu, ficou comigo, e foi o único homem que disse que nunca me machucaria.

Ele riu de algo que alguém em seu grupo disse. Meu coração se encheu com a visão dele. Olivia estava cansada, e ele era meu. Olhei para o meu Caleb, tão certo nesse momento da nossa força como um casal. Era como se ele pudesse sentir meus olhos sobre ele. Senti o bater de asas de borboleta em meu estômago, assim como quando em sua cabeça veio à tona. Sorri. Nós trocamos olhares íntimos como este na sala do tribunal. Quando eu estava com medo, eu olhava para ele, e ele me olhou nos olhos o que me fez sentir melhor imediatamente. Desta vez foi diferente. Senti uma onda de confusão. O quarto inclinado. As asas batendo acalmaram. Ele não estava olhando para mim.

De repente, quando ele olhou para cima, o sorriso desapareceu de seu

rosto. Eu podia ver seu peito subindo e descendo sob o terno que ele estava respirando profundamente. Naqueles cinco segundos, eu vi todas as peças da mente de Caleb espalhadas por todo o rosto como se alguém tivesse feito milhares de pequenos cortes, e tudo estava saindo de uma só vez: angústia, amor, crença. Virei-me para ver para onde ele estava olhando. Eu sabia que não deveria. Mas como eu não poderia? A resposta foi muito clara para mim. Isso me fez querer proteger os olhos e partir de volta para a cobertura da escuridão. Olivia era o alvo de seus olhos. Eu me senti como se tivesse me deixado cair do prédio mais alto. Despedaçada. Cada parte de mim. Ele era um mentiroso, um ladrão. Eu queria desmoronar no chão ali mesmo, admitir minha derrota. Morrer e morrer de novo. Morrer e levar Olivia comigo. Morrer.

Abri minha boca para gritar com ela, para deliciá-la com todos os insultos e nomes que eu tinha aprendido em meus 29 anos. Estavam na ponta da língua, pronta para atirar em sua direção. Eu ia jogar meu champanhe no rosto dela e arrancar seus olhos até sangrarem. Até Caleb iria achar que ela era tão feia e deformada, que ele nunca olharia para ela daquele jeito de novo.

Então, ela fez uma coisa que me deixou perplexa. Ela colocou o copo sobre a mesa, o pulso dela balançando como se não pudesse suportar o peso do vidro. Então, ela colocou o rabo entre as pernas e saiu.

Respirei profundamente - uma respiração profunda e satisfatória - e voltei para o lado de Caleb.

Meu. Ele era meu. Era isso.



Capitulo Trinta e Um

Presente

Eu balanço para trás e para frente depois de desligar o telefone com Caleb. O que há de errado comigo? Como eu não fui ao fundo do poço, depois de todos esses anos de negligência do meu pai? É patético. Eu me odeio por isso, e ainda assim eu sei que eu faria tudo de novo. E a bebê – ela é minha família de sangue e eu faço de tudo para ficar longe dela. Ela não fez nada de errado. Que tipo de pessoa sou eu para isolar a minha própria filha?

Como pode passas cobertas de chocolate trazerem tanta clareza para mim? Não são as passas cobertas de chocolate. Eu sei disso. É o que Sam disse para mim, a parte sobre ser leal com as pessoas erradas. A única pessoa que realmente merece, é a menina que cresceu em meu corpo. E, no entanto, eu não posso montar os sentimentos certos para ela. Eu abro o meu computador e procuro por *depressão pós-parto*. Eu li sobre os sintomas, assentindo. Sim, isso tem que ser. Não há nenhuma maneira que eu seja tão ruim como pessoa. Eu preciso conseguir a medicação. Há algo de muito errado comigo.

Na parte da manhã, Caleb trouxe minha filha de volta. Eu a agarro em meu peito e sinto o cheiro de sua cabeça. Ela tem a sua cabeleira vermelha amarrada num lacinho rosa. Eu olho seu vestido de algodão e lhe dou um olhar sujo.

— Por que você a veste como se ela fosse a Mary Poppins?, — digo com azedume. Ele deposita sua bolsa de fraldas e o assento de carro ao lado da

porta e começa a sair.

— Caleb!, — eu chamo por ele. — Fique. Almoce com a gente.

— Eu tenho um lugar para ir, Leah. — Ele vê a decepção em meu rosto e diz com uma voz muito suave: — Talvez um dia, né?

Eu me sinto como alguém estendendo a mão e me dando um tapa no rosto. Não com sua rejeição à minha oferta de almoço, mas com um muito simples ‘Sim?’ pingando o fim de sua sentença. Esse *sim* é uma memória ácida, queimando dolorosamente em meu hipocampo. Eu penso em Courtney e seu verão na Europa. Do jeito que ela voltou, falando como se ela tivesse nascido uma britânica.

Quer ir ao shopping amanhã, certo?

Você tem aquela camisa que você pediu para mim, sim? Você é a pior irmã do mundo, certo?

Eu sou a pior irmã do mundo. Courtney, que sempre ficou para mim, sempre lembrada por meus pais que eu estava viva... onde está a minha lealdade para com Courtney? Eu não fui visitá-la nenhuma vez desde...

Eu chuto a porta com o pé e levo Estella para seu quarto. Eu tiro o vestido de Mary Poppins. Ela gargalha e chuta as pernas. Como ela está feliz por estar livre dela. — Sim!, — eu concordo. — Deixe o papai vesti-la no ensino médio e você pode não ter amigos.

Ela sorri.

Eu começo a gritar o nome de Sam. Ouço seus passos pesados, quando ele começa a subir as escadas. — Que?, — ele diz sem fôlego. — Ela está respirando?

— Ela sorriu!, — eu aplaudo com minhas mãos.

Ele espia por cima do meu ombro. — Ela está fazendo isso.

— Não para mim, — afirmo.

Ele olha para mim como se tivesse crescido outra cabeça. — Uau!, — ele diz. — Uau. Você cresceu um coração, e bastou sete caixas de passas com cobertura de chocolate.

Eu desvio. — Como você sabe sobre isso?

— Bem, para começar, eu tirei o lixo esta manhã, e os encontrei por todo o chão.

Fico em silêncio por um longo tempo, enquanto visto Estella com algo mais elegante. É como vestir um polvo, todos os membros se movendo ao mesmo tempo. Eu contemplo dizendo a Sam que eram suas palavras que me abalavam um pouco, mas decidi não falar nada. Falo a ele sobre Courtney outra vez. — Sam, eu tenho uma irmã.

Ele levanta uma sobrancelha. — Ótimo. Então, faça com que eu...

— Estou tendo um momento sério aqui, Sam!— Ele propõe a mim para continuar.

Escovo o cabelo de Estella. — Eu não a vejo há muito tempo. Ela nunca conheceu Estella. Você acha que pode ter algo a ver com o meu... pós-parto? — Eu testo a palavra para fora, olhando para o lado para ver a reação dele.

— Eu não sou médico. — No entanto., — eu digo.

— No entanto., — ele sorri. — Tudo é possível. Você é um ser humano muito vil.

Eu o ignoro e escovo o cabelo de Estella.

— Portanto, pegue Estella e vá vê-la, — finalmente, ele diz.

— Sim, — eu digo. — Você viria comigo?

— Eu não vejo motivo...

— Certo, ótimo. Pegue suas coisas. Além disso, preciso de você para marcar uma consulta no ginecologista para mim. Preciso de remédios.

— Eu não sou sua secretária. Nós já falamos sobre isso antes. — Veja se você pode obter algo na terça-feira.

Saio da sala.

— Leah!, — ele me chama atrás de mim. — Sua bebê...

— Ah, sim.

— Volto para Estella e a pego.

Ela parece tão bonita. — Nós vamos ver sua tia, — eu digo.

Nós não vamos ver Courtney. As chamadas caem na caixa postal. Normalmente, eu não retorno suas ligações, seus e-mails., ou suas mensagens

no Facebook. Mas desde que resolvi refazer minha vida, pego o telefone quando seu nome pisca na minha tela.

— O que você quer, Cash? — Ah, você me pegou!

— Você preferiria que eu não tivesse atendido?

Há uma pausa. Presumo que ela está reunindo palavras. Deus sabe o que ela está fazendo por dois anos.

— Leah, eu sinto muito, — ela diz. Eu a ouvi fungar, e percebi que ela estava chorando.

— Esse é um dado. — eu solto. — Você é uma mentirosa. — Eu estava apenas fazendo o que ele pediu, — ela diz.

— Courtney é minha irmã, — digo com firmeza. — E eu farei tudo o que puder para protegê-la.

— É sobre isso que eu queria falar com você.

Coloco meu braço livre em volta da minha cintura. De repente eu me sinto muito vulnerável. Por que essa mulher acha que ela poderia conversar comigo sobre a minha irmã?

— Eu tentei vê-la. Eles não...

— Fique longe de Courtney!, — eu digo. — Ela não quer vê-la.

Eu ouço soluço de Cash e sinto uma pontada de compaixão. Talvez eu esteja sendo muito dura. Eu me pergunto o que Courtney diria para ela.

— Eu preciso dizer que eu sinto muito. Eu preciso...

Eu a cortei. — Eu tenho que ir. Não me ligue de novo, Cash. Estou falando sério.

Desligo e imediatamente vou para o armário e tiro foto do guarda-chuva de Courtney. Eu a seguro contra o meu peito, mordendo meu lábio inferior. Como eu poderia ficar longe dela, desde que eu tinha ido? O que havia de errado comigo? Nós costumávamos ser tão próximas.

Eu começo a rir, cobrindo minha boca em primeiro lugar, tentando abafar os ruídos do tipo hiena. Eu não posso controlar isso. O riso rola para fora de mim, subindo o volume. É a coisa mais fácil que eu fiz durante todo o dia. Quando Sam vem para ficar na porta do meu armário, eu de repente paro.

— O que você está fazendo? — Nada.

Eu me endireito, escondendo a foto antes que ele possa vê-la.



Capitulo Trinta e Dois

Passado

Ele me deixou depois do julgamento. Não logo depois. Tivemos três meses de silêncio, durante o qual eu aprendi o que era ser casada e totalmente sozinha. Caleb voltou a trabalhar imediatamente, deixando-me sozinha em casa durante a maior parte do dia. Eu vagava pela casa e assistia à televisão durante o dia, sentindo-me deprimida. Eu esperava que as coisas voltassem ao normal após o julgamento terminar. Nunca pensei que estaria fora do mercado de trabalho devido ao meu caso de alto nível ter manchado meu nome, apesar do meu veredicto de inocência. A empresa do meu pai foi desmantelada. O que sobrou, foi usado para pagar assentamentos para as famílias dos falecidos e taxas de minha advogada. Voltar com Caleb era uma possibilidade remota. Ele não olhava para mim. Foi o estresse do julgamento, eu decidi. Sugeri que tirássemos férias juntos. Ele disse que já estava muito tempo fora do trabalho para o julgamento. Sugeri aconselhamento matrimonial. Ele sugeriu um tempo separados.

Um nome não parava de tocar na minha cabeça repetidamente: Olivia. Cada vez mais, e mais alto.

Ela era a responsável pelo abismo entre nós. Novamente. Ela era como uma doença que veio um pouco a cada ano, contaminando a todos em seu caminho.

Caleb perdeu muito peso no primeiro mês. Pensei que ele estivesse doente.

Eu o fiz ir ao médico, mas seu exame de sangue estava normal.

Não havia nada de errado com ele. Mas, havia, sim, algo muito errado. Ele quase não sorria, não falava. Quando ele estava em casa, passava horas sozinho em seu escritório com a porta fechada. Quando perguntei a ele sobre isso, ele me dispensou.

— Eu não posso ser sempre perfeito, Leah. Às vezes, eu também tenho dias ruins.

O que isso significava? Como assim ele sempre tinha dias ruins e nunca me disse? Tentei pensar sobre a última vez que me lembrei de Caleb tendo um dia ruim, e não consegui. Ele estava sempre sorrindo, brincando, incentivando. Isso significava que ele nunca teve dias ruins? Ou que ele escondeu de mim? Eu não queria pensar nisso. Eu não queria pensar.

— Por que você não está comendo?, — perguntei. — Estou sem apetite.

— Você está sob muita pressão. Vamos sair por alguns dias.

— Eu não posso, — ele disse sem olhar para mim. — Talvez no próximo mês.

Perguntei novamente no mês seguinte. Ele disse que não. Ele estava tendo mais do que alguns ‘maus dias’.

Finalmente, cheguei ao meu limite. Almocei com sua mãe. Se alguém quisesse saber como lidar com Caleb, seria com Luca.

Ou talvez Olivia...

Não, eu não ia dar isso a ela. Ela tinha algum tipo de poder sobre ele, sim, mas ele tinha sido meu por cinco anos. Eu o conhecia. Eu!

Luca chegou para o nosso almoço dez minutos atrasada. Eu estava no meu segundo copo de vinho, quando ela graciosamente sentou-se no banco em frente a mim. Era raro que nós duas tivéssemos tempo livre para ficarmos juntas. Depois que nós pedimos e conseguimos passar de dez minutos de conversa, ela me olhou bem nos olhos, como se ela soubesse que algo estava acontecendo.

— Então, o que há de errado? Diga-me...

Evitei seus afiados olhos azuis, e me concentrei em meu prato, colocando para baixo as unhas.

— É Caleb, — eu disse. — Desde o julgamento, ele está... diferente. — Ela tomou um gole de sua bebida. — Diferente como?

Peguei o rumo da sua voz. Eu tinha que ser cuidadosa com o que eu fosse dizer sobre ele. Eu precisava de sua visão sem ela saltar por todo o lado, achando que eu estava criticando seu filho.

— Distante. É como se ele não quisesse ficar perto de mim. — Ela bateu as unhas em cima da mesa e me estudou. — Você falou com a sua mãe sobre isso?

Balancei minha cabeça. — Nossa relação é tensa. Além disso, ela dá conselhos terríveis.

Luca assentiu. Ela nunca tinha realmente se importado com minha mãe. Caleb me disse uma vez que ela pensou que minha mãe era fria e inacessível.

— Você sabe alguma coisa, Luca? Ele disse alguma coisa para você? — Ela estendeu a mão e acariciou minha mão. — Não, querida, ele não falou. Mas, ele era assim antes, você se lembra? — Eu me lembrava. Foi durante a sua amnésia.

Balancei a cabeça, lentamente, sem saber o que ela estava sugerindo.

— Você o trouxe de volta, — ela disse. — Você pode fazer isso de novo?

Seus olhos eram como os de Caleb, quando ela olhava para você: intensos, ardentes.

Eu queria tentar. Ela estava me dando muito crédito. A última vez que eu tive que dirigir para Olivia, fora da cidade para trazê-lo de volta. Mas ninguém sabia isso, exceto Olivia e eu. O que seria necessário dessa vez?

— Eu não sei como. Já tentei de tudo.

— O que o meu filho mais valoriza do que qualquer coisa?

Eu me inclinei para trás, quando o garçom chegou com as nossas saladas. Esperei ele sair antes de responder.

— Família, — eu disse, pegando meu garfo. — Sim, — Luca concordou. — Portanto, dê-lhe uma.

Eu empaquei. Ela estava realmente dizendo o que eu pensei que ela estava dizendo?

— Crianças? Você acha que Caleb quer ter um bebê? — Nós não tínhamos falado sobre crianças desde antes de nos casarmos. Eu ainda não tinha pensado sobre a possibilidade. Eu não tinha certeza se eu ainda queria. Caleb era o suficiente para mim. Caleb queria. Ele sempre foi.

— As crianças têm uma forma de unir as pessoas, — ela sorriu. — Especialmente, quando me quebrei.

Comemos em silêncio por alguns minutos antes de falar novamente. — Você não deveria ter deixado ele contratar aquela mulher.

Engasguei com a minha comida. — Olivia?, — perguntei.

Luca assentiu. — Sim, Olivia. Ela é o problema. Sempre foi. Mantenha o passado no passado, Leah. Faça o que tem que fazer. Eu a apoiarei plenamente.

Pela primeira vez, eu me perguntava o quanto Luca sabia dos meses de amnésia de Caleb. Será que ela sabe alguma coisa sobre o tempo que passou com Olivia? Será que ele lhe contou?

Fui para casa pronta para conversar com Caleb sobre a possibilidade de começar uma família. Antes que as palavras saíssem da minha boca, ele me disse que estava voltando para o seu condomínio.

— Você está me deixando? — Eu disse, incrédula. — Estávamos felizes... antes do julgamento. Paramos de trabalhar as coisas, Caleb. Podemos obter aconselhamento.

— Você estava feliz. Eu não tenho certeza de quem eu era. — Então, você estava mentindo para mim?

— Você nunca perguntou, Leah. Você fecha os olhos para o que você não quer ver.

— É sobre o Prenavene? Aquelas pessoas que morreram?

Ele se encolheu. — É muito difícil para eu envolver minha cabeça em torno das decisões que você fez.

— Será que ele fará você olhar para mim de forma diferente?

Ele riu friamente. — Eu sabia que, quando me casei com você, não havia problemas. — Ele suspirou e pareceu quase triste. — Ele me fez olhar para mim de forma diferente.

Não entendi. Meu pai me manipulando. Certamente, ele percebeu isso. O que exatamente ele quis dizer com ‘problemas’?

Vinte e quatro horas mais tarde, Caleb tinha ido embora.

Depressão nem sequer começava a descrever o que passei. Perdi meu pai, a minha carreira e meu marido tudo no período de um ano. Eu me enrolei numa bola e chorei por dias... semanas. Ninguém veio. Tentei ligar para minha irmã, mas ela mal pegou o telefone mais. Katine estava vendo um cara novo e não podia ser incomodada. Minha mãe se mudou para nossa casa de verão em Michigan, logo que o veredicto foi lido.

Liguei para Seth. Eu não deveria ter ligado.



Capitulo Trinta e Três

Presente

Agonizei sobre o telefonema de Cash. Comi mais passas cobertas com chocolate. Eu estava assistindo mais ‘Nancy Grace’. Pesquiso na internet por fotos de gatos com legendas engraçadas embaixo. Ninguém sabe que gosto deles, é um segredo. Sam me pega.

— Você está brincando?

Fecho meu laptop. — Você não pode falar nada.

— A quem é que eu vou dizer? O seu clube do livro?

— Eu tenho amigos, — insisto. — E nenhum deles lê. — Estou muito viciada em açúcar, então rio. Sam levanta a sobrancelha. — E você está orgulhosa disso?

Eu me afasto, abraçando meus joelhos contra o meu peito. Manny transforma toda a diversão numa crítica. — Não, Sam, — eu suspiro. Então, como um adendo, acrescento: — Eu costumava ler um monte... no ensino médio.

— Cosmo?

Ele está dobrando a roupa – ele está sempre dobrando roupa. — Você não se cansa de fazer isso?

— Não, é o meu trabalho.

Ab, sim.

— Eu leio romances. Porém, eu tenho estado muito ocupada.

Eu alivio um pouco mais nos doces entre meus lábios e olho para a tela da TV sem som. *Eu tenho estado muito ocupada fodendo meninos*, eu queria dizer.

— Sam?

— Hummm?

— O que tinha na caixa de Olivia em seu aniversário?

Ele sacode um cobertor e o dobra habilmente numa pequena peça. — Por que você se importa?

— E se fosse de Caleb?, — digo baixinho.

Ele não olharia para mim. — Cammie diz que foi, — ele diz. — Mas não sei o que era, então não pergunte.

Eu como muito mais passas com cobertura de chocolate. Finjo morder minha língua e grito ‘ouch!’ para cobrir as lágrimas que brotam em meus olhos.

— Leah, — ele diz, — está tudo bem, se isso a machuca. Você deve dizer a ele que ela a machuca. Além disso, se você estiver considerando uma atuar — não o faça.

— Por que ele lhe compraria um presente de aniversário?

Quando Sam não responde, começo a pensar em dinheiro novamente. É um carretel infinitamente insalubre de pensamentos: Cash... Caleb... Olivia... Cash... Caleb... Olivia.

A última vez que tinha falado sobre Cash foi logo após o meu processo. Depois de vê-la na lista de testemunhas da acusação, Olivia fez algum impressionante trabalho de detetive e descobriu que Cash era realmente a bastarda de Charles Smith. Olivia não teve nenhum prazer em me dizer para minha grande surpresa. Ela ainda disse que estava arrependida. Eu cambaleei por um dia, encaixando todas as peças em minha mente até que fizessem sentido. Eu não tinha dito à minha mãe o que eu sabia. Esperei até que Olivia expusesse a paternidade de Cash, enquanto foram fazer os exames, completamente desacreditando o testemunho dela. Olhei para o rosto de minha mãe, quando minha advogada deixou a bola cair. Nada havia sido registrado. *Ela sabia*, pensei.

Ela sabia e ela ficou com ele. A acusação ficou mortificada. Olivia ganhou outro

round. Courtney começou a chorar histericamente no tribunal. Olhei para Cash de onde eu me sentei. Meu sangue fervia por todas as razões erradas. Ela conscientemente me traiu. Para ele. Eu deveria ter ficado brava com ele, mas toda a minha raiva era dirigida a ela, o cabelo loiro brega e batom rosa.

Após a derrota no tribunal, ela ligou para o meu celular, implorando-me para me encontrar com ela. Mas ela tinha permitido que meu pai me usasse para destruir a minha vida. Como eu não iria responder ao seu pedido, ela me enviou uma carta de dez páginas manuscritas, detalhando sua vida a partir do momento em que ela nasceu até o dia em que meu pai lhe pediu para vir trabalhar para ele. Eu comi um saco inteiro de ervilhas congeladas e fumei três cigarros ao ler a maldita carta.

A mãe dela tinha sido secretária do meu pai em 1981, e de acordo com Cash, foi concebida em sua mesa. Quando meu pai não conseguiu convencer a mãe dela a fazer um aborto, ele relutantemente concordou em lhe pagar um dividendo mensal para fazer com que ela e sua filha fossem embora. Mas, apesar de seus sentimentos iniciais, ele fez visitas anuais ao ver Cash e tinha até pago seus estudos até a faculdade. Ele contou a ela sobre Courtney e eu quando era pequena. Ela tinha crescido sabendo que seu pai tinha duas outras meninas, e, quando ele foi embora, ela sabia que ele estava com elas. Cash havia admitido que ela desenvolveu um fascínio com a gente desde o início. Ela costumava sonhar como seria ter irmãs. Meu pai tinha mostrado até mesmo nossas fotos, que ela mantinha colada na parede. Eu estava mais surpresa com o fato de que meu pai tinha fotos nossas, do que qualquer outra coisa. Desde quando Charles Smith desenvolveu uma afinidade com a paternidade? Depois que eu li a última palavra, queimei a carta. Eu não podia deixar Courtney vê-la. Ela não estava lidando com as coisas bem como eram. Courtney era muito parecida com a minha mãe. Ela tinha uma personalidade viciante, e ela desabou emocionalmente sob estresse.

— Leah... Leah?

Voltei-me para Sam, que ainda estava dobrando a maldita roupa. — O quê?, — assobieei. Eu gostaria que ele fizesse isso em outra sala, mas parei de me estressar.

— Seu telefone está tocando, — ele disse.

Olho para o meu celular e vejo o nome de Caleb piscando na tela. Eu o

agarro tão rapidamente, que acabei derrubando-o. Arrebatando-o no chão, eu respondo folegando: — Alô?

— Oi!, — ele diz. — Estou ligando para saber sobre Estella.

— Ela está tirando uma soneca. Ela sorriu para mim!

Há uma segunda pausa antes dele dizer: — Ela se parece com você, quando ela sorri.

Eu imediatamente me senti aquecida. Eu quero saber se isso faz com que ele goste mais de mim.

— Eu sinto falta dela, — suspira.

— Bem, você pode vir quando quiser. Mas você não a levará de novo até o fim de semana.

— Entendo. Ela tem uma consulta médica na próxima semana. Eu gostaria de levá-la. Eu queria estar lá quando ela for receber as doses das vacinas.

Eu suspiro. — Tudo bem, você pode levá-la. — Eu acho melhor.

— Mas eu quero estar lá também.

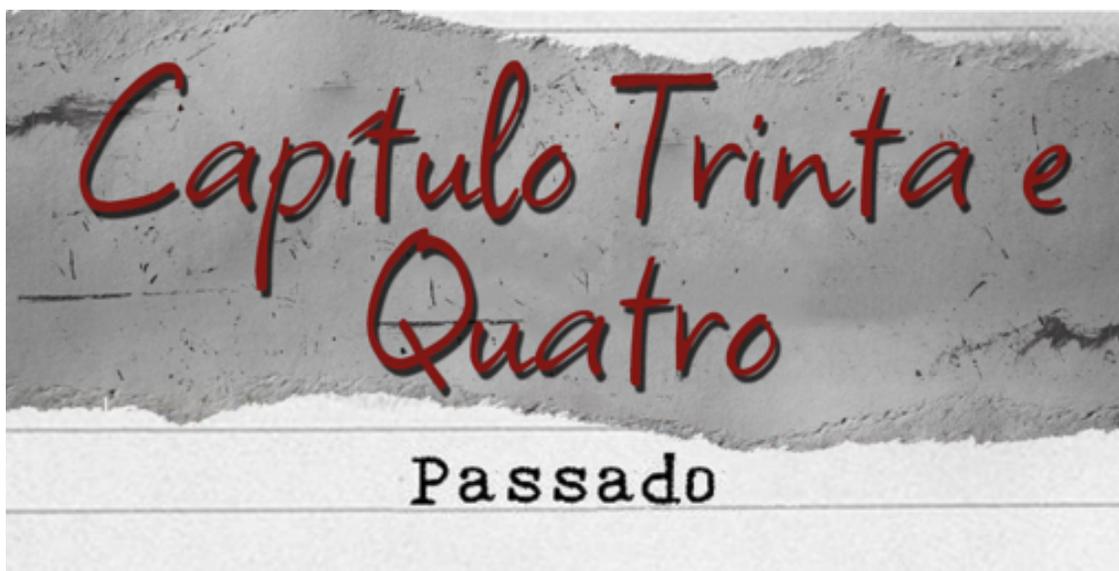
É a vez dele de suspirar.

— Estou pensando em levá-la para ver Courtney.

Caleb limpa a garganta. — Você deveria. Você está bem para ir sozinha?

— Levarei Sam também, — eu emendo. — É só que... o tempo. — Você ainda está zangada com ela?, — ele pergunta.

— Não, — eu digo. Mas por incrível que pareça, estou balançando minha cabeça.



Capitulo Trinta e Quatro

Passado

Seth era o irmão mais velho de Caleb, com uma diferença de quatro anos e dois dias. Eles não eram nada parecidos. Caim e Abel, se você quiser fazer uma comparação. Fiquei chocada a primeira vez que eu conheci o detetive da polícia de cabelo e olhos escuros.

— Você é o irmão de Caleb?, — soltei. Ele apenas sorriu pela minha surpresa.

— Sim, desde a última vez que verifiquei. — Ele segurou a minha mão por um longo tempo demais, seus olhos perfurando-me. — Eu acho que nós realmente não nos parecemos, né?

Balancei minha cabeça. Seth não tinha nenhum dos traços de Caleb. Ele era o anti-Caleb, com seu nariz pequeno de botão, lábios finos e olhos tão escuros que pareciam quase negros.

Estranho, eu me lembro de pensar. Ele era reservado. Durante as reuniões de família, você iria encontrar Caleb no meio da ação, cercado por pessoas que estavam todas prestando atenção em cada palavra sua. Você teria a sorte de encontrar Seth em algum lugar. Ele não aparecia para a maioria dos churrascos e jantares, e se ele ia, ele se escondia no jardim ou saía para um passeio sozinho. Se fosse pego sozinho, ele era surpreendentemente envolvente e sombriamente inteligente. Ele me lembrou de Holden Caulfield. Eu li o livro na escola e lembrei que Holden me dava calafrios. Às vezes, Seth olhava para

mim de uma maneira completamente diferente, com um pequeno sorriso brincando nos cantos dos lábios, e eu ficava arrepiada.

Certa vez, antes de Caleb e eu nos casarmos, estávamos na casa de sua mãe, quando Seth se virou para mim, do nada, e disse: — Você me faz lembrar de um reality show barato, Leah. Você é superficial, e finge ser idiota por só Deus sabe o motivo.

Olhei para ele completamente mortificada, esperando que alguém o tivesse ouvido falar. Corri minha cabeça ao redor da sala. Caleb estava preocupado com um jogo na televisão e sua mãe estava na cozinha terminando o jantar.

— Que diabos, Seth?

Ele encolheu os ombros. — Eu sei que você não é realmente tão estúpida como você transparece. Rasa, talvez. Você tem o tipo de olhos que têm garras neles.

Olhei para ele por um longo tempo, perguntando-me se era assim que todo mundo me via. Queria saber se era assim que Caleb me via.

— É sexy, — ele disse. — Eu não acho que o meu irmão aprecie isso. — Corei e desviei o olhar. Isso foi o máximo que ele me disse até aquele momento. Eu não tinha certeza se ele estava dando em cima de mim ou me insultando. Ocorreu-me que poderia ser ambos. Eu nunca tinha visto ele com uma mulher. Achei que ele era um daqueles homens assexuados e mais preocupados com a sua carreira do que encontrar alguém para aquecer sua cama.

— Por que você não namora?

— Quem diz que eu não namoro?

— Você nunca trouxe ninguém mais., ou falou com ninguém.

Ele bufou. — Você já viu como a minha mãe recebe as mulheres que trazemos para casa? — Ele estava um pouco certo. Eu tinha ouvido falar sobre a recepção que Luca deu a Olivia. Ela detestava a mulher, quase tanto como eu a odiava. Mas Olivia era fácil de odiar, e Luca era muito boa, uma vez que você a conhecesse.

Dispensei o seu comentário com um aceno de mão. — Ela é sempre boa para mim.

Ele riu. — Isso é porque você é muito parecida com ela. Ela provavelmente tem um medo saudável da puta companheira.

Minha boca caiu aberta. — O que há com as pessoas desta família dizendo exatamente o que elas estão pensando? É tão rude.

Ele se inclinou sobre o braço do sofá e piscou conspiratoriamente para mim. — Você deveria tentar. Porém, é muito fascinante se sentar e assistir todos os seus pensamentos ferver por trás de seus olhos, e nunca fazê-lo com a sua boca.

Fiquei sem palavras. Seth viu a expressão em meu rosto e começou a rir. — Não se preocupe, Leah. Seu segredo está seguro comigo. Ninguém precisa saber que há um cérebro por baixo de todo o seu cabelo bonito.

Olhei para ele, agarrando com força no braço de minha cadeira. Eu estava com raiva., e eu estava extremamente excitada. Caleb sempre disse apenas o suficiente para me deixar sentir incrivelmente encantada e me perguntando exatamente onde ele queria chegar. Seth vomitou a verdade como se fosse Old Faithful: muito, muito rápido, muito duro. Não admira que ninguém nunca falasse com ele.

— Você é um idiota, você sabe disso.

Ele deu de ombros, e voltou para a TV. — Eu tenho dito. Mas, pelo menos, eu vejo você. Meu irmão só vê o seu cabelo.

Levantei-me, mas suas próximas palavras me puxaram de volta para baixo.

— Eu estive esperando por você para se lembrar, — ele disse.

— Lembrar-me de que?

Ele olha para mim com tanta franqueza, que eu recuo. — Que você e eu dormimos juntos.

Se eu estivesse segurando meu copo, eu teria deixado cair. Meus olhos dispararam para Caleb. Felizmente, ele não estava sintonizado em nossa conversa.

— O que você está falando?, — assobiei.

— Relaxa, — ele disse, de ânimo leve. — Foi há muito tempo atrás. — Procurei em minha memória por seu rosto. Não que eu tivesse reconhecido ele imediatamente se tivéssemos dormido juntos? Provavelmente não. Eu tive um

monte de sexo com homens que mal conhecia. Mas, se tivéssemos... por que ele esperou tanto tempo para me dizer?

— Você está brincando comigo!, — eu disse.

— Não. — Ele balançou a cabeça tão casualmente, que me perguntei se estávamos falando sobre sexo, ou o que ele tinha comido no almoço.

— Você definitivamente veio ao meu quarto de hotel. Foi no fim de semana após o quatro de julho, seis anos atrás. Nós nos conhecemos naquele pequeno bar no Keys.

Eu quase desmaiei. Seis anos atrás, realmente eu tinha ido a uma viagem para Keys com a minha irmã e alguns dos meus amigos. Foi uma festa de aniversário num feriado de final de semana juntas.

— Como você pode lembrar, se eu não?

— Você estava muito bêbada pelo que eu me lembro.

Ah, Deus! Eu me lembro de conhecer um cara no bar. Ele dançou comigo, e então atravessou a rua para o hotel. Tinha realmente sido Seth? Quais eram as malditas chances?

— Não...

— Diga ao meu irmão, — ele terminou. — Sim, eu achei que você não queria que ele soubesse. Meus lábios estão selados. — Ele fingiu trancar os lábios e jogar a chave fora.

Como isso pode estar acontecendo? Se Caleb descobrir...

Ele não ia descobrir. Seth e eu tínhamos algo a perder. Balancei a cabeça para ele. — Obrigada.

Depois daquele dia, tentei manter minhas interações com Seth ao mínimo. Ele me procurava sempre que estávamos no mesmo evento. Eu ficava parcialmente mortificada e parcialmente lisonjeada. Ele sempre tinha uma piada silenciosa pronta sobre meus olhos de garra, ou os meus pensamentos censurados. Às vezes, ele me chamava, quando estávamos num grupo, e dizia: ‘O que você pensa sobre isso, Leah?’ Ou ‘eu gostaria de ouvir o que Leah tem a dizer disso.’, para que eu fosse obrigada a responder. Ele sempre fazia comentários inapropriados, quando ninguém estava prestando atenção. Às vezes, eu corava tão ferozmente com as coisas que ele dizia, que Caleb me

olharia alarmado e me perguntaria o que estava errado. Apenas Seth podia me fazer corar. Isso me fazia sentir como se tivéssemos um segredo de camaradagem. Isso me fez pensar se ele estava bem, se Caleb realmente me viu – se alguém via.

Durante o meu julgamento, Seth apareceu para quase cada audiência. Fiquei satisfeita por seu apoio inesperado tanto quanto eu estava confusa por ele. Ele foi tranquilo, mas estava lá... sempre do lado esquerdo da fileira de trás. Ele fez Caleb feliz, porque ele veio. O relacionamento deles sempre foi tenso. Eu esperava que o abismo fosse forjado pelo favoritismo óbvio de Luca pelo seu filho mais novo.

— Ele deve realmente gostar de você, Ruiva, — Caleb disse, depois de um dia cansativo de ouvir as perguntas do Ministério às suas testemunhas. — Ninguém pode fazê-lo a aparecer a qualquer coisa, mas para você, ele está aqui.

— Ele é um sargento da Polícia, Caleb. Tenho certeza de que esse tipo de coisa que lhe interessa.

Eu realmente me perguntava se ele estava jogando seu próprio júri, tentando decidir se eu era tão má quanto ele estava sempre insinuando que eu era. Era cansativo tentar esconder isso de todos. Observá-los, vê-los. Querendo saber os pensamentos de todos e com medo mortal de que esses pensamentos estivessem condenando você. Eu estava tão zangada com o homem que eu tinha chamado de pai por toda a minha vida. Eu sempre me encontrei perguntando o que teria acontecido se ele não tivesse morrido. Ele teria tido decência o suficiente para me proteger disso? Ou teria ele me pedido para levar a culpa por ele? E o mais importante: eu teria feito isso?

Seth me questionou sobre o dia que liguei para ele, depois que Caleb me deixou. Ele parou depois do trabalho com uma caixa de doces franceses na mão. Ele sabia que eu gostava deles. Levei-os com ele sorrindo, e ele me seguiu até a cozinha.

— Onde o meu irmão vai ficar?, — ele perguntou.

— No apartamento dele. — Abri a caixa e tirei um croissant de amêndoa. Seth me observou mordê-lo antes de falar.

— Esse pai de vocês era outra coisa. — Parei de mastigar.

— De acordo com a advogada bem quente de vocês, ele completamente enquadrou você. Ela está certa?

Eu não tinha certeza se eu estava mais ofendida por ele ter chamado Olivia de ‘quente’, ou por ele questionar a minha inocência.

Obriguei-me a engolir o que estava em minha boca, e olhei para ele. — Ele não fez isso de propósito, — eu disse. — Eu não acho exatamente que ele deveria morrer.

— Então, se ele não tivesse tido um ataque cardíaco e convenientemente deixado essa bagunça, você acha que ele estaria levando a culpa por isso?

— Sim, acho.

Era uma mentira.

— De acordo com Caleb, a sua assinatura não estava em qualquer um dos documentos assinados.

— Qual é o seu ponto, Seth?, — rebati. — Você veio aqui para me provocar?

Ele franziu os lábios e balançou a cabeça. — Não, Leah. Vim para ver se estava tudo bem. Verdade.

— Estou bem. — Bati a tampa da caixa de doces e caminhei em direção à geladeira. Eu podia senti-lo atrás de mim antes de me virar. O súbito ato bateu em mim de uma vez. Ele não voltou para trás. Ele me beijou, direto na boca.

— Seth, — eu o empurrei para longe. Ele cambaleou um passo para trás. — Que diabos você pensa que está fazendo?

— Você me chamou!, — ele disse. — Eu pensei...

— Você pensou o que? Que eu queria que você me beijasse? Eu liguei para você, porque Caleb me deixou, e eu não sei o que fazer! Você não tem que vir aqui e se aproveitar de mim.

Ele me beijou novamente. Mais duro desta vez. Respondi um pouco antes de o empurrar.

— Saia!, — eu disse, apontando para a porta.

Chorei depois que ele saiu. Quanto tempo fazia desde que Caleb me beijara? Tentei me lembrar. Foi antes do julgamento ter começado? Penso em

todos os meses de preparação e não consegui ter uma única lembrança de ser beijada pelo meu marido. Como é que eu perdi isso? Como tinha o beijo abrupto de Seth me feito lembrar?



Capitulo Trinta e Cinco

Presente

Poucos dias depois do telefonema de Cash, subimos em um prédio de estuque bronzeado por volta de uma hora da tarde. Sam saiu primeiro, sendo que ainda tinha Estella para sair do carro antes que eu mesma fizesse a minha maquiagem. Minhas mãos estavam tremendo, quando abri a minha porta. Nós nos encontramos na frente do carro.

— Você está bem?, — Sam perguntou.

Concordo com a cabeça, sem olhar para ele. Eu não consegui tirar os olhos do prédio. Eu desejava que eu não estivesse usando saltos. Às vezes, eles me faziam sentir confiante, mas hoje eles me fizeram sentir pretenciosa. Andamos em silêncio, ou tanto o silêncio quanto meus saltos permitiam.

Na recepção, dei o meu nome: Johanna Smith. Vejo Sam fazer o movimento peculiar de sua sobancelha. Não olho para ele. Deus, odeio esse nome. Eu só disse a Sam que estava vindo para ver minha irmã, não onde ela estava. Fomos levados por um longo corredor que cheirava a antisséptico. Olho para a bebê, querendo saber se o cheiro a estava incomodando. Ela está dormindo. *Boa de cama.* Sorrio.

Fomos levadas para o último quarto. Paro na porta, e Sam coloca a mão no meu ombro. De repente, eu me sinto muito mal. Ele me cutuca com agressividade.

Ando. Ela está sentada em uma cadeira de frente para a janela com fluxos

de luz solar intensa em seu rosto. Ela parece imune a isso, olhando para frente, sem realmente ver nada. Ando com ela devagar e me agacho em frente a ela.

— Court, — eu levo minhas mãos até ela. Elas estão moles e frias. — Court, sou eu. — Ela olha enfim para mim. Olho ao redor da sala – uma cama, uma televisão, duas cadeiras. Não há toques pessoais, sem flores, ou imagens nas paredes, assim como os quartos que passaram em nosso caminho até aqui. Olhei para trás, e vi Courtney.

— Desculpe-me por não ter vindo até agora, — digo. — Trouxe Estella para você a ver.

Sam, que já a tirou de seu assento do carro, entrega-a para mim. Ela tem o pescoço duro, quando a pego com seus grandes olhos observando em volta com uma curiosidade inocente. Eu a coloco no colo de Courtney e a mantenho lá. Minha irmã não se move, não pisca e não registra a minúscula presença pressionada contra seu corpo. Estella reclama depois de alguns segundos, então a pego e a abraço.

O cabelo da minha irmã está gorduroso e flácido. Ele é muito curto para amarrar em volta e trava em seu rosto. Eu chego e o empurro para trás das orelhas. Odeio isso, esse lugar, e odeio que minha irmã está aqui. Eu me odeio por não ter vindo vê-la mais cedo. Ela não pertence a este lugar. Tomo minha decisão ali mesmo.

— Sam!, — eu disse, levantando-me, — Quero levá-la para casa... para a minha casa. Eu posso ter alguém para ajudar.

— Certo, — ele diz. — Você está compartilhando isso comigo ou... — Ele balança a cabeça, e eu quero dar um tapa nele, pela décima vez hoje.

— Eu só estou dizendo a você, idiota. — Ele sorri.

— Courtney, vou levá-la para casa. Apenas me dê alguns dias, tudo bem... para que tudo fique pronto.

Toco seu rosto levemente. Courtney é bonita, vibrante, eu posso vê-la nas características dessa pessoa, a testa alta e nariz aquilino. Mas seus olhos estão sem vida. Chego perto de sua cabeça e pressiono os meus lábios contra sua testa. Posso sentir a cicatriz embaixo dos meus dedos, grossas e duras. Engoli um soluço e me endireitei. Estella se apega a minha camisa, seus pequenos punhos agarrando o material firmemente. Ando sem olhar para trás, meus

saltos recortam com novo propósito.

Sam espera com Estella, enquanto falo com o diretor da unidade. Quando saímos, eu tenho um punhado de panfletos para cuidados em casa.

Estamos de volta no carro, quando ele fala pela primeira vez desde que deixou o quarto de Courtney.

— Então... Johanna? — Cale a boca, Sam.

— É uma pergunta válida, sua majestade. Se você não me diz por que você odeia isso, eu a chamarei de Johanna de agora em diante.

Suspiro. O que vou lhe dizer? Caleb era o único que sabia. Que diabos, certo? Eu nem sabia por que era um grande segredo. Meu pai estava morto, seu império caiu, e minha mãe era uma bêbada. Por quê não dizer ao Manny?

— Fui adotada. Ninguém sabe. Tem sido um grande segredo. — Balancei minha cabeça, arqueando minha boca para o lado como se fosse nada. Sam soltou um assobio.

— Então, de qualquer maneira, nasci em Kiev. Minha mãe biológica trabalhava em um bordel – yada, yada.

— Yada. Yada, — Sam repete. — Parece um pouco mais do que yada, yada.

Dou-lhe um olhar severo antes de continuar. — Minha mãe biológica estava relutante em desistir de mim. Ela era jovem, tinha apenas dezesseis anos. Quando ela era pequena, sua mãe costumava ler um livro americano chamado *'Contos de Johanna'*. Ela concordou em desistir de mim, mas só se os meus pais me chamassem Johanna. Eles queriam um bebê tão fortemente que eles concordaram.

— Então, isso é uma espécie de bem. — Sam diz. — É como se ela lhe desse algo de si mesma.

Eu ronco. — Sim, bem... os meus pais só me disseram que fui adotada quando tinha oito anos. Você pode imaginar o meu choque. Eles me sentaram na sala de jantar formalmente – eu apenas uma criança e eles – nesta sala imponente. Eu estava com tanto medo que eu estivesse em apuros, que eu tremia o tempo todo. Assim que descobri a origem do meu nome, não o quis mais.

Sam estendeu a mão e apertou meu ombro. — Cara, eu pensei que meus

pais fossem uma droga.

Eu fiz uma careta. — Então, é por isso que eu uso o meu nome do meio. Fim.

— Courtney é filha deles? — Balancei a cabeça.

— O que aconteceu com ela?

— Quando meu pai morreu, ela ficou doente. — Ele me interrompeu. — Doente?

— Da cabeça, — eu digo. — Ela sempre foi desse jeito. Ela foi diagnosticada com transtorno bipolar. Ela ia por essas depressões e ninguém a ouviu durante meses. Ela não contou a ninguém neste momento. Estávamos todos tão envolvidos em nossas próprias vidas, ninguém verificou. Eu acho que a morte do meu pai e tudo o que aconteceu no meu julgamento apenas desencadearam.

— Então, ela fez?

Eu freei um pouco demais num sinal vermelho, e ele foi empurrado para frente.

— Ela atirou em si mesma. A bala atingiu de raspão o seu cérebro, e eles foram capazes de salvá-la a tempo. Mas, houve muito dano.

— Deus!, — ele diz. — E esta é a primeira vez que você a vê depois de... — Desde o hospital, depois de ter acontecido.

Seus olhos estão arregalados.

— Não me julgue, — eu atiro. — Eu estava grávida. Eu estava em repouso na cama.

— Você é um egoísta, cadela, egocêntrica. — Olho para ele. — Eu estava com medo.

— É isso, Leah? Ela é sua irmã. Deus, eu não posso acreditar que eu trabalho para você. Sinto-me doente.

Olho para ele, que parece muito revoltado. — Estou fazendo isso dar certo, — digo.

Dirigimos em silêncio durante os próximos minutos.

— Aah! Jamba Juice. Quer um? — Desvio para o estacionamento e para a

minha satisfação Sam bate com a cabeça na janela do lado do passageiro com um baque.

— Desculpa!, — sorrio.

Ele coça a cabeça, parecendo esquecer sua pergunta.

— Pedirei a Caleb para voltar para casa, — digo, enquanto estaciono em uma vaga. Verifico seu rosto para ver sua reação.

— Não quero um suco de fruta, — ele diz. — Vamos lá, Sam!

Ele balança a cabeça. — Má ideia. Você vai se machucar. — Por quê?

Sam suspira. — Eu não acho que ele está pronto. Caleb é o tipo de homem que tem uma agenda.

— O que significa isso?

Sam coça a cabeça, parecendo que está desconfortável. — O que você sabe? — Estreito meus olhos para ele.

— Sou homem. Apenas sei.

— Você é gay! Você não tem uma visão especial dos homens heterossexuais.

Ele balança a cabeça. — Você é a mulher mais ofensiva que já conheci, sabia disso? E eu não sou gay!

Minha boca se abre. — O que você está falando?

Ele encolhe os ombros, embaraçado. — Eu só lhe disse isso para que você não batesse em mim.

Pisco para ele. Ele não pode estar falando sério. — Por quê você acha que quero bater em você? Ei, Sam! Não posso acreditar nisso!

Ele suspira. — Vamos comprar um suco, ou não?

Saio do carro. — Não comprarei nada. Fique aqui com o bebê.

Estou com tanta raiva, que sinto falta completamente da loja Jamba Juice, e volto atrás. Os homens são uns mentirosos inúteis. Eu deveria ter percebido que ele não era gay. Ele usa demais poliéster para ser gay. E eu nunca tinha visto ele conferir Caleb, que é malditamente lindo.

Estou tomando meu suco a meio caminho de volta para o carro, quando começo a rir.

Quando chegamos em casa, ligo para o celular de Caleb três vezes antes que ele finalmente atenda.

— Quando você vier pegar Estella hoje à noite, gostaria que você pudesse ficar um tempo para conversarmos.

Há uma longa pausa antes dele dizer. — Sim, preciso falar com você também. — Sinto uma onda de esperança.

— Certo! Estará tudo pronto. Vou deixar Sam ficar um pouco mais tarde do que o habitual.

Ouçoo suspirar ao telefone.

— Tudo bem, Leah. Irei aí hoje à noite.

Ele desligou o telefone. Eu nem sequer pensei sobre o fato de que ele nunca desliga o telefone sem se despedir, até poucos minutos depois.

Passado

Quatro meses depois de Leah ter sido absolvida, pedi o divórcio.

Olivia

- Esse foi o meu primeiro pensamento.

Turner

- Esse foi o meu segundo pensamento.

Filho da puta!

- Esse foi o meu terceiro pensamento. Então eu coloco-os todos juntos em uma frase: *Aquele filho da puta do Turner vai se casar com Olivia!*

Quanto tempo eu tenho? Será que ela ainda me ama? Ela poderia me perdoar? Se eu pudesse lutar com ela longe dessa porra de ferramenta, poderemos realmente construir algo juntos sobre os escombros que eu tinha criado? Pensar nisso me pôs a pensar – me deixou com raiva. Tínhamos dito tantas mentiras, pecamos um contra o outro – contra todos os que entraram em nosso caminho. Tentei dizer a ela uma vez, durante o julgamento. Fui para o tribunal cedo para tentar pegá-la sozinha. Ela estava usando o meu tom favorito de azul – azul aeroporto. Era seu aniversário.

— Feliz Aniversário!

Ela olhou para cima. Meu coração bateu para fora os meus sentimentos,

quando ela olhou para mim.

— Estou surpreso por você se lembrar. — Por quê isso?

— Ah, você acabou se esquecendo de um monte de coisas ao longo dos últimos anos.

Sorri meio vacilante para ela. — Eu nunca esqueci de você...

Senti uma descarga de adrenalina. Era isso – eu estava indo para ficar limpo. Em seguida, o Ministério Público entrou e a verdade foi colocada em espera.

Eu me mudei da casa que dividia com Leah e voltei para o meu apartamento. Eu andava pelos corredores, bebia uísque. Esperei.

Esperei por quê? Para ela vir comigo? Por mim, para ir com ela? Caminhei até a minha gaveta de meias – protetor infame dos anéis de noivado e outras lembranças – e corri os dedos ao longo da parte inferior. No minuto em que meus dedos encontraram, senti uma onda de alguma coisa. Esfreguei a ponta do meu polegar em toda a superfície ligeiramente verde da moeda de um centavo do 'beijo'. Olhei para ele por um minuto inteiro, evocando imagens que muitas vezes tinham sido trocadas por beijos. Era uma bugiganga, um truque barato que uma vez tinha trabalhado, mas evoluiu para muito mais do que isso.

Coloquei meu moletom e saí para uma corrida. Correr me ajudava a pensar. Fui com tudo em minha cabeça, quando me virei em direção à praia, esquivando-me de uma menina e sua mãe enquanto caminhavam de mãos dadas. Sorri. A menina tinha longos cabelos negros e olhos azuis surpreendentes – ela parecia Olivia. Era assim que a nossa filha seria parecida? Parei de correr e me inclinei com as mãos nos joelhos. Isso não tem que ser uma situação que ‘aconteceu’. Ainda podemos ter a nossa filha. Enfiei minha mão no bolso e tirei a moeda do ‘beijo’. Comecei a correr para o meu carro.

Não há tempo como o presente. Se Turner ficou no caminho, eu tinha acabado de jogá-lo para fora da varanda.

Eu estava a uma milha do condomínio de Olivia, quando recebi o telefonema.

Era um número que eu não conhecia. Teclei no botão de conversa. — Caleb Drake?

— Sim? — Minhas palavras foram cortadas. Fiz uma volta à esquerda para Ocean e pressionei sobre o gás.

— Houve um incidente... com sua esposa.

— Minha esposa? — *Deus, o que ela fez agora?* Pensei sobre a disputa que estava tendo atualmente com os vizinhos sobre o seu cão, e perguntei se ela tinha feito algo estúpido.

— Meu nome é Doutor Letche, estou ligando do West Mouth Medical Center. Mr. Drake, sua esposa foi internada aqui há algumas horas.

Pisei no freio, girei a direção até que os pneus fizeram um som estridente, e acelerei o carro na direção oposta. Um SUV desviou de mim.

— Ela está bem?

O médico pigarreou. — Ela engoliu um frasco de comprimidos para dormir. Sua empregada a encontrou e ligou para o 911. Ela está estável agora, mas gostaríamos que você viesse.

Parei no sinal e passei a mão pelo meu cabelo. Isto era minha culpa. Eu sabia que ela tomou a separação com dificuldade, mas suicídio. Isso nem parecia com ela.

— É claro – estou a caminho.

Desliguei. Desliguei e dei um soco no volante. Algumas coisas não foram feitas para ser.

Quando cheguei ao hospital, Leah estava acordada e perguntando por mim. Entrei em seu quarto, e meu coração parou. Ela estava deitada, apoiada por travesseiros, seu cabelo um ninho de ratos e sua pele tão pálida que parecia quase translúcida. Seus olhos estavam fechados, então tive um momento para reorganizar o meu rosto antes que ela me visse.

Quando dei alguns passos para dentro do quarto, ela abriu os olhos. Assim que ela me viu, ela começou a chorar. Sentei-me na beira da cama e ela se fechou, soluçando com tanta paixão, que eu podia sentir as lágrimas encharcaram a minha camisa. Segurei-a assim por um longo tempo.

— Leah, — finalmente, eu disse, puxando-a do meu peito e colocando-a de volta para os travesseiros. — Por quê?

Seu rosto estava viscoso, vermelho, com olheiras escuras acampadas ao

redor de seus olhos. Ela desviou o olhar.

— Você me deixou.

Três palavras. Senti tanta culpa que eu mal conseguia engolir. — Caleb, por favor, volte para casa. Estou grávida.

Fechei os olhos.

Não!

Não!

Não...



Capitulo Trinta e Seis

Presente

Mande Sam com Estella lá para cima e aguardei Caleb.

Flick

Flick

Flick

As coisas têm que sair do meu jeito esta noite. Ele bateu em vez de utilizar uma chave. Isso é um mau sinal. Quando abro a porta, seu rosto é sombrio. Ele não olha pra mim.

— Olá, Caleb!, — digo.

Ele espera eu convidá-lo para entrar e, em seguida, sobe as escadas para ver Estella.

Eu o segui até o quarto. Sam fala com ele, e Caleb pega o bebê dele. Ela sorri assim que ela o vê, e sacode os punhos. Sinto um pouco de ciúmes que ele receba sorrisos tão facilmente.

Caleb beija ambas as bochechas, e, em seguida, sob o queixo, o que torna a fazê-la rir. Ele repete isso de novo, e de novo, até que ela está rindo tanto, tanto, que Sam e eu sorrimos.

— Devemos conversar, — eu digo, de pé na porta dupla. Eu me sinto como uma estranha, quando ele está no quarto com Estella.

Ele balança a cabeça, sem olhar para mim, torna a rir mais uma vez por seus beijos, e a devolve para Sam. Ela imediatamente começa a chorar.

Ouvi Sam dizer — Traidor, — saímos do quarto e descemos as escadas.

Caleb olha uma vez por cima do ombro, como se ele estivesse tentado a voltar.

— Você pode vê-la depois., — digo.

Coloquei a chaleira no fogo antes dele chegar, ela está apenas começando a assobiar, quando caminhamos para a cozinha. Comecei a lhe fazer chá, enquanto ele se senta em uma banqueta com as mãos na frente da boca. O fato dele estar sacudindo a perna não é estranho para mim. Coloquei um saco de chá na caneca de água quente e evitei olhar em seus olhos. Quando estou colocando o saco de chá no lixo, ele diz:

— Você foi ver Olivia?

Minha mão congela, deixando pingar chá no azulejo e na minha calça.

— Sim.

Agora eu sei por que a perna dele está balançando.

— Você me forçou a fazê-lo. — Aperto a alavanca que abre a lata de lixo e solto o saquinho de chá dentro. Posso sentir seus olhos em mim.

Ele inclina a cabeça. — Você realmente acredita nisso, não é? — Não sei o que ele está falando. Mexi com a minha miniatura.

— Ela ligou para você? — *Aquela vadia fofoqueira, eu acho que amargamente.* E, então, em um quase pânico — *O que mais ela disse?*

— Você não tinha o direito, Leah.

— Eu tinha todo o direito. Você comprou uma casa!

— Isso foi antes de você, — ele diz calmamente.

— E você nunca pensou em me contar? Sério? Eu sou sua mulher! Ela voltou, quando você teve amnésia, e mentiu para você! Você não pode me dizer que você comprou para essa mulher uma casa?

Ele olha para o lado.

— É mais complicado do que isso, — ele diz. — Eu estava fazendo planos com ela.

Complicado? Complicado parece ser uma palavra para Olivia. Eu definitivamente não quero saber sobre os planos que ele fez com ela também. Ele precisa ver a verdade. Eu preciso fazê-lo ver a verdade.

— Eu descobri por conta própria, Caleb. Como ela mentiu para você, quando você teve amnésia.

Ele levanta a sobrancelha para mim. Talvez se eu lhe contar a verdade, ele finalmente veja como sou leal, o quanto o amo. — Paguei a ela para sair da cidade. Ela lhe contou isso durante o meu julgamento? Ela estava disposta a vendê-lo por um punhado de dólares.

Uma vez assisti a quebra de uma represa natural na televisão. Lembro de ter visto uma imagem panorâmica de um rio cercado por árvores. De repente, as árvores desapareceram – sugadas pelo colapso da margem do rio. Uma onda de água com raiva correu em torno do canto, acabando com tudo em seu caminho. Foi repentino e violento.

Vejo a ruptura de barragens nos olhos de Caleb.

Os olhos humanos são a linguagem de sinais do cérebro. Se você os observar com cuidado, você pode ver a verdade ser jogada fora, crua e sem vigilância. Quando você é o filho bastardo de uma prostituta, e você precisa saber o que os seus pais adotivos estão pensando, você aprende a ler os olhos. Você pode ver uma mentira ou a verdade, a dor sendo arrastada para um recesso craniano, a felicidade como uma grande luz luminescente. Você pode ver o esmagamento de uma alma sob uma perda terrível. O que eu vejo nos olhos de Caleb é uma sobra de dor, como um bolor crescendo sobre ele. Doía e descobriram que o sangue, as lágrimas e o arrependimento não podem fazer justiça.

O que ela tem que eu não tenho? Ela possui a escritura de sua casa para seu próprio uso. Sou tão ciumenta de sua dor, que joguei a cabeça para trás e abri a boca para gritar de raiva. Ele não vai me ouvir. Não importa o quão alto eu grite seu nome, ele não vai me ouvir. Ele só a ouve.

— Ela não faria isso, — ele diz.

— Ela fez. Ela é uma enganadora. Ela não é o que você pensa.

— Você fez isso para o seu apartamento, — ele diz. Seus olhos estão arregalados, turvos.

Desviei o olhar, envergonhada. Mas não, não me envergonho. Lutei por aquilo que eu queria.

— Por ela, Caleb?

Ele olha para mim suavemente. Não esperava que ele fosse responder. Quando sua voz quebra o ar tenso entre nós, paro de respirar para ouvi-lo.

— Não a escolhi, — sua voz quebra. — O amor é ilógico. Você cai nele como em um bueiro. Então, você está apenas preso. Você morre no amor mais do que vive em amor.

Não quero ouvir suas analogias poéticas. Quero apenas saber por que ele a ama. Meus dedos brincam com os brincos de argola de ouro que estou usando. Comprei-os depois que eu o conheci no restaurante. Eles não têm o mesmo efeito sobre mim. Onde fazia parecer exótico, agora pareço que estou jogando. Arranco-os de minhas orelhas e atiro-os para longe de mim.

Mas posso ser o que ele precisa. Ele só precisa me dar a chance de provar isso.

— Você precisa voltar para casa. — Ele abaixa a cabeça.

Eu quero gritar – *OLHA PRA MIM!*

Quando ele o faz, seus olhos são matérias-primas. — Eu arqueei os papéis, Leah. Acabou.

Papeis?

Digo a palavra. Ela sussurra em meus lábios – queimei-os. — Papeis? — Meu casamento vale mais do que algo tão fino e insubstancial como papéis. Não se pode acabar algo com essa palavra vil. Caleb é um homem acostumado a conseguir o que quer. Agora não. Lutar com ele sobre isso. — Nós podemos ir para o aconselhamento. Por Estella.

Caleb balança a cabeça. — Você precisa de alguém para ser capaz de amá-la do jeito que você merece ser amada. Sinto muito... — Ele aperta sua mandíbula, olha para mim quase suplicante, como ele precisa de mim para entender. — Eu não posso dar isso a você. Deus, eu desejo que eu pudesse, Leah. Eu tentei.

Penso sobre isso, eu faço. Acho que com o tempo eu o peguei olhando para Olivia como se ela fosse a única coisa que importava em todo esse planeta de

merda, e o tempo que ele manteve sua vida congelada por dois anos. Que tipo de amor é esse? Obsessivo? O que ela tinha feito para obter o seu cérebro ligado à sua placa de circuito?

Estou tão fora do ar depois que penso sobre essas coisas, que saio pelas portas que ficam fora da cozinha. O ar lá fora é pesado e hostil. Ela se sente como gelatina, e eu sinto que todos os ossos e meu coração estivessem partindo. Vou para o quintal, e em um segundo, posso sentir que a minha camisa adere em meu corpo.

Com o canto do meu olho, vejo Caleb me seguindo para o lado de fora. Ele tem as mãos nos bolsos, e está mordendo o lábio.

Eu saquei através do meu saco de truques. Olho para o seu rosto duro, decidido, me pedindo desculpas. Não quero a sua pena. Quero o que Olivia tem. Quero ser o suficiente para ele.

A honestidade é perigosa, e eu odeio isso. Ela sempre tem consequências que fodem a sua vida... Deus, prefiro jogar com a verdade e encontrar uma mentira que eu possa viver com isso. Isso é o que chamo de compromisso. Sabendo que meu marido ama outra pessoa e viver com ele... isso é uma verdade que você não olha nos olhos, e agora ele estava me forçando a isso.

Paro o ritmo e fico na frente dele com as minhas mãos em meus quadris.

— Não vou assinar os papéis. Lutarei com você.

Quero dar um tapa, quando ele aperta os olhos, e balança a cabeça para mim.

— Por que você quer isso para si mesma, Leah?

O que eu quero para mim é a família que dei meu sangue, suor e trabalho. Quero tudo que significa algo para mim. Ganhei de forma justa. A cadela o tinha entre seus punhos, e eu o levei de volta. Porque é que a porra do meu prêmio está tentando se divorciar de mim? Eu me recompus, todas as peças com raiva desfiando, e amarrando de volta para que eu possa assumir o controle. Depravação não funciona com Caleb. Você pode argumentar com ele, que tem forte honra britânica e praticidade americana.

— Quero o que você jurou me dar. Você disse que nunca iria me machucar! Você disse que me amaria para melhor ou para pior!

— Eu fiz. Eu não sabia... — Ele cobre o rosto com as mãos. Não tenho certeza se eu quero que ele continue. Seu sotaque, seu maldito sotaque.

— Você não sabe o que, Caleb? Que você ainda estava preso ao seu primeiro amor?

Sua cabeça aparece. Chamei sua atenção.

— Encontrei o anel. Depois que você teve o acidente. Por que você me comprou um anel, se você ainda a amava?

Seu rosto ficou pálido. Eu continuo.

— Não é real. Esses sentimentos que você tem são para alguém e algo que já não existe. Eu sou real. Estella é real. Fica com a gente.

Ainda assim, ele não diz nada.

Tomo um minuto para soluçar. De onde ele vem com esses pensamentos como se ele tivesse a resposta para a felicidade? Pensei que eu tivesse a resposta, e olha onde isso me levou. Caleb me disse uma vez que o amor era um desejo, e desejo era um vazio. Eu o lembrei disso. Ele me olhou chocado, como se não pudesse acreditar que eu era capaz de até mesmo compreender essas palavras. Talvez eu tenha jogado com ele por muito tempo.

— Não é tão simples assim, Leah.

— Você faz o melhor que pode com o que você tem. Você não pode nos deixar. Somos a sua verdade. — Eu bato meu punho na palma da minha mão.

Ele joga as mãos atrás do pescoço e olha para o céu. Eu não me sinto mal por utilizar o cartão de culpa. O cartão de culpa é sólido. Ele sempre paga com juros. Quando ele olha para mim, ele não está usando o rosto contrito que eu estava esperando.

— Você e eu não sabemos como jogar o jogo de verdade. — Ele sopra ar pelo nariz.

Eu teria deixado esse comentário em suspenso, mas posso sentir um significado subjacente sob suas palavras, e eu sou compelida a cavar.

— O que você está falando?

Os olhos de Caleb me encaram. Eu me contorço. — Por que você faz essas coisas? Chantageando Olivia... destruindo o apartamento dela?

Não hesito. — Porque eu o amo.

Ele acena com a cabeça, parecendo aceitar. Eu me sinto esperançosa. Talvez ele veja o que fiz como uma luta por amor.

— Você e eu não somos tão diferentes. — Ele bate a ponta do sapato contra o azulejo e sorri como se estivesse acabado de engolir um bocado de grapefruit. Seus olhos são claros e grandes, quando ele olha para mim: xarope de bordo, sem a doçura.

— Leah., — ele suspira e aperta os olhos fechados. Eu me preparo para o que ele está prestes a dizer, mas nada pode me preparar para o que sai de sua boca.

— Esse anel era dela, Leah.

Sinto o movimento de choque através de mim, como se fosse uma coisa física, como se fosse sangue. As lágrimas começam a correr. Então, ele diz as palavras que mudam tudo.

— Eu fingi a amnésia.

Ouçoo cada palavra separadamente. Tento colocá-las juntas novamente para que eu possa entender. Mas não entendo. Por quê ele faria isso?

— Por quê? Sua família... me... por que você faria isso com a gente?

— Olivia, — é tudo o que ele diz.

É tudo o que ele precisa dizer para eu colocar todas as peças juntas. Decido que eu odeio a cor do xarope de bordo. Prefiro sufocar e morrer em um bocado de panquecas secas, a jamais tomar xarope de bordo novamente.

— Foda-se!, — digo. Então, digo novamente. E mais uma vez. E mais uma vez. Digo que, até que fico em posição fetal no chão, e tudo o que posso pensar é jogar cada porra de garrafa de xarope de bordo da minha geladeira fora da minha vida para sempre.

Minha cabeça gira. Nunca senti nada tão doloroso. Meu coração parece que está flutuando. Ele está pesado e, em seguida, parece que não está lá - como ele tivesse enfiado a mão em meu peito e apertasse até explodir. Parece que eu tenho uma tonelada de elefantes sentados em meu peito. Fracamente tento segurar a minha onda, mas sinto que está sendo arrancado de mim. Algo dentro de mim se desenrola. Com um puxão estranho da minha cabeça, encaro

com todo o ódio que estou sentindo.

Ele está de costas para mim até que começo a chorar, e quando me levanto, ele me enfrenta.

— Sei que apenas pedir *desculpas* seria um insulto. Estou mais do que arrependido do que fiz. Casei com você quando o tempo todo eu pertencia a outra pessoa. Menti para todos. Eu nem me reconheço mais.

Estou emocionalmente embriagada. Eu não sei se o faço me ver cortar os pulsos, ou se corto os seus e coloco um fim ao meu sofrimento. Meu rosto se tornou um pântano de lágrimas, rímel e coriza no nariz. Quero machucá-lo.

— Você acha que pode nos deixar e ser feliz? Ela se foi, Caleb, — desprezo. — Casado... — Eu o vejo vacilar, e minha raiva aumenta.

Lambi meus lábios e senti gosto de vinho. Eu tive muito dele, e a minha língua está pronta para soltar cada segredo feio, ou eu própria e cuspi-los para ele, um por um, até que fique asfixiado com o peso incrível deles. Quero tirar o fôlego, esmagar sua traquéia, e com o que eu sei, certamente eu poderia.

Por onde começo? Penso em lhe dizer que conheci Noah e que ele é um foda sexy Ghandi – que eu entendo por que Olivia foi capaz de seguir em frente.

Balancei minha cabeça, as lágrimas queimando como suco de limão em meus olhos. Preciso saber de tudo. O que ele fez durante essas semanas que eu pensei que ela estava se aproveitando dele.

— Você dormiu com ela – durante a sua falsa amnésia porra?

Há uma pausa desconfortável por muito tempo, que eu considero resposta suficiente.

— Sim. — De repente, sua voz é rouca.

— Alguma vez você esteve apaixonado por mim?

Ele mergulha sua cabeça, como se estivesse pensando. — Eu amo você!, — ele diz, — Mas não do jeito certo.

Meu coração é partido. Ele me ama – ele nunca me *amou*. — Você não me ama da mesma forma que você ama Olivia.

Ele recua como se eu tivesse batido nele. Por um momento, a guarda é baixa, e não vejo tanta dor em seu rosto que me deixasse surpresa. Ele cobre

rapidamente.

Ele sente muito, ele realmente sente – ou, talvez, seja apenas a minha visão que está embaçada por causa das minhas lágrimas. Estou à beira de um colapso, uma pilha de nervos. Novamente puxo meus joelhos até meu peito.

Ouvi-o deslizar para baixo ao meu lado. Por um longo tempo, nenhum de nós diz nada. Fico repassando as imagens do meu homem fingindo ter amnésia, revisitando as conversas e visitas médicas no ano que passou. Não consigo encontrar uma única brecha em sua história. Luto pela memória, tentando encontrar pelo menos um momento em que eu pudesse sentir que ele estava sendo falso, mas não consegui lembrar de nada. Eu me sinto uma idiota, usada. Como eu pude ser tão apaixonada por um homem que estava disposto a me enganar? Eu me sinto como um pedaço de lixo, descartável e indesejada.

Sei que eu sou uma bagunça, minhas lágrimas molham mechas do meu cabelo e mancham meu rosto – um rosto que sempre fica manchado e vermelho quando choro. Nunca deixei ele me ver assim, nem mesmo quando meu pai morreu.

Há tantas perguntas, tantas coisas que eu preciso saber, mas minha língua permanece colada ao céu da boca. Caleb tentou ter Olivia de volta. Não uma, mas duas vezes – a primeira, quando ele falsificou a amnésia, e a segunda vez, quando ele a contratou para ser a minha advogada. Se ele queria tanto, por que ele não me deixou quando teve a chance? Não estava em sua natureza arrastar seus pés.

Duvidei da sua honestidade. A verdade pungente de como eu o havia pressionado para propor a mim depois que eu persegui Olivia devido aos ecos em minha cabeça. Não. Isso não é culpa minha. Ele não tinha que casar comigo. Talvez eu tenha jogado ferozmente para mantê-lo, mas eu pensei que ele me amava, que ele queria passar sua vida comigo. Ele nunca me mostrou o contrário.

Então, percebo uma coisa: Caleb não é tão bom como eu sempre pensei que ele fosse. Sua integridade, sua honestidade, a maneira pura e desinteressada, ele cuida das pessoas que ama... tudo se evapora à luz deste novo, enganador Caleb. Meu Deus – ele fez tudo em seu poder para chegar até ela, e eu fiz tudo ao meu alcance para mantê-la longe.

Será que eu sempre soube, no fundo da minha mente, que eu era a segunda opção? Muita gente tem primeiros amores que nunca realmente acabam, mas como eu poderia ter percebido o grau de sua obsessão com Olivia? Que tipo de mulher sou eu se conscientemente me casei com um homem que não me ama? Ele é um ladrão. Ele roubou a minha vida, que ele roubou dela. Porra, por que eu penso sobre a sua vida?

Meu primeiro pensamento, claro, é que eu quero fazê-lo pagar. Pisquei para um pensamento irracional, onde eu me imagino atacando Olivia e jogando-a nos Everglades para os jacarés lidarem com ela. É claro que eu nunca faria isso.

- Gostaria de contratar alguém para fazer isso por mim. Esqueci através de todas as outras bombas emocionais que passar por cima dele. Eu disse tantas mentiras, que tenho um buffet completo para escolher. Arranquei o pior e esfreguei o queixo no meu ombro. Este vai machucá-lo, provavelmente, mais profundo do que qualquer coisa que eu poderia fazer ou dizer sobre Olivia. Pronto... defini...

— Estella não é sua.

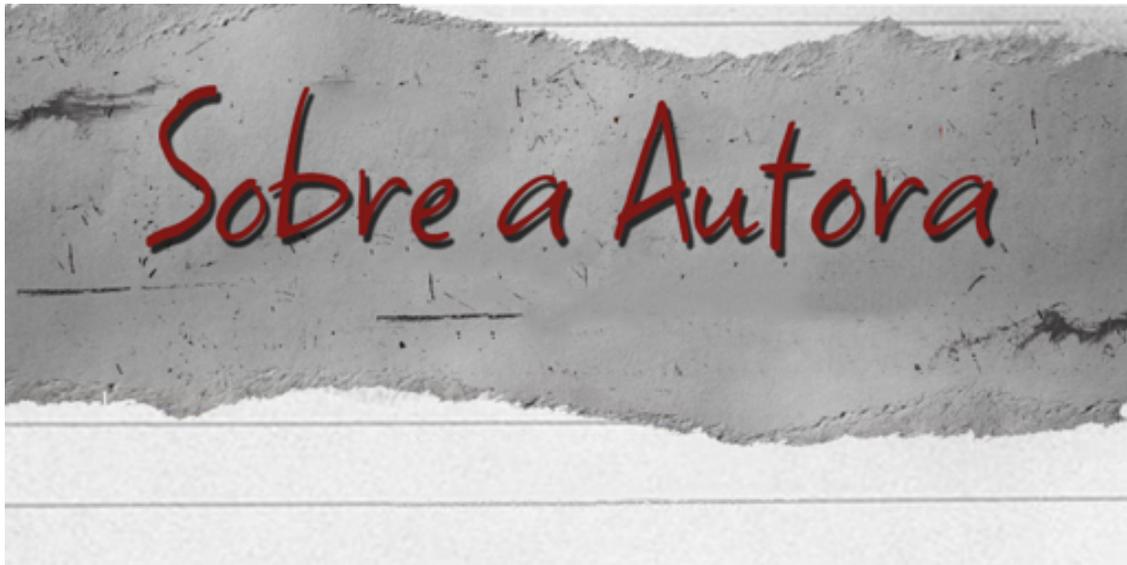


O ódio é um sentimento tão prodigioso. É quente e opressivo como fogo. Ele começa pela queima através de sua razão dada por Deus, até que não haja mais nada disso, mas um monte de cinzas. Ele se move sobre a humanidade próximos, línguas quentes sacudindo entre os poucos segmentos restantes, com inocência até que se fundem uns aos outros e se transformam em algo feio. Em seguida, nos escombros do que eram, o ódio planta uma semente de amargura. A semente cresce em uma videira e suas bobinas o tocam. É aí que eu entro. Vem embrulhado com tanta força em volta do meu pescoço, que mal posso respirar. Uma mão vem na videira, a outra pressiona contra o meu peito para manter tudo lá.

Ele me disse que me amava. Ele não deveria me magoar, não me infligir nas mais cruéis formas. Ele me traiu. Estou morrendo. Estou morta. Como ainda estou respirando? Deus, não sei como diminuir a ferida.

Eu ainda tenho espinha dorsal. Fui mutilada de outras maneiras, mas eu ainda tenho uma espinha dorsal. Seus braços eram quentes. Agora, o único calor que sinto é do sangue ainda fluindo em minhas veias. É assim que sei que eu estou viva. Tenho orgasmos falsificados. Eu falsifico sorrisos, a felicidade. Caleb fingiu amnésia e, em seguida, ele forjou um relacionamento inteiro. Peguei um martelo de suas canelas para isso. Ele pensou que Olivia poderia machucá-lo, eu vou machucá-lo pior. Vou continuar a machucá-lo. E se ele for

atrás dela novamente, vou levantar e fazer tudo em meu poder para mantê-los separados. Algumas pessoas nunca mudam. Eu acho que eu sou uma delas.

A piece of torn, greyish paper with the text "Sobre a Autora" written in a red, cursive font. The paper has a rough, torn edge at the top and bottom, and a horizontal line is visible below the text. The background is a light, textured surface.

Sobre a Autora

Tarryn Fisher é uma autora best-seller do New York Times e EUA Today. Autora da Trilogia LOVE ME WITH LIES (The Opportunist/ Dirty Red/ Thief) e do livro MUD VEIN, ela nasceu na África do Sul e atualmente reside em Seattle, nos EUA.

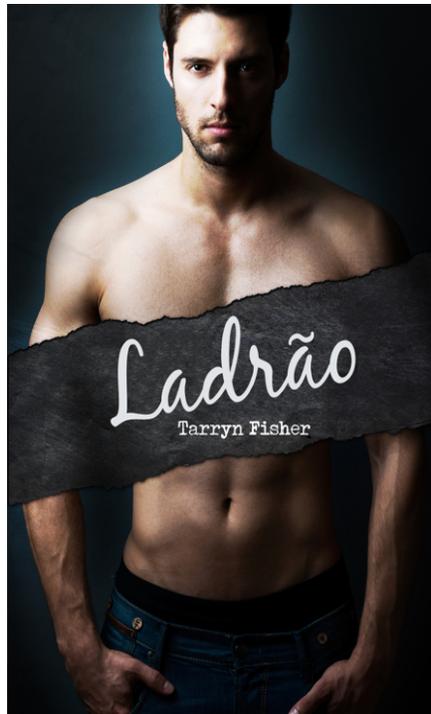


“Eu sou uma vilã da vida real, de verdade. Eu bebo quantidades doentias de Starbucks. Na maioria das vezes o meu cabelo cheira a café. Nasci na África do Sul, e vivi lá durante a maior parte da minha infância. Mudei-me para Seattle só por causa da chuva. Roma é o meu lugar favorito no mundo até agora, Paris vem em segundo lugar. Leio e escrevo mais do que durmo. Quando eu tinha onze anos, escrevi um romance inteiro sobre órfãos fugitivos, usando apenas uma caneta roxa. Sou viciada em Florence and the Machine e viajaria para ver os shows. Amo filmes de terror e girafas.

Eu gostaria de escrever um livro que todos fossem amar, mas nem mesmo JK Rowling conseguiria fazer isso. Em vez disso, eu tento escrever histórias que mexam com as emoções das pessoas. Eu acredito que a tristeza é a emoção mais poderosa, e combinada com pesar as duas tornam-se uma força dominante. Eu amo vilões. Três dos meus vilões favoritos são Mamãe Gothel, Gastão e a Rainha Má, que sofriam de um caso bastante perverso de vaidade (como eu). Eu gosto de fazer desses tipos de personalidade o centro das minhas histórias.

Eu amo chuva, Coca-Cola, Starbucks e sarcasmo. Eu odeio adjetivos maldosos e a palavra "arder". Se você leu o meu livro - eu te amo. Se você odeia o meu livro - eu ainda amo você, mas, por favor, não seja mau comigo; eu sou metade durona e metade bebê chorona."





Ladrão

Tarryn Fisher